



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

Walkyria Wetter Bernardes

A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA NO CENÁRIO
POLÍTICO BRASILEIRO PELO DISCURSO MIDIÁTICO
GLOBALIZADO:
Uma abordagem discursiva crítica

Brasília, DF

2009

Walkyria Wetter Bernardes

**A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA NO CENÁRIO
POLÍTICO BRASILEIRO PELO DISCURSO MIDIÁTICO
GLOBALIZADO:
Uma abordagem discursiva crítica**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dra. Josenia Antunes Vieira

Brasília

2009

Walkyria Wetter Bernardes

**A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA FEMININA NO CENÁRIO
POLÍTICO BRASILEIRO PELO DISCURSO MUDIÁTICO
GLOBALIZADO:
Uma abordagem discursiva crítica**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística, defendida e _____ em 6 de agosto de 2009 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

JOSENIA ANTUNES VIEIRA
Doutora, Universidade de Brasília (UnB) – Presidente

MARIA CARMINDA BERNARDES SILVESTRE
Doutora, Instituto Politécnico de Leiria - Membro Efetivo

VIVIANE MARIA HEBERLE
Doutora, Universidade Federal de Santa Catarina – Membro Efetivo

REGINA CÉLIA PAGLIUCHI DA SILVEIRA
Doutora, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Membro Efetivo

DENIZE ELENA GARCIA DA SILVA
Doutora, Universidade Brasília – Membro Efetivo

JOANA DA SILVA ORMUNDO
Doutora, Universidade Paulista – Membro Suplente

DEDICATÓRIA

À memória de minha mãe

Gladys Wetter

Ao meu pai

Omar Wetter

Aos meus amados filhos

Maria Eugênia Wetter Bernardes e

João Henrique Wetter Bernardes

Aos meus irmãos Ricardo, Valéria, Eduardo e Fernando

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Sinto-me profundamente agradecida

*à **Professora Doutora Josênia Antunes Vieira***

pela maneira segura e competente com que conduziu a orientação da presente tese. Saliento, sobretudo, a atenção, as palavras de incentivo e o carinho a mim dedicados.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Izabel Magalhães e ao Professor Doutor Henrique Huelva, membros da Banca de Qualificação desta tese, pelas inestimáveis sugestões e contribuições para a continuação desta pesquisa.

Aos professores vinculados à Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília pelos conhecimentos compartilhados na área da Linguística.

Aos funcionários da Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília pelo atendimento cortês e educado.

À Danúzia Queiroz pela formatação desta tese.

À Andrea Ripp pela tradução do resumo para Língua Inglesa.

Aos colegas e amigos da Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Paulista e das Faculdades Integradas da União de Ensino Superior Certo pelas palavras de alento e pelo carinho neste percurso tão árduo.

À Maria de Fátima Alves pela atenção, incentivo e carinho a mim dedicados.

À Mirian Nogueira Pereira pela paciência em me compreender durante esta caminhada.

À Joana da Silva Ormundo pelo diálogo teórico enriquecedor e pelas palavras de incentivo e compreensão.

Ao meu querido pai e à Miriam pelo incentivo em relação ao trabalho desenvolvido e pela colaboração com o *corpus* desta tese pelo envio de material da mídia impressa rio-grandense.

Ao meu filho João Henrique pela preciosa colaboração em relação à gravação do material da mídia televisiva e por sua atitude solidária durante todo o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha filha Maria Eugênia pela compreensão a respeito dos momentos em que precisou de mim e não pude atendê-la como merecia.

À Tereza Beduschi pelas palavras de incentivo.

RESUMO

Esta tese investiga a constituição identitária feminina no cenário político brasileiro pelo discurso midiático globalizado. Analisa, especificamente, as figuras públicas da Ministra-Chefe da Casa Civil Dilma Rousseff e da ex-Ministra do Turismo Marta Suplicy. Embasa as análises em elementos linguísticos (a metáfora e a modalidade), em componentes multimodais (a metáfora visual e a modalização visual) e, também, em traços prosódicos (subsídios da fonologia). A ancoragem teórica deste trabalho se realiza pela perspectiva da **Análise de Discurso Crítica** e encontra-se embasada, especificamente, nos pressupostos teóricos e analíticos de Fairclough (2003a; 2006). A presente tese propõe a construção do sentido no **universo transdisciplinar** por intermédio das considerações a respeito da **Teoria Social Reflexiva** de Bourdieu e Wacquant (2005), da **Semiótica** de Kress e van Leeuwen (1996) e van Leeuwen (2005) e das reflexões de Fairclough a respeito da **economia política cultural**. Trata do gênero como categoria social e suas relações com a linguagem na perspectiva de Fromkin e Rodman (1993), Coats (2005), Talbot (1998), Montecino e Obach (1999) e Tannen (1995). O caminho metodológico e investigativo toma como base a **Pesquisa Qualitativa Crítica** na perspectiva de Denzin et all (2006), de Flick (2004), de Bauer e Gaskell (2005), além das sugestões e modelos analíticos de Fairclough (2003a; 2006), de Kress e van Leeuwen (1996) e de van Leeuwen (2005). Estuda questões estilísticas pelo viés da prosódia e procura elementos para a análise em Bolinger (1972), Mussalim e Bentes (2004), Fromkin e Rodman (1993), Morais (1995), Lyons (1987) e Cagliari (2002). A observação a respeito das relações existentes entre globalização, mídia, política e discurso possibilitou a seleção do universo teórico de base desta tese, bem como a escolha do corpus e a procura de respostas para as seguintes questões de pesquisa: a) De que modo e por intermédio de quais processos o discurso midiático pós-moderno constitui identitariamente as líderes políticas no cenário brasileiro? b) Como a multimodalidade contribui para essa constituição identitária? c) De que maneira e por meio de quais elementos as líderes políticas brasileiras se constituem estilisticamente na mídia falada? Concluo que a mídia impressa globalizada representa um relevante papel na constituição identitária de mulheres políticas brasileiras, já que, por meio de configurações linguísticas (metáforas e modalidade) e de representações multimodais (metáforas visuais e modalização visual), traços identitários afloram de modo potencializado, revelam componentes da personalidade e constroem identidades sociais. Concluo, também, que a fala e o emprego de traços prosódicos, como o tom, a entoação, a duração, o acento e a tessitura, constroem e revelam elementos identitários relacionados ao estilo de fala das personagens aqui investigadas.

Palavras-chave: globalização, política, identidade, gênero, multimodalidade, metáfora, Prosódia.

ABSTRACT

This study aims at investigating the female identity construction in the Brazilian political atmosphere by means of a globalized mediatic speech. It specifically analyzes Dilma Houssef – Civil House Minister - and Marta Suplicy – Tourism ex-Minister – figures. Its analysis is based on linguistic elements (metaphor and modality), multimodal components (visual metaphor and visual modalization) and prosodic traces (phonologic subsidies). The theoretical framework is grounded on Critical Discourse Analysis - specifically on Fairclough's theoretical and analytical theory (2003^a; 2006). The present work proposes meaning construction in a transdisciplinary framework considering the Reflexive Social Theory of Bourdieu e Wacquant (2005), the semiotics of Kress and Van Leeuwen (1996), van Leeuwen (2005), and the reflections of Fairclough on cultural political economy. It brings up gender as a social category and its relations with language in the perspective of Fromkin and Rodman (1993), Coats (2005), Talbot (1998), Montecino and Obach (1999) and Tannen (1995). Its methodology and investigation are found in Critical Qualitative Research: Denzin et al (2006), Flick (2004), Bauer and Gaskell (2005), and also Fairclough (2003a; 2006), Kress and van Leeuwen (1996) van Leeuwen (2005). It focuses on stylistic questions by analyzing prosody and searches elements of analysis in Bolinger (1972), Mussalim e Bentes (2004), Fromkin and Rodman (1993), Morais (1995), Lyons (1987) e Cagliari (2002). The observation of existing relations between globalization, media, politics and discourse made possible the basic selection of the theoretical framework, the corpus and the answers for the following research questions: a) In which ways and by which processes does the post-modern mediatic discourse constitute the identity of political leaders in the Brazilian political atmosphere? b) How does multimodality contribute to this identity constitution? c) How and by which means do the Brazilian political leaders stylistically constitute in the spoken media? Thus, the globalized press media has an important role in the identity constitution of Brazilian female politic leaders, through de linguistic configuration (metaphors and modality) and multimodal representations (visual metaphors and modalization), identity traces are fostered, revealing personality components and building social identities. Besides, speech and prosodic traces such as rhythm, stress, intonation and tessitura reveal identity elements related to the speech style of the investigated individuals.

Palavras-chave: globalization, politics, identity, gender, multimodality, metaphor, prosody.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1. Concepção tridimensional da ADC	45
Quadro 2. Dimensões analítico-investigativas da ADC.....	46
Quadro 3. Concepção bi-dimensional da ADC	49
Quadro 4. Dimensões investigativo-analíticas da ADC	50
Quadro 5. Elementos constitutivos da prática social	58
Imagem 1. Rumo aos grotões	152
Imagem 2. Dilma está livre do Congresso?	155
Imagem 3. Dilma e o PAC	157
Imagem 4. Dilma na estrada.....	160
Imagem 5. Marta levou no bico 187 milhões e muito botox também	182
Imagem 6. Marta foi pro turismo porque está viajando	185
Imagem 7. Marta só está gozando	186
Imagem 8. Marta é do turismo e viaja na maionese	188
Imagem 9. A cruzada ministerial de Marta	189

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	11
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	123
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE, IDENTIDADE FEMININA E DISCURSO DA MÍDIA IMPRESSA	18
1.1 Modernidade e Pós-modernidade: continuidades e rupturas	18
1.2 A Identidade da mulher no universo da globalização e seu papel social .	30
1.3 Discurso, mídia, poder e política	37
CAPÍTULO 2 – PERSPECTIVA DISCURSIVA CRÍTICA, GLOBALIZAÇÃO E TRANSDISCIPLINARIDADE	44
2.1 Uma abordagem discursiva crítica no universo da globalização em busca da transdisciplinaridade	44
2.2 Conceitos relevantes no percurso da abordagem crítica do discurso	57
2.3 A construção do sentido no universo transdisciplinar	65
2.3.1 A inserção no social	65
2.3.2 A economia política cultural	67
2.3.3 A contribuição da multimodalidade	69
2.3.3.1 A relação existente entre texto e imagem	70
2.3.3.2 A significância dos elementos tipográficos	72
2.3.3.3 A denotação e a conotação no universo imagético	73
2.3.3.4 Os objetos como elementos de significação	73
2.3.3.5 Modos semióticos de articulação espacial	74
2.3.3.6 O dado e o novo e seu potencial significativo	74
2.3.3.7 O ideal e o real: as metáforas da verticalidade	75
2.3.3.8 A disposição espacial centro/margem	76
2.3.3.9 A metáfora visual como elemento de recontextualização semântica e figurativa	77
2.3.3.10 A modalidade visual	80

CAPÍTULO 3 – GÊNERO, ESTILO E VOZ	84
3.1 O gênero como identidade social e suas relações com a linguagem	85
3.2 Qualidade vocal e traços prosódicos: elementos constitutivos da identidade	95
3.2.1 Tom e entoação	101
3.2.2 O acento nas palavras e nos enunciados	108
3.2.3 A duração da elocução	113
3.2.4 A tessitura	115
CAPÍTULO 4 – A PESQUISA QUALITATIVA CRÍTICA: APRESENTAÇÃO DO CORPUS E CATEGORIAS ANALÍTICAS	116
4.1 A pesquisa qualitativa crítica e as múltiplas práticas interpretativas	118
4.2 Delineamento da pesquisa de acordo com seus procedimentos estratégicos	118
4.3 Métodos de coleta de dados	119
4.4 Apresentação do corpus	119
4.5 Abordagem descritiva e analítica dos dados	123
4.5.1 Análise dos elementos externos dos textos	123
4.5.2 Análise dos elementos internos dos textos	126
CAPÍTULO 5 – AS VOZES DA GLOBALIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER POLÍTICA: ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	131
5.1 A voz da mídia	133
5.1.1 Dilma Rousseff e sua constituição identitária	133
5.1.1.1 Um pouco de história	133
5.1.1.2 Primeiro viés analítico: metáfora linguística e modalidade linguística	135
5.1.1.3 Segundo viés analítico: metáfora visual e modalização visual	151
5.1.2 Marta Suplicy e sua constituição identitária	163
5.1.2.1 Um pouco de biografia	163
5.1.2.2 Primeiro viés analítico: metáfora linguística e modalidade linguística	164
5.1.2.3 Segundo viés analítico: metáfora visual e modalização visual	182

5.2 A voz das líderes políticas: identidades construídas às margens da língua por elementos supra-segmentais	196
5.2.1 O estilo “Rousseff” de fala e sua constituição identitária	197
5.2.1.1. Qualidade de voz	197
5.2.1.2 Fala entrecortada, tonicidade enfática com acento de insistência, proferimento silabado	198
5.2.1.3 Ênfase prosódica em itens lexicais	201
5.2.1.4 Pausas retóricas discursivas	202
5.2.2 O estilo “Marta” de fala e sua constituição identitária	205
5.2.2.1 Qualidade de voz	205
5.2.2.2 Ênfase prosódica em itens lexicais	205
5.2.2.3 Pausas de hesitação/planejamento	206
5.2.2.4 Alongamento expressivo da sílaba tônica	208
5.2.2.5 Padrão melódico ascendente no final dos enunciados	208
CONCLUSÃO	213
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	218
ANEXOS	224

INTRODUÇÃO

Defendo a tese de que existem processos lingüísticos, discursivos e semióticos que são engendrados pela mídia - impressa e falada - para a constituição identitária da mulher que exerce função política no cenário brasileiro pós-moderno. Analiso, para tanto, as figuras públicas da Ministra-Chefe da Casa Civil Dilma Rousseff e da Ex-Ministra do Turismo Marta Suplicy. Ancoro as análises em elementos lingüísticos (a metáfora e a modalidade), em componentes multimodais (a metáfora visual e a modalização visual) e, também, em traços prosódicos (subsídios da fonologia).

A ancoragem teórica deste trabalho realiza-se pela perspectiva da **Análise de Discurso Crítica** e encontra-se embasada, especificamente, nos pressupostos teóricos e analíticos de Fairclough (2003; 2006). A presente tese propõe a construção do sentido no **universo transdisciplinar** por intermédio de considerações a respeito da **Teoria Social Reflexiva** de Bourdieu e Wacquant (2005), da **Semiótica** de Kress e van Leeuwen (1996) e van Leeuwen (2005) e das reflexões de Fairclough (2006) a respeito da **economia política e cultural**. Aborda gênero como categoria social e suas relações com a linguagem na perspectiva de Fromkin e Rodman (1993), Coats (2005), Talbot (1998), Montecino e Obach (1999) e Tannen (1995).

O percurso metodológico-investigativo se estabelece com base na **Pesquisa Qualitativa Crítica** e adota, para tanto, o viés metodológico de Denzin et all (2006), de Flick (2004), de Bauer e Gaskell (2005), além dos pressupostos analíticos de Fairclough (2003a; 2006), de Kress e van Leeuwen (1996) e de van Leeuwen (2005). Examina questões estilísticas pelo viés da prosódia e busca elementos para a análise em Bolinger (1972), Mussalim e Bentes (2004), Fromkin e Rodman (1993), Moraes (1995), Lyons (1987) e Cagliari (2002).

A importância de se realizar este percurso analítico pela abordagem do texto midiático (de acordo com FAIRCLOUGH (2006), a voz mais importante da globalização) e de sua relação com a política é o fato de que a mídia é o palco em que a ação estratégica dos personagens sociais, principalmente aqueles ligados ao universo político, se realiza. Ao mesmo tempo em que essa prática discursiva constitui

identitariamente esses sujeitos. Dessa maneira, viabiliza-se a discussão a respeito do espaço de visibilidade midiática como um território favorável à repercussão de estratégias e contra-estratégias que subjazem aos discursos. Empreender o estudo dessas relações existentes entre língua, sociedade pós-moderna e mudança social nos possibilita a compreensão de processos que dizem respeito à relação entre discurso e outras facetas extradiscursivas do mundo social. Propicia, inclusive, a identificação de visões hegemônicas ideologicamente estabelecidas, bem como nos possibilita um diálogo estreito entre teoria social crítica e linguagem.

A observação a respeito das relações intrínsecas existentes entre globalização, mídia, política e discurso possibilitou a escolha do universo teórico que embasa esta tese, bem como a seleção do corpus e a procura de respostas para as seguintes questões de pesquisa: a) De que modo e por meio de quais processos o discurso midiático pós-moderno constitui identitariamente as mulheres que são líderes políticas no cenário brasileiro? b) Como a multimodalidade contribui para essa constituição identitária? c) De que maneira e por meio de quais elementos as líderes políticas brasileiras se constituem estilisticamente na mídia falada? A busca de resposta para essas questões foi efetivada em cinco capítulos apresentados a seguir.

O primeiro capítulo **Modernidade e pós-modernidade, identidade feminina e discurso da mídia impressa** discute os elementos de continuidade e ruptura entre esses dois momentos, insere a pesquisa no período histórico da pós-modernidade, investiga questões relativas ao gênero feminino no universo brasileiro globalizado e procura desvelar a importância da mídia para a constituição dessa identidade. Busca fundamentação teórica para as questões relativas à modernidade e à pós-modernidade, preferencialmente, em Giddens (2000a; 2000b), em Castells (2002), em Fukuyama (1992) e em Bauman (2005). Relativamente à identidade da mulher e seu papel social, busca embasamento teórico em Chouliaraki e Fairclough (1999), em Giddens (2002), em Castells (2006), em Bauman (2005), em Vieira (2003; 2005), em Fairclough (2001), em Dubar (2006). O discurso midiático é embasado em Castells (2006), Chouliaraki e Fairclough, (1999), Fairclough (1989; 1995; 2006), Sgarbieri (2003), Kress e van Leeuwen (2001) e Kress (1996).

O segundo capítulo **Perspectiva discursiva crítica, globalização e transdisciplinaridade** destaca aspectos significativos da *Teoria Crítica do Discurso* e

retoma conceitos nodais nesse campo discursivo. Ancora esse trajeto em Fairclough (1989; 1992; 1995; 1993; 2003a; 2003b; 2005; 2006). Apresenta, também, o diálogo entre a Análise de Discurso Crítica e a Teoria Social de Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant. Aborda a economia de um ponto de vista político e cultural (FAIRCLOUGH, 2006) e transita nos campos da Semiótica Social de Kress e van Leeuwen (1996) e van Leeuwen (2005).

O terceiro capítulo **Gênero, estilo e voz** objetiva apresentar gênero como categoria social, na perspectiva de Fromkin e Rodman (1993), Coates (2005), Talbot (1998) e Tannen (2005). Aborda elementos relativos à qualidade de voz e aos traços prosódicos como constituintes estilísticos identitários e busca pressupostos teóricos em Bolinger (1972), Mussalim e Bentes (2004), Fromkin e Rodman (1993), Morais (1995) e Lyons (1987).

O quarto capítulo **A pesquisa qualitativa crítica: apresentação do corpus e das categorias analíticas** engloba a pesquisa qualitativa (DENZIN et al., 2006 e FLICK, 2004) como modalidade de investigação adequada para esta tese, já que permite a investigação de questões linguísticas relacionadas às questões sociais em uma busca transdisciplinar e crítica. Delimita o corpus e apresenta os procedimentos estratégicos para sua análise: delineamento da pesquisa, métodos de coleta de dados, abordagem descritiva e analítica dos dados. Emprega, também, as categorias analíticas de Fairclough (2003a) relativas às **análises internas e externas dos textos**.

O quinto capítulo **As vozes da globalização e a constituição identitária da mulher política: análise do corpus** expõe a elaboração dos processos analíticos anteriormente apresentados. Apresenta a investigação da constituição da mulher que exerce função política no cenário brasileiro globalizado, especialmente, os componentes identitários da Ministra-Chefe da Casa Civil Dilma Rousseff e da Ex-Ministra do Turismo Marta Suplicy. Aborda essa constituição em duas perspectivas distintas, porém convergentes. A primeira delas se refere ao modo como a mídia impressa brasileira constitui identitariamente essas mulheres. Considera, para isso, metáforas (linguísticas e visuais) coletadas em revistas e jornais brasileiros atuais. Em um segundo momento, examina o modo pelo qual essas líderes políticas se colocam identitariamente na mídia televisiva, e, para tal análise, são investigadas suas falas juntamente com os elementos supra-segmentais empregados.

A mídia impressa globalizada representa um importante papel na constituição identitária de mulheres políticas brasileiras, já que, por intermédio de elementos linguísticos e visuais, traços identitários afloram e expõem elementos da personalidade e das identidades sociais dessas personagens aqui investigadas.

CAPÍTULO 1

MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE, IDENTIDADE FEMININA E DISCURSO DA MÍDIA IMPRESSA

Inícios e fins podem ser mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, neste fin de siècle, encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão.

(BHABHA, 2005, p. 19)

O objetivo primeiro deste capítulo é levantar elementos teóricos para o embasamento desta tese no que diz respeito ao universo maior no qual os eventos afloram e as investigações se realizam. Procuo, assim, inserir a pesquisa no momento histórico da pós-modernidade e investigo as questões identitárias relativas ao gênero feminino no universo político brasileiro globalizado e busco desvelar o papel da mídia e a real importância de seu discurso para a constituição dessa identidade.

1.1 Modernidade e Pós-modernidade: continuidades e rupturas

Examinar questões relativas à constituição da identidade de mulheres que exercem função política no cenário brasileiro, neste início do terceiro milênio, exige que primeiramente se descreva esse momento histórico no qual essas identidades transitam e se constituem por intermédio do discurso midiático.

Estabelecer parâmetros para a caracterização das perspectivas históricas denominadas de **modernidade** e **pós-modernidade**, analisar os traços de continuidade, bem como aqueles de ruptura que se estabelecem entre esses períodos, é o objetivo inicial ora almejado. Juntamente com essa proposição, investigar-se-ão as inter-relações

desses momentos históricos com a realidade social que os constitui, bem como os aspectos relevantes desse período para a constituição identitária aqui buscada.

Início esse percurso com Giddens (2000a), resgatando inicialmente o seu conceito de modernidade. Na perspectiva do autor, modernidade refere-se “a estilo, costume de vida ou organização social do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Atualmente, início do século XXI, ou seja, limiar de uma nova era, há, ainda, segundo o referido autor, uma multiplicidade de termos sugerida para esse momento de transição (*sociedade de informação, sociedade de consumo*), sendo que a maioria deles aponta para o encerramento de um estado de coisas precedentes (*pós-modernidade, pós-modernismo, sociedade pós-industrial* etc), nomenclatura essa também sugerida por Bhabha (2005, p.19) ao afirmar que somos *sobreviventes* e vivemos nas *fronteiras do presente*, as quais não possuem um nome próprio a não ser esse que se caracteriza pelo deslizamento do prefixo *pós*: *pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo*.

Na busca de caracterização do período moderno, é necessário salientar-se a ideia de que a história da humanidade é marcada por determinadas discontinuidades e não por uma forma homogênea de desenvolvimento. Estabelecendo uma análise comparativa com os períodos precedentes, Giddens (2000a, p. 14) afirma que, em relação à *extensionalidade* e à *intencionalidade*, as transformações ocorridas neste período são mais profundas do que a maioria dos tipos de mudança que aconteceram nos períodos precedentes. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas alteraram algumas características íntimas de nossa existência.

Essas discontinuidades das quais fala Giddens (op. cit.) referem-se ao “ritmo de mudança” da era da modernidade, ou seja, a extrema rapidez com que as mudanças ocorrem, não apenas na esfera tecnológica, mas também em outras áreas; “ao escopo da mudança”, as transformações sociais que acontecem ao mesmo tempo em áreas do globo que são postas em interconexão; “à natureza intrínseca das instituições modernas” – o sistema político do Estado-Nação; à dependência em relação à produção de fontes de energia inanimadas e a transformação dos produtos em mercadorias oriundas do trabalho assalariado.

Outra característica da modernidade, apontada pelo autor, é o fato de que as possibilidades benéficas abertas por essa era trouxeram também aspectos negativos. O trabalho industrial moderno, por exemplo, ocasionou consequências degradantes para os seres humanos, obrigando-os à disciplina de um labor maçante e repetitivo. Sendo que essas mesmas “forças de produção” tornaram-se ameaça constante para o meio ambiente. O uso consolidado do poder político, principalmente aquele ligado a episódios de totalitarismo, embora fosse mais comum nos estados pré-modernos, repetiu-se, inclusive, em episódios da história do século XX: o fascismo, o Holocausto, o stalinismo e outros sistemas de despotismo. A ameaça de confronto nuclear e a realidade do conflito militar, as duas guerras mundiais, são acontecimentos marcantes também. Todos esses fatos compõem uma parte fundamental desse *lado sombrio* da modernidade no século XX. Conclui-se, portanto, que a emergência da modernidade não leva à formação de uma era social feliz e mais segura.

Em uma perspectiva social, ainda segundo Giddens (2000a), o poder transformador principal que modela o mundo moderno é o capitalismo, tanto em referência a seu sistema econômico quanto em relação a suas outras instituições. É necessário, no entanto, que não seja esquecida a força do impacto da industrialização. Para o referido autor, esses dois componentes não se excluem mutuamente, como pretendem alguns estudiosos, mas nos levam a encarar a modernidade como “multidimensional no âmbito das instituições”, e cada um dos elementos especificados por essas diferentes tradições representa determinado papel. Para o estudo da sociedade moderna, devemos, ainda, entender as características particulares do Estado-Nação – um tipo de comunidade social diverso dos estados pré-modernos. As sociedades modernas (Estados-Nação) têm, sob alguns aspectos, uma limitação claramente definida, embora sejam também entrelaçadas com conexões que perpassam o sistema sociopolítico do Estado e a ordem cultural da Nação. Nenhuma das sociedades pré-modernas tinha limitação tão claramente estabelecida.

Giddens (op. cit.) conclui seu percurso a respeito da abordagem da sociologia em relação à modernidade, sugerindo que só é possível haver verdadeira compreensão desse fenômeno, se rompermos com essa perspectiva, dando-nos conta do extremo dinamismo e globalização das instituições modernas, explicando sua descontinuidade em relação às culturas tradicionais.

A separação entre tempo e espaço é crucial para a caracterização do dinamismo da modernidade. “Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente”, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são dominadas pela “presença” – “por atividades localizadas” (GIDDENS, 2000a, p. 27). Na modernidade, o espaço desvincula-se do tempo e estabelece relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Assim, os lugares tornam-se *fantasmagóricos*, ou seja, são penetrados e moldados em relação a influências sociais distantes deles.

O *desencaixe* dos sistemas sociais é apresentado por Giddens (op. cit., p.29) para referir-se ao deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação por meio de extensões indefinidas de tempo-espaço. O primeiro tipo de mecanismo de *desencaixe* é chamado de *fichas simbólicas*; o segundo, de estabelecimento dos *sistemas peritos*. *Fichas simbólicas*, no entender do referido autor, “são meios de intercâmbio que podem ser circulados sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular”. Um tipo de ficha simbólica é o dinheiro. Ele é um meio de distanciamento espaço-temporal e possibilita a realização de transações entre elementos separados no tempo e espaço. O dinheiro, do modo como se apresenta nas economias monetárias atuais, proporciona uma condição de *desencaixe* muito maior do que aquela estabelecida nas civilizações pré-modernas. O dinheiro, atualmente, é independente dos meios pelos quais é representado e assume a forma de informação armazenada, como números, por exemplo, em um disquete. É, portanto, um exemplo dos mecanismos de *desencaixe* associados à modernidade.

Os sistemas peritos descritos por Giddens (op. cit.) referem-se a estruturas de excelência técnica ou competência profissional que são responsáveis pela organização dos ambientes materiais e sociais em que vivemos. Por exemplo, ao sairmos de casa usando um carro, entramos em um mundo cercado pelo conhecimento perito, envolvendo o projeto e construção de automóveis, estradas, cruzamentos etc. Assim sendo, os sistemas peritos são mecanismos de *desencaixe* porque, juntamente com as fichas simbólicas, eles removem as relações sociais das imediações do contexto.

Ambos os tipos de mecanismos de *desencaixe* descritos anteriormente, na visão de Giddens (2000a), pressupõem e promovem a separação entre tempo e espaço. O

funcionamento dos dois leva em conta a confiança dos protagonistas leigos nos mesmos. Essa confiança da pessoa leiga não depende nem de uma plena iniciação nesses processos, nem do domínio do conhecimento que eles produzem. A confiança é inevitavelmente uma questão de fé, baseada na experiência de que tais sistemas funcionam.

E, finalmente, Giddens (op.cit.) estabelece relação entre *reflexividade* e *modernidade*. Nas civilizações pré-modernas, a reflexividade limitava-se à re-interpretação e ao esclarecimento da tradição; na vida social moderna, ela se efetiva pelo fato de as práticas sociais serem constantemente examinadas e reformadas à luz de informações renovadas sobre elas mesmas, alterando, desse modo, seu caráter. As reivindicações da razão substituem as da tradição, parecendo fornecer uma sensação de certeza maior do que aquela propiciada pela crença anterior. Na verdade, a sociedade constituída pelo conhecimento reflexivo não nos dá a certeza e a segurança de que qualquer elemento dado desse conhecimento não será revisado. Esse conhecimento reflexivamente aplicado à atividade social é filtrado por quatro conjuntos de fatores: *poder diferencial* – alguns indivíduos ou grupos estão mais aptos à apropriação do conhecimento especializado; *o papel dos valores*: os valores e o conhecimento empírico são vinculados por meio de uma rede de influências mútuas; *o impacto das consequências não pretendidas*: o conhecimento sobre a vida social vai além das intenções daqueles que o aplicam para fins de transformação; *a circulação do conhecimento social da hermenêutica dupla*: o conhecimento sobre a vida social transcende as intenções daqueles que o aplicam para fins de transformação.

Ainda Giddens (op. cit.), capítulo 11 – Organizações modernas – chama atenção para o fato de que, no mundo moderno, as organizações têm papel central na vida dos indivíduos e são, de certa forma, burocráticas. Todas as organizações modernas dependem de saber especializado e de transmissão de informação. O contexto físico das organizações influencia grandemente as suas características sociais. A arquitetura das organizações modernas privilegia o fato de torná-las apropriadas para a vigilância como meio de assegurar a obediência dos subordinados em relação aos que detêm uma posição de autoridade.

O período moderno, ainda na concepção do autor, está associado a mudanças sociais profundas e rápidas. Os fatores que influíram na mudança social no decorrer da

história foram três: o ambiente físico, a organização política e os fatores culturais. Embora o ambiente físico exerça frequentemente um efeito sobre o desenvolvimento da organização social humana, ou seja, tanto em condições ambientais mais vigorosas, quanto em condições físicas menos severas haja visível influência sobre o desenvolvimento da organização social, é fato também que essa mudança é, muitas vezes, menor do que se poderia supor. Um segundo fator que influencia fortemente a mudança social é o modo de organização política, ou seja, a existência de agentes políticos específicos – chefes, senhores, reis e governos – afeta solidamente o curso do desenvolvimento da sociedade. A terceira influência consiste naquela produzida pelos fatores culturais, que dizem respeito aos efeitos da religião, dos sistemas de comunicação e da liderança.

No período da modernidade, esses fatores, anteriormente descritos como agentes de mudanças sociais no desenvolvimento histórico, continuam marcando sua presença, porém de forma bem mais acelerada. Em relação à economia, a influência de maior alcance é o capitalismo, que difere dos sistemas de produção pré-existentes, pois envolve uma expansão de produção constante e uma acumulação de riqueza crescente, sendo que o impacto da ciência e da tecnologia no modo como vivemos pode ser conduzido por fatores econômicos, podendo, inclusive, estenderem-se para além dessa esfera. O segundo tipo mais importante de influência consiste nos desenvolvimentos políticos: a luta entre as nações para expandir o seu poder, desenvolver sua riqueza e triunfar militarmente sobre seus rivais. Entre os fatores culturais responsáveis pelos processos de mudança social nos tempos modernos, o desenvolvimento da ciência e a secularização do pensamento contribuíram para o caráter crítico e inovador da perspectiva moderna.

Torna-se relevante neste percurso até aqui traçado, fazer-se menção à perspectiva de Castells (2002) em relação a esse período final do século XX. Para ele, esse momento é caracterizado pela transformação de nossa *cultura material* operada por um novo paradigma organizado em torno das tecnologias de informação¹. A utilização dessas novas tecnologias, nas duas últimas décadas do século XX, passou por três

¹ Tecnologias de informação, para Castells (2002), significam a utilização de conhecimento científico para especificar as vias de se fazerem coisas de uma forma reprodutível. Entre elas, o autor inclui o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (*software* e *hardware*), telecomunicações/rádiodifusão e opto-eletrônica.

estágios distintos: a automação de tarefas, as experiências de utilização e a reconfiguração das aplicações. Nos dois primeiros estágios, o progresso da inovação tecnológica consistia em aprender usando; no terceiro, em aprender fazendo, o que resultou na reconfiguração das redes e na descoberta de novas aplicações. Assim sendo, os contextos cultural e institucional, bem como as situações de vida dos indivíduos interagem de maneira decisiva com esse sistema tecnológico².

Chegamos agora ao nosso questionamento principal: quais são os desenvolvimentos relevantes que afetarão nossa vida neste início do século XXI? Como nomear e caracterizar esse período? De acordo com Giddens (2000b), vamos observar três perspectivas sobre os questionamentos em causa: o fato de que vivemos em uma sociedade pós-industrial; a ideia de que atingimos um período pós-moderno; a teoria a respeito do fim da história.

O início do século XXI, de acordo com Giddens (2000b), é apontado por alguns observadores como um momento de transição para uma nova sociedade que já não assenta essencialmente na industrialização, sendo que estaríamos entrando em uma fase de desenvolvimento para muito além dessa Era. A chegada de uma sociedade pós-industrial coloca a antiga ordem industrial como ultrapassada pelo desenvolvimento de uma nova ordem social baseada no *conhecimento* e na *informação*. Para o referido autor, estas ideias subestimam o grau em que as ocupações de serviços estão implantadas na produção fabril e realçam em excesso o papel dos fatores econômicos, estabelecendo a tese de que tal sociedade é descrita como consequência dos desenvolvimentos da economia, os quais conduzem as mudanças em outras instituições.

Na verdade, o mundo pós-moderno se apresenta fragmentado e multifacetado. A imagem é um signo poderoso, circulando pelo planeta em inúmeros filmes, vídeos, programas de TV, Internet. Muitos valores tornam-se universais, constituídos por outros valores de outras culturas espalhadas pelo globo. Nosso objeto de desejo é o computador, por seu intermédio recebemos o mundo em nossa casa e saímos também

² É preciso notar, no entanto, que, embora atualmente o mundo esteja ligado pela tecnologia de informação, há, ainda, várias regiões e segmentos consideráveis da população do planeta que se mantêm afastados desse sistema. É necessário ter-se bem claro, também, que a difusão da tecnologia é seletiva, levando em consideração vários aspectos, entre eles os seguintes: nível socioeconômico, cultural e etário. Entre os aspectos destacados, selecionamos o último, referente à faixa etária. É comprovado que hoje pessoas que nasceram no universo cercado pelas “máquinas de escrever” apresentam maiores dificuldades em entrarem no mundo informatizado.

para o mundo, de certo modo, libertos de nosso invólucro material e de nossa identidade real. Circulamos hoje totalmente desvinculados dos grilhões das Eras passadas, somos mentes flutuantes, identidades simuladas, vidas imaginariamente germinadas *on-line*, transitando em um mundo de superfícies mutáveis.

A expressão *fim da história* atribuída ao escritor Francis Fukuyama refere-se a esse período que se baseia não no colapso da modernidade, mas em seu triunfo em todo o planeta caracterizado pelo capitalismo e pela democracia liberal. O *fim da história*, segundo o referido autor, significa o ponto final do desenvolvimento da ideologia e da universalização da democracia ocidental como forma última de governo da humanidade (FUKUYAMA, 1992). Sintetizando, o autor não quer dizer que a história acabou, mas que não há mais oportunidade para o capitalismo e a democracia liberal que triunfaram anteriormente.

Essa visão a respeito *do fim da história* é contestada por Virílio (1995), pois, na concepção do referido autor, seria mais viável falar-se em *fim da geografia*, visto que as distâncias não mais importam e a concepção de fronteira geográfica é cada vez mais frágil. Creio que o autor (op. cit.), com essa observação, toca em um ponto nodal da pós-modernidade, ou seja, os limites territoriais não impedem mais a comunicação a longa distância, realizada atualmente via Internet, na verdade, hoje, eles são marcos fantasmagóricos de realidade ultrapassada pela virtualidade.

Na verdade, não vivemos *o fim da história*, nem mesmo *o princípio do fim*, na visão de Bauman (2005), pois, para o autor, estamos no limiar de uma grande transformação mundial em que as forças descontroladas da globalização e seus efeitos danosos deverão ser postas sob o controle popular democrático. Explicando melhor, na perspectiva de Bauman (op. cit), chegou a hora em que a humanidade deverá tirar conclusões a respeito da irreversível dependência mútua entre os humanos que se instalou via globalização. Chegou o momento de encará-la de tal modo que a qualidade de vida e a dignidade de incontáveis seres humanos seja garantida para que a fragilidade e a insegurança, fenômenos hoje comuns, desapareçam do cenário atual e futuro.

As mudanças relativas à informatização na era pós-moderna são discutidas também por Lyotard (2004), no momento em que o filósofo analisa o estatuto do saber na sociedade pós-industrial. A premissa fundamental de Lyotard consiste em dizer que o

saber mudou a partir dos anos 60/70. Anteriormente ele fazia parte da formação de todo indivíduo para que se tornasse um cidadão participante. Assim sendo, o indivíduo entregava-se ao *processo de interiorização do saber*. A escola e os professores eram os donos do saber universal e os principais responsáveis pela transmissão do conhecimento aos alunos, os quais, *por definição, tinham um saber incompleto*. O desnível justificava a autoridade do professor e a obediência do aluno. A partir da informatização, o saber passa a viver *uma explosiva exteriorização: torna-se abundante e acessível*. Já não há mais o desnível, de um modo geral, em relação a professor e a aluno quanto à informação. O desnível o corre no modo de utilização do conhecimento. O saber perde sua condição de uso e passa a ter um valor de venda e vincula-se às questões do poder econômico e político, ou seja, *ele é a moeda que define, na cena internacional, os jogos hegemônicos (entre as nações, entre as empresas multinacionais)*. Acrescento que, no meu entender, o conhecimento hoje está intimamente vinculado às questões econômicas e de poder, e esse poder refere-se tanto a quem o detém, quanto àquele que, via internet, o difunde, atribuindo-lhe, assim, o que Lyotard chama de *valor de troca*.

O mundo da alta modernidade, na visão de Giddens (2002), vai além das fronteiras das atividades pessoais e dos compromissos individuais, estando pautado pelos riscos e perigos, os quais devem ser vistos não como um momento de crise, mas como um estado de coisas mais ou menos permanentes. Complemento esse pensamento ao chamar atenção para as questões de insegurança, incerteza e periculosidade vivenciadas pela humanidade atualmente: a instabilidade em relação ao emprego, a grande difusão da criminalidade, os ataques terroristas, a crise econômica mundial e o desenvolvimento da Internet como uma rede de conexão planetária que, ao mesmo tempo em que disponibiliza conhecimento, veiculação em tempo real dos acontecimentos mundiais e transações comerciais mais rápidas, instaura um novo paradigma em relação às identidades por intermédio de uma cultura da simulação, na qual se valoriza, sobremaneira, a representação do real (e não a realidade) e por meio da qual inimigos virtuais invadem nossas máquinas e, mais uma vez, nos fragilizamos.

Lima (1998, p. 57-8), ao citar o pensamento de Rouanet, faz algumas considerações a respeito da política no mundo pós-moderno. Afirma que ela está voltada para a sociedade civil e busca a conquista de objetivos de grupos ou segmentos da sociedade, colocando-se, assim, em oposição à política moderna que atuava no Estado e buscava a conquista ou manutenção do poder estatal. Na política pós-moderna,

o indivíduo cede seu lugar aos grupos, e suas finalidades não são mais universais e tornam-se *micrológicas*. A política especifica-se, passando a ser atributo de quem faz parte de campos setoriais de dominação: a dialética homem/mulher, anti-semita/judeu, etnia dominante/etnias minoritárias.

Assim sendo, extinguíram-se os grandes atores políticos universais. Não existe mais um “poder” central localizado no Estado, mas um poder difuso, estendendo sua rede por toda a sociedade civil. Teríamos, desse modo, uma pós-modernidade social que se dá a conhecer no plano da vida cotidiana por uma onipresença do signo, do simulacro, do vídeo e da hipercomunicação.

Ainda referindo-se ao pensamento de Rouanet, Lima (1998, p. 75) observa que não há uma superação da política moderna pelo surgimento dos movimentos segmentares (feministas, homossexuais, ecologistas, negros, índios etc.). Ocorre apenas um enriquecimento do campo político e, portanto, o nascimento de outros atores políticos não representa uma ruptura com a modernidade em favor de uma política pós-moderna. Ao contrário, demonstra a concretização de uma tendência imanente do liberalismo moderno, que, por meio de sua doutrina dos direitos humanos, tornou possível a existência de um espaço fértil para a criação de novos direitos defendidos por novos actantes, de acordo com novas estratégias.

É necessário também salientar que o período da pós-modernidade apresenta as ameaças ecológicas que a humanidade tem de enfrentar. Ameaças essas globais que são um perigo para o planeta. Os três tipos principais de ameaça ao ambiente são a produção de desperdícios, a poluição e o esgotamento de reservas minerais. Essas ameaças ao ambiente são desencadeadas pelo desenvolvimento e pela expansão globais das instituições sociais ocidentais associadas à importância dada ao crescimento econômico.

Sintetizando, na verdade, não há uma ruptura em relação à modernidade. Há, de acordo com Rouanet (1993), no seu artigo “Mal-estar na modernidade”,

um ressentimento moderno que se dirige contra o modelo civilizatório que dá seus contornos à modernidade: o iluminismo, o qual, em síntese, visava à auto-emancipação de uma humanidade razoável, por meio de valores e ideais consubstanciados em tendências como o racionalismo, o individualismo e o universalismo.

O racionalismo implicava a fé na razão e na ciência, desse modo, deixando para trás o obscurantismo, libertando a consciência humana do jugo do mito, usando a ciência para tornar mais eficazes as instituições econômicas, sociais e políticas; o *individualismo* buscava a emancipação do ser humano por meio da individualização; o homem valia por si mesmo e não pelo estatuto que a sociedade lhe outorgava; o *universalismo* partia de postulados gerais sobre a natureza humana, dirigia-se a todos os homens, independentemente de raça, cor, religião, sexo, nação ou classe, combatia os preconceitos geradores de guerra e de violência. Desse modo, embora o projeto iluminista tivesse propostas emancipatórias, é óbvio, ainda segundo Rouanet (op. cit.), que, para sua concretização, o Iluminismo teve que recorrer a métodos tão coercitivos quanto os do passado. Portanto, poder-se-ia dizer que a pós-modernidade rebelou-se contra esse projeto iluminista fracassado.

O foco em uma crise econômica que, por sua vez, desencadeia uma crise social, neste final de século, início de novo milênio, é a perspectiva defendida por Dubar (2006). Este tipo de crise que vivemos, neste momento histórico da pós-modernidade, afeta, ao mesmo tempo, os comportamentos econômicos, as relações sociais e, portanto, as subjetividades individuais. Se é verdade que um período de equilíbrio relativo, de crescimento contínuo, de políticas transparentes e de instituições legítimas faz com que esse conjunto de categorias seja partilhado pelo maior número de pessoas; não é menos verdade que a ruptura desse equilíbrio instaure uma situação de crise, a qual provoca a mudança de normas, modelos, terminologia e ocasiona uma desestabilização das referências, das denominações e dos sistemas simbólicos anteriores e toca, em última análise, em uma perspectiva crucial: a da subjetividade, ou seja, do “funcionamento psíquico” e das “formas de individualidade”, ainda segundo o autor (op. cit.). A importância dessa perspectiva para o presente trabalho estabelece-se em sua relação com a fragmentação das identidades, ou, segundo o autor, com “uma profunda crise das configurações identitárias” no momento atual, aspecto esse que é motivo de investigação desta tese.

Em relação às desigualdades sociais, alguns dados contidos *no Relatório do Desenvolvimento Humano* coordenado pelas Nações Unidas (1998) apresentam a globalização como elemento responsável pelo aumento do *gap* existente entre os países e, inclusive, internamente a eles, conforme relatado em Avelar (2001, p. 32):

Em 1960, a renda dos 20% da população mundial referentes aos países ricos era 30 vezes maior que a dos 20% mais pobres; em 1995 essa taxa aumentou para 82 vezes. Portanto, os ultra-ricos estão deixando gradualmente atrás o resto do mundo, sua grande riqueza contrastando com as baixas rendas da maioria dos países em desenvolvimento. As três pessoas mais ricas do mundo têm ativos que superam o PIB conjunto de 48 países menos desenvolvidos.

Ainda em uma perspectiva relacionada às questões identitárias, é possível estabelecer-se um diálogo com Leite (2007, p. 251), quando o autor relata o pensamento de Lacan a respeito da pós-modernidade, a qual se configura na *desestruturação dos saberes estabelecidos, no anonimato do modo de vida atual, produzindo laços sociais desarrumados e uma individuação extremada*. Essas características dão origem a um sujeito sem referência e sem valores pessoais, que transita em uma civilização marcada pelo discurso da globalização: a única coisa que vale é *a lei do mercado*. Nesse contexto, o sujeito pós-moderno procura sua completude no consumo de objetos. Nesse período, caracterizado pela ausência de paradigmas, ainda segundo Leite (op. cit.) a respeito do pensamento de Lacan, o saber muda e, juntamente com ele, o sujeito, o qual é constituído a partir desse mesmo saber, como mostram as figuras do sujeito definido historicamente.

Vivemos hoje em um mundo em que toda história que é relatada a alguém passa por inúmeros veículos: TV, cinema, celular, internet, videogames, segundo Jenkins (2009) em uma entrevista à Revista Superinteressante. O fluxo dessa história, portanto, é moldado tanto por decisões tomadas pelas companhias que produziram o conteúdo quanto pelos sujeitos que a recebem. E o referido autor, mestre em Estudos de Comunicação e doutor em Comunicação e Arte, professor de Estudos de Mídia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), chama esse estado da produção e difusão da informação de *cultura da convergência*.

Assim sendo, o conteúdo idealizado pelo produtor é apenas uma parte do processo e, muitas vezes, não a principal. Um programa de TV, exemplifica o autor, depois de criado, será reeditado e redistribuído pela Internet, e, com certeza, o público irá falar sobre ele em fóruns de fãs e serão escritas novas histórias a partir dele. O conteúdo original torna-se apenas *um pontapé inicial*, a partir do qual o consumidor irá criar novas experiências. O foco agora, portanto, está em histórias contadas por várias modalidades de veículos, conhecidas como *transmidiáticas: em cada mídia diferente, a*

história ganha uma nova camada, que nos conta algo que não saberíamos assistindo ao programa de TV. O autor exemplifica com a série *Lost*, considerada a série mais famosa da última década. Nos EUA, *Lost* é veiculada por meio de livro, game e em episódios para celular.

Estamos, ainda na visão do autor, na época da cultura participativa, de grandes culturas de mídia, e, em uma década, não teremos mais uma empresa que produza conteúdo apenas para a TV, outra para rádio, outra para jornal, veremos grandes indústrias de mídia, que englobarão tudo isso. Essa vontade de participação das pessoas foi impulsionada pelo avanço da tecnologia e resulta em uma mudança de comportamento: antes apenas recebíamos a informação; hoje produzimos e participamos, e isso muda radicalmente nossas vidas porque a comunicação está em tudo que realizamos. Podemos, ainda segundo o autor (op. cit.), acompanhar a rotina de nossos filhos, enquanto trabalhamos, por meio de um vídeo deles veiculado no celular. Essa nova abordagem da comunicação mudou, inclusive, o modo pelo qual escolhemos os políticos. O autor cita a eleição de Barack Obama, que veiculou sua campanha em todas as mídias possíveis, de YouTube a videogames, e isso é significativo se notarmos que ele ganhou as eleições, enquanto seu opositor, John MacCaim, que nunca usou a Internet, não foi eleito. O autor conclui que *uma sociedade que possibilita a exposição de seus pensamentos na rede e o acesso a ideias de outras pessoas cria um enorme potencial para o avanço da democracia.*

Ao defender a tese de que elementos linguísticos, semióticos e discursivos engendrados pela mídia – impressa e falada – constituem a identidade da mulher que exerce função política no cenário político atual, saliento que esses elementos devem ser investigados em relação ao período pós-moderno, o qual, com seus processos intrínsecos de viabilização, afeta radicalmente as questões ligadas à constituição das personalidades e das identidades individuais e sociais aqui investigadas.

1.2 A identidade da mulher no universo da globalização e seu papel social

O objetivo deste item, neste momento do percurso, é fornecer um panorama das questões relativas à identidade no mundo globalizado e suas relações com este momento

de rupturas nos grandes equilíbrios econômicos e de fraturas num tipo de vínculo social que anteriormente não se apresentava: a separação de cônjuges, o desemprego, a dificuldade de acesso aos dispositivos institucionais. Procuo apresentar, nesse cenário, as constituições identitárias de um modo geral, sem esquecer sua relação com a perspectiva de gênero aqui investigada.

As questões relativas à constituição das identidades estão, de acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), ligadas à chamada modernidade tardia, sendo que os avanços nas tecnologias de informação, principalmente no que diz respeito aos meios de comunicação de massa, influenciam sobremaneira na formação dessas identidades.

Na alta modernidade, segundo Giddens (2002), os dois polos do local e do global são instaurados pelas transformações na auto-identidade relacionadas aos processos que se desencadeiam no universo da globalização, ou seja, mudanças nas questões íntimas da vida pessoal relacionam-se diretamente ao estabelecimento de ligações sociais amplas.

O avanço de expressões significativas de identidade coletiva é uma das principais características da globalização em relação à questão identitária, na perspectiva de Castells (2006). Em outras palavras, *a revolução tecnológica, a transformação do capitalismo e a derrocada do estatismo*, vivenciadas no último quarto de século, convivem com expressões identitárias que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e da manipulação das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes. Essas expressões incorporam movimentos tendenciais ativos que objetivam a transformação das relações humanas básicas, como, por exemplo, o feminismo e o ambientalismo, mas clamam, também, por questões mais amplas, como aquelas voltadas para a defesa de *Deus, da nação, da etnia, da família, da região*, Castells (op.cit.), enfim, das categorias fundamentais e milenares da existência humana, as quais se encontram agora ameaçadas pelas forças *tecnoeconômicas e pelos movimentos sociais transformacionais*.

A questão das identidades múltiplas é abordada por Castells (op. cit.) e o referido autor sinaliza essa pluralidade como fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. Em relação a essa questão, o autor enfatiza que é necessário estabelecer a diferença entre identidades e papéis sociais. Identidades

devem ser internalizadas e construídas significativamente por meio de um processo de individuação: papéis (ser professor, sindicalista, jogador de futebol) são estabelecidos por normas estruturadas por organizações e instituições sociais. Em termos latos, pode-se dizer, ainda de acordo com Castells (2006), que *identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções*. Para o referido autor, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída, no entanto é preciso perguntar *como, a partir de quê, por quem, e para quê* isso ocorre.

Outra perspectiva sobre a questão das identidades e sua relação com o mundo globalizado pós-capitalista nos oferece Baumam (2005). O autor afirma que, em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é uma atitude arriscada, pois *as identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter*. Dizer “falsas identidades” pressupõe que exista uma identidade verdadeira. Essa pressuposição não é verossímil para pessoas que correm a vida toda atrás de modismos. Somos consumidores em uma sociedade de consumo, estamos *dentro* e *no* mercado e somos, ao mesmo tempo, clientes e mercadorias. Por isso o nosso uso das relações humanas equipara-se ao consumo de bens, imitando o ciclo que se inicia na aquisição e termina no depósito de supérfluos.

Uma vez que a construção social da identidade sempre ocorre em situações marcadas por questões de poder, Castells (op. cit.) sugere três formas de construção identitária, as quais apresento a seguir por considerá-las perspectivas importantes para serem investigadas nesta tese: *identidade legitimadora*, *identidade de resistência* e *identidade de projeto*. A primeira é introduzida pelas instituições sociais dominantes com o propósito de difundir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; a segunda diz respeito aos atores que se encontram em posições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação, os quais constroem trincheiras de resistência em relação aos princípios institucionais estabilizados; a terceira refere-se aos atores sociais que se utilizam de qualquer tipo de material cultural e constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e gerar transformação em toda a estrutura social.

Embora existam hoje posições sociais de destaque, nas quais se pode visualizar a mulher como autora de seu discurso, em muitas situações, no contexto social, ela não

tem essa oportunidade, surgindo, então, nessa realidade, o que Magalhães (1995) chama de “o discurso de controle”, ou seja, aquele subjacente aos textos em que a mulher não possui um lugar social próprio, sendo “a voz de outrem” que fala por ela. Assim, o lugar social próprio para a mulher é delimitado pelo discurso de emancipação que é recente no Brasil, sendo fruto de conquistas do movimento feminista, e, no entender de Magalhães (op. cit.), “o discurso tradicional coexiste atualmente com o de emancipação numa relação dialética, marcada por tensões, avanços e recuos, que podem ser detectados nos textos falados e escritos”.

No meu entender, as mulheres que adquirem posição de destaque em empresas, na política ou em outras situações fora do lar, são encaradas com uma dupla classificação: são condenadas por se comportarem como homem, deixando de ser femininas, ou, então, são criticadas por não se masculinizarem, já que aqueles que estão em posição de destaque (geralmente os homens) devem todos ter o mesmo perfil. Essa visão estende-se à política, já que muitas mulheres transitam no reduto masculino do poder com bastante firmeza e com atitudes, muitas vezes, condizentes com o universo masculino. Em muitas situações, ao opinarem a respeito dessa realidade, elas apresentam esse comportamento como necessário para a sua sobrevivência nesse ambiente hostil. Comprovamos essa afirmação com as palavras da ministra Dilma Rousseff:

Notei que sou a única pessoa autoritária, mandona e com opinião de todo o governo, cercada por homens meigos, doces e gentis. Descobri que na mulher posição de mando é vista como autoritarismo. No homem, como gentileza, suavidade, meiguice (*Correio Braziliense*, 5 de março de 2006, p. 6).

Outras vezes, a própria mulher exige daquela que exerce função política aparência e comportamento que a destituem de sua feminilidade. A famosa atriz Sharon Stone, em matéria publicada na mídia em 2006, afirmou que Hillary Clinton, no momento, não seria Presidente dos Estados Unidos da América pelo fato de que *era uma criatura sexual*, e, para exercer função política, a mulher, na concepção da atriz, não pode apresentar característica igual a essa. A observação da atriz encontra-se comentada no blog seguinte:

Busto Presidencial de Hillary R. C. Clinton

Blog 7FM: 13 de agosto de 2006 – 20 de agosto de 2006



Bill Clinton terá vivido um tórrido affair com a rechonchuda estagiária Mônica Lewinsky, em 1998, com direito a peripécias com charuto no salão oval e tudo. A aventura quase lhe custou a presidência dos EUA e o casamento com Hillary Clinton. O assunto morreu e Mônica parece ser uma página virada na ávida indústria de escândalos americana. Mas para a política nova-iorquina não basta ser senadora e ex-primeira-dama. Ela agora está imortalizada no Museu do Sexo de Nova York, como “O Busto Presidencial de Hillary Rodham Clinton, a Primeira Mulher Presidente dos Estados Unidos da América”, feito pelas mãos do escultor Daniel Edwards. Futurologia? Trata-se de uma peça inspirada numa declaração básica e instintiva da atriz Sharon Stone, para quem Hillary nunca poderia chegar à presidência por ser uma “criatura sexual”. Para quem gosta de agalmatofilia – fetiche por estátuas e manequins – a imagem de Hillary pode seduzir pela invejável forma dos seios...

(Blog 7FM: 13 de agosto de 2006 – 20 de agosto de 2006)

Vemos que a ideologia machista, incrustada no universo feminino, caracteriza a mulher como ser incapacitado para o exercício do poder, seja porque sua condição de fêmea a interdita para esse ofício, seja simplesmente porque a prática do poder faz com que se esvazie sua essência, sua constituição identitária, masculinizando-a, isto é, enviando-a a uma outra identidade social.

Vieira (2005) ajuda-nos a discutir a construção social da identidade feminina, chamando atenção para o fato de que cada período influencia de maneira particular o sujeito na sua forma de pensar e agir. No entender da autora, ao encararmos a globalização, temos de considerar uma nova ordem de discurso. Salienta que a pós-modernidade tornou o sujeito fragmentado e disperso, reduzindo a subjetividade a um valor instrumental. Desse modo, a identidade feminina é concebida como “produto da negociação externa da diferença com outros sujeitos, estabelecendo um contínuo, nessa negociação, cujo propósito é a constituição do *self* (VIEIRA, 2003, p. 4). *O espaço* apropriado para essa negociação é a heterogeneidade textual.

Finaliza esse item, apresentando a identidade do sujeito como aberta, formada pela incompletude, adotando traços *pessoais, culturais e contextuais que se confundem*

com sua própria história. Afirma, ainda, que a subjetividade implica intersubjetividade. Nós acrescentamos que o sujeito se constitui também e essencialmente pelo olhar do outro³.

Ao analisar a tecnologia e a mídia como agentes fragmentadores da identidade da mulher, Vieira (2005) salienta que o sujeito e a subjetividade se estabelecem na perspectiva dialógica, na linguagem e pela linguagem. Assim, a autora leva-nos a pensar em Bakhtin (1981), que apregoa que o sujeito se constitui na alteridade.

As considerações anteriormente feitas permitem-nos concluir, junto com Fairclough (2003, p.2), que a linguagem é uma parte irredutível da vida social, assim sendo, o estudo das identidades atinge significância maior se investigar, em profundidade, sua relação com a linguagem⁴. A interface linguagem-ideologia também deve ser considerada, já que, de acordo com Fairclough (2001, p. 121),

[...] as práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder. As questões de gênero, por sua vez, também devem ser abordadas, preferencialmente no universo das relações sociais.

O estudo da identidade não pode deixar de lado as considerações de Fairclough (2003) a esse respeito, quando o autor chama atenção para os dois aspectos analiticamente distintos da identidade das pessoas: *a identidade social* e *a personalidade (ou identidade pessoal)*. A identidade social apresenta-se em duas perspectivas: uma delas refere-se às circunstâncias sociais nas quais o indivíduo nasceu e sua primeira socialização (aspectos identitários de gênero, por exemplo); a outra é adquirida com o passar dos anos: o desempenho de certos papéis sociais (professor, político). É preciso, ainda, considerar que existe uma relação dialética entre identidade social e personalidade: o desenvolvimento social completo da identidade de um

³ Citamos, como parte dessa perspectiva, o princípio bakhtiniano que privilegia a dimensão de outro, de não-um na sua abordagem do sentido, princípio esse colocado como constitutivo do sujeito e da linguagem. O dialogismo, na perspectiva da inscrição do outro no um, refere-se ao plano da relação interlocutiva e, no prisma de abordagem do outro relacionado ao já dito (antes, em outro lugar), diz respeito aos outros discursos (BAKHTIN, 1981)

⁴ Desse modo, Fairclough (2003, p 2) prioriza a perspectiva de Benveniste (1989, p. 286), já que o último considera que *é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui em sujeito, porque só a linguagem fundamenta na realidade, que é a do ser, o conceito de ego.*

indivíduo (sua capacidade de ação, intervenção e transformação na vida social) depende dos papéis sociais desempenhados em uma fusão entre a identidade social e a personalidade.

Essa dicotomia identidade pessoal/ identidade social é apresentada também por Dubar (2006), mas no seguinte sentido: as identidades possuem uma dupla face, ou seja, “identidades para si”, reivindicadas e marcadas por uma temporalidade irredutível, e “identidades para os outros”, atribuídas pelos outros em um determinado espaço social e num dado contexto histórico. Assim sendo, as primeiras são biográficas, desenhadas pelas histórias e pelas experiências dos sujeitos. As segundas, ao contrário, “são em grande parte herdadas pela pertença à tribo, ao grupo étnico, à nação ou à classe social”.

O conceito de “configuração identitária” desempenha um papel importante no estudo das identidades no contexto da crise da modernidade, para Dubar (2006), pois as identidades pessoais tornam-se plurais. Cada indivíduo pode identificar-se e ser identificado de forma múltipla: por meio de sua aparência física, sua maneira de vestir, seu tom de voz, sua linguagem, seu nome, suas atividades. Assim, o que o referido autor chama de “configuração identitária” refere-se às atualizações das formas identitárias nas identidades individuais.

Na verdade, o que temos hoje, na concepção de Dubar (2006) é nitidamente uma “crise dos modos de identificação”, a qual decorre diretamente da “crise econômica” e da “crise do vínculo social” vivenciadas pelo mundo ocidental neste final de século. Ainda segundo o autor, essa crise, que envolve também as identidades pessoais, é consequência de uma mudança significativa produzida em três domínios relevantes da vida em sociedade: “mutação das relações de gênero e transformações profundas na instituição familiar, mutações tanto do trabalho e do emprego como do mundo da formação e da escolarização, mutação do Estado-Nação e das instituições, bem como da própria legitimidade da democracia representativa. Vivemos, portanto, num contexto no qual a identidade pessoal já não é transmitida pelas instituições, nem herdada dos contextos sociocomunitários, mas em que ela é, na maioria das vezes, uma identidade construída pelos próprios indivíduos durante seu trajeto de vida com a contribuição das interações sociais. Essa perspectiva torna-se interessante para a atual investigação do perfil identitário feminino das mulheres políticas brasileiras, já que, posteriormente,

poder-se-á comprovar essa modalidade de percurso de construção identitária no corpus selecionado.

Assim sendo, investigar a questão identitária, em uma análise textual focada na dialética entre identidade social e identidade pessoal, é uma possibilidade de análise que me parece bastante significativa para o corpus desta tese, já que tenho observado que a mídia impressa apropria-se desses dois aspectos identitários para, em um jogo ideologicamente engendrado, trabalhar a constituição identitária da mulher que exerce função política no Brasil atualmente.

Ao finalizar essas considerações a respeito do estudo da identidade, quero compartilhar as colocações de Pedro (1996a e b; 1997), pelo fato de a autora, no meu entender, apontar um dos aspectos mais significativos para a investigação das questões identitárias, ao citar a compreensão da construção social e psicológica dos indivíduos e, portanto, a teorização dos sujeitos sociais e das subjetividades como elemento fundamental na problematização teórica da ADC. Continua suas considerações, ao escrever que, de uma perspectiva, trata-se de “descrever, analisar e interpretar estruturas de poder e dominação”, bem como o fato de as mesmas serem reproduzidas em textos e seus efeitos nas possibilidades de ação individual; de outra, de explicitar as reais possibilidades de ação para o sujeito. Considero, assim, essas colocações da autora como fundamentais para a investigação proposta aqui, já que, por meio deste estudo a respeito de identidades femininas específicas do cenário político brasileiro, serão investigadas questões maiores, como aquelas relativas ao poder, às hegemonias e, inclusive, às reais possibilidades de ação dos sujeitos sociais.

1.3 Discurso, mídia, poder e política

A nova forma de organização social que hoje se apresenta em termos de sociedade globalizada introduziu, no entender de Castells (2006), a chamada sociedade em rede. Assim sendo, impera hoje “uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado” (op. cit.17). Ainda segundo o autor, as tecnologias de informação atuais agem de maneira significativa nas questões políticas e nas estratégias de busca de poder, e o ponto

principal dessa questão é que a mídia eletrônica (não apenas o rádio e a televisão, mas todas as formas de comunicação, tais como jornal, revista e Internet) tornou-se o espaço privilegiado da política. Isso não significa que todas as questões políticas possam ser reduzidas à imagem, ao som, aos movimentos ou a outras manipulações simbólicas, porém, sem a mídia, não há possibilidades de se obter ou de se exercer poder atualmente.

Por um lado, ainda segundo Castells (op. cit.), algumas vezes argumenta-se que a mídia impõe suas opções políticas à opinião pública; por outro, muitas vezes, as campanhas promovidas pela mídia podem também defender a opinião pública contra o estabelecimento político, como o que ocorreu no caso Watergate nos Estados Unidos. Isso acontece porque as mídias são diversas e suas relações com a política e a ideologia são altamente complexas e indiretas, salvo exceções. Atualmente, em virtude dos efeitos das crises dos sistemas políticos tradicionais e do grau de penetrabilidade bem mais efetivo dos meios de comunicação, a informação e a comunicação políticas são apanhadas fundamentalmente no espaço midiático, e tudo que fica fora desse território assume a condição de marginalidade política. Tudo que acontece nesse espaço dominado pela mídia não é necessariamente determinado por ela, na verdade, esse é um processo social e político aberto. No entanto, *a lógica e a organização da mídia eletrônica enquadram e estruturam a política* (op. cit., p.368). Mídia e política são elementos de tal forma intimamente imbricados que Castells (2006, p. 374) observa, ainda, que

a política da mídia não se aplica a todas as formas de fazer política, mas todas as formas de política têm necessariamente de passar pela mídia para influenciar o processo decisório. Desse modo, a política está essencialmente inserida, em termos e substância, organização, processo e liderança, na lógica inerente do sistema dos veículos de comunicação especialmente na nova mídia eletrônica.

Enfatizando ainda a relação entre mídia e política, Lima (2006) levanta sete teses a esse respeito. A primeira expõe a posição de centralidade da mídia nas sociedades contemporâneas, em particular na esfera política. É possível falar-se em centralidade da mídia (principalmente a eletrônica) pela existência de um sistema nacional (*network*) e internacional consolidado de telecomunicações. No entanto, o papel mais relevante da mídia é de seu poder de construção da realidade por meio da representação que ela possibilita dos variados aspectos da vida humana: *das etnias (branco/negro), dos gêneros (masculino/feminino), das gerações (novo/velho), da estética (feio/bonito) etc e,*

em particular, da política e dos políticos. A segunda tese afirma que não há política nacional sem mídia, pois a política, nos regimes democráticos, é uma atividade eminentemente pública e visível, e a mídia, segundo Lima (op.cit.), tem o poder de definir o que é público no mundo contemporâneo:

Na verdade, a própria idéia do que constitui um “evento público” se transforma a partir da existência da mídia. Antes de seu desenvolvimento, um “evento público” implicava compartilhamento de um lugar (espaço comum), co-presença, visão, audição, aparência visual, palavra falada, diálogo. Depois do desenvolvimento da mídia, um evento para ser “evento público” não está limitado à partilha de um lugar comum. O “público” pode estar distante no tempo e no espaço. Dessa forma, a mídia suplementa a forma tradicional de constituição do “público”, mas também a estende, transforma e substitui. O “público” agora é midiaticizado.

A terceira tese apresenta a mídia como elemento que exerce várias das funções tradicionais dos partidos políticos, como, por exemplo, construir a agenda pública; gerar e transmitir informações políticas, fiscalizar as ações do Governo; exercer a crítica das políticas públicas; canalizar as demandas da população. A quarta afirma que a mídia alterou radicalmente as campanhas eleitorais, assim, *os eventos políticos passaram a ser planejados como eventos para a tevê.* O contato direto foi substituído pelo contato mediado pela mídia eletrônica. O mesmo ocorreu com relação às fontes de informação dos eleitores: pesquisas do *Data-Folha* revelaram que 86% dos entrevistados em 1989 e 89% em 1990 informaram-se sobre os acontecimentos políticos por intermédio da tevê. A transformação da mídia em ator político é a quinta afirmação de Lima (2006), pois, na versão do autor, as empresas responsáveis pela mídia hoje *são atores econômicos fundamentais nos conglomerados empresariais em nível global.* A sexta diz respeito às características históricas específicas da mídia brasileira como potencializadoras de sua importância no processo político, já que se consolidou em nosso País um sistema de mídia concentrado, liderado pela tevê, na sua maioria, controlado por grupos familiares ligados às elites políticas regionais e locais. A última afirmação apresenta as características particulares da população brasileira com elementos potencializadores da mídia no processo político, sobretudo no processo eleitoral. Considerando-se que 90% dos domicílios brasileiros possuem pelo menos um aparelho de televisão (PNAD 2004), pode-se concluir que a grande maioria da nossa população vive uma situação paradoxal de exposição à mídia: saiu de uma condição pré-gutenbergiana para outra de sofisticação das imagens do mundo da tevê.

As relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa, como jornais, revistas, rádio, televisão etc., de acordo com Thompson (2002), implicam grande disponibilidade de informação e de conteúdo simbólico no espaço e no tempo. O referido autor chama essa modalidade de comunicação de *quase-interação mediada* e salienta que ela não possui o grau de reciprocidade interpessoal de outras formas de interação, pois cria certo tipo de situação social na qual as pessoas se ligam umas as outras em um processo de comunicação e intercâmbio simbólico. Nessa situação, alguns indivíduos produzem formas simbólicas para outros que não estão fisicamente presentes, enquanto estes recebem formas simbólicas produzidas por outros a quem, muitas vezes, não podem responder, porém com quem podem criar laços de afeto, lealdade, amizade.

A televisão, ainda segundo Thompson (op. cit.), como elemento da *quase-interação mediada* implica a separação dos contextos de produção e de recepção e as mensagens por ela transmitidas apresentam disponibilidade dilatada no espaço e no tempo. Essa quase interação televisiva origina uma experiência *espaço-temporal descontínua*. As pessoas que assistem à televisão, suspendem, até certo ponto, o espaço e o tempo cotidiano e, temporariamente, se transportam para outro local e para um tempo diferente do real.

A televisão, agora na perspectiva de Bauman (2001), difunde imagens poderosas, ‘mais reais que a realidade’, está em toda parte e estabelece os padrões da realidade e de sua avaliação. A vida desejável por todos torna-se a vida na tevê. A telinha tira um pouco do encanto da vida real, a qual parece irreal e continuará a parecer assim enquanto não for adaptada a um novo formato que possa aparecer na tela.

Essas transformações ocorridas no período da pós-modernidade são, em alto grau, transformações na linguagem e no discurso. Uma importante característica das mudanças acontecidas na modernidade tardia é que elas existem como discursos, tanto quanto processos que se realizam fora do discurso, no entanto esses processos que tomam parte no exterior do universo discursivo por ele são moldados (CHOULIARAKI; FAICLOUGH, 1999, p. 4, tradução nossa)⁵. Exemplificando, no

⁵ Traduzido de “It is an important characteristic of the economic, social and cultural changes of late modernity that they exist as discourses as well as processes that are taking place outside discourse, and that the processes that are taking place outside discourse are substantively shaped by these discourses”.

contexto nacional, já se fala das metáforas empregadas repetidamente pelo Presidente Lula em seus discursos, recurso esse que a mídia incorpora e veicula. Essa mudança discursiva reflete e inspira a mudança social, no caso, em termos de uma nova política brasileira. Ao examinarmos a correspondência entre mídia, discurso e prática social temos que, indubitavelmente, investigar as questões de poder que aí se inserem, pois há razões sociais, políticas e econômicas interessadas na hegemonia de alguns discursos e na marginalização de outros, segundo Chouliaraki e Fairclough (op. cit.).

A política e os governos, na perspectiva de Fairclough (2006), apresentam-se atualmente midiáticos, e a maioria das reflexões públicas, dos debates e das contestações a respeito da globalização e de outros processos de mudança social toma lugar na comunicação de massa. Além disso, a construção do que a economia política cultural identifica como condições culturais para os sistemas econômicos e políticos e para as mudanças depende da influência da comunicação de massa sobre crenças, práticas, valores, atitudes e identidades com a condição de que a experiência das pessoas é agora uma complexa combinação de vivência não midiática (aquela construída diretamente na interação e troca com outras pessoas) e experiência midiática.

Houve uma difusão internacional rápida de novas tecnologias e da mídia que incluem a televisão, o vídeo, a Internet, os telefones móveis, ao mesmo tempo em que existem desigualdades de acesso entre diferentes regiões do mundo e, por exemplo, entre as áreas rurais e as urbanas, entre os ricos e os pobres (FAIRCLOUGH, 2006). Acrescente-se a isso, juntamente com Wilkin (2001), que o crescimento da indústria de comunicação global, dominada por corporações transnacionais poderosas (por exemplo, Microsoft, IBM, General Electric, News Corporation) é a comprovação da 'economia global' emergente. O papel dessas corporações na economia política global é o de prover infra-estrutura (hardware e software), a qual possibilita mudanças no modelo de produção. Em um segundo momento, é relevante observar que essas corporações são os maiores fornecedores de notícias, informações, entretenimento e conhecimento que circulam no panorama mundial.

Vale ainda ressaltar, junto com Sgarbieri (2003), que atualmente a imprensa escrita (jornais, revistas) e a oral (rádio e TV) são as principais maneiras de informar e de entreter os vários segmentos sociais. As notícias representam importante papel social

na interpretação da realidade por meio das correções e interpretações dos assuntos veiculados. E vale a pena complementar essas observações por meio das afirmações de Chouliaraki e Fairclough (1999), as quais enfatizam que importantes áreas sociais, como a política, procuram crescentemente centrarem-se na mídia, e os sujeitos envolvidos nessas áreas, tornam-se profundamente conscientes a respeito da linguagem que usam. Essas mudanças, ainda de acordo com os referidos autores, levaram a um aumento em intervenções conscientes para moldar elementos linguísticos e semióticos das práticas sociais de acordo com objetivos econômicos, organizacionais e políticos.

Portanto, pode-se afirmar, juntamente com Fairclough (1995), que as representações nos textos da mídia contribuem para reproduzir as relações sociais de dominação e de exploração. As representações ideológicas manifestam-se geralmente muito mais de modo implícito do que explícito e encontram-se atadas em modos de uso da linguagem que são naturais e consensuais para repórteres, audiências e as várias categorias relativas a essa modalidade de texto midiático. Na verdade, quando a análise do texto da mídia se concentra em aspectos ideológicos, é sugerida certa forma de cumplicidade entre a mídia e as classes e grupos dominantes. Essa cumplicidade não é claramente assumida e deve ser investigada, caso a caso, em termos de sua efetividade e das formas que toma. Enquanto alguns textos desse universo podem aparecer como mais do que ferramentas para os interesses dominantes, a mídia, como um todo, apresenta um relacionamento bem mais complexo e variável em relação a esses interesses. Muitas vezes há um conflito direto entre a mídia e o Governo, ou entre a mídia e a economia.

Efemeridade e volatilidade dos conceitos, das crenças, dos sentimentos e descartabilidade das mercadorias são elementos constitutivos do capitalismo pós-moderno. Em detrimento do ser, temos o parecer, ocasionando o culto à imagem e à cultura do consumo de massa, da mídia da imagem. Nesse cenário, o texto multimodal inscreve-se, tornando impossível a interpretação voltada apenas para a palavra, pois o significado estabelece-se pela combinação de vários modos semióticos.

Embora a escrita tenha reinado como o modo de comunicação mais comum nos últimos séculos, Kress (1996, p. 369) chama atenção para o fato de que outros meios semióticos existiram ao lado dela. Na verdade, a comunicação, para ele, sempre foi

multimodal. O atual poder de ressurreição do visual não deve ser encarado como algo novo, mas como algo recente à luz de uma contemporânea história da representação.

Essas considerações levam-nos a crer, junto com Kress e van Leeuwen (2001, p. 111), que abordagens do passado e mesmo posturas atuais, afirmando que o significado reside apenas na linguagem, ou, de outro modo, que a linguagem é o meio central de representação e de comunicação, mesmo havendo elementos extralinguísticos ou paralinguísticos, não são mais plausíveis. Fairclough (1989, p. 27-28) comunga com essas ideias e acrescenta que, em materiais escritos, impressos, filmados, televisionados a significância de aspectos visuais é extremamente óbvia e frequentemente elementos visuais e verbais operam de modo tão interativo que se torna difícil desvinculá-los.

Hoje comprovamos que determinados elementos multimodais componentes do texto da mídia impressa, tais como cor, interação imagem texto, significância dos elementos tipográficos, composição (arranjo dos elementos no espaço semiótico), disposição dos elementos à direita/ à esquerda, acima/abaixo, centro/margem, saliência de determinados componentes em detrimento de outros, importância dos objetos como indutores de ideias, metáfora visual e modalização visual são de suma relevância para a compreensão desse texto e, portanto, para a apreensão de seu significado.

Meu objetivo maior, nesse capítulo inicial, é apresentar elementos contextuais e teóricos que embasem a investigação da tese de que a mídia impressa e falada engendra mecanismos lingüísticos, semióticos e discursivos que constituem identitariamente a mulher política brasileira atual. Desse modo, foram estabelecidos parâmetros que caracterizaram as perspectivas históricas da modernidade e da pós-modernidade, pela análise de traços de continuidade e ruptura estabelecidos entre esses dois períodos. Busquei elementos significativos que situassem a abordagem dessa constituição identitária no universo da mídia e que possibilitassem, assim, uma ancoragem consistente para as análises posteriores. Creio que situar as considerações a respeito desse perfil identitário no universo da globalização possibilita a elucidação do papel relevante da mídia impressa na sua constituição.

CAPÍTULO 2

PERSPECTIVA DISCURSIVA CRÍTICA, GLOBALIZAÇÃO, TRANSDISCIPLINARIDADE

Eu busco uma abordagem transdisciplinar para pesquisar a globalização, a qual combina ADC com a economia política cultural e objetiva obter um tratamento mais satisfatório para o discurso no âmbito de uma abordagem econômica, política e cultural da globalização⁶.

(FAIRCLOUGH, 2006, p.13, tradução nossa)

O objetivo deste capítulo é destacar aspectos significativos da Análise de Discurso Crítica que possibilitem a ancoragem teórica desta tese, bem como retomar conceitos nodais desse campo. Apresenta, também, o diálogo existente entre essa linha de abordagem do discurso e as questões de análise social apontadas por Bordieu e Wacquant. Transita, inclusive, nos domínios da economia política cultural e colhe, nos campos da semiótica social de van Leeuwen, os elementos significativos para o trânsito no universo multimodal..

2.1 Uma abordagem discursiva crítica no universo da globalização em busca da transdisciplinaridade

A abordagem crítica do discurso, de acordo com Fairclough (2006), é uma área de pesquisa que busca uma perspectiva transdisciplinar. Iniciou como uma abordagem acadêmica específica por volta de 1980 e atualmente engloba um número grande de perspectivas que têm em comum o propósito de assegurar uma investigação mais satisfatória à análise social crítica do discurso como uma faceta da vida social e à sua

relação a outras facetas da vida social oriundas do passado. Assim sendo, o discurso é associado a uma maneira particular de conceituar e pesquisar a linguagem, tanto quanto outras formas semióticas, tais como imagens e expressões corporais. A Análise de Discurso Crítica (ADC) enfoca a linguagem como uma faceta da vida social e está *íntima e dialeticamente* interconectada a outros aspectos da vida em sociedade. Dialeticamente significa que, embora a linguagem e a vida social sejam elementos distintos, eles não se separam, pois as mudanças no discurso podem acarretar mudanças sociais, por exemplo, uma representação neoliberal da economia de um país pode se transformar em práticas econômicas neoliberais. A linguagem é um importante aspecto (embora, muitas vezes, seja negligenciada) das questões mais relevantes da pesquisa científica social, como as que dizem respeito aos sistemas econômicos, às relações sociais, ao poder e à ideologia, às instituições, às mudanças e identidades sociais, e assim por diante. Do mesmo modo que outras pesquisas socialmente orientadas para o estudo da linguagem, a ADC inclui a análise das diversas instâncias dos usos da língua: na fala, na escrita, na televisão, na Internet, as quais são chamadas de textos em um sentido lato (já que o conceito de texto, geralmente, refere-se convencionalmente ao que é escrito).

Atualmente, o cerne da investigação proposta por Fairclough (op. cit.) para a Análise de Discurso Crítica e, portanto, por este trabalho, é a abordagem da linguagem como um elemento intrínseco da vida social (em todos os níveis: estruturas, práticas, eventos) e do momento econômico-político-cultural relacionado à globalização.

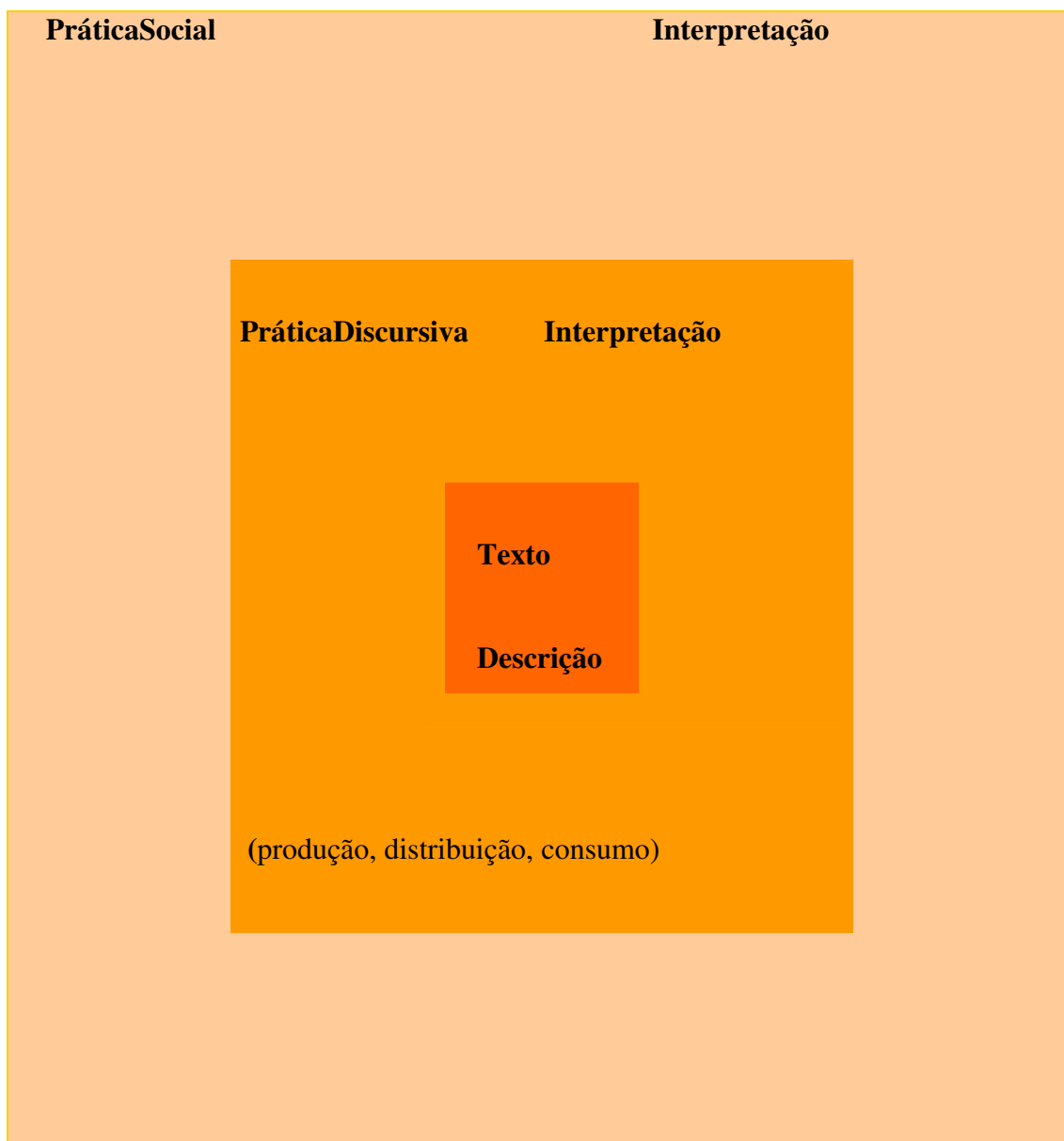
Assim sendo, apresento, a seguir, a perspectiva crítica do discurso em um percurso linearmente constituído, ou seja, no sentido estreito de linearidade temporal: momentos cruciais dessa abordagem que servem de sustentação para as futuras investigações analíticas que terão lugar no presente estudo. Desse modo, é importante, no meu entender, resgatar pontos da abordagem crítica, partindo-se do quadro tridimensional de análise proposto por Fairclough (1989): discurso como *texto*, *interação* e *contexto*. Nesse momento inicial, a ADC já é apresentada com o foco em uma abordagem social Fairclough (op. cit., p.23, tradução nossa): “O fenômeno

⁶ Traduzido de “ I take a transdisciplinary approach to researching globalization which combines CDA with ‘cultural political economy’,with the aim of achieving a more satisfactory treatment of discourse within a cultural political economy approach to globalization”.

linguístico é social no sentido de que quando as pessoas falam ou escutam ou escrevem ou lêem elas o fazem de modos socialmente determinados e têm efeitos sociais.”⁷

Esse quadro inicial é redimensionado pelo autor em 1992: discurso como *texto*, *prática discursiva* e *prática social*. Assim sendo, um quadro ilustrativo dessa segunda perspectiva da ADC nos demonstra a preocupação do autor de não desvincular a teoria da prática pela escolha de uma metodologia descritivo-analítica e de colocar a linguagem como elemento de ação e de mudanças sociais:

Quadro 1: Concepção tridimensional da ADC, Fairclough, 1992



⁷ Tradução nossa de “*Linguistic phenomena are social in the sense that whenever people speak or listen or write or read, they do so in ways which are determined socially and have social effects.*”

O quadro ora apresentado aborda o discurso em três tradições analíticas: o *texto*, a *prática discursiva* e a *prática social*. A parte da investigação que diz respeito à análise textual é denominada “descrição”, e as partes que tratam da análise da prática discursiva e da prática social são nomeadas de “interpretação”. A meta de Fairclough (1992), nesse quadro, é de estabelecer uma dimensão de profundidade a sua proposta analítico-metodológica pelo fato de abordar o texto nos territórios da ação social, estabelecendo um sério comprometimento dos estudos da linguagem com a mudança da sociedade.

O modelo tridimensional de Análise de Discurso Crítica apresentado por Fairclough (1989) e redimensionado em (1992) estabelece as seguintes dimensões analítico-investigativas:

Quadro 2: Dimensões analítico-investigativas da ADC, Fairclough (1992) (sugestão nossa)

Texto	Prática Discursiva	Prática Social
Vocabulário Gramática Coesão Estrutura textual	Força dos enunciados (tipos de atos de fala: promessas, pedidos, ameaças etc) Coerência dos textos Intertextualidade manifesta Intertextualidade constitutiva (ou Interdiscursividade)	Ideologia: os sentidos das palavras, as pressuposições, as metáforas e a coerência Hegemonia: liderança nos domínios econômico, político, cultural e ideológico

As transformações ocorridas nas práticas discursivas em relação aos postulados da Modernidade Tardia são fundamentais para a investigação aqui proposta, pois apresentam-se como cenário discursivo a ser considerado e tornam-se mais claras por intermédio das observações de Fairclough (1993) a respeito das três tendências de mudança discursiva que têm influenciado a ordem do discurso no âmbito social relacionadas a direções mais amplas da mudança social e cultural: *a democratização, a comodificação e a tecnologização do discurso*.

A *democratização* refere-se às desigualdades e às dessimetrias nas obrigações, direito e prestígio discursivos e linguísticos de grupos de sujeitos. A democratização discursiva tem aflorado como um elemento importante nos últimos tempos, embora, muitas vezes, seja um processo paliativo. Há cinco esferas de democratização: a tendência à informalidade da linguagem, as mudanças linguísticas relacionadas a práticas conectadas a gêneros específicos, a relação entre a língua e os vários dialetos, o acesso a modalidades discursivas de prestígio, a eliminação de marcadores de poder nos discursos institucionais.

A *comodização* do discurso refere-se a uma visão de vida social voltada para uma base mercadológica da linguagem por meio de um discurso da cultura de bens de consumo. Um exemplo típico, nesse caso, é o discurso das instituições de ensino contemporâneas que divulgam a educação como produto a ser vendido, com as facilidades e vantagens de qualquer outro bem comercializado.

A *tecnologização* discursiva apropria-se de ferramentas que são usadas em contextos diversos com estratégias variadas. A linguagem é refinada pela escolha de vocabulário, itens gramaticais, entonação, expressão corporal com a função de promover a mudança discursiva por meio da simulação para fins estratégicos específicos. Exemplos dessas tecnologias discursivas apresentadas por Fairclough são a entrevista, o discurso educacional ou de aconselhamento, a publicidade.

As modificações, anteriormente explicitadas, ocorridas em relação às práticas discursivas que se desencadeiam no discurso pós-moderno, são relevantes para nosso trabalho, pois a informalidade da linguagem jornalística e as características linguísticas específicas ligadas a gêneros particulares, no caso desta tese, ao gênero feminino no universo político, bem como o emprego da linguagem como um bem de consumo e a escolha de vocabulário, itens gramaticais, entonação, acento característicos em nosso contexto de investigação são elementos que promovem a mudança discursiva e possibilitam delinear de modo mais aprofundado as características identitárias por nós buscadas.

Em 2003, na obra *Analysing Discourse*, o autor estabelece um elo forte entre análise linguística e teoria social ao propor um referencial metodológico-analítico focado nas mudanças sociais e, principalmente, naquelas que originaram o *novo*

capitalismo. Essa obra fornece um instrumental para a investigação da língua falada ou escrita. Pretende, assim, apresentar material analítico tanto para os pesquisadores das ciências humanas e sociais, bem como para os linguistas. No meu entendimento, a importância dessa obra recai no fato de ela propiciar categorias analíticas para o pesquisador em ciências sociais e humanas, levando em consideração a importância dos processos linguísticos para essas investigações. De outro lado, torna possível para o linguista o trânsito por uma análise da fala e da escrita socialmente orientadas. O autor não pretende com isso reduzir a vida social à língua, tampouco afirmar que tudo é discurso. Seu propósito é enfatizar que o estudo do discurso permeia áreas outras de investigação, e, por meio da análise de seus elementos constituintes, pode-se chegar à averiguação mais abrangente e mais completa em outras áreas do conhecimento.

Outro aspecto relevante a ser considerado em Fairclough (2003) é o de que a *teoria tridimensional* de Análise de Discurso Crítica (elaborada em 1989 e redimensionada em 1992) configura-se, em 2003, como *bi-dimensional*, no sentido de que o autor apresenta agora os textos como elementos de eventos sociais moldados por dois poderes causais: de um lado, pela estrutura e pela prática social; e de outro, pelos agentes sociais, ou seja, as pessoas envolvidas no processo. Assim sendo, o autor insere a prática discursiva como elemento constitutivo da prática social e, desse modo, ao invés de se desencadear a análise discursiva a partir de textos, inicia-se a investigação por meio dos eventos sociais. Desse modo, sugiro uma apresentação visual para esse novo quadro:

Quadro 3: Concepção bi-dimensional da ADC

Fonte: Fairclough (2003).

Elaboração: Da autora.

Ao apresentar, assim, a língua como uma forma irreduzível do social, Fairclough (2003) propõe uma abordagem relacional para a análise de textos, ou seja, o interesse na investigação de vários níveis analíticos e com as relações entre esses estratos. Desse modo, distingue as relações *externas e internas* dos textos. Ao se proceder à investigação dos elementos exteriores ao texto, leva-se em consideração, de um lado, a relação textual estabelecida com elementos de eventos sociais e, de forma mais abstrata, com as práticas e estruturas sociais e, de outro, as relações existentes entre um texto e outros textos externos a ele (intertextualidade e interdiscursividade). A análise das relações internas dos textos inclui as relações semânticas, gramaticais, lexicais, fonológicas (padrões da linguagem falada - entonação e ritmo) e relações grafológicas (tipos ou padrões de fontes no texto escrito).

A análise discursiva situa-se em um nível intermediário entre o texto e o contexto social (eventos, práticas e estruturas sociais) e organiza-se, nos textos, em relações interdiscursivas, nas quais diferentes gêneros, discursos e estilos podem ser misturados, articulados e tecidos de modo particular. Já como elementos sociais, são articulados de modo particular em ordens de discurso (aspectos linguísticos de práticas sociais nos quais a variação linguística é socialmente controlada). Esses elementos estabelecem as relações internas do texto e suas relações externas.

Desse modo, o quadro analítico das perspectivas de abordagem de 2003, assim se apresenta:

Quadro 4: Dimensões investigativo-analíticas da ADC

Estruturas sociais
Práticas sociais
Eventos sociais
Ações e suas relações sociais
Identificação de pessoas
Representação do mundo
Discurso (gêneros, discursos, estilos)
Semântica
Gramática e vocabulário
Fonologia/grafologia

Fonte: Fairclough (2003).

Aproprio-me dos elementos analíticos apresentados por Fairclough (2003) para o embasamento desta tese. Investigo, para tanto, as relações internas dos textos, tais como as relações semânticas, lexicais e gramaticais, bem como as fonológicas, embora essas últimas não tenham sido efetivamente investigadas, até o momento, pelo autor. Na análise das relações externas dos textos, examino as conexões dos textos com eventos, práticas e estruturas sociais, bem como questões relativas à intertextualidade, à interdiscursividade e à transdisciplinaridade.

A importância das considerações a respeito das possibilidades investigativas em ADC contidas na obra de 2003 recai no fato de ela propiciar o acesso a categorias analíticas diversificadas e precisas que possibilitam, nesta tese, a realização de análises

que transitem da investigação linguística propriamente dita ao universo econômico, político, cultural e globalizado no qual ela se insere.

A teoria evolui e Fairclough (2006) aborda agora o estudo da linguagem nos processos da globalização e, para tanto, combina Análise de Discurso Crítica com a economia política cultural com o objetivo de desenvolver pressupostos teóricos a respeito da relação existente entre discurso e as várias dimensões da globalização.

De acordo com Fairclough (op. cit, p. 5), a globalização apresenta *cinco vozes*, as quais destaco a seguir:

a) *a voz da análise acadêmica* - difere das outras porque sua orientação em direção à globalização se efetiva de modo teórico e analítico (produção de descrições, interpretações, explicações e teorias);

b) *a voz das organizações governamentais* - dizem respeito, em sentido lato, aos governos nacionais, aos líderes políticos e às organizações relativas ao Governo, como ministérios e comissões, Governo local e agências de Governo internacional;

c) *a voz das organizações não-governamentais* - refere-se, em sentido amplo, às corporações empresariais, aos partidos políticos, às instituições de caridade e às corporações, tais como o Greenpeace;

d) *a voz da mídia* - relativa à imprensa, ao rádio, à tevê, à Internet e, em termos gerais, a todas as entidades que contribuem para o importante papel social da mediação. É considerada por Fairclough (2006) a voz mais importante no universo da globalização porque, em parte, ela representa as ações e estratégias das outras vozes, o que não exclui as agências da mídia de terem suas próprias orientações e estratégias práticas;

e) *a voz das pessoas comuns* – diz respeito às experiências particulares em relação à globalização e às reações a ela de modo individual e, ao mesmo tempo, diverso.

O autor (op. cit.) apresenta *três pontos a respeito da linguagem no processo de globalização*. Sua primeira consideração é sobre as redes, conectividades e interações que se expandem por fronteiras e bordas espaciais, as quais incluem e dependem de formas particulares de comunicação (chamadas de gênero) que são especializadas em

interação transnacional e inter-regional. E os fluxos incluem fluxos de representações, narrativas e discursos. Assim sendo, a linguagem, ao mesmo tempo em que colabora para a expansão dos processos de globalização, ela, por intermédio da simbolização desses processos, torna-se também um elemento da globalização: “nesse sentido, é, em parte, a linguagem que globaliza que é globalizada” (FAIRCLOUGH, 2006, p.3, tradução nossa).⁹

Ainda em *Language and Globalization*, o autor apresenta considerações a respeito de *gêneros* e *discursos*, categorias importantes de análise para a presente tese. Sua definição a respeito desses elementos é clara e concisa: “gênero é um modo de comunicação ou interação; discurso é um modo de representação de alguma parte ou aspecto do mundo” (FAIRCLOUGH, op.cit.). Os gêneros comunicacionais incluem, por exemplo, os noticiários midiáticos transnacionais, como os programas de notícia da CNN, que são organizados para transmitir informações de um modo característico reconhecido em todo o mundo. Outro exemplo são os gêneros ou formatos dos websites das organizações internacionais como as Nações Unidas, ou a União Europeia, ou corporações internacionais como a IBM, ou ainda de organizações militantes como o Greenpeace – embora haja variações, o desenho e a organização dos websites envolvem gêneros de comunicação que são usados e reconhecidos internacionalmente. Um exemplo de discurso é o discurso econômico ‘neoliberal’, que apregoa, entre outras coisas, que os mercados são auto-regulados, e apresenta o papel dos estados e dos governos como facilitadores do funcionamento dos mercados, mas sem interferir neles. Outro exemplo, ainda segundo Fairclough (op. cit., p.4) são os discursos da cultura popular (por exemplo, a música popular), que são amplamente difundidos mundialmente nos websites e nas revistas lidas por jovens.

O segundo ponto a considerar sobre a relação linguagem e globalização é a distinção existente entre os processos e as tendências reais da globalização, de um lado, e os discursos da globalização, de outro. Segundo o autor, embora a globalização seja um conjunto de mudanças que acontecem no mundo atualmente, ela é, também, uma palavra que se tornou recentemente proeminente nos modos pelos quais as mudanças são representadas. Na verdade, a palavra ‘globalização’ é usada em vários sentidos, nos mais complexos discursos, os quais são, em parte, caracterizados por vocabulários

⁹ Traduzido de *In that sense, it is partly language that is globalizing and globalized* (FAIRCLOUGH, 2006, p. 3).

distintivos nos quais a globalização é relatada de um modo particular e diferente de outras palavras-chave, tais como: modernização, democracia, mercados, comércio livre, flexibilidade, liberalização, segurança, terrorismo, cultura, cosmopolitanismo e assim por diante. Esses discursos, para Fairclough (op. cit.), são muito mais do que apenas vocabulário, eles diferem nas estruturas gramaticais (por exemplo: em alguns deles, a globalização é representada como agente que causa mudança no mundo, como em ‘a globalização abre novos mercados’) tanto quanto nas formas da narrativa, da argumentação e assim por diante.

Um terceiro aspecto a ser abordado na relação entre discurso e globalização é o relacionamento entre o processo real da globalização e os discursos que circulam no interior desses limites. Dito de outro modo, a globalização como referente e como processo simbólico. Em sentido lato, podemos dizer que os discursos da globalização não representam meramente processos e tendências da globalização que estão acontecendo independentemente. Eles podem, sob certas condições, também contribuir para criar e moldar processos reais de globalização. Por exemplo, o discurso econômico neoliberal tem amplamente colaborado para atribuir um formato particular para o processo econômico e as relações globais. A globalização, como um conjunto de processos reais de mudança, é, segundo Fairclough (op. cit.), complexa e multifacetada (ela apresenta aspectos econômicos, políticos, culturais, ambientais e militares) é um fenômeno muito grande para ser controlado por qualquer organização particular. Mas as organizações particulares (por exemplo, o poder governamental e as corporações) tentam, muitas vezes com sucesso, promover e impor aspectos da globalização em direções específicas. Discursos, como o econômico neoliberal, são uma importante parte de estratégias que as referidas organizações desenvolvem para fazer isso.

Na verdade, para o autor, os discursos da globalização contribuem para criar e dar forma aos atuais processos da globalização. É preciso fazer a distinção entre os processos reais e os discursos – porém não se pode realmente separá-los. A posição do autor em *Language and globalization* (2006) é a seguinte: a) os processos reais de globalização existem, independentemente do fato de as pessoas os reconhecerem ou não, e de como elas os representam; b) porém os modos pelos quais esses processos reais são representados recai, inevitavelmente, sobre certos discursos ao invés de outros. Portanto o problema se coloca no modo como decidimos quais discursos usaremos para discutir e representar os processos reais.

Fairclough (2006, p.26) resume a relação existente entre discurso e globalização do seguinte modo:

a) o discurso pode representar a globalização ao apresentar informações a respeito desse processo e contribuir para o entendimento dele;

b) o discurso pode dar uma impressão falsa a respeito da globalização e mistificá-la ao fornecer uma visão confusa e enganosa a respeito dela;

c) o discurso pode ser usado retoricamente para projetar uma visão particular da globalização a qual pode justificar e legitimar ações, políticas e estratégias de organizações sociais particulares e de agentes;

d) o discurso pode contribuir para a constituição, difusão e reprodução de ideologias, as quais podem ser vistas também como formas de mistificação, mas têm uma função sistêmica primordial ao sustentarem uma forma particular de globalização e as relações de poder que são construídas em seu interior;

e) o discurso pode gerar representações imaginárias de como o mundo será ou deveria ser, por meio de estratégias de mudança que podem ser operacionalizadas para transformar o imaginário em real.

Todas essas colocações anteriores são verdadeiras, de acordo com o autor (op. cit.), e não é possível escolher uma entre elas.

Creio ser importante salientar, nesse momento, que os discursos têm uma estreita relação com as questões ideológicas e podem ser usados tanto para representar processos reais quanto para criar e sustentar, muitas vezes, posições e relações de poder convenientes para determinados grupos. Assim sendo, de acordo com as considerações anteriores, a Análise de Discurso Crítica possibilita que esta tese considere, no seu quadro investigativo, um sujeito bastante diferente do sujeito foucaultiano, clivado pelo inconsciente e assujeitado a sistemas de poder e a ideologias dominantes. O sujeito, na perspectiva crítica do discurso, recebe, evidentemente, influência das práticas e ideologias às quais é exposto, já que é um ser social, porém seu discurso tanto contribui para a reprodução quanto para a transformação social. Penso ser de extrema relevância para este trabalho a explicitação desse aspecto, pois, no meu entender, o modo como as

diferentes teorias linguísticas abordam a constituição do sujeito permite que elas estabeleçam questões fundamentais relativas ao seu quadro teórico-analítico.

Outro elemento primordial para o estudo do discurso em face da globalização, para Fairclough (2006, p. 27-9), é o aspecto econômico. O autor apresenta um novo modelo de economia chamado por ele de *economia política cultural*, que difere da economia clássica ao postular que tanto os sistemas quanto as mudanças econômicas são condicionados e constituídos politicamente (esse aspecto será desenvolvido mais detalhadamente no item referente à transdisciplinaridade).

Fairclough (2006, p. 30) propõe, ainda, três níveis de abstração no interior da análise social: *os eventos sociais*, *as estruturas sociais* e *as práticas sociais*. O nível mais concreto refere-se aos *eventos sociais*, os quais dizem respeito às ações (goings-on) da vida social, todas as ações e fatos que constituem o processo social. De acordo com Fairclough (op. cit.), o termo *texto* pode ser usado para o momento discursivo dos eventos sociais (ver definição de texto mais adiante). No nível mais abstrato, *as estruturas sociais* são as características mais gerais e mais duradouras (mas ainda somente relativamente duradouras) das sociedades, tais como o capitalismo, visto como um modo de produção, ou as estruturas de classe, ou o sistema das relações de gênero. Novamente aqui surge um aspecto semiótico: linguagens particulares podem ser vistas como estruturas sociais de um tipo particular. Enquanto as *estruturas sociais* delimitam o que é possível (no caso da língua inglesa, o que é e o que não é uma oração da língua), os *eventos sociais* constituem o que é real – essas são coisas diferentes, porque nem tudo que é possível realmente acontece. Mas a relação entre estruturas e eventos, o possível e o real, não é direta. Ela é mediada pelas *práticas sociais* que representam o modo como as coisas geralmente são feitas ou acontecem em áreas particulares da vida social. As práticas sociais são maneiras de agir habituais, rituais ou institucionalizadas, as quais são associadas com instituições particulares (tais como a lei ou a educação) e, em um nível mais concreto, a organizações particulares, como a escola ou o trabalho. O ato de entrevistar, dar aulas ou fazer compras exemplifica as práticas sociais individuais. Qualquer instituição ou organização não se limita a uma única prática social e sim por uma rede de práticas. Por exemplo, a escola não é simplesmente uma organização na qual o ensino acontece, mas também há práticas de planejamento curricular e outras ligadas à administração. As práticas sociais têm sua semiótica ou momentos discursivos que são chamados por Fairclough (2006, p. 31) de ordens de discurso, as quais

combinam três tipos de entidades: discursos, gêneros e estilos. Uma ordem particular de discurso inclui um número diferente de discursos, gêneros, estilos (uma determinada escola pode apresentar diferentes gêneros de ensinar).

É importante observar, ainda, de acordo com Fairclough (op. cit.) que as linguagens devem ser consideradas no interior das estruturas sociais abstratas. As linguagens definem certos potenciais, possibilidades e exclusões. Os textos, como elementos dos eventos sociais, não são apenas os efeitos dos potenciais definidos pelas linguagens. As entidades organizacionais intermediárias de uma entidade linguística específica, os momentos linguísticos das redes das práticas sociais, são as ordens de discurso. Os elementos das ordens do discurso não são nomes nem sentenças, mas discursos, gêneros e estilos. Esses elementos definem certas possibilidades e excluem outras – eles controlam a variação linguística de áreas particulares da vida social. Quanto mais se caminha das estruturas abstratas em direção a eventos concretos, tanto mais difícil torna-se a separação da linguagem de outros elementos sociais.

2.2 Conceitos relevantes no percurso da abordagem crítica do discurso

Além do percurso apresentado anteriormente a respeito da Análise de Discurso Crítica, acredito haver também conceitos essenciais dessa abordagem discursiva que devem ser desvendados para a compreensão das análises que aqui serão realizadas. São eles os seguintes: texto, discurso, prática discursiva, prática social, ideologia e hegemonia, intertextualidade, interdiscursividade, transdisciplinaridade.

O conceito *texto* é usado por Fairclough no mesmo sentido empregado por Michael Halliday: para textos escritos e textos falados. Fairclough (1989, p. 24) enfatiza que o texto é um produto ao invés de ser um processo, na verdade, um produto do processo de produção textual. O autor emprega esse conceito tanto para os textos escritos quanto para transcrições de fala. O texto compreende um processo de produção, do qual o texto é um produto; e um processo de interpretação para o qual o texto é um recurso. Fairclough (2006, p. 30) complementa a explicitação anterior por intermédio de especificações mais detalhadas: esse termo não diz respeito apenas aos textos escritos,

mas também à fala como um elemento ou momento dos eventos, e os complexos textos multimodais da televisão e da Internet, nos quais a língua é usada em combinação com outras formas semióticas (imagens, incluindo filmes e fotografias, efeitos sonoros, linguagem corporal).

O *discurso* é considerado por Fairclough, em sua obra, como o uso da linguagem como prática social, sendo um modo de ação e de representação. Existe uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social: ele contribui para a constituição de todas as dimensões das estruturas sociais ao mesmo tempo em que é moldado e restringido por elas. Assim sendo, constitui e ajuda a construir identidades, relações sociais e os sistemas de conhecimento e de crenças. Esses aspectos constitutivos relacionam-se a três funções da linguagem: à função identitária, que diz respeito às maneiras pelas quais as identidades sociais são construídas nos discursos; à função relacional, refere-se ao modo como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas; à função ideacional, às maneiras pelas quais os textos significam o mundo e seus processos, identidades e relações. Embora discurso aqui englobe o uso da linguagem escrita e falada, é preciso estender esse conceito a outras modalidades semióticas, tais como as referentes a elementos não-verbais (gestos, imagens, etc.), pois nossa investigação transita também nesse contexto.

A *prática discursiva*, na abordagem de Fairclough (1992), realiza-se como forma linguística, ou seja, como texto. A análise de um discurso particular, como exemplo de prática discursiva, envolve os processos de produção, de distribuição e de consumo textual, sendo que a natureza desses processos se modifica nas diversas modalidades de discurso de acordo com fatores sociais. Os textos são produzidos de modos distintos em contextos sociais específicos. No universo midiático, um artigo jornalístico, por exemplo, é produzido por meio de rotinas complexas engendradas por um grupo específico de profissionais que são responsáveis por seus vários estágios de produção: no acesso às fontes, na transformação dessas fontes em textos jornalísticos, na primeira versão da reportagem, no seu lugar de publicação no jornal e na edição da reportagem⁸

A *Prática social* significa para Fairclough (2003) uma forma relativamente estabilizada de atividade social (ensino na sala de aula, notícias televisivas, refeições

⁸ O conceito de ordens do discurso, emprestado de Foucault, refere-se à totalidade de práticas discursivas e da relação entre elas no interior fr uma instituição ou sociedade.

familiares, consultas médicas) que articula vários elementos sociais no interior de uma configuração de certo modo estável e sempre inclui o discurso. Toda prática inclui os seguintes elementos:

Quadro 5: Elementos constitutivos da prática social

Atividades	Tempo e espaço
Sujeitos e suas relações sociais	Formas de conscientização
Instrumentos	Valores
Objetos	Discurso

Fonte: Fairclough (2003).

Esses elementos são em parte discursivos, mas isso não significa dizer que investigamos relações sociais do mesmo modo que fazemos com a linguagem. Eles têm propriedades distintas.

Na verdade, *a prática social* aborda o conceito de discurso em relação à ideologia e ao poder. Situa o discurso em uma perspectiva de poder como hegemonia e considera a evolução das relações de poder como luta hegemônica (FAIRCLOUGH, 1992). A noção de *ideologia* ancora-se em Althusser. Há três asserções a respeito dessa noção que estabelecem suas bases teóricas: ela tem existência material nas práticas das instituições, o que possibilita a investigação das práticas discursivas como formas materiais de ideologia; ela interpela os sujeitos; os aparelhos ideológicos do Estado (a educação, a mídia) são marcos delimitadores das lutas de classe, apontando para uma análise de discurso orientada ideologicamente. O conceito Althusseriano de ideologia é tomado por base, mas, ao mesmo tempo, ele é questionado por Fairclough pelo fato de apresentar uma noção de dominação como imposição unilateral e reprodução da ideologia dominante, marginalizando a luta, a contradição e a transformação. Ideologias são apresentadas como significações ou construções da realidade, que são constituídas nas várias dimensões das formas ou sentidos das práticas discursivas e que “contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 1992). Os aspectos textuais ou discursivos que podem ser investidos

ideologicamente são, ainda segundo Fairclough (op. cit.), os sentidos das palavras, as pressuposições, as metáforas, a coerência e inclusive o estilo de alguns textos.

A interpelação dos sujeitos pela ideologia é questão bastante complexa na perspectiva discursiva crítica. Primeiro porque não se deve acreditar que as pessoas têm consciência da abrangência ideológica de sua própria prática, pois as ideologias que afloram nas convenções podem, muitas vezes, cristalizar-se, tornando-se conscientemente imperceptíveis. Além disso, mesmo quando os sujeitos realizam práticas de resistência, que possivelmente contribuam para mudanças no âmbito da ideologia, a abrangência de sua realização, geralmente, não é percebida. Assim, a importância dos estudos linguísticos que investigam os processos ideológicos que afloram no discurso está na possibilidade de os sujeitos desenvolverem uma consciência crítica maior a respeito de suas próprias práticas e daquelas às quais são submetidos. A Análise de Discurso Crítica defende a postura dialética a respeito desses processos: o equilíbrio entre sujeito efeito ideológico e sujeito agente. Ainda nessa perspectiva crítica da linguagem, as práticas discursivas são investidas ideologicamente no momento em que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder. Em princípio, as relações de poder podem ser afetadas por práticas discursivas de todos os tipos, inclusive as teóricas e as científicas. As ideologias aparecem nas sociedades que se caracterizam por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural etc. À medida que os sujeitos conseguem transcender tais sociedades, eles conseguem também transcender as questões ideológicas, o que significa, portanto, que “nem todo discurso é irremediavelmente ideológico” (FAIRCLOUGH, 1992, p. 121).

Os conceitos de *hegemonia e poder*, na perspectiva de Fairclough (1992, p. 122), estão amparados no universo teórico de Gramsci. A luta hegemônica apresenta-se em ampla perspectiva e leva em consideração as instituições sociais (a família, os sindicatos, a educação) e considera as possíveis desigualdades entre os diversos níveis e domínios. Hegemonia implica liderança e dominação nos segmentos econômico, político, cultural e ideológico. Diz respeito à construção de alianças e vai muito além da simples dominação em relação a classes subalternas, pois se vale de concessões ou de componentes ideológicos para obter o consentimento para a ação. Embora represente o poder de uma das classes economicamente privilegiadas sobre as outras, essa dominação é parcial e temporária, como se espelhasse um *equilíbrio instável*. É um elemento representativo de luta constante sobre pontos inconstantes entre classes e

segmentos sociais para reproduzir, reestruturar ou desafiar hegemonias existentes relacionadas a formas econômicas, políticas e ideológicas.

Ao considerar-se a abordagem discursiva em termos analíticos, pode-se dizer que a *análise textual* é organizada em quatro direções: investigação do vocabulário, da gramática, dos elementos de coesão e da estrutura textual. O vocabulário é investigado por meio das palavras individualmente; a gramática, por intermédio da combinação das palavras em frases ou orações; os elementos coesivos são analisados em relação ao modo como organizam as junções dessas frases e orações e a estrutura textual é abordada em relação a suas propriedades de organização textual. Em relação à prática discursiva, podem ser examinados elementos tais como a força dos enunciados, ou seja, os atos de fala (promessas, pedidos, ameaças etc.) constituídos por eles, a coerência e a intertextualidade dos textos. A prática social é investigada por intermédio do conceito de hegemonia, o qual fornece uma matriz para a análise das relações de poder. Desse modo, a análise textual abrange aspectos de sua produção, interpretação, bem como das propriedades formais de sua constituição.

O conceito de *intertextualidade* é primordial para a análise de textos no âmbito do quadro investigativo ora proposto⁹. Os textos são constitutivamente intertextuais, compostos por elementos de outros textos. Existe uma inserção histórica do texto, pois ele responde, reacentua e reorganiza textos passados e contribui para processos de mudança social ao influenciar textos subsequentes. Segundo Fairclough (2001, p.135), “a rápida transformação e reestruturação de tradições textuais e ordens de discurso é um extraordinário fenômeno contemporâneo, o qual sugere que a intertextualidade deve ser o foco principal na análise de discurso”.

Assim, um texto se constrói em relação aos outros textos, ou seja, na perspectiva da abordagem do outro relacionado ao *já-dito* (antes, em outro lugar), se buscarmos fundamentação no dialogismo de Bakhtin, o qual privilegia a dimensão de *outro, de não-um* na sua abordagem do sentido, princípio esse colocado como constitutivo do sujeito e da linguagem.¹⁰

⁹ Esse termo foi cunhado por Kristeva, nos anos sessenta, baseado no trabalho de Bakhtin a respeito do desenvolvimento de uma abordagem intertextual.

¹⁰ O princípio do dialogismo manifesta-se na obra de Bakhtin por intermédio de investigações feitas em relação ao *plurilinguismo* (variedade de língua, estratificação em dialetos sociais, em falares de um grupo,

A relação existente entre intertextualidade e hegemonia situa o espaço textual entre fronteiras que estabelecem certas limitações relativas à apropriação de outros textos e como esses podem transformar e reestruturar as convenções existentes para gerar novos ambientes textuais. É preciso salientar também que a intertextualidade é socialmente limitada e condicionada às relações de poder circundantes ao mesmo tempo em que pode se apresentar por meio de ordens de discurso influenciando a luta hegemônica no momento em que são afetados por ela.

Em *Problemas da Poética em Dostoievski*, Bakhtin deixa claro essa perspectiva social da linguagem citada no parágrafo anterior, quando afirma que a palavra nunca se apresenta neutra, como se fosse tirada do dicionário. As palavras, ao passarem de boca em boca, ao mudarem de um contexto ou de um meio social a outro, não perdem seu caminho, mas tampouco libertam-se completamente, pois, na verdade, elas não estão isentas das aspirações e das avaliações dos outros. A palavra, ao mesmo tempo em que vem pontilhada por outras palavras, já ditas em outro lugar, não se subjugava ao meio constituído pela palavra do outro, pois na realidade não existe uma fusão completa, há sempre uma ressalva, um distanciamento, uma refração.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin enfatiza a construção do discurso em relação aos outros discursos e investiga as formas que, nos níveis sintático, discursivo e literário ilustram representações do discurso no discurso, da enunciação na enunciação e, ao mesmo tempo, de um discurso sobre o discurso, de uma enunciação sobre a enunciação (BAKHTIN, 1999, p. 144).

Outra questão importante a considerar é a distinção entre *intertextualidade manifesta* e *intertextualidade constitutiva* (ou interdiscursividade). A intertextualidade manifesta acontece quando se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto; a interdiscursividade diz respeito a como um tipo de discurso é constituído por intermédio de uma combinação de elementos de ordens de discurso.

uma geração etc.), do riso da cultura carnavalesca (a palavra popular alegre, livre, lúcida), do romance polifônico (a personagem como uma outra consciência, estrangeira, mas não *reificada*, sua voz ressoando, ao lado daquela do autor), das formas do discurso bivocal (a estilização, a paródia em todas as gradações, o diálogo, o *skaz* estilizado–narração de uma pessoa distanciada do autor portadora de uma forma própria de discurso). Embora todas essas abordagens sejam relevantes para o estudo da multiplicidade de vozes que permeiam a comunicação humana, meu interesse específico diz respeito às vozes do outro que se presentificam nos textos (BAKHTIN, 1981).

As questões relativas à intertextualidade, em uma perspectiva das teorias da enunciação, foram estudadas em um artigo de 1982¹¹, escrito por Authier-Revuz, no qual ela descreve as formas de *heterogeneidade mostrada* no discurso, vistas como manifestações dos diversos tipos de negociação do sujeito falante com aquilo que a autora chama de *heterogeneidade constitutiva*. Inicialmente apresenta as formas explícitas da heterogeneidade, ao afirmar que “No fio do discurso que, de fato, um locutor único produz materialmente, um certo número de formas linguisticamente apreensíveis ao nível da frase ou do discurso, inscrevem, na linearidade, o outro”. Essas formas explícitas da heterogeneidade são representadas de vários modos, alguns deles são os seguintes: o discurso relatado (discurso direto, discurso indireto), as várias formas marcadas da conotação autonímica¹² (aspas, palavras em itálico, uma entonação, formas de comentário – glosa, retoque, ajustamento –, palavras que nomeiam o outro, ou o traduzem, ou o explicam). Já a *heterogeneidade constitutiva* é, para a descrição linguística da heterogeneidade mostrada, uma ancoragem necessária, na visão de Authier-Revuz (1982), exterior à linguística, mesmo nas formas mais explícitas, intencionais e delimitadas da presença do outro no discurso. A autora busca fundamentação teórica para a heterogeneidade constitutiva em duas abordagens exteriores à linguística: o dialogismo do círculo de Bakhtin e a psicanálise (por meio de uma releitura de Freud feita por Lacan). Enfim, a heterogeneidade constitutiva refere-se aos processos reais de constituição de um discurso, e a heterogeneidade mostrada relaciona-se aos mecanismos de representação, no discurso, de sua constituição. Assim sendo, no universo teórico da referida autora, esses dois níveis distintos convivem lado a lado, solidariamente, e eles são as condições reais de existência de um discurso e de sua representação.

Na perspectiva de Fairclough (2003), é importante trabalhar-se de um modo *transdisciplinar* na análise de discurso e de textos. A Interdisciplinaridade engloba um grande número de práticas e inclui o encontro de pesquisadores com conhecimentos e experiências consolidadas em diversas teorias para trabalharem em um propósito de pesquisa particular sem qualquer implicação de que as teorias disciplinares e os métodos

¹¹ O referido artigo, intitulado “Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para abordagem do outro no discurso”, corresponde a uma série de conferências realizadas no seminário do DRLAV, na Université de Paris, França, entre novembro de 1980 e janeiro de 1982.

¹² Essa forma inscreve-se na linearidade linguística no momento em que o locutor faz uso de palavras *inscritas no fio do seu discurso* e, ao mesmo tempo, mostra-as. O locutor, nesse caso, é, ao mesmo tempo, usuário e observador das palavras utilizadas.

sejam afetados ou modificados por essa experiência. Já o trabalho *transdisciplinar* é também um modo de trabalho interdisciplinar ou pós-disciplinar. Sua principal perspectiva é que o encontro e diálogo entre disciplinas diversas durante a pesquisa de determinados assuntos devem ser abordados com o intuito de desenvolver categorias teóricas, métodos de análise, programas de pesquisa, etc. de uma área por meio da “lógica” da outra. Essa busca da transdisciplinaridade fica bem clara em Fairclough (2003, p. 6):

Há a necessidade de desenvolver abordagens de análise de texto por meio de um diálogo transdisciplinar com perspectivas sobre linguagem e discurso imersos na teoria e pesquisa social para desenvolvermos nossa capacidade de analisar textos como elementos do processo social. Uma abordagem transdisciplinar à teoria ou ao método analítico é uma questão de trabalhar com categorias e lógica ou, por exemplo, com teorias sociológicas para desenvolver uma teoria do discurso e métodos para analisar textos. Inevitavelmente, esse é um projeto de longo prazo, iniciado de um modo modesto nas discussões.

Naturalmente esse processo não se resume simplesmente ao acréscimo de categorias e conceitos oriundos de outras disciplinas e teorias (FAIRCLOUGH, 2003b), mas significa trabalhar e elaborar os recursos teóricos e metodológicos próprios para ser capaz de abordar descobertas e problemas capturados em outras teorias e disciplinas do ponto de vista do seu interesse particular (por exemplo, operacionalizar, nas análises textuais, perspectivas sobre espaço e tempo que já foram investigadas na teoria social). A transdisciplinaridade é, nesse ponto, uma perspectiva de análise bastante importante para o referencial da Análise de Discurso Crítica atual. Ela é vista por Fairclough (2006, p. 12) como uma continuidade da abordagem interdisciplinar.

Uma abordagem transdisciplinar, agora segundo Fairclough (2005), pergunta “como um diálogo entre duas disciplinas ou sistemas pode conduzir a um desenvolvimento de ambos por meio de um processo de apropriação de cada um deles da lógica do outro como um recurso para seu próprio desenvolvimento.” Desse modo, ainda na visão de Fairclough (op. cit.), a abordagem transdisciplinar encontra-se em oposição, de um lado, às formas de interdisciplinaridade, as quais reúnem diferentes disciplinas em torno de temas e projetos sem qualquer compromisso com a mudança de fronteiras e de relações entre elas.

Sintetizo essas considerações junto com Chouliaraki e Fairclough (1999): as construções teóricas do discurso, as quais a ADC tenta operacionalizar, podem vir de várias disciplinas, e o conceito de operacionalização exige que se realize um trabalho de

um modo transdisciplinar, no qual a lógica de uma disciplina (por exemplo, a Sociologia) possa ser colocada em funcionamento para o desenvolvimento de outra (por exemplo, a Linguística).

Assim sendo, a busca atual de uma abordagem *transdisciplinar*, realizada no universo da abordagem crítica do discurso, insere, nesses parâmetros investigativos, além das marcas da pesquisa inicial (a qual assimilou ideias e categorias de outras disciplinas e teorias), uma forma outra de investigação que trabalha também com os elementos constitutivos de outras áreas, o que permite a investigação do discurso com parâmetros mais amplos, ancorados em uma perspectiva social, multissemiótica, situada no contexto da globalização por intermédio da economia política e cultural.

Todos os conceitos apresentados anteriormente são, no meu entender, fundamentais para a compreensão do aparato metodológico-investigativo que fundamenta a perspectiva crítica do discurso. Fiz esse percurso anterior para desvendar e clarificar esses elementos, os quais situam essa abordagem discursiva em um quadro referencial específico. Acredito que as especificações referentes aos termos teóricos da ADC são sobremaneira importantes para os futuros procedimentos analíticos desta tese para que os mesmos nos propiciem interpretações ambíguas.

2.3 A construção do sentido no universo transdisciplinar

A abordagem crítica do discurso propõe em seu aparato metodológico-investigativo uma busca da transdisciplinaridade, isto é, “vê a pesquisa nessa área como um processo de apropriação de diferentes disciplinas e teorias que passam a funcionar juntas em um tópico de pesquisa e estabelece um diálogo entre elas por meio do qual cada uma delas está sujeita a mudar” (FAIRCLOUGH, 2006, p.12), e, para tanto, a busca desses elementos é realizada nos campos da teoria social reflexiva de Bordieu e Wacquant, na economia política e cultural e nos territórios da semiótica social de van Leeuwen. Expor esses percursos e suas contribuições para a Análise de Discurso Crítica é meu propósito nesta parte da tese.

2.3.1 A INSERÇÃO NO SOCIAL: BORDIEU E WACQUANT

A abordagem de discurso crítica, na perspectiva de Fairclough, apresenta como projeto maior a realização de análises linguísticas feitas com o propósito de se proceder também à investigação de diversos temas de interesse das ciências sociais. A Análise de Discurso Crítica procura, então, transcender a divisão entre os trabalhos inspirados por teorias sociais que não cuidam de análise de textos e os trabalhos que procuram focar os textos e que não se interessam por assuntos teóricos relativos ao campo social, por entender que a análise de textos é relevante em pesquisas sociais que estabelecem um diálogo teórico com os efeitos de discurso socialmente construídos e, por outro lado, por buscar o entendimento dos efeitos sociais discursivamente engendrados. Assim sendo, a ADC transita entre a análise linguística de textos e o foco específico naquilo que chamamos de ordem de discurso, que é a estruturação social da língua e sua parceria com determinadas práticas sociais.

Desse modo, o diálogo estabelecido com os sociólogos Pierre Bordieu e Wacquant a respeito das sociedades modernas e de sua complexidade econômico-político-cultural relacionada ao novo capitalismo, bem como a abordagem relativa às práticas sociais e suas inconstantes redes e ao *habitus* de agentes socialmente diversos (ou seja, disposições adquiridas e incorporadas para agir de modos específicos), torna-se de extrema relevância para a constituição da teoria crítica como transdisciplinar e também para a resolução de questões investigadas neste trabalho relativas à construção identitária da mulher que exerce função política no cenário brasileiro contemporâneo.

Início um diálogo com Bordieu para apresentar algumas considerações a respeito da noção de *campo*. Para se compreender uma produção cultural não basta se referir ao contexto textual dessa produção, tampouco se referir ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto. Entre esses dois pólos muito distanciados, entre os quais se supõe que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que Bordieu (2004) chama de campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo dotado de leis próprias. Se, como o macrocosmo, ele é submetido a leis

sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada. Em outras palavras, é preciso escapar à alternativa da ‘ciência pura’, totalmente pura, totalmente livre de qualquer necessidade social, e da “ciência escrava”, sujeita a todas as demandas político-econômicas Bordieu (2004, p. 20-21).

Independentemente do campo, sua estrutura é determinada pela distribuição do capital científico em um dado momento. Assim, os indivíduos ou instituições caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço. No campo econômico, por exemplo, uma alteração de preços muda o panorama de todas as empresas.

Em outras palavras, agora segundo Bourdieu e Wacquant (2005), um campo pode ser definido como uma rede de relações objetivas entre posições. Estas posições estão objetivamente definidas, em sua existência e nas determinações que impõem sobre seus ocupantes, agentes ou instituições por sua situação presente e potencial na estrutura de distribuição de tipos de poder (ou capital), cuja posse ordena o acesso a vantagens específicas que estão em jogo no campo, assim como sua relação definida com outras posições (dominação, subordinação, etc.)

A teoria do campo torna-se relevante para a investigação ora proposta, já que apresenta o campo político composto por adversários que lutam para impor determinadas regras de visão, divisão e interpretação do mundo social real, muitas vezes estabelecendo divisões em etnias, classes, gêneros, regiões etc. e para tanto requerem a participação do mundo real para a confirmação de suas visões e de suas previsões. Em consequência, aquilo com que se defrontam no campo são *representações* (no sentido de exibição teatral destinada a fazer ver e a fazer valer uma maneira de ver). Para Bordieu (2004), essas representações são realistas e ligam-se a uma situação real dotada de todos os meios para impor seu veredicto mediante um arsenal de métodos, instrumentos e técnicas de experimentação coletivamente acumulados e empregados, sob a imposição das disciplinas e das censuras do campo e também pela orquestração invisível dos *habitus*.

A socialização é caracterizada pela formação do *habitus*, conceito que Bourdieu (1980) define da seguinte maneira: os condicionamentos associados a uma classe particular de situações de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e transponíveis, “estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes”, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a sua meta sem supor a busca consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas, sem serem o produto da ação organizadora de um maestro. O *habitus*, portanto, é um conjunto de características que são internalizadas pelas pessoas desde a infância, no meio familiar, escolar, social, na forma de hábitos, maneiras de agir, disposições ou percepções que levam os sujeitos a organizar de forma natural e, muitas vezes, inconsciente suas escolhas e conduta.

2.3.2 A ECONOMIA POLÍTICA E CULTURAL

O tópico *globalização e linguagem* é investigado por Fairclough (2006) por meio de uma versão crítica do discurso encaixada na abordagem cultural da economia política. A economia política cultural postula que os objetos econômicos e políticos são socialmente construídos. Esses objetos incluem organizações e sistemas econômicos, a divisão do trabalho, o Estado, formas de gestão e Governo etc. Essa perspectiva enfatiza também que há um lado subjetivo dessa constituição de objetos: o processo da construção social deles constitui não apenas os objetos, mas também os sujeitos sociais associados a eles, ou seja, há o que o autor chama de co-construções de sujeitos e objetos. Trazer pessoas para o processo implica trazer também cultura: os objetos econômicos e políticos são também culturalmente condicionados e constituídos. Por exemplo, sistemas econômicos ou formas de Estado dependem e estão intimamente interconectados com significados, interpretações, narrativas, valores, atitudes, identidades particulares. Esses processos de construção social envolvem o discurso, eles têm uma característica particularmente discursiva, e os objetos e os sujeitos que são construídos são, em parte, o que se pode chamar de *efeitos do discurso*.

Outra questão central para a economia política cultural, em Fairclough (op. cit.), diz respeito à variação, à seleção e à retenção dos discursos, ou seja, como certos dos muitos discursos que circulam num momento de crise são selecionados e como eles

vêm a ser preservados (ou institucionalizados) e, assim, serem capazes de ter efeitos constitutivos em processos reais econômicos, políticos e sociais. O fato de existirem discursos alternativos não tem grande significado. Somente aqueles que passam pelos mecanismos e pelos processos de seleção e de retenção que podem contribuir para a (re)construção social. Essa é uma questão que diz respeito também ao discurso do globalismo: como ele pode ser selecionado e retido (institucionalizado) por meio de uma gama de alternativas possíveis. É importante, inclusive, perguntarmos como ele pode moldar processos e tendências atuais da globalização, ou seja, como ele pode ser operacionalizado e implementado, não nos esquecendo de que para a ADC uma bem-sucedida estratégia de operacionalização constitui uma nova ordem de discurso (FAIRCLOUGH, 1992), isto é, uma nova configuração da estrutura dos discursos, gêneros e estilos. Nesse sentido, o globalismo, a globalização neoliberal é, em parte, uma ordem de discurso.

Concordo com Fairclough (2006) quando ele afirma que a vantagem de enquadrar a ADC no interior da economia política cultural é que simultaneamente nos permite a aproximação do tema da globalização de um modo que possamos assegurar uma atenção sistemática ao discurso como uma faceta da globalização e ajuda a evitar o perigo de um foco descontextualizado sobre o discurso que omite o fato de que o discurso pode somente ser efetivo na construção social da globalização sujeita a certas condições. Condições essas que não são meramente discursivas. Elas incluem características estruturais de sociedades particulares, características de suas instituições, aspectos de sua história tanto quanto fatores que têm a ver com as crenças, atitudes e valores de seu povo.

2.3.3 A CONTRIBUIÇÃO DA MULTISSEMIÓTICA

O objetivo desta parte da tese é, inicialmente, selecionar elementos do contexto da multimodalidade que sejam de significância maior para a abordagem que ora me proponho desenvolver. Evidentemente, a linguagem midiática utiliza signos de modos semióticos variados, que se desenvolvem no âmbito de práticas discursivas específicas no universo de determinadas práticas sociais. Assim sendo, investigar quais configurações semióticas são mais produtivas nos textos que tratam da questão do gênero feminino no universo político brasileiro me possibilitará elaborar a constituição

identitária desse perfil com maior pertinência. Essa análise, pelo viés da semiótica social, permitirá, em sua última instância, a investigação das relações de poder aí imbricadas.

O signo é o elemento central da semiótica. A definição mais famosa de semiótica foi dada por Ferdinand de Saussure (1975, p. 24): “Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social... chamá-la-emos de semiologia (do grego *semeion*, ‘signo’)”. Portanto a observação do signo no universo multimodal nos permitirá investigar o seu potencial para significar. É crucial chamar atenção para o fato de que esses signos, aqui selecionados para a análise, não se apresentam como uma lista de significados dicionarizados, na verdade, o significado aflora em um contexto específico: o “vermelho”, por exemplo, nem sempre exprime sensualidade, pode representar a cor de determinado partido político, ou um fato belicoso etc.

O percurso inicial proposto insere-se no âmbito das considerações feitas por van Leeuwen (2005), na sua obra *Introducing Social Semiotics*, a respeito dos elementos que fazem parte do inventário dos signos multissemióticos que afloram no território dos textos midiáticos.

2.3.3.1 A RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE TEXTO E IMAGEM

Inicialmente considero de extrema relevância as observações feitas pelo autor (op., cit.) a respeito da relação existente entre “texto e imagem”, a qual pode ser resumida pela definição dos seguintes termos-chave:

a) **Segregação:** dois ou mais elementos ocupam territórios completamente diferentes. Isso indica que devem ser vistos como pertencendo a ordens diversas.

b) **Separação:** dois ou mais elementos são separados por um espaço vazio, e isso sugere que eles devem ser encarados como similares em alguns aspectos e diferentes em outros;

c) **Integração:** texto e gravura ocupam o mesmo espaço: o texto integra-se ao espaço pictórico (integração pictórica); ou a figura ao espaço textual (integração textual);

d) **Sobreposição:** enquadramentos podem ser porosos, isto é, parte da figura pode transpor as molduras e se espalhar sobre o texto; ou as palavras podem estar parte no espaço pictórico e parte no espaço textual;

e) **Rima:** dois elementos, embora separados, têm uma qualidade em comum, por exemplo, pela similaridade de cores, formas etc. O que essa qualidade é depende da cor e de seu significado no contexto. O azul, por exemplo, pode significar, no contexto, maciez, frescura;

d) **Contraste:** dois elementos diferem em termos de uma qualidade. O contraste pode ser realçado pelo uso oposto de cores, de estilos visuais, por exemplo, fotografia versus desenho.

É preciso notar que há graus de enquadramento, por exemplo, uma gravura pode gradualmente se transferir para o espaço textual. Na publicidade, o enquadramento representa um papel importante em relação às fronteiras entre fantasia e realidade. Em outros contextos, diferentes elementos estarão conectados ou desconectados.

2.3.3.2 A SIGNIFICÂNCIA DOS ELEMENTOS TIPOGRÁFICOS

Os “elementos tipográficos” também são relevantes para a análise aqui proposta. Durante muito tempo, de acordo com van Leeuwen (2005, p. 26-9), o papel da tipografia era transmitir as palavras do autor de modo claro e legível, sem acrescentar nada de si mesma ao texto. Hoje ela se insere em um modo semiótico particular no qual os sinais tipográficos significam tanto quanto as palavras do autor. Há, atualmente, no entender do autor (op. cit.), um apagamento de fronteiras entre a tipografia e outras artes gráficas.

Na perspectiva de van Leeuwen (2005), a tipografia forja as novas relações entre imagens, gráficos e o formato das letras que são requeridos na era da comunicação mediada pelo computador, pois os usuários desse meio devem ser capazes de fazer escolhas significativas entre uma gama de elementos tipográficos, combinando-os com imagens e elementos gráficos de modos significativos.

No meu entender, ao se analisarem os elementos tipográficos, nessa perspectiva, pode-se considerar esses elementos como *signos opacos* em oposição aos *signos*

transparentes, observação essa que faço embasada na teoria de Récanati a respeito do signo.¹³

E, ao considerarmos os signos como opacos, nos distanciamos deles, observando-os de longe e, assim, podemos chegar mais perto do que eles significam pelo estudo de seu processo de significação. Creio que na era do visual, que é a nossa, os elementos tipográficos são mais um meio expressivo significante e, portanto, devem ser lidos no contexto das práticas sociais para que realmente possam ser apreendidos em todas suas nuances.

2.3.3.3 A DENOTAÇÃO E A CONOTAÇÃO NO UNIVERSO IMAGÉTICO

A denotação e a conotação dizem respeito não apenas à linguagem, mas inclusive às imagens fotográficas. Para Barthes (1977), a denotação visual diz respeito a pessoas concretas, lugares e coisas, e a conotação visual refere-se a conceitos abstratos. Ele encara esses conceitos não como associações individuais ou subjetivas em relação ao referente, mas como significados culturalmente compartilhados, indutores de ideias culturalmente aceitas. Em relação à tipografia, o formato das letras, de um modo geral, é encarado como conotativo, mas em alguns casos, como nos de letras representadas, por exemplo, como circuitos elétricos, há a junção de elementos que, por longo tempo, estiveram separados: escrita alfabética e imagem, porque diagramas de circuitos elétricos são também imagens.

Olhar para fotografias é o mesmo que mirar a realidade, segundo Barthes (1977), porque a fotografia oferece uma correspondência direta com o que está na frente da câmera, quando as fotos foram tiradas, embora as imagens sejam reduzidas em tamanho, sejam planas e, muitas vezes, em preto e branco. Mesmo no caso de desenhos e pinturas, a situação não é diferente. Embora o estilo do artista forneça uma mensagem suplementar, o conteúdo é entendido como semelhante à realidade.

¹³ O signo possui um duplo destino: ele descobre e esconde ao mesmo tempo a coisa significada, estabelecendo-se, assim, uma noção de signo bastante paradoxal, intrinsecamente ligada ao seu duplo caráter, a transparência e a opacidade. O signo transparente entrega a coisa significada: o que o signo é como fato não importa, não aparece – “o signo é antes como o olho, que possibilita a visão das coisas, sem pertencer ele mesmo ao domínio do visível” (RECANATI, 1979, p. 24). No entanto, quando ele se opacifica, acaba ocultando a coisa representada ou, ainda, acaba rompendo sua ligação com aquilo que ele representa. Portanto, para preencher sua função, o signo deve estar presente e ausente ao mesmo tempo. Explicando melhor, quando nos servimos de um signo, fazendo uso dele, ele é transparente, isto é, o que o signo é como coisa não aparece, a única coisa que aparece é a coisa significada. Inversamente, pode-se tratar o signo como coisa, mencioná-lo, pô-lo entre aspas e, assim, ele perde sua transparência, tornando-se opaco (RECANATI, 1979, p. 45-46).

Dado esse primeiro nível de significação, um segundo estrato pode ser a conotação. Ele surge por meio das associações socialmente compartilhadas, as quais se ligam às pessoas, às coisas e aos lugares representados ou por meio de conotadores específicos. A conotação, ainda segundo Barthes (1977), pode acontecer por meio do trabalho de arte (art work) ou das técnicas de fotografia, tais como o enquadramento, a distância, a luminosidade, o foco, a velocidade, elementos que ele chama de *fotogenia* (ibid, p. 23). A denotação, de acordo com van Leeuwen (2005), é literal e concreta; a conotação é abstrata.

2.3.3.4 OS OBJETOS COMO ELEMENTOS DE SIGNIFICAÇÃO

Os objetos retratados nas figuras, ainda na concepção de van Leeuwen (2005, p.39), também são de grande importância para a interpretação das imagens. Na verdade, os objetos são considerados indutores de ideias, por exemplo, uma estante de livros pode nos levar a atribuir um elemento relacionado à intelectualidade na cena interpretada. Outras vezes, de uma maneira mais velada, os objetos podem funcionar como verdadeiros símbolos. Os objetos são excelentes elementos de significação: de um lado eles são descontínuos e completos em si mesmos, enquanto, de outro, eles dizem respeito a significados claros e familiares. Eles são elementos de um verdadeiro léxico.

2.3.3.5 MODOS SEMIÓTICOS DE ARTICULAÇÃO ESPACIAL

O termo *composição*, para van Leeuwen (2005, p.198), é usado em relação aos modos semióticos que são articulados no espaço. A composição refere-se ao arranjo dos elementos, pessoas, objetos, formas abstratas, etc., em um espaço semiótico. A composição leva em consideração nosso senso de equilíbrio e estabelece comparações por meio de um processo físico e intuitivo, por exemplo, o processo de colocar algo exatamente no centro, ou de fazer com que algo que está à direita e algo que está à esquerda fiquem em perfeito equilíbrio. Os elementos de uma gravura ou o layout de uma página são equilibrados levando-se em consideração o seu *peso visual*. Esse peso deriva de sua saliência visual, a qual resulta de uma interação complexa entre um número de fatores: tamanho relativo, nitidez do foco – ou, mais geralmente, quantidade de detalhes e textura mostrados; contraste tonal – áreas de alto contraste tonal, por

exemplo, bordas entre branco e preto têm grande saliência; contrastes de cor – por exemplo, o contraste entre cores altamente saturadas e cores suaves, ou o contraste entre vermelho e azul; posição no campo visual – elementos não apenas tornam-se mais intensos ao serem movidos para cima, mas tornam-se ainda mais pesados quanto mais são movidos em direção à esquerda, devido a uma assimetria no campo visual; perspectiva – objetos em primeiro plano são mais salientes do que aqueles em segundo plano, e elementos que se sobrepõem a outros elementos são mais salientes do que elementos aos quais eles se sobrepõem e, finalmente, alguns fatores culturalmente específicos, como a aparência de uma figura humana ou um potente símbolo cultural, os quais podem priorizar uma pura saliência perceptual.

2.3.3.6 O DADO E O NOVO E SEU POTENCIAL SIGNIFICATIVO

Em diferentes culturas, na concepção de van Leeuwen (2005, p. 201), a distinção entre esquerda e direita representa uma gama de significados e geralmente de moralidade. O lado direito é geralmente associado ao que é bom, positivo, presente; o esquerdo, o contrário desses elementos. Quando há tanto informações gerais quanto específicas, as gerais são colocadas à esquerda e as específicas, à direita. Outro tipo de chave do significado é a direção na qual se escreve. Na língua falada, as frases e grandes extensões de discurso começam com o dado, com algo que já foi mencionado ou tido como conhecido pelo ouvinte, e então se move para o novo, para a informação que o falante quer (HALLIDAY, 1985, p. 277). Quando passamos da fala para a escrita, “antes” e “depois” são decodificados como esquerda e direita. Assim, colocar coisas na esquerda ou na direita é um modo de transmitir valores informativos indicando a relevância da informação para ouvintes ou leitores específicos ou ainda expectadores em contextos particulares. Desse modo, se dois elementos são polarizados: um representando um tipo de coisa e o outro representando outra, então o elemento colocado à esquerda será apresentado como se fosse dado, isto é, algo já conhecido pelo receptor da mensagem e, portanto, não questionado. O elemento à direita será representado como novo, isto é, algo ainda não conhecido pelo receptor e, assim sendo, a parte importante da mensagem e a parte que poderia potencialmente influenciar, que poderia, por exemplo, ser negada ou confirmada, ou seguida por qualquer outra ação. Ainda segundo van Leeuwen (op. cit., p. 204), o dado nunca é objetivamente dado, nem

o novo é objetivamente novo. As coisas são tratadas como dadas ou novas no contexto de uma situação comunicativa específica.

2.3.3.7 O IDEAL E O REAL: AS METÁFORAS DA VERTICALIDADE

As posições *acima* e *abaixo* significam conceitos diferentes na nossa experiência diária. As metáforas da verticalidade desempenham, de acordo com van Leeuwen (2005, p.204), um papel importante na construção e na manutenção das diferenças sociais. Pessoas com poder tornam-se altas e poderosas, as classes altas; pessoas sem poder, as classes baixas e, na superfície inferior da hierarquia social, achamos pessoas que estão *por baixo* e *por fora*.

A verticalidade é marcada com traços morais, de tal modo que *alto* se torna *bom* e *baixo*, *ruim*; *alto* e *acima* têm significado positivo, transmitem sentimentos aprazíveis e *abaixo* e *baixo* ligam-se a sentimentos negativos. Em outros contextos, *alto* pode se tornar *muito elevado*, *elevado demais*, ou seja, *muito abstrato* ou *muito idealizado*, etéreo, sem uma base de contato; e *baixo* pode ser positivo, por exemplo, quando se associa a manter os pés no chão e a uma atitude realista. Em Kress e van Leeuwen (1996), adota-se o termo *real* para as seções mais baixas. Quando uma composição polariza *o alto* e *o baixo*, colocando elementos diferentes ou contrastantes na posição *alta* ou *baixa* no espaço semiótico, os elementos colocados no alto são apresentados como ideais e os colocados na posição baixa são interpretados como reais. Para algo ser apresentado como ideal, significa que ele é mostrado como essência idealizada ou generalizada da informação, e isso significa que é também sua parte ideológica mais saliente. O real é então oposto a isso, pois apresenta informações mais específicas, detalhes e mais informações “pés-no-chão” (*down-to-earth information*), por exemplo, fotos como evidências de documentários, mapas, estatísticas, mais informações práticas, direções para ações etc. Portanto *o dado* e *o novo*, *o ideal* e *o real* também são conceitos multimodais. A estrutura *real/ideal* pode integrar diferentes modos semióticos, tais como texto e imagem em um simples e unificado desenho multimodal, tanto quanto fazer parte de elementos pertencentes a um modo semiótico simples, por exemplo, caixas e setas em um diagrama.

2.3.3.8 A DISPOSIÇÃO ESPACIAL CENTRO/ MARGEM

A composição nem sempre envolve divisão e polarização (VAN LEEUWEN, 2005, p.206), ela pode também reunir seus elementos ao redor de um centro, o que conectará os elementos mantendo-os unidos. Quanto mais um espaço é centralizado, tanto mais importantes, sagradas, públicas e interativas são as atividades que ali acontecem. O centro, no entanto, não é oposto à margem: ele mantém unido o que é disposto ao seu redor e cria um relacionamento de igualdade entre os elementos dispostos no interior de um círculo concêntrico. Sempre que pessoas, objetos, prédios são dispostos em um espaço pode-se optar pela polarização ou pela centralização, embora, muitas vezes, as duas ocorram.

Centro e margem formam um princípio semiótico multimodal, o qual se refere à maneira como os prédios são dispostos em uma cidade, ou a maneira como as peças da mobília são dispostas em uma sala, ou ao modo como as pessoas se posicionam para contar histórias, dar aulas, dançar, cantar etc. Pode se referir também ao modo como os objetos são arrumados para uma exposição ou sobre uma mesa. Também diz respeito ao modo como as coisas são dispostas sobre uma página ou tela. É difícil, na opinião de van Leeuwen (op, cit.), formular o significado principal do modelo de composição centro/margem, pois na verdade ele é investigado de modo mais preciso em contextos específicos. De um modo geral, poder-se-ia dizer que se uma composição usa de modo significativo o centro e coloca um elemento no meio e outros ao redor desse, ou então posiciona elementos em torno de um centro vazio, nesses casos, o centro é apresentado como o núcleo do que é comunicado e os elementos que estão ao redor dele, as margens, são apresentados em determinado sentido como auxiliares ou dependentes dele. Há graus de marginalidade e eles dependem da saliência das margens em relação à saliência do centro e na sua distância em relação a ele. A centralidade, no entanto, não admite graus. Mesmo quando o centro está vazio, ele continua a existir *in absentia*, como um pivô invisível ao redor do qual tudo gira. Um exemplo claro se tem quando para a discussão de algum tema senta-se em círculo: fisicamente não há nada no centro, mas o tópico discutido ou a história contada por alguém preenchem o espaço vazio e mantêm o grupo junto em sua orientação compartilhada em direção ao centro vazio.

Em muitas composições, as margens são idênticas ou, no mínimo, muito similares uma a outra e, desse modo, não há senso de polarização, não há senso de

divisão entre *dado* e *novo* ou *ideal* e *real*. No entanto, quase sempre acontece que o centro e a margem combinam com *o dado* e *o novo* e/ou *ideal* e *real* e, nesse caso, há tanto centralidade como polarização.

2.3.3.9 A METÁFORA VISUAL COMO ELEMENTO DE RECONTEXTUALIZAÇÃO SEMÂNTICA E FIGURATIVA

A metáfora visual é considerada por van Leeuwen (2005, p. 29) um princípio semiótico inovador, ou seja, um modo novo de expressar ideias e de criar novas ideias e também novas práticas. Em sua origem, a palavra significava *transporte*. Na concepção do autor (op cit), a essência da metáfora é a ideia de transferência, em outras palavras, o ato de transferir alguma coisa de um lugar para outro, tendo por base a percepção de uma similaridade entre os dois lugares.

Ao observar manchetes e matérias de revistas e jornais atuais, percebi como o emprego da metáfora é bastante produtivo, tanto da metáfora linguística como da metáfora visual. Por exemplo, ao folhear a Revista *Caros Amigos* (2005, p. 26), pude observar como o emprego da metáfora linguística veicula novos significados: “Marta sob bombardeio”. O vocábulo bombardeio é empregado literalmente num ambiente belicoso em que possivelmente esteja ocorrendo uma guerra ou um combate de alguma natureza. No caso da reportagem, no entanto, a palavra é transportada do seu domínio usual de aplicação para outro domínio, no caso, para o ambiente político no qual a ex-Prefeita de São Paulo e atualmente Ministra do Turismo se insere. Assim sendo, esse outro domínio de transferência é o ambiente político no interior do qual ela está sendo criticada pelos tucanos apoiados pela mídia paulista. Desse modo, por intermédio da metáfora, o bombardeio que ocorre nas estratégias reais de guerra é comparado às acusações feitas por José Serra pela dívida de oito bilhões de dólares que, segundo ele, foram deixadas pela ex-Prefeita. Isso torna a reportagem interessante, vívida, dramática e adjetiva a política como combate cruel e sanguinário.

Ainda na concepção do autor (op. cit.), o conceito de metáfora é multimodal e pode ser aplicado a outros modos semióticos diferentes da linguagem. Ele exemplifica com os *cartoons* que representam políticos como animais, ou mais precisamente, como metade animais e parte humanos, já que eles têm que ser reconhecidos.

A compreensão da metáfora visual, para Vieira (2007), diz respeito às questões estudadas por Pierce a respeito da imagem. O ícone se transforma em metáfora no momento em que se toma uma qualidade individual como objeto de outra qualidade individual, por exemplo, o azul dos olhos pelo azul do mar. Quando se adota uma imagem de similaridade como regra que o grupo aceita, tem-se a construção de uma metáfora. Na verdade, é o que ocorre ao qualificarmos personalidades humanas como *adâmicas*, *quixotescas* etc. A autora (op.cit.) salienta, ainda, que o mesmo acontece com a metáfora visual.

Acrescento que, nos textos da mídia impressa brasileira, encontramos também várias metáforas visuais, como aquela em que, numa charge do jornal *Correio Braziliense* de 13/10/2006, Marta Suplicy é apresentada por meio da figura de uma mulher esbelta que usa botas vermelhas de salto alto e vestido extremamente justo, curto e da mesma cor do calçado, com os lábios vermelhos bastante aumentados pelo botox. Por meio dessa representação anteriormente descrita, e pelo fato de os detalhes constitutivos da figura serem bastante exagerados, transporta-se a imagem real da personagem para o domínio da representação, pelo estabelecimento de alguma similaridade entre os dois universos e apresenta-se, assim, um novo significado para a constituição identitária de quem está sendo representado. Desse modo, na representação de sua imagem na forma de charge, com a saliência de todos esses detalhes anteriormente explicitados, a personagem passa a ser vista por meio de um novo significado: aquele da mulher fútil, preocupada apenas com questões externas e de beleza. Creio, então, que, no caso da metáfora linguística, transportam-se palavras de um universo a outro por questões de similaridade, e, no que diz respeito à metáfora visual, transportam-se imagens de um contexto a outro também por haver entre elas alguma similaridade. Evidentemente que, nesse processo de delocação/relocação, conceitos trabalhados por Chouliaraki e Fairclough (1999), as questões relativas à ideologia afloram, no meu entender, de modo bem mais significativo, já que são trazidas à superfície textual por intermédio de elementos cuidadosamente selecionados.

Assim, vejo a abordagem da metáfora, em seu âmago, como uma questão de recontextualização, já que ela pode ser vista como uma apropriação dialética, no sentido dado por Chouliaraki e Fairclough (1999): a delocação (*de-location*) de um elemento de seu contexto original e sua relocação (*re-location*) em um outro. A recontextualização se manifesta no hibridismo intertextual e interdiscursivo dos textos, onde elementos

recontextualizados são articulados juntamente com elementos já existentes e transformados em modos particulares de acordo com uma lógica de base ou um princípio de recontextualização.¹⁴

2.3.3.10 A MODALIDADE VISUAL

A modalidade visual, na perspectiva de Kress e van Leeuwen (1996), efetiva-se no aumento ou na diminuição do grau em que certos significados da expressão visual são usados: cor, acuidade, distância, proximidade, posicionamento (acima, abaixo) etc. Assim, por exemplo, em um texto publicitário, a parte de cima da página mostra a promessa do produto, isto é, quão bonito e interessante você vai se tornar se comprar determinada mercadoria. A parte de baixo fornece detalhes factuais, como a foto do produto – ele mesmo. Em outras palavras, o valor da modalidade, nas duas partes da publicidade, difere. A parte de cima mostra o que você poderia ser (modalidade baixa), a parte de baixo, o que é e o que você pode realmente comprar agora mesmo na loja se você quiser (alta modalidade).

Os seguintes significados da expressão visual estão envolvidos no julgamento da modalidade visual, ainda na concepção de Kress e van Leeuwen (op. cit.):

a) **Graus de articulação do detalhe** – formam uma escala que vai da mais simples linha de desenho a mais acurada e nítida fotografia

b) **Graus de articulação do pano de fundo** – escala de zero articulação, quando alguma coisa é mostrada contra um pano de fundo branco ou preto, ou levemente esboçada, ou fora de foco, a um máximo de nitidez e detalhamento do pano de fundo;

c) **Graus de saturação de cor** – escala da ausência de saturação – preto e branco – ao uso da saturação máxima de cores;

¹⁴ Interessante notar que Isabela Ietcu-Fairclough (2005), no seu artigo *Populism and the Romanian 'Orange Revolution': a discourse-analytical perspective on the presidential election of December 2004*, publicado *on-line*, toma esse princípio ou essa lógica de recontextualização e investiga sua estreita relação com as metas políticas que estavam sendo perseguidas em estratégias argumentativo-discursivas usadas por e em nome de dois candidatos presidenciais na eleição de dezembro de 2004 na Romênia, investigando, também, elementos referentes ao contexto econômico, político e cultural. Com isso enfatiza o direcionamento proposto por Fairclough (2006) em relação à perspectiva transdisciplinar da ADC. Ou seja, é impossível no mundo globalizado estudar-se a linguagem sem abordar aspectos econômicos, políticos e culturais e vice-versa.

d) **Graus de modulação da cor** – uso da cor sem modulações em um mesmo plano até a representação de finas nuances da modulação de uma cor dada. Por exemplo, a cor da pele ou a cor da grama.

e) **Graus de diferenciação de cor** – escala do monocromático ao uso de cores tão variadas como se estivessem misturadas em uma paleta;

f) **Graus de articulação da profundidade** - escala demonstrativa da ausência de qualquer representação de profundidade à máxima perspectiva de profundidade com várias outras possibilidades nesse entremeio, por exemplo, desde uma profundidade superficial até uma profundidade mais estendida;

g) **Graus de articulação da luz e sombra** – escala de zero até a articulação do número máximo de graus de profundidade de sombras com opções, tais como simples aberturas nesse entremeio;

h) **Graus de articulação de tom** – escala que vai desde apenas dois tons da gradação de cor (preto e branco), ou a versão clara e escura de uma outra cor, até a máxima gradação tonal.

Todos esses significados da expressão visual permitem gradações. Eles possibilitam que as dimensões relevantes de articulação possam ser aumentadas ou reduzidas, e esse processo resulta em diferentes configurações de modalidade. Os desenhos de jornal, por exemplo, tendem a reduzir a articulação do detalhe, do pano de fundo, da profundidade, da luz e sombra e não apresentam articulação de cor ou gradação tonal. Em comparação, a articulação desses mesmos parâmetros em fotografias de jornal é mais ampliada. Isso corresponde a seu valor de modalidade: desenhos são vistos como opiniões visuais e, de qualquer modo, menos factuais do que fotos de jornal, as quais são feitas para apresentar veracidade, informação documental.

Não é o caso, entretanto, de dizer que a modalidade sempre decresce quando a articulação é reduzida, se fosse assim, simples linhas de diagramas poderiam sempre apresentar modalidade baixa e serem julgadas como não reais. Apesar de sua articulação ser usualmente extremamente reduzida, as linhas do diagrama científico são claramente feitas para serem lidas como valores de verdade e não como ficções ou fantasias, afinal de contas, fazem parte da ciência. Isso significa que não há correspondência fixa entre

juízos de modalidade e pontos nas escalas de articulação descrita acima. Portanto o valor de modalidade de uma configuração dada depende do tipo de verdade visual que é apresentado no contexto.

Em muitos contextos, *a modalidade naturalista* permanece dominante. Sua visão da verdade visual é mais ou menos como segue: quanto maior for, na figura, o grau de representação da realidade, maior será o grau de modalidade. Isso, no mínimo, é a teoria, porque, na realidade, os juízos da modalidade naturalista dependem muito da maneira pela qual a corrente dominante da tecnologia imagética representa o mundo visual. Quando o preto e o branco eram a norma, a cor era vista como mais do que real. Nos filmes, por exemplo, eles tendem a ser usados para gêneros relativamente irrealistas, como musicais e faroestes. Hoje a cor é a norma e o preto e o branco tendem a ser uma modalidade mais baixa, usada para representar o passado, os sonhos, a fantasia etc.

A *modalidade abstrata* é comum nas ciências visuais e na arte moderna: a verdade visual é a verdade abstrata. Quanto mais uma imagem representa, aprofunda a essência do que é retratado, ou quanto mais ela representa um modelo geral sublinhando superficialmente instâncias específicas diferentes, mais alta é a modalidade do ponto de vista da modalidade abstrata. Isso expresso pela redução de articulação. Especificações de iluminação, nuances de cor, os detalhes que criam diferenças individuais são todos irrelevantes do ponto de vista da verdade essencial ou geral. Isto se vê, por exemplo, quando são combinadas visões naturalistas e abstratas. Os livros infantis sobre dinossauros têm pinturas naturalistas detalhadas dos dinossauros, paisagens primitivas para despertar a imaginação, e linhas simples de desenho para ajudá-las a reconhecer os atributos essenciais dos diferentes tipos de dinossauros ou para explicar o processo de fossilização. A modalidade naturalista não pode ser confundida com o mesmo termo em literatura.

Na *modalidade tecnológica*, a verdade visual é baseada no uso prático da imagem. Quanto mais uma imagem for usada como projeto ou como auxílio para a ação, maior será sua modalidade. Muitos mapas são desse tipo e muitos modelos para fazer roupas, desenhos arquitetônicos e instruções nos kits de “faça você mesmo”.

Na *modalidade sensorial*, a verdade visual é baseada nos efeitos de prazer ou desprazer criados pelos elementos visuais e realizados por um grau de articulação que é

amplificado em relação ao ponto de naturalismo de tal modo que a definição, a cor, a profundidade, o jogo de luz e sombra etc. se tornam – do ponto de vista da modalidade naturalística – mais do que real. A cor, por exemplo, nessa situação, é usada não com propósitos realistas, mas, por exemplo, como efeito calmante, provocativo, perturbador. Assim sendo, a modalidade sensorial é usada em contextos onde o prazer importa: fotografias de comida, anúncios de perfume e também em contextos que procuram criar uma experiência intensa de sonho ou alucinação, como determinadas artes surrealistas ou filmes de terror.

Concordo com Kress e van Leeuwen (2004, p.32), quando eles observam que a comunicação visual é sempre codificada e que se ela, muitas vezes, parece transparente é somente porque nós já conhecemos o código. Acrescento que esses códigos só podem ser entendidos no interior de uma determinada cultura inserida em um contexto específico de uma época própria, pois, subjacentes aos códigos, estão as questões ideológicas. Portanto, torna-se impossível investigar hoje a questão linguística no universo da Análise de Discurso Crítica sem levar-se em consideração essa nova ordem semiótica visual, já que ela é a linguagem da globalização.

Evidentemente, os processos anteriores escolhidos no universo da multissemiótica foram selecionados para o percurso investigativo-analítico desta tese pelo fato de os mesmos serem, no meu entender, no momento e para o tipo de amostragem selecionada, os mais apropriados e, ao mesmo tempo, os mais produtivos na coleta de material realizada. Isso não significa dizer que outros procedimentos não tenham validade e que não possam ser usados para posteriores análises em outras circunstâncias.

Procurei destacar, portanto, neste capítulo, a perspectiva discursiva crítica em um percurso linear e temporal. Ao descrever sua caminhada em direção às questões sociais, econômicas, políticas e culturais, bem como sua abertura para os domínios da semiótica social, procuro demonstrar que o aparato metodológico-investigativo da Análise de Discurso Crítica é amplo e, ao mesmo tempo, multifacetado, permitindo uma abordagem das questões linguísticas inseridas nos processos da globalização e no campo maior das teorias sociais. Essa abordagem ampla em relação aos elementos teóricos não significa que todos os elementos aqui considerados para o entendimento da teoria irão ser considerados no momento das análises.

CAPÍTULO 3

GÊNERO, ESTILO E VOZ

*Não lhe peça para levar ao cinema quando ele está cansado.
(Jornal das Moças, 1954)*

*Não roube do marido certos prazeres, mesmo que estes a contrariem (como fumar charuto ou deixar a luz do quarto acesa para ler antes de dormir).
(O Cruzeiro, 1952)*

*Uma mulher casada, com filhos, não tem o “direito de escolher”, pertence aos filhos, sendo suas obrigações intransferíveis.
(Jornal das Moças, 1958)*

*Lugar de mulher é o lar... a tentativa da mulher moderna de viver como um homem durante o dia, e como uma mulher durante a noite, é a causa de muitos lares infelizes e destruídos.
(Revista Querida, 1954)*

O objetivo principal desta tese é averiguar de que modo e por meio de que processos (lingüísticos, semióticos e discursivos) ligados à mídia impressa constitui-se a identidade das mulheres brasileiras no cenário político contemporâneo e, durante esse percurso, desvendar a maneira pela qual o discurso estabelece e sustenta questões de poder e hegemonia que se instauram por meio da categoria de gênero, já que ela possibilita importantes perspectivas de abordagem da linguagem. O fato de nascer homem ou mulher traz consequências sociais para os indivíduos, afeta a linguagem por eles usada e a linguagem empregada para deles socialmente se falar. Desse modo, busco, neste trabalho, uma abordagem de gênero que o retire do “confortável domínio da epistemologia” e o coloque no “incômodo contexto social, político, econômico, cultural”, parodiando Montecino e Obach (1999). Cumpro, ainda, frisar que a presente tese não apresenta como proposta principal a investigação do gênero em si, mas aborda essa categoria porque nela se inserem os sujeitos aqui considerados.

3.1 O gênero como identidade social e suas relações com a linguagem

A linguagem que usamos, principalmente a linguagem da mídia, afeta as questões sociais, influencia pessoas, provoca mudanças e instaura modos consensuais de olhar e pensar o mundo. Em contraponto, os valores sociais hegemonicamente estabelecidos também influenciam a linguagem por nós empregada. Uma dessas questões refere-se à discriminação em relação ao gênero que tão claramente, para alguns, coloca-se na linguagem e que – por meio de mecanismos, que, muitas vezes, se inscrevem na própria linearidade linguística – reproduz as concepções sociais vigentes.

A língua, por si só, de acordo com Fromkin e Rodman (1993), não pode ser “sexualmente discriminatória” nem obscena, mas pode refletir “atitudes machistas” e concepções sobre o que deve ou não ser considerado tabu. Os estudos que analisam a linguagem usada pelos homens quando falam das mulheres mostram linguagem de conotações frequentemente depreciativas e sexuais. Em várias línguas, inclusive no português, há enorme número de palavras referindo-se às mulheres em tom abusivo ou de conotação sexual. Em relação aos homens, esses termos são em menor número. O fato de a mulher antigamente adquirir o nome do marido pelo casamento e hoje esse procedimento já ter mudado, podendo optar por permanecer com seu nome de solteira, revela o quanto as questões linguísticas desvelam fatos sociais e o quanto as mudanças na língua revelam as mudanças sociais.

Existem também diferenças marcadas na língua em relação ao estilo masculino e ao feminino. O exemplo dado pelos autores (op. cit.) refere-se aos dialetos feminino/masculino distintos no japonês. Os estilos são tão diferentes que, no Japão, os cães que guiam os cegos são treinados em inglês, já que não é possível se prever o sexo do futuro dono. É mais aceitável que um cego fale inglês do que use o estilo de linguagem do sexo oposto. Os vários estilos e as suas diferenças de prosódia, sintaxe, léxico são aceitáveis. O que é inaceitável é o fato de a língua servir para enfatizar questões de segregação entre os gêneros.

A importância do estudo da linguagem para a investigação das identidades sociais e das identidades de gênero é salientada, por Magalhães (2003), quando a autora enfatiza que a linguagem considerada como discurso ou prática social constitui essas

identidades, embora não sejam fixas, pois é necessário investigar a linguagem em processos históricos e dinâmicos e registrar “sua relação com a prática social passada e, por outro, o papel que exerce na transformação social”.

Atualmente, em pleno terceiro milênio, como consequência da busca por oportunidades iguais na sociedade, Coates (2005) enfatiza a grande demanda de mulheres no mercado de trabalho, exercendo atividades, como advogadas, médicas, políticas etc. Linguisticamente, isso significa que é esperado que as mulheres, nesse contexto, assumam, em sua fala, características iguais à expressão masculina e pratiquem estilo mais informativo e crítico peculiar à fala no domínio público. Porém, é necessário salientar que as mulheres que adotam esse estilo linguístico próprio do universo masculino são encaradas como agressivas e não femininas. Na verdade, há divergência entre o que se espera de uma mulher e o que se espera de uma pessoa com papel importante na esfera pública. Creio que as colocações anteriores sustentam de modo bastante consistente as declarações da ministra Dilma Rousseff (ver na p. 87 desta tese) a respeito do modo como se sente em relação ao universo masculino: “Notei que sou a única pessoa autoritária, mandona e com opinião de todo o Governo, cercada por homens meigos, doces e gentis”.

É relevante apresentar-se, neste percurso, as diferenças existentes entre sexo e gênero¹⁵. O primeiro é biologicamente estabelecido por meio dos cromossomos e classificado binariamente: alguém nasce homem ou mulher devido ao fato de seu pai ter-lhe dado “X” ou “Y”; se você é homem, conseqüentemente, não é mulher. Gênero, na abordagem desta tese, ao contrário, é socialmente construído e aprendido,

¹⁵ Inicialmente, a categoria de gênero foi definida em contraposição a sexo (MONTECINO; OBACH, 1999), em uma classificação binária, na qual gênero dizia respeito aos aspectos psico-culturais adquiridos pelos homens e mulheres por intermédio do seu meio social, e sexo estava restrito às características anatomofisiológicas que distinguem o macho da fêmea na espécie humana. As análises que foram baseadas nessa noção se preocuparam em explicar como os sujeitos constroem e interpretam os papéis e identidades de gênero. Ainda que não estivesse explícito, segundo as autoras (op.cit.), esse enfoque acreditava na existência de uma identidade pessoal ou em um eu originário que, por meio do processo de socialização, primeiro na família e depois nos vários âmbitos sócias, adquiria as capacidades, motivações e prescrições próprias a sua identidade genérica, adaptando-se às expectativas e ordens culturais. Evidentemente, essa abordagem foi logo questionada por sua abordagem mecanicista e funcionalista. Pelo fato de serem vistos apenas como papéis, era possível abordá-los como complementares, e isso ocultava as relações de poder e conflito que se instauram nas relações entre homens e mulheres. Desse modo, a abordagem buscada por esta tese deseja, justamente, o contrário, ou seja, revelar essas questões de poder embriçadas no discurso que se efetiva via gênero.

perspectiva essa que compartilho com Talbot (1998), já que as pessoas adquirem características que são percebidas como masculinas ou femininas, podendo-se falar em “homem feminino” e “mulher masculina”. Além disso, gênero, aqui, não é binário, pois um homem pode ser mais masculino ou mais feminino do que outro.

As considerações de Talbot (1998) referentes à relação existente entre gênero e linguagem são também importantes para este trabalho à medida que desvendam esse processo de modo bastante didático. A chamada *relação fraca* entre os dois refere-se ao fato de que a linguagem simplesmente reflete a sociedade e, assim, as divisões sociais nos territórios do gênero refletem-se nas estruturas linguísticas. Por exemplo: a mulher, no ambiente de trabalho, tem, na maioria das vezes, posição subordinada ao homem, e isso se reflete na multiplicidade de estratégias de cortesia usadas na interação verbal. A existência de dois pronomes de tratamento para as mulheres (Senhorita e Senhora) e para os homens apenas um (Senhor) demonstra a importância dada pela sociedade ao estado civil da mulher. Em relação à *visão fortalecida*, a linguagem não apenas reflete as divisões de gênero, mas ela, também, as cria. As estratégias de cortesia, o uso de pronomes, que marcam o estado civil da mulher e não os do homem, são usos assimétricos de termos relativos ao masculino e ao feminino que, além de refletirem a estrutura social, realmente criam e sustentam a desigualdade entre os gêneros. Portanto, para Talbot (1998), esses dois extremos apresentam a linguagem como espelho e como reprodutora da sociedade e o mais acertado seria negociar perspectiva que se colocasse entre esses dois aportes.

Assim, a relação existente entre linguagem e gênero é muito estreita, já que a linguagem personifica diferentes visões de mundo atadas a gêneros específicos. Além disso, vivemos nos ambientes linguísticos socialmente construídos para os propósitos comunicativos. O mundo real representa-se na linguagem, e as identidades, por seu intermédio, constituem-se.¹⁶ A linguagem, ainda na perspectiva de Talbot (1998),

¹⁶ Uma das primeiras obras feministas a trabalhar com as questões de linguagem e gênero foi *Language and Woman's Place*, escrito, nos anos 70, por Robin Lakoff. Nessa obra, a autora afirma que existe uma linguagem própria das mulheres. Ela se referia tanto à linguagem usada pelas mulheres quanto à linguagem empregada sobre elas. Ao escrever sobre as mulheres nos Estados Unidos, alegava que o status de subordinação das mulheres se refletia na linguagem usada por elas e na linguagem empregada para falar delas. Levantava como hipótese o fato de as mulheres usarem a linguagem de uma maneira diferente devido a sua incerteza, fragilidade e excesso de educação. A obra chamou a atenção das feministas, mas dizia respeito somente à linguagem da mulher americana. Ao mesmo tempo em que seu trabalho se impõe

desempenha parte complexa, juntamente com outras práticas e instituições sociais, por refletir, criar e sustentar as divisões de gênero na sociedade. A interface gênero/linguagem, bem como a abordagem de gênero como categoria socialmente construída (não como um dado inerente ao indivíduo) já são perspectivas enfatizadas por Heberle et al (2006).

No meu entender, as marcas de gênero podem se estabelecer constitutivamente no discurso e encontram-se tatuadas concretamente na linearidade linguística e, também, nos elementos supra-segmentais. Há palavras, expressões, determinados modos de dizer que, acompanhados de componentes prosódicos, instauram no discurso marcas identitárias e estilísticas relativas a gêneros específicos que acontecem em *práticas sociais* determinadas e estabelecem *prática discursiva* característica. São esses índices que procuro identificar como categorizadores do estilo discursivo das personagens selecionadas para a investigação proposta nesta tese.

Apresento, também, o gênero em perspectiva crítica, conforme observado por Talbot (1998), como categoria ativamente construída. As pessoas não possuem identidades estabelecidas ou pré-fixadas, elas as desempenham continuamente. Na perspectiva desta tese, que aborda o discurso da mídia como o palco no qual essas identidades afloram, interpretam seus papéis, constituindo-se como personagens, é relevante esse viés de percepção da identidade de gênero como dinâmica, constituída no processo discursivo. Esse fato, inclusive, foi observado na coleta do *corpus*, pois à medida que o tempo passava, algumas identidades mostraram mudanças em relação a suas características iniciais observadas. Exemplifico com o perfil identitário de Dilma Rousseff, que mudou consideravelmente desde o momento em que se apresentou à mídia como candidata à presidência: sua expressão sisuda, suas roupas discretas, seu sorriso escasso deram lugar a uma personagem sorridente, com vestes mais coloridas e descontraídas e, inclusive, com o rosto sabidamente plastificado.

É necessário investigar essas questões relativas ao gênero e ao discurso de perspectiva não estereotipada, que não reproduza apenas as divisões sociais de classe e

e chama atenção para as questões linguísticas subordinadas aos gêneros, ele traz uma visão a respeito das características específicas da linguagem feminina em relação à masculina. Na verdade, esse estudo foi importante para as questões da linguagem relativas ao gênero, porém é preciso salientar que ele reflete os estereótipos sociais da época.

as questões hegemônicas ligadas ao poder de determinados grupos sociais. O propósito desta tese é justamente mostrar que o estudo do gênero deve levar em consideração as práticas sociais e mostrar sua interação com as questões ligadas à idade, ao *status* social, e aos papéis sociais desempenhados pelos sujeitos. Estudar gênero, na perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC), significa examinar o modo pelo qual o discurso contribui para a reprodução social e para as mudanças sociais, desvelando as lutas de poder a ele subjacentes. Além disso, chegar, por intermédio do estudo de gênero, a uma perspectiva social, à constituição de identidades públicas femininas na área da política no cenário brasileiro e não se esquecer de que isso produz tensões, tanto quanto valores conflitantes e objetivos que modificam e moldam os sujeitos. Essas contradições são parte da identidade de gênero.

A subjetividade dos indivíduos, ainda na perspectiva de Talbot (1998), não é fixa, invariável e unitária. Na verdade, esta se apresenta diversificada e extremamente contraditória. O discurso possibilita tal variabilidade, pois nele, e por seu intermédio, as pessoas assumem diferentes posições de sujeito. Isso acontece durante a vida ou simplesmente no desenrolar de um simples dia. Todos os indivíduos experimentam mudanças em suas vidas, as quais ocasionam diferentes identidades de gênero em diferentes comunidades e culturas. Isso produz tensões e, muitas vezes, valores conflitantes. Tais contradições fazem parte da identidade de gênero. Tomam-se como exemplo, de acordo com a autora (op. cit.), as questões que enfrentam as mulheres como donas de casa e trabalhadoras. Nas tarefas domésticas, mesmo nas mais difíceis, espera-se que elas cumpram, muitas vezes, trabalho árduo, monótono e cansativo. No entanto, quando essas mesmas mulheres vêm para o mercado de trabalho, as tarefas árduas e desagradáveis são usadas para excluí-las, pois não se espera que as mulheres façam o que é tradicionalmente trabalho masculino. Essa contradição não existe apenas na mente das mulheres, mas ela aparece como consequência das relações reais entre a família e o mundo econômico. As mulheres podem ter conhecimento sobre essas incongruências ou não, mas se sentem impotentes para mudá-las.

Vejo a mídia como importante meio para o estabelecimento do consenso em relação à imagem estereotipada da mulher na sociedade pós-moderna. A mulher deve ser visualmente desejável para obter sucesso nos seus relacionamentos sentimentais e, também, para ter notoriedade nos seus empreendimentos sociais. A preocupação com a

imagem é um dos aspectos da chamada *estetização* da vida social e da vida privada, na concepção de Chouliaraki e Fairclough (1999). Parte da constituição dos personagens, como Políticos, Gerentes, Especialistas, diz respeito à construção de *estética* que os cerca, e esse é processo também textual. Veja-se o caso de Dilma Rousseff que se submeteu à plástica bastante radical para mostrar que, com tal aparência, estaria mais apta a agradar os eleitores. A mídia, como veiculadora e construtora das questões ideológicas, hegemônicas e de poder, valoriza esse tipo de atitude. Como exemplo, cito novamente o que vem acontecendo, no momento, com a Ministra-Chefe da Casa Civil. Como existe a grande possibilidade de a mesma candidatar-se às eleições presidenciais de 2010, a mídia elogiosamente veicula seu esforço para fazer várias correções estéticas com o objetivo de ficar mais jovem e mais bonita. Tal perspectiva é enfatizada por Talbot (1998), na sua obra *Language and gender*, no capítulo em que ela afirma que essa constituição feminina tem de ser trabalhada pela mulher. Explico: esse é trabalho prazerosamente exercido pelas mulheres, a tarefa de se tornarem femininas, pois ele as torna identitariamente aceitáveis no âmbito social. Isso nos apresenta a feminilidade como algo que vai além da sexualidade, pois, ao desencadear esse processo, a mulher não está apenas tornando-se objeto sexual, mas ela encontra-se ativamente envolvida nessa recriação pessoal. Ainda de acordo com Talbot (1998), quando a mulher vai ao *shopping* comprar roupas e cosméticos, ela está tomando decisões a respeito do processo de se tornar feminina. A feminilidade é articulada em e por meio dos discursos do comércio e dos meios de massa, especialmente na indústria das revistas e na indústria do vestiário e dos cosméticos. Contudo, mais do que isso, a feminilidade é articulada no corpo das mulheres por elas próprias.

Em nossa cultura, a mulher é elemento mais marcado do que o homem, por sua possibilidade de escolhas mais amplas em relação ao vestuário, ao corte de cabelo, à maquiagem discreta ou mais extravagante, à seleção de estilo e cores de vestimentas para situações mais formais. Tal situação, na concepção de Tannen (1995), também se repete nos papéis profissionais, nos quais ela também é sobremaneira marcada, pois muitas configurações em relação ao trabalho já vêm marcadas com papéis preestabelecidos pelo gênero. Geralmente, espera-se que as mulheres, profissionalmente, desempenhem o papel de suporte.

As mulheres ainda são minoria nas posições de mando no cenário profissional e isso, na verdade, não deve despertar surpresa, pois simplesmente é a realidade atual. Porém devemos ter a noção clara do que é o mundo para quem é “exceção das expectativas”, ou seja, a cada momento que as mulheres vivem papéis inesperados, como os de posição de mando, elas devem lutar contra as suposições dos outros que não deveriam se aplicar a elas (TANNEN, 1995); assim como os *gays* lutam em defesa de sua orientação sexual. Partilho com a autora tal posicionamento em relação aos papéis já preestabelecidos para os gêneros, principalmente em relação ao âmbito profissional. Creio que, ainda por algum tempo, teremos tal situação em relação à área profissional, mas isso não significa que as mulheres devam submeter-se a julgamentos estereotipados, pois a submissão não leva à mudança, e esta tese, ao inserir-se na perspectiva discursiva crítica, acredita na mudança social.

Há número infindável de pesquisas, de acordo com Tannen (1995), que comprovam que, quando homens e mulheres estão em grupos, as mulheres mais facilmente mudam seu estilo para se adaptarem à presença masculina, porém raramente elas adotam o estilo masculino por completo. Em situações de trabalho, frequentemente vê-se homem como sendo o modelo. A conduta da mulher que tenta agir como ele não tem aceitação social. Na verdade, o que a autora enfatiza é o fato de que a mulher pode exercer funções masculinas, mas terá problemas ao comportar-se como homem.

Penso que não existe uma teoria sobre gênero, mas sim várias. Apresento também gênero, nesta tese, contrariamente à hipótese de que existem somente dois gêneros: feminino e masculino, como conjunto binário, como categorias excludentes uma da outra. Considero, também, que a categoria de gênero feminino não é única, nem a-histórica, pois há constitutivamente heterogeneidades de mulheres no universo feminino de gênero, assim como existem práticas sociais e discursivas nas quais elas se constituem. Isso, sem considerar o fato da diversidade subjetiva existente em cada mulher, como sujeito múltiplo, disperso no universo globalizado, que se fragmenta em várias situações de sujeito genérico, social, econômico e cultural.

As questões de gênero e a sua relação com a identidade das mulheres políticas do cenário nacional são abordadas por Avelar (2001) em sua obra *Mulheres na elite política brasileira*. A autora reforça o tema da identidade *como o sentimento que*

emerge do processo social pelo qual um se reconhece no outro. Em relação às mulheres esposas e donas de casa, ou aquelas envolvidas com a carreira profissional, suas histórias são consideradas pela autora como *verdadeiras histórias de reconhecimento, de autoreconhecimento e de reconhecimento social.* E o fator responsável por tal reconhecimento é a ação política por intermédio da qual entram em *redes de relações de conhecimento cujas experiências dificilmente são substituíveis pelas vivências solitárias anteriores, de fase em que não compartilhavam de projeto comum de conquista social e política.* Desse modo, entende-se, em relação à perspectiva da autora, que as mulheres, ao participarem da ação política, deixam suas histórias solitárias anteriores pelo reconhecimento social e, nesse momento, sua identidade social firma-se e a descoberta de si mesmas ocorre como resultado da participação em processo político coletivo.

A autora enfatiza, ainda, que *a narração é elemento importante para a constituição dessa identidade, pois, em sociedade da informação, é preciso narrar, falar sobre, construir discurso por meio do qual se tornem visíveis pessoas, instituições, situações antes totalmente escondidas e, por isso, inexistentes.* Por meio dos processos narrativos, ainda na perspectiva da autora (op. cit.), *falamos de outro, recriando-o,* enfatizando sua existência e colocando em destaque sua presença como *ator histórico.* Esse processo de construção de identidades – antes historicamente invisíveis pela ausência de registros, relatos, estudos, estatísticas – refere-se a militantes, políticos profissionais, estudiosos, enfim, a todos com o mesmo *ethos* político. Assim sendo, interpretando o que foi anteriormente exposto, entende-se que o ato de narrar é o responsável para que se conheça alguém e que, por meio dele, se tenha a possibilidade de ser reconhecido. Ainda, em relação à mulher e à sua função política, quem exerce a autoria dessa narrativa é a mídia por meio de suas observações a respeito da trajetória de tais sujeitos. Ao mesmo tempo, no universo midiático, essas mulheres encontram espaço para compor seus relatos e, por meio desse processo narrativo, tornam-se conhecidas e começam a situar-se historicamente. Essa duas perspectivas de constituição identitária são objeto de estudo da presente tese.

Como a abordagem da atual investigação refere-se ao gênero feminino e, mais especificamente, às mulheres que exercem função política no Brasil, torna-se interessante lembrar o percurso delas nesse território, ainda segundo Avelar (op. cit.). O direito de voto das mulheres foi estabelecido por decreto pelo Presidente Getúlio

Vargas, na data de 24 de fevereiro de 1932. Os temas feministas dos anos 1930 versavam sobre os interesses das mulheres trabalhadoras, a necessidade de instituir-se educação em colégios mistos, a mudança da legislação que reconhecia como incapaz a mulher casada, a política voltada às crianças abandonadas e a emancipação econômica das mulheres. No Governo posterior de Getúlio Vargas (1937-1945), a articulação de tais reivindicações foi diluída.

As mulheres votaram realmente em 1946 e houve retomada do ativismo feminino nos anos 1970 e 1980 (AVELAR, 2001). No período de 1974-1985, embora houvesse grande número de líderes femininas que saíam das universidades, dos movimentos de base da Igreja Católica, dos antigos partidos clandestinos, os partidos políticos permaneceriam fechados às representações de mulheres. A postura ideológica das mulheres tornou-se mais clara no momento em que surgia novo espaço político no país: o território político da esquerda.

Em nosso país, segundo Avelar (op. cit.), apenas em 1982, no final do período militar, uma mulher chefiou pela primeira vez um ministério: Esther de Figueiredo Ferraz tornou-se Ministra da Educação. No período da transição política, entre 1985 e 1990, três mulheres ocuparam cargos nos ministérios, incluindo-se aí a Presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, criado em 1985. No Governo Collor duas mulheres ocuparam o ministério e Itamar Franco, seu sucessor, teve em seu gabinete a Ministra do Planejamento Yeda Crusius e a Ministra da Administração Luiza Erundina. Uma mulher ocupou pasta do Ministério da Indústria e Comércio durante um ano e meio a partir de 1994. No Governo de Fernando Henrique Cardoso, Cláudia Costin ocupou a pasta do Ministério da Administração e, no Governo de Luis Inácio Lula da Silva, temos então as duas personagens investigadas por esta tese: Marta Suplicy, que no início do Governo era Ministra do Turismo, e Dilma Rousseff, no início Ministra das Minas e Energia e atualmente Ministra da Casa Civil.

Importante salientar, ainda na perspectiva de Avelar (op. cit.), que os temas defendidos por homens e mulheres na política são bem diferentes, já que elas, apesar das inúmeras identidades femininas relativas a origens de classe, de ideologia, defendem, em sua maioria, temas relativos a questões sociais, como: a política do bem-estar social, da preservação ambiental, as políticas pela maior equidade, as políticas de

desarmamento. Enquanto no universo político masculino, sobressai a política econômica, industrial, externa, de segurança nacional.

Gostaria, ainda, de salientar que apesar de todo o progresso na participação das mulheres no cenário político brasileiro e mundial, a vida política ainda é dominada pelos homens. Segundo a União Interparlamentar (UPI), organização internacional que se alia aos esforços das Organizações das Nações Unidas (ONU), para promoção da paz e o fortalecimento das instituições representativas, informação essa de Avelar (2001) passados 40 anos da adoção da Convenção dos Direitos Políticos da Mulher, a vida política e parlamentar continua dominada pelos homens em todos os países.

Traçar considerações a respeito das questões relacionadas ao estilo também é procedimento necessário para que seja possível investigarmos todas os elementos relativos às constituições identitárias aqui buscadas. Sabemos que a mesma língua é falada diferentemente nas várias regiões em que ela circula. Essa constatação, no entender de Fromkin e Rodman (1993), revela que os dialetos são fenômeno comum. Falamos, geralmente, dois ou mais dialetos na própria língua de acordo com situações específicas de comunicação. Esses *dialetos de situação* denominam-se *estilos*. As pessoas utilizam, na sua grande maioria, pelo menos, *estilo informal* e *estilo formal*. Muitas culturas, de acordo com os autores, têm regras de comportamento social que impõem o estilo, como as línguas indo-europeias que distinguem entre o tratamento para interlocutor familiar e interlocutor formal. O alemão *du* e o francês *tu* só são usados entre íntimos; *sie* e *vous* são mais formais. Algumas outras línguas têm ainda código mais complexo de utilização do estilo. Em tai usa-se *kin* (comer) entre as pessoas íntimas e em ocasiões extremamente informais; mas emprega-se *thaan* (comer) informalmente entre desconhecidos e usa-se *râbpràthaan* em ocasiões formais ou em conversa com pessoas importantes socialmente ou com pessoas que se respeitam, como os pais.

O estilo informal, frequentemente, desemboca no “calão”, o qual introduz muitas palavras novas na língua recombina palavras antigas com novos significados. O calão, ainda segundo os autores (op. cit.), emprega palavras já existentes na língua, atribuindo-lhes significados completamente novos, mas a verdade é que nem sempre é fácil o estabelecimento das fronteiras entre palavras que são calão e vocábulos que

fazem parte do uso corrente. Muitas vezes, o calão de uma geração não é o calão de outra, assim como varia, inclusive, de uma região para outra.

A gíria também é modalidade de linguagem que faz parte do estilo, na visão dos autores (op. cit.). As ciências, as profissões, o comércio e as ocupações usam grupo específico de palavras: algumas são consideradas *calão*, outras *termos técnicos*, de acordo com a posição social da pessoa que emprega tais termos *na moda*. Esses vocábulos são, muitas vezes, denominados *gíria*. Grande parte dos termos de gíria transforma-se em língua-padrão. Tanto a gíria quanto o calão iniciam sua trajetória por meio de um grupo reduzido de pessoas e, mais tarde, começam a ser compreendidos e usados por grande parte da população e, por fim, acabam, em alguns casos, penetrando no *círculo do uso formal*.

3.2 Elementos constitutivos da identidade: qualidade vocal e traços prosódicos

*“Her voice was ever soft, gentle and low, an excellent thing in woman.”
(William Shakespeare, King Lear)¹⁷*

William Shakespeare fez questão de deixar registrada a importância da voz para a constituição identitária. Na verdade, ao apontar tal característica vocal feminina, vai em direção a questões tão amplas quanto aquelas ligadas às visões hegemônicas de determinados períodos históricos e às questões de poder que se instalam ligadas ao gênero. O caso aqui exemplificado diz respeito às pressões sociais sofridas pelas mulheres para desencadearem um tipo de comportamento específico no universo característico da época.

¹⁷ “Sua voz era sempre macia, gentil e baixa, algo excelente para uma mulher,” William Shakespeare, Rei Lear (tradução nossa).

Procuro, neste momento, estabelecer ligações estreitas entre determinados *traços prosódicos*, como *tom, entoação, duração, acento* e a *tessitura*, que, relacionados ao estilo de fala das personagens aqui investigadas, estabelecem o modo pelo qual essas mulheres políticas constituem-se identitariamente na mídia falada. Esses traços, por não serem elementos segmentais (ao contrário, vão além deles), permitem que se investiguem componentes que ultrapassam os domínios da linguística fechada em si mesma e se chegue aos limites daquilo que excede a língua: a subjetividade, as características peculiares de determinadas falas, a exceção, as lutas de poder e pelo poder que se colocam no discurso desses sujeitos aqui investigados.

Justifico esse percurso em relação à investigação dos elementos prosódicos porque estes não são simplesmente adornos da fala. Compartilho a visão de Cagliari (2002, p. 38) a esse respeito:

Sons da linguagem não são letras da escrita ortográfica (nem da transcrição fonética), sons da linguagem não são apenas os segmentos fonéticos dos itens lexicais, o correspondente aos fonemas. Os sons da linguagem são todos aqueles elementos fonéticos presentes na fala e que a moldam para carrear os significados. Os aspectos prosódicos da fala fazem parte da própria essência da linguagem oral. A linguagem oral seria tão absurda sem a prosódia, como seria sem os fonemas.

Em momento algum, procuro esmiuçar a fonologia ou a fonética naquilo que as constitui e que se relaciona a seu campo investigativo. Mesmo porque concordo com Bakhtin (1999, p. 70), quando afirma que, se abordarmos o estudo do som em três perspectivas da realidade (física, fisiológica e psicológica), teremos, com certeza, conjunto complexo de numerosos elementos, mas essa complexidade estará desprovida de alma, já que seus componentes estarão alinhados, em vez de se apresentarem envolvidos por conjunto de normas internas, as quais poderiam lhes atribuir vida e transformá-los em fato linguístico. Esse conjunto, já tão complexo, só será significativo se for inserido no universo mais amplo da relação social organizada. Assim Bahktin (op cit.) conclui seu pensamento:

Assim como, para observar o processo de combustão, convém colocar o corpo no meio atmosférico, da mesma forma, para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos - emissor e receptor do som -, bem como o próprio som, no meio social.

O autor ainda vai mais longe ao expressar que é indispensável que esses dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata que aconteça relação de pessoa a pessoa sobre terreno bem definido. Portanto, somente *a unicidade do meio social* e a do *contexto social imediato* possibilitam que o complexo físico-psíquico-fisiológico vincule-se à língua, à fala e torne-se fato de linguagem.

Meu propósito, nessa perspectiva, é selecionar os elementos anteriormente mencionados (tom, entoação, duração e acento) para com eles chegar ao objetivo desta tese no que diz respeito às questões relativas ao gênero ora investigado. Acredito que tais elementos que acontecem no discurso oral possibilitam condições adequadas de investigação do estilo dessas personagens aqui focadas, desde que sejam investigados no âmbito da prática discursiva e da prática social.

As variações fonológicas, ou nuances de pronúncia, na perspectiva de Coates (2005), sinalizam importantes informações sobre aspectos da identidade social dos indivíduos, como a classe social, a idade, a etnicidade e o gênero. A autora exemplifica, afirmando que uma das mais populares generalizações sobre a fala de homens e mulheres é o fato de que o discurso feminino é mais conservador do que o discurso masculino, provavelmente pela razão de que a mulher tem mais consciência do seu *status* social, sendo mais educada, enquanto o homem é mais rude e prático.

Na categoria de gênero, a questão da qualidade de voz é, em alguns aspectos: a) componente biologicamente desencadeado; b) questão estilística e c) características relativas ao gênero. Explico melhor, ao ouvirmos a voz de alguém ao telefone, ou em outro meio que não nos possibilite a imagem da pessoa, somos capazes de identificar, com bastante certeza, se estamos ouvindo a voz de homem ou de mulher. Esse é o aspecto biológico, pois a voz de um indivíduo é produzida fisicamente, sendo, portanto, afetada por sua anatomia. No entanto, muitas vezes, a pessoa, sendo homem ou mulher,

apresenta determinadas características vocais independentes dos aspectos físicos, por exemplo, a característica de falar em tom alto, sempre, em quase todas as situações, seria aspecto ligado ao estilo. No momento em que existe maior dinamismo entonacional acompanhado de voz mais aspirada, com características de cochicho (menor atividade das cordas vocais, fechamento parcial e nenhuma vibração), estamos em presença da voz feminina, de acordo com Talbot (1998). Esse comportamento, nas palavras da autora, liga-se ao funcionamento inconsciente relativo ao gênero, o mesmo comportamento inconsciente que leva as mulheres a fecharem ou cruzarem as pernas ao sentarem e faz com que os homens as mantenham abertas. Na verdade, acredito muito mais em condicionamento social de falar baixo, enquanto os homens falam alto.

Os segmentos da fala, as consoantes e as vogais, no entender de Mussalim e Bentes (2004), têm características próprias, isto é, o som pode ser dental, nasal, sonoro, aspirado, fricativo etc. Na fala usual dos indivíduos e, inclusive, nas línguas e nos dialetos, é comum existir predominância de determinadas *qualidades fonéticas*, como as salientadas anteriormente. O inglês, por exemplo, ainda segundo as autoras (op. cit.), soa aos ouvidos de falantes de outras variedades do inglês e de outras línguas como sendo bastante nasalizado e retroflexo. O português soa como língua fricativa e nasalizada. Tais características gerais da fala são chamadas de *qualidade de voz*.

O modo mais simples para a identificação da qualidade de voz, ainda segundo as autoras (op. cit), encontra-se na produção individual. Assim, quando uma pessoa articula os sons com qualidades secundárias, na maioria dos segmentos, o resultado é a qualidade de voz específica daquele indivíduo, grupo, dialeto. Por exemplo, algumas pessoas costumam produzir os sons anteriores com a ponta da língua muito avançada, isso gera uma qualidade *dentalizada* de sua fala. Locutores de propaganda com voz muito grave apresentam qualidade de voz chamada de *creaky voice*¹⁸. Certos políticos, ao discursarem, apresentam qualidade de voz *velarizada*. Na verdade, o que se chama de qualidade de voz normal é a fala com qualidade *alveolar*.

¹⁸ “É o processo que modifica a corrente de ar pulmonar com vibrações muito lentas, produzindo uma qualidade fonatória de som muito grave (qualidade de voz de um cantor tipo baixo)”, segundo Mussalim e Bentes (2004, p. 112). A expressão é traduzida por Cagliari (2002, p. 71) como *voz trêmula*.

A investigação a respeito das características vocais relativas ao discurso das duas personagens principais analisadas nesta tese, Dilma Rousseff e Marta Suplicy, é de suma importância para o estabelecimento da constituição identitária dessas duas políticas, já que os aspectos sonoros do discurso transitam, como colocado anteriormente, em questões biológicas, estilísticas e de gênero. Portanto, o propósito, neste momento, é estudar quais são tais elementos fonológicos e em que medida eles se relacionam às questões identitárias. Porque, o tom, a entoação, a duração e o acento são, muitas vezes, escolhas que são feitas do mesmo modo como se seleciona o tipo de roupa que se usa, e essas decisões atribuem marcas estilísticas e identitárias relevantes aos agentes sociais.

O som é produzido pela interferência da corrente de ar no ato de expirar. Ao falarmos, os órgãos da fala interferem na passagem de ar que vem dos pulmões e sai pela boca via trato bucal. O tom é o nível relativo da altura da voz na pronúncia de uma sílaba ou palavra, segundo Weiss (1988), *é determinado pela frequência das vibrações das cordas vocais por segundo. Quanto mais tensas as cordas, tanto maior o número de vibrações por segundo e tanto mais alto o tom.* O modo como as outras pessoas percebem o tom, de acordo com Mussalim e Bentes (2004), depende de “alguma coisa a mais” chamada timbre. Este último é determinado pela caixa de ressonância que temos, o tamanho da cavidade bucal, espaço entre língua e palato e caixa craniana. O som produzido pela vibração das cordas vocais é realmente realizado por grupos de sons de diferentes frequências. Cavidade bucal grande produz frequências mais baixas; cavidade bucal pequena produz as frequências mais altas. A mulher, ainda segundo Weiss (1988), tem a voz mais alta que o homem.

A frequência fundamental e a estrutura ressonante, juntas, resultam no tom. Na fala, as pessoas variam o tom em grande escala para produzirem a entoação. As pessoas, também, têm possibilidades de fingir um tipo de voz. Podem, de forma deliberada, manipular os órgãos bucais para produzirem drásticas alterações de tom. O tom percebido de homens e mulheres possui determinantes anatômicos: o comprimento e a espessura das cordas vocais e a capacidade de suas câmaras ressonantes.

A constituição da voz sofre influência dos fatores físicos. Por sua vez, a voz feminina difere da masculina também por diferenças claramente aprendidas. Exemplos

a respeito de tal aspecto são retirados por Talbot (1998) dos dados da pesquisa realizada por Graddol e Swann (1983), no sul da Inglaterra, por intermédio da qual se comprova que os homens apresentam padrões monótonos de entonação, enquanto as mulheres demonstram grande variação entonacional, inclusive elas apresentam maior variação de tom entre elas do que os homens em relação a seus iguais.

Assim sendo, é possível afirmar que as diferenças em relação ao tom são culturalmente e biologicamente determinadas. A parte relativa à determinação cultural interessa sobremaneira a esta tese no sentido de que as mudanças culturais relativas ao tom podem, no gênero aqui estudado, estabelecer questões estilísticas e, mais do que isso, originar estratégias específicas engendradas pelos sujeitos estudados para a obtenção de determinados objetivos ligados às questões de poder que perpassam o discurso.

É bem verdade, como já foi colocado anteriormente, que a qualidade da voz atribuído ao discurso oral determinadas nuances que levam a traços distintivos importantes na constituição da identidade dos sujeitos aqui envolvidos nesta investigação. Não é menos verdadeiro que traços prosódicos¹⁹, como o *tom*, a *entoação*, a *duração*, o *acento* e a *tessitura*, também trazem à tona características relevantes para a constituição dessas mesmas identidades. Assim sendo, o objetivo deste item é levantar tais características teoricamente para que, depois, na análise do *corpus*, seja possível integrá-las ao estudo pretendido. É bem verdade que tais traços, no estudo de Fromkin e Rodman (1993), distinguem palavras e significados de frases em diferentes línguas, porém, nesta tese, e na perspectiva da ADC, esses mesmos elementos suprasegmentais serão abordados com propósito bem mais amplo: o de levantar constituintes estilísticos que conduzam a caracterizações identitárias específicas. Gostaria de lembrar novamente de que essa é perspectiva analítica que está sendo desencadeada pela primeira vez na área da abordagem crítica do discurso, já que Fairclough (2003a) propõe investigação nessa direção, mas não a realiza. Além disso, é preciso considerar que estou, neste momento, construindo o aparato teórico em perspectiva linguística bem mais fechada e restrita e que buscarei transferir tais

¹⁹ Ao segmentar-se a fala, as unidades chamadas *segmentos* são as que definem as vogais e as consoantes, segundo Mussalin e Bentes (2004). As unidades maiores do que os segmentos são denominadas *prosódicas*, como moras silábicas, pé, grupo tonal, tons entoacionais, tempo.

elementos para outro campo de investigação, no qual questões bem mais amplas são colocadas, como aquelas ligadas às constituições identitárias e às questões de poder e ideologia que se instauram nos discursos aqui investigados.

3.2.1 TOM E ENTOAÇÃO

Algumas propriedades dos sons são mais importantes do que outras, assim sendo, algumas diferenças entre os sons de um ato de fala são importantes como elementos distintivos, e outras podem ser consideradas como elementos expressivos. No entanto, a maioria dessas distinções ocorre sem nenhum propósito específico, sendo consideradas apenas repetições da mesma fala. Explico melhor, se alguém disser “Tudo bem?” em dois momentos diferentes no mesmo dia, os dois atos de fala não serão fisicamente idênticos, haverá ligeiras diferenças nos sons produzidos, mas elas não afetarão o sentido do significado nem mudarão o propósito expressivo inicial.

Falantes de todas as línguas, de acordo com Fromkin e Rodman (1993), variam seu tom de voz quando falam e o tom produzido depende da rapidez com que as cordas vocais vibram; quanto mais depressa vibrarem, mais alto é o tom. O modo como o tom é usado linguisticamente varia de língua para língua. Exemplifico tais considerações abordando a Língua Portuguesa. Não tem grande importância em nossa língua pronunciarmos, por exemplo, a palavra “casa” em tom alto ou baixo, pois significará sempre “casa”. Em outras línguas, como no caso do chinês, do vietnamita, do nupe (língua falada na Nigéria), o tom alto ou baixo usado na pronúncia específica das palavras pode modificar seu significado. Os autores exemplificam:

Em nupe, existem três tons:

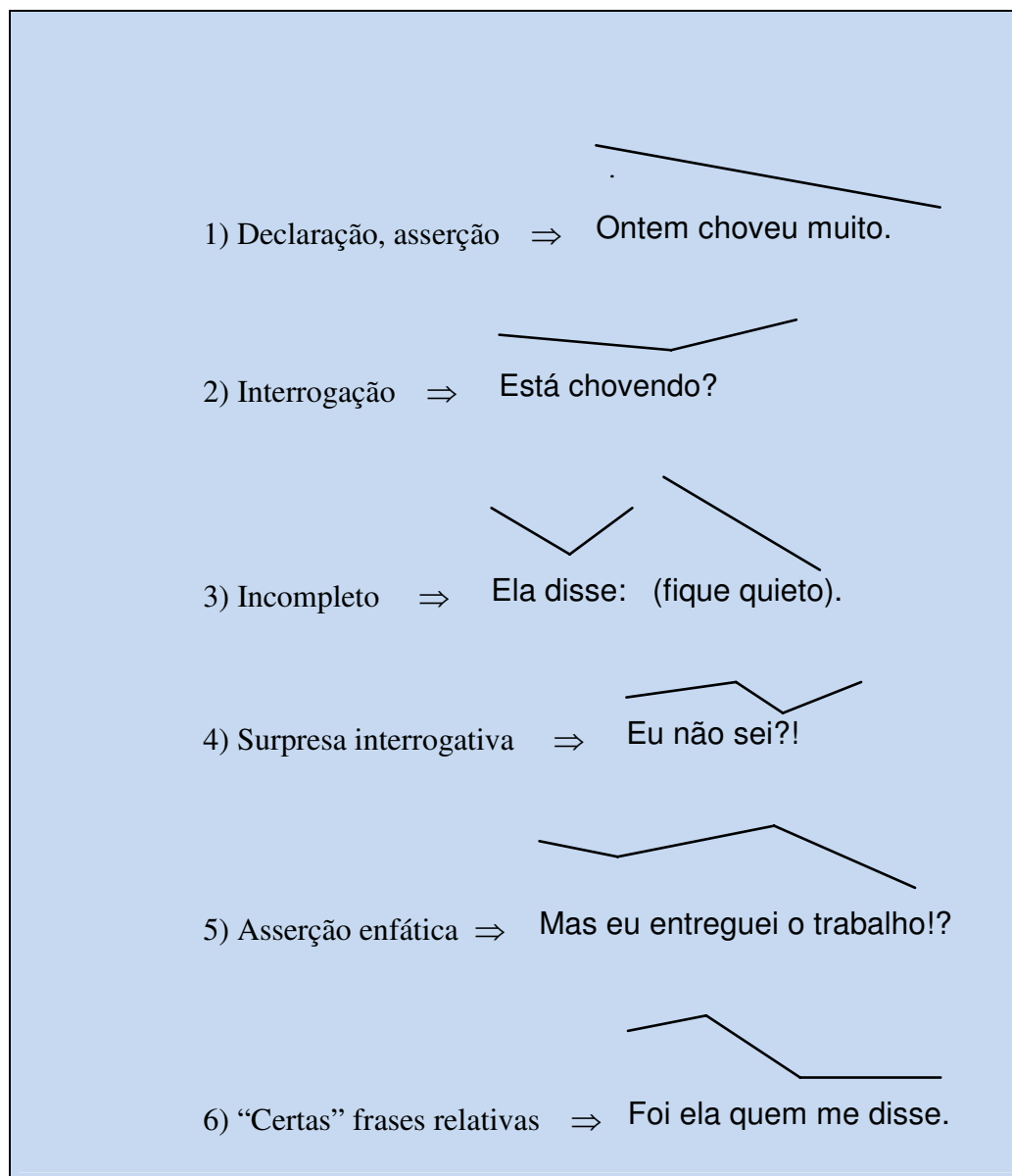
bá	[$\bar{\quad}$]	tom alto	“uma alcunha”
bà	[$-$]	tom médio	“cortar”
bā	[$\underline{\quad}$]	tom baixo	“contar”

Cabe mencionar, nesse momento, para as considerações feitas por Couto (1997), quando o autor salienta que *o tom, a entoação e o acento* devem integrar o estudo da fonologia da Língua Portuguesa. O tom precisa ser investigado em relação ao vocabulário, e a entoação, em referência ao enunciado. O acento, a força articulatória e respiratória maior na emissão de uma sílaba, por sua vez, efetiva-se em relação a esses dois níveis.

Todas as sílabas da fala são pronunciadas com determinada altura melódica, de acordo com Mussalim e Bentes (2004). Nas *línguas tonais*, como o chinês, cada sílaba das palavras tem altura melódica fixa. Nas línguas entoacionais, como o Português, tipos diferentes de enunciados apresentam padrões melódicos predeterminados pelo sistema. As autoras exemplificam: em Português, *as frases declarativas se distinguem das frases interrogativas porque as primeiras apresentam padrão entoacional descendente, e as segundas, um padrão descendente.*

Nas línguas entoacionais, como no Português, na perspectiva de Cagliari (1981, 1982), os diferentes tipos de enunciado apresentam padrões melódicos predeterminados pelo sistema. Assim sendo, nossa língua apresenta seis padrões entoacionais primários, cada qual podendo ter variantes, chamadas de padrões entoacionais secundários.

Os padrões entoacionais primários do português são os seguintes:



As variações que formam os *padrões entoacionais secundários*, ainda de acordo com Cagliari (op. cit.), acontecem de modos diversificados e provocam sempre pequenas alterações de significado no enunciado. Os *padrões entoacionais secundários*, junto com outros elementos prosódicos, disponibilizam acréscimos ao significado original do enunciado que representam, em última análise, a *atitude do falante*. Nessa

perspectiva, um enunciado pode revelar *tristeza, raiva, alegria, dúvida, incerteza, escárnio, zombaria* etc.²⁰ Alguns exemplos são apresentados a seguir:

1a) Declaração enfática ⇒ Ontem, choveu muito.

1b) Aserção forte, impaciência ⇒ Choveu muito ontem.

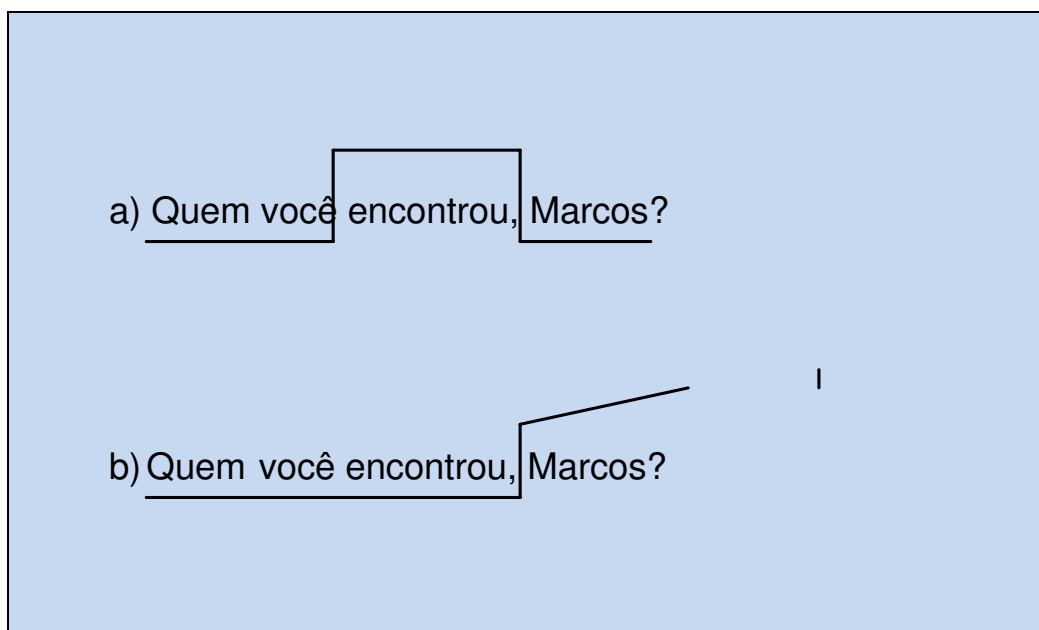
1c) Repetição, impaciência ⇒ Isso não é verdade!!!

1 d) Enumeração ⇒ manga, figo, uva e abacaxi.

2 a) interrogação fraca ⇒ Você comprou a lâmpada?

A entoação, segundo Fromkin e Rodman (1993), representa elemento importante, porque dois enunciados podem ser totalmente idênticos do ponto de vista fonético, exceto pelo modo como incide o contorno melódico sobre eles. A entoação pode ser empregada para distinguir significados. Por exemplo:

²⁰ Pike (1945) já chamava atenção para o fato de que as características da entoação podem ser , aproximadamente, divididas em muitos tipos. Alguns contornos podem ser completamente inexpressivos em significado e servem apenas a uma função mecânica, fornecem um molde no qual todas as frases daquele tipo devem se encaixar. Sua importância é para o aprendizado de uma língua, pois a falha em seu emprego rotula o falante como estrangeiro com um sotaque ruim. No entanto, há outras características da entoação que podem ser afetadas pelo estado psicológico do falante (raiva, alegria, contentamento) e também por sua faixa etária e gênero. Essas ajudam a identificar as pessoas e a descobrir como elas estão se sentindo.



Na frase **a**, o falante pergunta a Marcos quem ele encontrou. Na frase **b**, o falante pergunta a uma pessoa se ela encontrou Marcos. Na frase **a**, o padrão melódico sobe rapidamente na palavra “encontrou” e depois cai. Na frase **b**, a subida acontece na palavra Marcos e continua a subir sem qualquer descida.

A entoação, na abordagem de Moraes (1995), pode também especificar se um ato locucionário específico, como “Fecha a porta” deve ser interpretado como ordem, pedido, sugestão, conselho. Além disso, ainda segundo Moraes (op. cit.), o português, como muitas outras línguas, vale-se da entoação para segmentar o *continuum* discursivo em unidades de informação e para indicar se tal informação é nova (TEMA) ou dada (REMA). Isso se torna bastante verdadeiro quando o tema repete a informação já presente no contexto precedente. O rema caracteriza-se prosodicamente pelo movimento melódico na última sílaba acentuada – queda na asserção e subida na interrogação total. O padrão melódico do tema, no entanto, varia segundo sua posição na frase: quando precede o rema, há subida na tônica final na asserção e queda na questão total. No entanto, quando o tema segue o rema, há queda na asserção e subida na questão total.

Existe ainda, segundo Moraes (op. cit.), o termo *ênfase* usado na literatura especializada em várias acepções, mas o autor referido emprega especificamente em

relação *ao processo pelo qual se marca prosodicamente um ou mais itens lexicais, opondo-os a algo dito (ou inferido) pelo interlocutor anteriormente*. Esse é um processo paradigmático, por meio do qual se contesta explicitamente a informação dada, retificando-a. Apresento adaptação de dois exemplos sugeridos pelo autor a esse respeito:

1a) Pedro toca piano.

1b) Pedro toca **VIOLÃO** (implica: piano, ele não toca)



(proeminência entonacional da informação nova)

2a) Ele cumprimentou a garota de branco.

2b) Ele cumprimentou a garota **DE** preto.



(**de** → funciona como pré-tônica em relação ao vocábulo posterior e apresenta nível melódico alto)

Assim sendo, com base nos exemplos anteriores, Moraes (1995) descreve o perfil prosódico do enunciado que apresenta *ênfase opositiva*:

a) A sílaba tônica do vocábulo enfatizado é emitida com nível melódico baixo.

b) O nível melódico da sílaba que imediatamente precede a tônica é alto, seja essa sílaba tônica ou não, produzindo contraste entre a altura melódica da tônica e da sílaba precedente.

c) O padrão melódico da parte do enunciado que precede o vocábulo enfatizado não se altera, ou seja, corresponde ao padrão assertivo neutro, e o que segue a porção enfatizada caracteriza-se por apresentar tom baixo.

d) A sílaba tônica do vocábulo enfatizado apresenta igualmente maior intensidade e duração.

Desse modo, percebe-se que o tom é elemento importante para o estabelecimento do significado e não apenas para o proferimento de padrões frasais da língua, como as frases assertivas, interrogativas, exclamativas. E penso que tais variações, quando fogem aos padrões tonais já previstos no português (asserção, interrogação, exclamação), podem revelar significados específicos e, com certeza, estabelecem, muitas vezes, marcas entonacionais específicas, delineando estilos e configurando identidades.

3.2.2 O ACENTO NAS PALAVRAS E NOS ENUNCIADOS

O conceito de *acento*, originalmente, veio do Latim e significava a elevação da voz sobre determinada sílaba (*ad cantum*, “junto ao canto”), sendo que entrou com esse valor no português, segundo Moraes (1995). Pelo fato de essa elevação da voz servir a variados fins, posteriormente, tornaram-se mais específicas as várias acepções relativas ao termo, recorrendo-se a diversificadas classificações: *acento lexical*, *acento emotivo*, *acento de insistência*, *acento frasal* etc.

O *acento emotivo* refere-se às variações prosódicas decorrentes da presença, no momento da fala, de conteúdos expressivos, como emoções, atitudes, sentimentos etc. A noção de *acento de insistência* é mais abrangente e desdobra-se na conhecida dicotomia de Marouzeau (1924-25;1963 apud MORAIS, 1995) em *acento afetivo* (que se confunde com *acento emotivo*) e em *acento intelectual* ou *lógico* que acontece quando o falante tem o objetivo de chamar atenção sobre determinado item do discurso, opondo-se a outro que virtualmente apareça no mesmo contexto e que foi chamado por Moraes (1984) de *ênfase opositiva*.

O *acento lógico* e o *afetivo*, segundo Marouzeau (op. cit.), têm realizações fonéticas distintas: o primeiro manifesta-se em francês, sobretudo por variações de melodia; o segundo, por maior participação da intensidade. Há também distinções no uso da altura melódica entre os dois fenômenos, como é possível observar nos seguintes exemplos apresentados por Moraes (1995):

1) O que você achou do concerto?

Uma **POR**caria! (acento afetivo- ênfase intensiva)

2) Ele disse que achou uma sujeira...

(Não), uma por**CA**ria. (acento lógico - ênfase opositiva)

Depreende-se, por meio da observação dos exemplos, que, no *acento afetivo* (1), há elevação melódica da sílaba inicial, e, no *acento lógico* (2), no seu padrão mais difundido, é a pretônica que se apresenta elevada, o que acarreta, para esses dois tipos de acento, padrões melódicos diferentes, no caso em que não haja coincidência dessas duas sílabas. A intensidade e a duração também diferem nos dois casos: em (1), é a sílaba inicial que recebe a maior carga de intensidade e duração, enquanto em (2), isso ocorre sobre a tônica, e, desse modo, há, no acento lógico, dissociação entre a proeminência melódica (sobre a pretônica) e a da intensidade e duração (sobre a tônica), a qual, do ponto de vista perceptivo é, nessa situação, a dominante.

Em muitas línguas, inclusive no Português, uma ou mais sílabas de cada palavra lexical ou de conteúdo (palavras que não sejam os monossílabos átonos) recebem acento. Uma sílaba tônica ou acentuada é “produzida com pulso torácico reforçado”, ou seja, “na produção de uma sílaba acentuada temos um jato de ar mais forte (em relação às sílabas não acentuadas ou átonas)”, na concepção de Silva (2003, p. 77). Em algumas palavras, de acordo com Fromkin e Rodman (1993), pode-se encontrar mais de uma sílaba acentuada e, sendo assim, uma das vogais tônicas recebe mais acento do que as outras. A vogal mais acentuada é assinalada pelo sinal de acento agudo sobre ela (´), esta recebe, então, o acento ou acento principal ou ainda acento primário; enquanto as outras vogais acentuadas assinalam-se com o símbolo de acento grave (`) e recebem o acento secundário.

O acento principal pode, também, ser referenciado por números: o acento principal é assinalado pelo número **1**, e o acento secundário, pelo número **2**. Pode-se, ainda, segundo Silva (op cit.), marcar vogal tônica colocando-se apóstrofo precedendo a vogal ou sílaba acentuada e marcamos o acento secundário com apóstrofo colocado na parte inferior. Ao acentuarmos uma sílaba, podemos alterar o *tom* elevando-o, ou tornar essa sílaba mais intensa ou mais longa. Muitas vezes, fazemos uso desses três traços fonéticos para acentuar uma sílaba. Tais considerações são tão relevantes que, ainda segundo Couto (1997), tanto que se alguém pronunciar uma palavra em português apenas com tons, o falante tenderá a interpretar a sílaba com tom mais agudo como

sendo tônica. Por fim, pode-se dizer que a sílaba tônica pode conter ao mesmo tempo intensidade maior, ser mais longa e ter tom mais alto do que as sílabas subjacentes.

Uma sílaba só é tônica ou átona em relação às demais. Em termos fonéticos, uma sílaba isolada, no entender de Mussalim e Bentes (2004), não é átona nem tônica. Desse modo, vocábulos como *é*, *há*, *só*, *pé* etc. proferidos, individualmente, não são átonos nem tônicos, já que não há com o que compará-los. Assim sendo, no entender de Moraes (1995), o contraste entre sílabas tônicas e átonas é irrelevante em monossílabos que recebem ou não acento frasal em relação à posição em que ocupam no grupo prosódico. Algumas partículas gramaticais classificadas como átonas, ou não acentuadas (preposições *de*, *por*, *para*), devem sua atomicidade não a alguma característica intrínseca, mas à sua função de elo entre as palavras na frase, e isso impede que apareçam na fronteira de unidade sintática, porém, em contexto metalinguístico, no qual podem ocupar tal posição, tais partículas receberão acento, por exemplo:

Você disse **DE** ou **PA**ra?

Há três tipos de sílabas tônicas: a de acento primário, a de acento secundário e, ainda, as que têm acento frasal. No momento, já que os outros tipos de acento foram especificados anteriormente, interessa o *acento frasal*. Ainda de acordo com Mussalim e Bentes (op. cit.), temos a exemplificação desse fato: a palavra *cafezinho*, proferida isoladamente, recebe o acento primário na penúltima sílaba (*zi*) e o acento secundário recai na antepenúltima sílaba (*fe*). Porém na frase “Vou tomar um cafezinho”, a sílaba *zi*, que já era acentuada, recebe o acento frasal. Desse modo, o acento frasal sempre coincide com a sílaba que tem acento primário ou com o monossílabo isolado. O acento frasal, ainda segundo as autoras (op. cit.), é *definido pela mudança no contorno da variação melódica das sílabas, ou seja, da entoação*. É importante considerar também que as variações em relação às diferentes colocações do acento frasal acabam mudando o foco dos enunciados e, assim sendo, suas especificidades semânticas. A seguir, são apresentados exemplos sugeridos por Mussalim e Bentes (2004, p. 114). As sílabas com acento primário vêm em negrito e as sílabas com acento frasal vêm sublinhadas:

- a) ela **foi** ao cinema ontem.
- b) ela **foi** ao cinema **ontem**.
- c) ela **foi** ao cinema **ontem**.
- d) ela foi ao cinema **ontem**.

As diferentes colocações do acento frasal, nos enunciados anteriores, poderiam responder às seguintes questões:

- a') quando ela foi ao cinema?
- b') onde ela foi ontem?
- c') quem foi ao cinema ontem?
- d') ela foi ao ou no cinema ontem?

O fato colocado anteriormente é elemento extremamente importante para a investigação do estilo, pois, no momento em que o sujeito falante desloca o acento frasal ou o coloca em determinada posição e não em outra, aí, inserem-se marcas de subjetividade que podem auxiliar no entendimento do discurso em que os sujeitos aqui investigados inserem-se.

A relação entre o acento primário, o acento secundário e a ausência de acento, segundo Couto (1997), leva à construção do *ritmo da fala*, o qual organiza a cadeia sonora de acordo com a distribuição do acento nas sílabas. O ritmo tem a função linguística de organizar a cadeia segmental a uma estrutura acentual.

Faz parte do conhecimento dos falantes a respeito das línguas o fato de saberem proferir as palavras com a adequada tonicidade. Embora a *intenção fonológica* relativa à palavra sapato seja [sa²pa¹tu³], o vocábulo pode ser proferido sob diversas formas. O

autor supracitado exemplifica: em estilo cuidado, lento e/ou enfático, como na situação em que o alfabetizador dita a palavra a seus alunos, observa-se a tendência à recuperação da tonicidade universal originária, nesse caso, a forma que ocorre é aproximadamente [sa¹pa¹to¹]²¹. Quando se chama alguém de longe, dando-se ênfase a esse chamado, geralmente se diz, por exemplo, [a¹na¹]. Em situações de fala mais descuidada, podem ocorrer outras formas ainda mais variadas. Assim, Couto (op. cit.) conclui, que a tonicidade é a vida das vogais. Assim sendo, “nesse processo temos um *continuum* que vai de uma tonicidade igual em todas as sílabas até a morte ou elisão de algumas delas”. Creio que tais considerações são importantes pelo fato de que, no momento em que a tonicidade padrão é modificada ou, em alguns casos, enfatizada, aí se instalam questões estilísticas ligadas aos modos particulares do falar dos sujeitos investigados por esta tese. Tais variações fonológicas inscrevem no discurso determinados propósitos ligados aos perfis identitários e às questões hegemônicas de poder. Desse modo, as constituições identitárias aqui investigadas estão constitutivamente atreladas a essas nuances de variação de tonicidade, as quais são empregadas pelas personagens para atingir seus propósitos políticos.

No momento em que as palavras combinam-se em enunciados, ainda segundo Fromkin e Rodman (op. cit.), uma das sílabas recebe maior acento que todas as outras. Assim como uma palavra articulada só tem um acento principal, também em um sintagma apenas uma vogal apresenta acento principal; todas as outras vogais acentuadas recebem acento secundário.

Ao término dessas considerações, chamam-nos atenção as observações de Bolinger (1964) a respeito do acento. Na concepção do autor, um acento, ao demonstrar a importância de uma palavra, inevitavelmente, mostra ao mesmo tempo a relevância dessa palavra para nós. É como se alguém dissesse: “Isto me excita!” E deixasse o ouvinte inferir: “Vale a pena também ficar excitado com isso”. Assim, ao interpretar essas considerações de Bolinger (op. cit.), penso que todo processo dialógico aí se coloca. Na concepção do autor, o falante, ao empregar o acento em determinado

²¹ Esse modelo é considerado por Couto (1997, p.157) como um padrão de tonicidade semelhante ao do estágio inicial da pronúncia infantil.

vocábulo, convoca o ouvinte a participar de suas crenças e valores a respeito do que essa palavra significa.

3.2.3 A DURAÇÃO DA ELOCUÇÃO

As questões relativas às pausas interessam sobretudo no sentido de que podem atribuir características estilísticas específicas ao discurso oral das personagens por esta tese investigadas e também possibilitam o surgimento de significados particulares ao discurso oral no momento em que refletem hesitações ou apresentam-se marcadas com o propósito de enfatizar ou reduzir determinadas partes do discurso.

Primeiramente, de acordo com Mussalim e Bentes (2004), é necessário não confundir *ritmo* com *velocidade de fala* nem com *tempo*. *O ritmo é a maneira como as línguas organizam a substância fonética no tempo*, considerando-se a relação de proeminência entre sílabas e acentos. Todo padrão rítmico pode ser proferido com maior ou menor velocidade de fala, do mesmo modo que uma música não muda o ritmo se executada mais rápida ou mais lentamente (por exemplo, uma valsa pode ser executada bem lentamente ou com andamento mais rápido, nem por isso deixará de ser valsa). As variações relativas à velocidade da fala ocasionam modificações fonéticas. Em uma fala rápida, há disponibilidade maior para a centralização vocálica, para a queda de segmentos, para a coarticulação, para a perda de qualidades articulatórias e, em último grau, para a conseqüente perda de inteligibilidade. Na fala lenta, o falante pode apresentar problemas de articulação, enquanto o ouvinte demonstra dificuldades em relação à percepção do que está sendo dito. A inserção de segmentos e a perda de qualidades articulatórias são as características mais relevantes dessa modalidade. Concluindo as ideias das autoras (op. cit.), acrescento que, na fala rápida, muitas vezes, não existe a preocupação detalhada em relação ao que está sendo dito. Em outras situações, é a falta de importância do assunto tratado que a ocasiona. No entanto, a fala lenta é usada, em algumas situações, para salientar o que está sendo proferido e para chamar atenção a respeito do enunciado veiculado.

Na verdade, as variações de velocidade da fala, muitas vezes, segundo Moraes e Leite (2002), correlacionam-se com a carga informacional que o falante atribui ao que

está sendo dito. Essas variações podem, ainda, no entender de Passos et al. (1979), estar relacionadas com os elementos a seguir apresentados:

- a) O envolvimento do falante;
- b) o tema do discurso;
- c) o grau de formalidade;
- d) a atenção dispensada à fala;
- e) a atenção referente ao assunto.

A relevância das variações na velocidade da elocução para esta tese origina-se das afirmações de Mussalim e Bentes (2004) em relação ao fato de que tais alterações podem ser empregadas com propósitos específicos. Em certos limites, essa variação pode ser utilizada para enfatizar o que se diz (desaceleração), para coibir a intromissão do interlocutor (aceleração) ou para indicar final de argumentação e de turno discursivo nos diálogos (desaceleração).

Os fenômenos pausais também são relevantes para a constituição do estilo dos sujeitos falantes, já que elas são elementos que instauram de maneira bastante particular questões de subjetividade no discurso. As pausas apresentam, no estudo de Moraes (1995), três formas básicas: pausa silenciosa entre os constituintes – com funções sintática, respiratória e de hesitação; pausas cheias, usadas como preenchedores – ruídos, como *hei, â*; alongamentos não expressivos – vocálicos ou consonantais.

Nossa vivência em relação aos elementos prosódicos permite fazer algumas considerações neste momento. Partindo das situações reais de fala, creio ser a respiratória uma pausa silenciosa que geralmente coincide com a sintática. A pausa de hesitação, pela experiência de fala que se tem, é usada para que o sujeito disponibilize de tempo para encontrar termo, expressão ou até as ideias que se perderam durante a elocução. Os alongamentos não expressivos, como quando o falante diz algo como *ele*

falouuuuuu queeeeeee..., referem-se a prolongamento no final do vocábulo. Muitas vezes, tais alongamentos são empregados com o objetivo de enfatizar determinados elementos do discurso, como na situação em que o falante alonga a *sílaba tônica* da palavra, por exemplo, *a professoooooora de fonética*.

As funções das pausas, ainda segundo Moraes (op. cit), são de estruturação gramatical, de hesitação/planejamento, retóricas (quando acontecem em momentos importantes do discurso) e de respiração (que se sobrepõe à estruturação gramatical). Há, evidentemente, determinadas correlações entre o tipo de pausa e sua função básica. Sendo assim, as pausas cheias (preenchedoras) manifestam a hesitação/planejamento do discurso, bem como os alongamentos não expressivos (vocálicos ou consonantais). Esses alongamentos incidem na fronteira do vocábulo (uma casaaa maissss). A pausa sintática é pausa silenciosa, porém nem toda pausa silenciosa é, necessariamente, pausa sintática (pode ser de hesitação ou respiratória). A pausa respiratória acontece em local de ruptura sintática, fazendo que seja difícil, muitas vezes, distinguir os dois fenômenos. Há ainda correlação importante a pausa de hesitação/planejamento, entre a extensão dela e o grau de informação do vocábulo subsequente, o que caracteriza intervalo expressivo, enfático, retórico.

3.2.4 A TESSITURA

Na fala de um indivíduo, na abordagem de Mussalin e Bentes (2004), o espaço existente entre o som mais grave e o som mais agudo chama-se tessitura. Como na música, determinada melodia da fala pode continuar com a mesma curva, mas localizar-se em escala superior ou inferior. A fala, de modo geral, abrange o intervalo (tessitura) de uma oitava e meia. Sempre que alguém modifica a frequência dessa escala para cima, a fala torna-se aguda. Quando efetua a mesma mudança, porém para baixo, a fala torna-se grave. Essas variações acarretam acréscimo de significado do discurso.

Em palavras ou expressões intercaladas, o uso da tessitura é frequente, e elas são pronunciadas com tessitura baixa. Em um texto, a tessitura mais baixa em determinada passagem, pode, por exemplo, indicar que aquele trecho é de significância menor que outros ou que apresenta ideias secundárias. Esse recurso, segundo as autoras (op. cit.) é

muito comum quando as pessoas contam histórias, as várias tessituras colocam em pé de igualdade de importância segmentos textuais que se encontram em distintas partes do texto. É por esse motivo que palavras como *então*, *daí*, *portanto* etc. são usadas no final de parágrafo com tessitura mais alta, pois elas sinalizam retomada de assunto. Nos textos argumentativos, à medida que os argumentos são colocados, a tessitura vai abaixando. Tal procedimento é usado para não possibilitar que o interlocutor interrompa o que está sendo dito, visto que a tessitura sinaliza os turnos linguísticos nas situações de diálogo.

Ao término deste capítulo a respeito de *gênero*, *estilo* e *voz*, algumas observações tornam-se pertinentes. A relação gênero/linguagem é estreita no sentido de que as questões relativas ao gênero aí se representam simbolicamente por intermédio do discurso midiático que constitui identitariamente as mulheres que exercem liderança política em nosso país atualmente. Em contrapartida, essas líderes políticas constituem-se identitariamente no discurso televisivo por meio de estilo particular de fala. Abordar gênero como categoria social atada às questões políticas, às econômicas e às culturais, tirá-lo, portanto, do confortável domínio epistemológico, permite que se chegue a fronteiras mais amplas, àquelas relativas à ideologia e às questões de poder.

Os elementos prosódicos apresentados neste capítulo, sem intenção de examiná-los na mesma profundidade realizada nos domínios da fonética e da fonologia, apresentam a função básica de realçar ou reduzir determinados aspectos representados no discurso oral, possibilitando mapeamento desse discurso relativo às personagens políticas aqui investigadas. No meu entender, a *qualidade de voz*, o *tom*, a *entoação*, o *acento*, a *duração* e a *tessitura* são elementos de base que servem para avaliar os valores semânticos, discursivos e ideológicos que aí se apresentam.

A importância da investigação desses elementos para esta tese encontra-se no fato de que eles, como elementos linguísticos, possibilitarão o estudo a respeito do estilo de fala dessas personagens políticas aqui investigadas.

CAPÍTULO 4

A PESQUISA QUALITATIVA CRÍTICA: APRESENTAÇÃO DO *CORPUS* E CATEGORIAS ANALÍTICAS

Dedicar-se à pesquisa pós-moderna crítica é participar de um processo de elaboração crítica do mundo, orientado pelo esboço vago do sonho de um mundo menos condicionado pela miséria, pelo sofrimento e pelas políticas da falsidade. Em poucas palavras, trata-se de uma pragmática da esperança em uma era de razão cínica.

(DENZIN et al., 2006, p. 305)

Este capítulo aborda a pesquisa qualitativa, na perspectiva de Denzin et al. (2006), Flick (2004), Bauer e Gaskell (2005), como modalidade investigativa que permite o exame de questões linguísticas relacionadas a questões sociais em busca transdisciplinar e crítica. Delimita o *corpus* e apresenta os seguintes procedimentos estratégicos para sua análise: *delineamento da pesquisa, métodos de coleta de dados, abordagem descritiva e analítica dos dados*. Emprega, também, as categorias investigativas de Fairclough (2003a) relativas às *análises internas e externas dos textos*.

4.1 A pesquisa qualitativa crítica e as múltiplas práticas interpretativas

A escolha da pesquisa qualitativa deve-se ao fato de essa possibilitar abrangência de investigação que perpassa *disciplinas, campos, temas e permite a interligação de termos, conceitos e suposições* (DENZIN et al., 2006, p. 16). Essa modalidade de investigação permite a abordagem de questões linguísticas relacionadas às práticas sociais em busca transdisciplinar e crítica, já que a pesquisa qualitativa, no momento pós-moderno, é “uma atividade situada que localiza o observador no mundo por intermédio de práticas interpretativas que transformam o mundo em uma série de representações” (op.cit. p. 17). Uma pesquisa crítica pós-moderna exige dos

pesquisadores nova percepção de mundo, que possibilite o questionamento sobre o que parece óbvio e natural. Dedicar-se a esse modo de pesquisa “é participar de um processo de elaboração crítica do mundo, orientado pelo esboço vago do sonho de um mundo menos condicionado pela miséria, pelo sofrimento e pelas políticas de falsidade” (DENZIN et al., p. 305). Essa alternativa é, em minha opinião, apropriada para a investigação ora proposta, já que as mudanças aceleradas ocorridas com a globalização apresentam novas perspectivas e práticas sociais, de tal modo que, segundo Flick (2004, p. 18), as metodologias indutivas tradicionais (questões e hipóteses de pesquisa oriundas de modelos teóricos e testadas sobre a evidência empírica) mostram-se ineficientes e, conseqüentemente, as estratégias indutivas instalam-se como possibilidade investigativa mais viável. Desse modo, em vez de partir de teorias para depois testá-las, são necessários *conceitos sensibilizantes* para a abordagem de contextos sociais. Assim, “o conhecimento e a prática são estudados como conhecimento e práticas locais” (FLICK, op. cit).

O processo de pesquisa, aqui desencadeado, insere-se, de certo modo, no que Flick (op. cit., p. 58) denomina de *grounded theory*. A atual metodologia dá preferência aos dados e ao campo de estudo, reformulando, a cada momento, se necessário, as suposições teóricas *a priori*. Os elementos a serem investigados são selecionados de acordo com sua relevância para o campo de pesquisa e aumenta-se a complexidade do procedimento ao incluir-se o contexto de investigação. Desse modo, as questões de pesquisa são delineadas por meio de aspectos teóricos, porém isso não significa dizer que a culminância da análise dos dados aconteça no interior desse universo estabelecido anteriormente. De certa maneira, tal procedimento possibilita a descoberta de elementos não previstos, o que, com certeza, não seria possível se o pesquisador fixasse em sua mente um ponto investigativo selecionado por meio de expectativas e escolhas teóricas anteriormente determinadas.

Proponho para o atual processo investigativo as seguintes etapas, as quais foram inspiradas nas considerações de Flick (2004), Bauer e Gaskell (2005) e reformuladas, em alguns aspectos, para os propósitos desta tese: *delineamento da pesquisa* de acordo com seus procedimentos estratégicos: levantamento por amostragem teórica (de base e periférica) e estudo comparativo; *métodos de coleta de dados*: observação e seleção sistemática de textos da mídia impressa e da mídia televisiva brasileira; *abordagem*

descritiva e analítica dos dados: análise interna e externa dos textos. Esses procedimentos serão explicitados posteriormente.

4.2 Delineamento da pesquisa de acordo com seus procedimentos estratégicos

O material específico selecionado para a investigação desta tese diz respeito ao princípio básico da *amostragem teórica*, o qual, na concepção de Flick (2004), é a forma genuína e típica da seleção de material na pesquisa qualitativa, pelo fato de ser estratégia mais concreta que se situa, desse modo, mais perto da vida cotidiana. O *corpus*, para ser significativo, de acordo com Bauer e Gaskell (2005), deve ser representativo. Para tanto, serão usadas as seguintes estratégias seletivas: a) *seleção de casos típicos* (amostragem de base): representativos de matérias a respeito de mulheres que exercem função política no Brasil atual, os quais permitirão que o campo investigado seja revelado por meio de sua constituição interna e central; b) *variação máxima na amostra* (amostragem periférica): integração de caso ou de alguns casos que sejam o mais diferente possível da amostragem típica para revelar o alcance da variação e da diferenciação no campo pesquisado; e c) *critério de conveniência*: refere-se à seleção daquela amostragem mais adequada e mais fácil de ser acessada na presente situação de pesquisa, ao levar-se em consideração o tempo despendido para sua realização.

Os casos típicos selecionados dizem respeito às matérias veiculadas na mídia impressa e televisiva a respeito da Ministra da Casa Civil Dilma Rousseff e da ex-Ministra do Turismo Marta Suplicy. Tais matérias referem-se, na mídia impressa, a textos escritos, fotos e charges; na mídia televisiva, a depoimento de Dilma Rousseff e debates políticos com a participação de Marta Suplicy. A variação máxima na amostra será obtida por meio da abordagem de textos referentes a outras trajetórias políticas do gênero aqui investigado, que revelem a variação de abordagens no interior do campo investigativo. Em relação ao critério de conveniência, optei por selecionar o *corpus* em jornais, revistas e televisão brasileira, o qual foi, em maior quantidade, colhido na mídia impressa de Brasília.

4.3 Métodos de coleta de dados

O procedimento para a coleta de dados será realizado, inicialmente, por observação e seleção sistemática de textos da mídia impressa brasileira (notícias, entrevistas, fotos e charges), o qual possibilitará a análise dos processos engendrados pela mídia pós-moderna globalizada para a constituição identitária das personagens aqui investigadas. A seguir, o exame do estilo de fala dessas personagens ocorrerá por intermédio da audição e da análise do depoimento de Dilma Rousseff no Senado Federal e, também, por meio de três debates políticos ocorridos em São Paulo com a participação de Marta Suplicy. A fala das personagens foi apresentada na mídia televisiva, porém, para efeitos de análise, foi coletada no *Youtube*. Os exemplos selecionados são amostras representativas de constituições identitárias, engendradas pela mídia impressa e televisiva, relativas a essas duas mulheres que exercem papel político no cenário brasileiro. Essa modalidade de coleta de dados, segundo Bauer e Gaskell (2002), objetiva a compreensão mais detalhada a respeito de crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos dos agentes em contextos sociais específicos. O objetivo da presente pesquisa, portanto, é investigar como essas duas líderes políticas do cenário brasileiro são constituídas identitariamente pela mídia impressa e como essas, por intermédio de sua fala, constituem-se na mídia televisiva.

4.4 Apresentação do *corpus*

A investigação aqui desenvolvida, por inserir-se no âmbito da pesquisa social qualitativa, propõe trabalho intensivo de análise, o qual é aplicado a amostras produtivas de material de pesquisa em lugar de grandes corpos de textos.

O *corpus* selecionado diz respeito aos textos da mídia impressa (jornais e revistas brasileiros), nos quais são coletadas as metáforas linguísticas e as metáforas visuais que serão investigadas. Refere-se, também, a textos da mídia televisiva (coletados no *Youtube*), especificamente, ao depoimento de Dilma Rousseff, no Senado Federal, sobre o dossiê de Fernando Henrique Cardoso e ao debate político entre Marta

Suplicy e Gilberto Kassab para a prefeitura de São Paulo, em 2008. Em segundo plano, em alguns momentos, serão feitos alguns comentários comparativos com a constituição identitária de *Heloísa Helena*, na mídia impressa, já que ela, atualmente, está praticamente ausente do cenário político. Os textos selecionados referem-se a notícias, entrevistas, charges, fotos, depoimentos e debates políticos, os quais apresentam a trajetória dessas mulheres no contexto político brasileiro no universo da globalização.

A escolha recai sobre a mulher porque atualmente ela vem conquistando, de modo bastante rápido, lugar de destaque no universo político nacional e internacional. Quando comecei a pensar meu projeto de doutorado, no início de 2003, os cargos políticos importantes, como o de Presidente, ficavam quase todos nas mãos dos homens. Atualmente, já temos vários postos políticos de extrema relevância ocupados por mulheres (Michelle Bachelet – Presidente do Chile; Cristina Kirchner – Presidente da Argentina; Ângela Merkel – Primeira-Ministra da Alemanha; Hillary Clinton – ex-candidata à presidência dos Estados Unidos e, atualmente, Secretária de Estado; Dilma Rousseff, Ministra-Chefe da Casa Civil; Marta Suplicy, ex-Ministra do Turismo e assim por diante). Comprova-se, portanto, que, em curto período de tempo, esse gênero aflora no cenário político e está, sem dúvida, traçando os rumos de nova história. Investigar a constituição identitária dessas personagens, traçada *na e pela* mídia pós-moderna, considerada no interior de prática social contemporânea e específica, é meu objetivo.

Tenho acompanhado, tanto no campo midiático como um todo, como especificamente na mídia impressa, o modo pelo qual os textos que dizem respeito às mulheres políticas brasileiras da atualidade são construídos no interior das práticas sociais. Ao considerar as observações realizadas em relação ao *corpus*, noto as questões de poder subjacentes à representação dessa identidade feminina, bem como os processos engendrados para a constituição desse perfil.

A condição feminina relativa à mulher que detém poder no âmbito político é questão social sobremaneira relevante e complexa, merecendo, portanto, análise aprofundada, já que a mulher pública, ao mesmo tempo em que exerce poder socialmente, de certa forma, a este é subjugada. Como mulher e como política, participa de dupla saga: esta, empreendida pelas mulheres em todas as classes sociais para a busca de espaço, respeito e dignidade; e aquela, enfrentada pela mulher pública que está no poder, sendo minoria nos cargos políticos e sofrendo, dessa maneira, o desdém e o

descrédito dos concorrentes homens que, muitas vezes, exploram e estimulam a misoginia no eleitorado brasileiro.

Investigar o discurso da mídia em relação a tal questão de gênero, bem como examinar o modo pelo qual essas mulheres públicas colocam-se na mídia televisiva, possibilita-nos reconhecer a natureza e a complexidade das questões relativas às esferas públicas, bem como o pluralismo dos interesses sociais e das formas de poder aí envolvidas. Dessa maneira, torna-se instigante questionar o modo pelo qual a mídia contribui para a difusão de informações a grandes audiências e desvendar o seu real papel como elemento essencial na criação de espaço para a deliberação social no sentido de *intercâmbio de razões em público*²².

Além disso, os textos midiáticos apresentam-se ideologicamente marcados e engendrados por relações de poder. Como textos situados no universo da globalização, esses se constituem no âmbito da multimodalidade e desempenham importante papel, no seu universo constitutivo, não apenas da palavra escrita, mas de todo o aparato semiótico, permitindo o exame de gama de elementos, o qual se desencadeia por meio da relação existente entre os aspectos textuais e os sentidos sociais.

Na sociedade capitalista, a mídia alcança importância econômica, já que os produtos apresentam caráter linguístico, ou seja, são criados, desenvolvidos e divulgados em contexto específico de linguagem. Considerando-se que os sujeitos políticos conhecem a importância da linguagem da qual se servem, bem como a relevância da mídia na veiculação de ideias, empreender a dissecação dessas relações existentes entre língua, mídia, globalização e mudança social possibilitar-nos-á, concomitantemente, a compreensão de questões que dizem respeito à relação entre discurso e as outras facetas extradiscursivas do mundo social, estabelecendo-se diálogo estreito entre teoria social crítica e linguística.

A importância de realizar esse percurso analítico, abordando-se o texto midiático e sua relação com a política, é o fato de que a mídia representa alvo prioritário de ação

²² Lemos et al. citam Cohen (1997, p. 73), dizendo que é condição fundamental para a obtenção de legitimidade para o exercício do poder público e de racionalidade para a tomada de decisão na política que aquilo que é considerado como interesse comum seja resultado de um processo de deliberação coletiva entendida não como tomada de decisão ao que acontece em determinado momento, mas, contrariamente a isso, como um processo argumentativo, ou seja, *intercâmbio de razões em público*.

estratégica dos personagens sociais, principalmente aqueles do cenário político²³. Dessa maneira, viabiliza-se a discussão a respeito do espaço de visibilidade midiática como território favorável à repercussão de estratégias e contraestratégias que subjazem aos discursos. Além disso, Fairclough (2006) apresenta a mídia como uma das vozes mais importantes da globalização porque *nela e por meio dela* as outras vozes se constituem.

O fato de estar em Brasília, centro do poder do país, onde todas as lutas deságuam, confluindo para a busca de soluções, de certo modo convida-me e me inspira a realizar a presente proposta investigativa. Examinar cuidadosamente a resistência feminina e a sua luta pelo direito de enunciar, ou seja, de produzir sentidos, desafia-me não apenas por fazer parte desse gênero, mas, sobretudo, pelo fato de que este estudo possibilita o desvelamento da atual criticidade midiática, sua função de desvendar mentiras e segredos subjacentes aos meios políticos, trazendo à tona os mecanismos linguísticos e discursivos empregados na construção do perfil identitário da mulher pública.

Investigarei a constituição do perfil identitário de duas personagens importantes atualmente no universo político brasileiro: a ex-Ministra do Turismo e ex-candidata à última eleição à prefeitura de São Paulo – Marta Suplicy – e a também atual Ministra da Casa Civil – Dilma Rousseff, personagens importantes no segundo mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A presente análise centra-se especificamente nessas duas constituições identitárias pelo fato de elas serem engendradas midiaticamente com características identitárias totalmente distintas, e isso possibilita visão mais acurada a respeito dos processos constitutivos subjacentes e das suas relações com as práticas sociais, bem como o estudo das relações de poder aí imbricadas.

Abordo, também, porém de maneira periférica, em alguns momentos das análises, as questões constitutivas relativas ao perfil identitário de Heloísa Helena, ex-candidata à Presidência, servindo tal abordagem de contraponto às desencadeadas em relação às personagens anteriores. Selecionei Heloísa Helena pelo fato de ela apresentar

²³ É interessante relembrar a teoria do *Pluralismo* (LEMOS; SILVA; SÁ, 2004, p. 18-19), de acordo com a qual a política é feita de competição ideológica de conflitos entre sistemas de pensamento e de ação. As teorias pluralistas da democracia defendem que os processos do debate devem ser os critérios para se chegar às definições necessárias para a *implementação de políticas públicas legítimas, defendendo-se a*

características veiculadas na mídia bem diferentes daquelas atribuídas à Marta Suplicy e à Dilma Rousseff.

A obtenção dessas interpretações por meio de material linguístico, visual e sonoro possibilitará, também, a triangulação dos dados totais da pesquisa, já que viabiliza a investigação dos elementos linguísticos (como a metáfora e a modalidade), dos componentes multimodais (metáfora visual e modalização visual) e do estilo de fala das duas personagens por intermédio de sua participação em matéria veiculada na televisão brasileira.

4.5 Abordagem descritiva e analítica dos dados

O exame dos textos acontecerá por intermédio de abordagem relacional, a qual considerará vários níveis analíticos (internos e externos aos textos) e investigará as relações existentes entre eles. Esta proposta busca seus subsídios investigativos de base em Fairclough (2003), complementados e aprofundados em Fairclough (2006), conforme percurso apresentado no capítulo 2, e diz respeito ao exame dos elementos *externos* e *internos* dos textos. Essa visão relacional dos textos e da análise textual conecta as relações internas (semânticas, gramaticais, lexicais, fonológicas) com as externas (elementos de eventos sociais, práticas sociais e estruturas sociais) por meio da mediação de análise *interdiscursiva* dos gêneros, discursos e estilos.

4.5.1 ANÁLISE DOS ELEMENTOS EXTERNOS DOS TEXTOS

Na análise dos *elementos externos dos textos*, procederei ao exame de suas relações com os três níveis de abstração da análise social, pela proposta de Fairclough (2006), os níveis dos *eventos sociais*, *práticas sociais* e *estruturas sociais*. Assim sendo, a relação dos textos com esses outros elementos de eventos sociais pressupõe o exame de como os textos figuram em *ações*, *identificações* e *representações*.

Em qualquer lugar e a qualquer época em que as pessoas engajem-se em atividades sociais, elas reflexivamente produzem representações desse meio e do

necessidade de garantir competição justa entre grupos, a fim de que todos tenham chances iguais para expressar seus desejos e se fazer representar.

próprio lugar no interior dele, na visão de Fairclough (2006), essas representações podem ser consolidadas e estabelecidas por meio de vários discursos compartilhados e estes podem incluir imaginários para possíveis formas alternativas da atividade social e podem vir a ser partes de estratégias para a mudança social. Portanto, ainda de acordo com Fairclough (op. cit.), ao realizar-se a análise de qualquer atividade social ou dos processos desenvolvidos socialmente, deve-se estar consciente tanto das suas características pré-construídas estruturalmente quanto da ação estratégica de grupos de pessoas para mudá-los em direções particulares, o que inerentemente inclui discursos que representam, simbolizam e narram a atividade ou o processo em questão de modos particulares.

Dois conceitos importantes, que transitam na busca transdisciplinar da abordagem discursiva crítica, far-se-ão presentes, nesse momento, para a investigação dos elementos externos aos textos, compondo a análise da perspectiva social: a noção de *campo* e a de *habitus* estabelecidas por Bourdieu (1997, 1980), como foi visto em “2.3.1 A inserção no social”, capítulo 2. O conceito de *habitus* (BOURDIEU; WACQUANT, 1992) que possibilita a abordagem das pessoas envolvidas no evento para consideração na análise de texto, ou seja, suas disposições personificadas de ver e agir de certos modos baseados na socialização e na experiência, que é, em parte, disposição de falar e de escrever de certa maneira.

Portanto, o objetivo maior desta tese, no que concerne à análise dos *eventos sociais, das estruturas sociais e das práticas sociais*, é *identificar e desvendar*, em discurso específico, o da mídia impressa pós-moderna, as estratégias que a este se associam e o efeito destas na constituição identitária da mulher no cenário político brasileiro atual.

Ainda na dimensão da investigação das relações externas, considerarei a *intertextualidade*, os entrelaçamentos de um texto com outros textos exteriores a este, e o modo como outras vozes são incorporadas, referenciadas, compreendidas e qual o grau de diálogo com a voz do outro. A relevância da análise da intertextualidade recai no fato de ela nos possibilitar o estudo dos textos como heterogêneos (FAIRCLOUGH, 2002) e ressaltar elementos e linhas diversos, muitas vezes contraditórios, que participam da constituição textual. Assim, as questões relativas à intertextualidade e à interdiscursividade serão tratadas no nível do discurso, que é aquele no qual as relações entre gêneros, discursos e estilos são analisadas. Esses elementos fazem parte dos textos e são também elementos sociais. Nos textos, esses se organizam em relações interdiscursivas, relações nas quais diferentes gêneros, discursos e estilos podem ser

misturados, articulados e tecidos de maneira particular. Como elementos sociais, são articulados de modo particular em ordens de discurso – aspectos linguísticos de práticas sociais nos quais a variação linguística é socialmente controlada. Tais elementos estabelecem ligações entre os textos e os outros elementos do social, entre as relações externas do texto e as suas relações internas.

Embora a investigação a respeito dos gêneros seja importante, já que as transformações sociais da era da globalização podem ser vistas, de acordo com Fairclough (2003a), como mudanças na rede de comunicação das práticas sociais, meu propósito maior nesta tese não recai sobre ela, mas, na verdade, o que procuro desvelar neste percurso são os processos e as estratégias postos em funcionamento pela mídia impressa brasileira na constituição identitária da mulher que exerce função política atualmente no Brasil. Para tanto, saliento que as questões relativas à *personalidade*, ou *identidade pessoal*, bem como as relacionadas à *identidade social*, conforme descrito em “1.2 A identidade da mulher no universo da globalização e seu papel social”, capítulo I, são merecedoras de análise aprofundada, já que será por meio dessa *dualidade constitutiva* que o perfil identitário feminino, aqui investigado, aflora e deixa vir à tona questões maiores relativas à ideologia e ao poder.

Outro elemento importante a ser investigado para dar suporte ao caminho investigativo a respeito das identidades é o estilo, porque é a representação discursiva das identidades. *Estilos estão ligados à identificação*, enfatiza Fairclough (2003), ao empregar a nominalização em vez da palavra “identidades”, e o autor afirma que, desse modo, destaca-se o processo de identificação, ou seja, como as pessoas identificam-se e são identificadas pelas outras. E o mais importante: estilos realizam-se em série de aspectos linguísticos, incluindo-se os fonológicos (tom, entoação, duração, acento e tessitura) e os de vocabulário (léxico, metáfora). Analiso, para tanto, os aspectos fonológicos, anteriormente citados, em exposições orais, na mídia televisiva, das duas personagens principais aqui investigadas: Dilma Rousseff e Marta Suplicy.

Um dos modos de agir e interagir é por meio da fala ou da escrita, assim, o discurso figura primeiramente “como parte da ação”, no entender de Fairclough (2003). Em segundo lugar, apresenta-se nas *representações* que sempre são partes de práticas sociais. A representação é substância discursiva e podemos diferenciar inúmeros discursos distintos que podem mostrar a mesma área do mundo de diferentes

perspectivas ou posições. Por último, o discurso constitui *modos particulares de ser*, identidades pessoais ou sociais, e o aspecto discursivo referente a esse item é o estilo. Vejo, então, que o discurso apresenta-se como o palco em que o gênero e o estilo realizam-se.

4.5.2 ANÁLISE DOS ELEMENTOS INTERNOS DOS TEXTOS

A análise das *relações internas dos textos* privilegiará a investigação das questões semânticas, principalmente duas relativas ao campo linguístico: a *metáfora* e a *modalização*, junto com outros dois componentes semióticos denominados *metáfora visual* e *modalização visual*. Os dois últimos, inclusive, já foram apresentados e exemplificados no item “2.3.3 A contribuição da multissemiótica”. Tais elementos foram escolhidos por serem extremamente produtivos no *corpus* selecionado e por oportunizarem, por seu intermédio, a investigação de questões mais amplas relativas a eventos, práticas, estruturas sociais e lutas hegemônicas que, de acordo com Fairclough (2006), inscrevem-se nas diferentes escalas: global, macrorregional, nacional, local, urbana, regional e nas escalas específicas de instituições e organizações. Essas categorias foram escolhidas porque, ao funcionarem juntas, no universo textual investigado, permitem que determinados processos, engendrados para a constituição identitária feminina no universo político brasileiro, venham à tona com mais clareza e possibilitem que as relações desencadeadas no terreno textual desloquem-se para superfícies mais amplas ligadas aos aspectos sociais e ideológicos.

Partindo-se do pressuposto de que a mudança da metaforização da realidade ocasiona mudanças significativas no discurso, com implicações culturais e sociais, de acordo com Fairclough (2001), empreender-se a análise dos processos metafóricos que afloram em textos midiáticos preocupados com a constituição de perfis identitários de mulheres que exercem função política no cenário nacional, possibilita-nos a investigação de um elemento potente na transformação não apenas do discurso, mas, inclusive, do pensamento e da prática dessas esferas políticas.

Além disso, Fairclough (op. cit.) chama-nos atenção para a importância da análise da metáfora como elemento relevante naturalizado no interior de uma cultura e que se reflete na prática discursiva de grupos sociais específicos. Apresenta a maneira

como um domínio particular da experiência é metaforizado. Por exemplo, muitas vezes as metáforas de bens de consumo são transferidas para a educação: “Os cursos devem ser empacotados em módulos para que nossos clientes desejem comprá-los.” Diz, ainda, que as metáforas são tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas em seu discurso, pensamento ou ação.

Os trabalhos de Lakoff e Johnson (1980) apresentam a *metáfora* como elemento produtivo em todos os gêneros discursivos, inclusive no discurso científico. Postulam, ainda, que a metáfora é primordialmente conceptual e faz parte do sistema ordinário do pensamento e da linguagem. Assim sendo, quando significamos determinados elementos por meio de uma metáfora e não de outra, estamos nos representando discursivamente de modo específico. Partindo-se do pressuposto de que a mudança da metaforização da realidade ocasiona alterações significativas no discurso, com implicações culturais e sociais, empreender-se a análise dessa configuração possibilita-nos a investigação de elemento relevante na transformação não apenas do discurso, mas inclusive do pensamento e da prática dessas esferas. O objetivo principal desta investigação é o de *inventariar, descrever e discutir* as configurações metafóricas que são mais produtivas nos textos midiáticos pós-modernos que constroem perfis identitários de mulheres de renome na política brasileira atual.

Ainda na perspectiva de Lakoff e Johnson (op. cit.), a metáfora é elemento primordial para nossa categorização do mundo e para nossos processos mentais. É possível explicar-se de muitas maneiras o funcionamento das metáforas, porém a ideia mais comum é de que ela é uma comparação, na qual há a identificação de semelhanças e a transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro. A palavra *vida* é metaforizada, nos exemplos a seguir como recipiente:

- a) A vida dele é vazia.
- b) Tive uma vida cheia.
- c) A vida dele continha muita dor.

No campo da política, pode-se também exemplificar com algumas configurações metafóricas. Percebe-se, nos exemplos relativos ao universo político, que a mídia encara esse território como campo de batalhas, onde, com certeza, vencerão os mais fortes e mais qualificados. Exemplifico a seguir:

a) Essa é uma linhagem de mulheres muito especiais. São mulheres fortes, que têm objetivos claros e lutam por eles. (*Carta Capital*, p. 16, 19 abr. 2006).

b) E a conquista do poder político é um símbolo de ascensão feminina no mundo todo. (*Carta Capital*, p. 16, 19 abr. 2006);

c) Roseana defende-se: “O Maranhão padece de um atraso provocado principalmente por um histórico de descaso do poder central.” (*Carta Capital*, 19 abr. 2006).

A essência da metáfora, segundo van Leeuwen (2005), é a ideia da transferência. Desloca-se alguma coisa de um lugar para outro, desde que haja a percepção de similaridade entre os dois lugares. A metáfora, para esse autor, é conceito multimodal que pode ser aplicado para outros universos semióticos que não digam respeito à língua somente. Muitas charges de cunho político, por exemplo, representam seus personagens (os políticos) como animais ou metade animal/metade homem, já que a função delas é fazê-los serem reconhecidos.

Outra figura relevante a ser investigada é a *modalidade linguística* – a modalidade visual já foi explicitada com detalhes no item “2.3.3 A contribuição da multissemiótica”, conforme informado anteriormente. A questão da modalidade pode ser vista como a maneira pela qual as pessoas se envolvem quando fazem declarações, perguntas, ofertas ou procuras, no entender de Fairclough (2003a). Há diferentes formas de fazer-se isso, acopladas a diversos níveis de envolvimento.

A modalidade é elemento importante na estruturação das identidades, ainda de acordo com Fairclough (2003a), aquilo com o que uma pessoa envolve-se é parte significativa do que ela é. As identidades são relacionais: aquilo que uma pessoa é reflete-se no modo como ela se relaciona com o mundo e com outras pessoas. As escolhas na modalidade são significantes, portanto, não apenas em termos de identificação, mas também em relação à ação (e as relações sociais da ação) e à representação. Essa diferença é mais óbvia com as declarações. O autor ilustra suas observações com os seguintes enunciados que ilustram declarações de determinado sujeito a respeito do que torna uma empresa eletrônica bem-sucedida:

a) “As empresas que são bem-sucedidas na *web* **funcionam** de forma diferente das suas concorrentes obsoletas.”

A referida autora poderia ter escrito também qualquer um dos enunciados abaixo para manifestar seu pensamento:

b) “As empresas que são bem-sucedidas na *web* **parecem funcionar** de forma diferente das suas concorrentes obsoletas.”

c) “As empresas que são bem-sucedidas na *web* **geralmente funcionam** de forma diferente de suas concorrentes obsoletas.”

d) “As empresas que são bem-sucedidas na *web* podem funcionar de forma diferente de suas concorrentes obsoletas.”

No enunciado **a** escrito pela autora há envolvimento bem maior na verdade da proposição do que nos enunciados **b**, **c** e **d** relação às representações, aos níveis de “afinidade” que eles têm com as mesmas.

Todas essas formulações, segundo Fairclough (op. cit.), apresentam a modalidade como relação entre o falante e o escritor – ou autor – e as representações. O autor não sugere que esta seja uma relação “privada” entre o eu racional e o mundo. A modalidade é processo relevante na estruturação de identidades (tanto nas pessoais – personalidades – quanto nas sociais), no sentido de que aquilo com o que uma pessoa envolve-se é parte significativa do que ela é.

Portanto, as escolhas de modalidade realizadas nos textos podem ser vistas como parte do processo de estruturação da própria identidade. Isso, porém, também acontece no decorrer dos processos sociais, visto que o processo de identificação é inevitavelmente transformado pelo processo de relação social.

A forma como uma pessoa representa o mundo, aquilo com o que ela se compromete (por exemplo, seu grau de envolvimento com a verdade) é parte de como ela se identifica, necessariamente em relação ao outro com quem interage. Em outras palavras, as identidades são relacionais: o que uma pessoa é resulta de seu inter-relacionamento com outras pessoas e com o mundo.

As escolhas relativas à modalidade são significativas em termos de identificação e também em relação à ação (e as relações sociais da ação) e inclusive à representação. O mesmo fato acontece com o modo, relacionado, principalmente, com os tipos de ação, funções do discurso e tipos de troca. Os autores (ou sujeitos) que empregam enunciados afirmativos para fazerem declarações apresentam-se de modo distinto daqueles que empregam enunciados interrogativos para fazerem perguntas, portanto, o modo é também significativo para a identificação.

Em relação à modalidade, essa propriedade dialética das escolhas textuais significa, por exemplo, escolha de modalidade com a intenção de evitar forte envolvimento com a verdade (como ao dizer “ele deve estar lá”, quando já se sabe que ele está lá ou não) pode ser motivada principalmente pelas relações sociais da ação, talvez como forma de discrição – embora essa seja, por si só, uma “mensagem” acerca da identidade de uma pessoa.

Desse modo, a seleção dessa configuração linguística torna-se relevante para esta pesquisa pelo fato de as escolhas a respeito dos processos de modalização nos textos serem investigadas como parte do processo de estruturação da própria identidade, além do mais, permite que a pesquisa linguístico-social, na perspectiva da ADC, que aqui se desencadeia, tenha possibilidades de investigar a tensão estabelecida pela mídia impressa entre *personalidade* e identidade *social* como estratégia específica que encobre questões mais amplas atreladas ao jogo de poder e à ideologia, as quais, ao aflorarem nesse domínio textual, permitem abordagem mais ampla das questões relativas ao estudo das identidades políticas aqui investigadas.

Considerando-se tudo que foi anteriormente apresentado na parte metodológica, o procedimento investigativo desencadeado aqui apresenta visão relacional dos textos e da análise textual, em que as relações internas (semânticas, gramaticais, lexicais) são conectadas com suas relações externas (a outros elementos de eventos sociais, a práticas e a estruturas sociais) por meio de análise interdiscursiva.

CAPÍTULO 5

AS VOZES DA GLOBALIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER POLÍTICA: ANÁLISE DO *CORPUS*

Esta tese investiga os processos lingüísticos, semióticos e discursivos engendrados pela mídia – impressa e falada – que constituem identitariamente a mulher que exerce função política no cenário brasileiro contemporâneo. Assim, examina, especificamente, os componentes identitários de duas personagens: Dilma Rousseff e Marta Suplicy. Essa constituição será abordada em duas perspectivas distintas, porém convergentes. A primeira delas diz respeito ao modo como a mídia impressa brasileira constitui identitariamente essas mulheres. Para tal investigação, observarei **metáforas (lingüísticas e visuais)** coletadas em revistas e jornais atuais. Em um segundo momento, examinarei o modo como essas líderes políticas nacionais se constroem identitariamente na mídia televisiva e, para tanto, investigarei, em suas falas, **elementos suprasegmentais**. Buscarei a triangulação dos dados em três perspectivas: na **língua escrita**, na **língua falada** e na **linguagem visual**. Levarei em consideração, nessas análises, dois aspectos característicos da pós-modernidade que dizem respeito àquilo que Fairclough (2006) chama de *vozes da globalização*. Retomo as colocações do autor já referidas, neste trabalho, no item 2.1. A globalização apresenta cinco vozes, as quais destaco a seguir:

- a) **a voz da análise acadêmica** - caracteriza-se por ser teórica e analítica;
- b) **a voz das organizações governamentais** - refere-se, em sentido amplo, aos governos nacionais, aos líderes políticos e às organizações que são partes do governo;
- c) **a voz das organizações não-governamentais** - refere-se, em sentido lato, às corporações empresariais, partidos políticos, instituições de caridade e corporações;
- d) **a voz da mídia** - diz respeito à imprensa, ao rádio, à TV, à Internet e a todas as entidades que contribuem para o importante papel social da mediação. É considerada

pelo autor (op. cit.) a voz mais importante no universo da globalização porque, em parte, ela representa as ações e as estratégias das outras vozes, ou seja, todas as outras vozes passam por ela;

e) **a voz das pessoas comuns** – são as experiências particulares do cidadão comum em relação à globalização.

Desse modo, aproprio-me de duas dessas vozes para a investigação aqui proposta. São elas *a voz da mídia e a voz das organizações governamentais*. Acredito que, empregando esses pressupostos teóricos do autor como procedimentos investigativos, viabilizo elementos relevantes para a análise da identidade de mulheres políticas brasileiras. Apresento essas vozes como perspectivas distintas, porém convergentes, já que a voz das organizações governamentais se constitui **na e pela** voz da mídia. Explico melhor, a voz das organizações governamentais, representada pelas mulheres que desempenham função política, deve ter relação com a voz da mídia para ter visibilidade social. Seleciono essas duas vozes pelo fato de as mesmas estarem intimamente ligadas aos propósitos investigativos aqui desencadeados, os quais se traduzem em coletar elementos, por meio de procedimentos analíticos específicos, que possibilitem desenhar o perfil identitário dessas mulheres políticas, constituído na mídia impressa, bem como investigar como elas **se representam**, por meio de seu discurso oral, no universo midiático televisivo.

Assim sendo, minha proposta investigativa resume-se ao seguinte procedimento: primeiramente analisar o modo pelo qual a mídia impressa brasileira (a voz mais importante da globalização) constitui identitariamente as mulheres líderes políticas. Os elementos linguísticos que serão empregados para essa análise dizem respeito à *metáfora* e à *modalidade*. Os elementos semióticos usados relacionam-se à *metáfora visual* e à *modalização visual*. Logo a seguir, analisarei a maneira pela qual as mulheres que exercem função política (*a voz das organizações governamentais*) se colocam na mídia. Nesse momento, com base em textos da mídia televisiva, utilizarei para essas investigações *qualidade de voz* e os seguintes traços prosódicos: *tom, entoação, duração, acento e tessitura*. Evidentemente, essas são análises das relações internas dos textos, mas também haverá o exame das relações externas, ou seja, de suas relações com outros elementos de eventos sociais e, mais abstratamente, com práticas sociais e estruturas sociais.

5.1 A voz da mídia

Desse modo, inicio as análises e procuro depreender *de que maneira e por meio de quais processos* a voz da mídia constitui identitariamente as mulheres que desempenham o papel de líderes políticas no cenário nacional atual. Realizo essa investigação de textos midiáticos pós-modernos da imprensa escrita nacional e procuro, por meio da *metáfora linguística* e da *metáfora visual*, bem como da *modalidade linguística* e da *modalização visual* apresentar o perfil identitário de duas mulheres da política brasileira: *Dilma Rousseff* e *Marta Suplicy*. O material de pesquisa foi selecionado em revistas e jornais do Brasil, os seguintes: *revista Veja*, *revista Isto É*, *revista Carta Capital*, *jornal Correio Braziliense*, *jornal O Sul*, *jornal Zero Hora* etc. Cumpre enfatizar, neste momento, que não há motivo específico para a escolha desses meios de comunicação de massa, visto que, no meu entender, quando o processo é produtivo, a coleta do material pode ser feita em qualquer veículo. Fundamento esse critério no aparato teórico-metodológico de Jaqueline Authier Revuz, autora francesa, cuja teoria ancorou minha dissertação de Mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A referida autora coletou o material de pesquisa para a constituição de seu corpus, aleatoriamente, em várias mídias e em diferentes circunstâncias da vida real, justificando que a produtividade do mesmo assim o permitia.

5.1.1 DILMA ROUSSEFF E SUA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA

5.1.1.1. UM POUCO DE HISTÓRIA



Militante estudantil, Dilma entrou na luta armada contra o regime militar.



SOLIDÃO

Dilma diz que se sente feliz no governo, mas se queixa da vida em Brasília. Ela mora numa mansão em que a única companhia é Nego, labrador herdado de José Dirceu.

Inicialmente creio ser necessário situar a personagem historicamente e, logo após, inseri-la no atual contexto social para que se tenha uma imagem mais ampla ao seu respeito. Os dados biográficos a seguir foram colhidos na mídia impressa, em uma reportagem da revista *Época* de 10 de novembro de 2006. A Ministra tem 61 anos e foi bem-nascida. Pegou em armas contra a ditadura, foi expulsa da universidade, viveu na clandestinidade, foi presa e torturada, mas recuperou-se e alavancou uma carreira no serviço público e transformou-se no braço direito do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Dilma chegou a Brasília no final de 2002 e participou da equipe responsável pela transição da administração Fernando Henrique Cardoso para o Governo Lula. Logo após, obteve a confiança de Antônio Palocci (na época, coordenador da equipe de transição), que a indicou para o Ministério de Minas e Energia, desbancando o favorito dos petistas - o físico Luiz Pinguelli.

Filha do engenheiro e poeta búlgaro Petar Roussev e da professora brasileira Dilma Jane Silva, teve uma infância confortável em Uberaba, Minas Gerais. Foi matriculada por seu pai no tradicional colégio Sion, local em que o francês era a língua oficial de comunicação entre as alunas e as professoras. Aos 15 anos, transferiu-se para uma escola pública. “Fiquei bem subversiva. Percebi que o mundo não era para debutantes”, declarou certa vez. Quatro anos mais tarde, ingressou na Política Operária (Polop), uma organização clandestina de esquerda surgida no regime militar. Foi recrutada pelo noivo e futuro marido, Cláudio Galeno de Magalhães Linhares. Devido à sua participação política, foi expulsa da Faculdade de Economia de Belo Horizonte, vítima do Decreto nº 477, um derivado do AI-5, que proibia o aluno de voltar a estudar durante três anos. Afastou-se da Faculdade e caiu na clandestinidade. Adotou vários codinomes, o mais conhecido foi Estela. Muitas vezes, Dilma trocava de organização, inclusive participou de um encontro em São Paulo durante o qual foi criada a Vanguarda Armada Revolucionária (VAR Palmares), cuja maior atração era o capitão do Exército Carlos Lamarca. Logo, porém, eles brigaram porque não concordavam sobre o local em que a luta armada deveria se concentrar.

De acordo com o *folclore dos Anos de Chumbo*, Dilma teria participado de um assalto à residência de uma amante do governador Adhemar de Barros. Ela diz a amigas que ajudou no planejamento, mas não na ação. Em janeiro de 1970, ela foi presa quando ia a um encontro em São Paulo. Dilma foi torturada durante 22 dias, levando choques elétricos por todo o corpo.

Depois de cumprir três anos de prisão, mudou-se para Porto Alegre e concluiu o curso de Economia. Teve Paula, sua única filha, fruto do casamento com Carlos Araújo, procurador do trabalho de Porto Alegre. Trabalhou em Governos comandados pelo PDT e foi Secretária de Energia no Governo de Olívio Dutra do PT.

Na chefia da Casa Civil, assessores declaram para a imprensa que ela é tão rígida na cobrança de horários e tarefas quanto nos tempos de guerrilha. Informa um parlamentar do PT que “Ela praticamente não tem vida social, por isso exige tanto dos outros na esfera profissional. Segundo relatos de Landim, companheiro de Dilma no conselho de administração da BR Distribuidora, “ela sente muita falta da filha e da mãe, que mora em Belo Horizonte e é idosa.” Quem atenua os efeitos do isolamento é Nego, o Labrador que herdou de José Dirceu, seu antecessor no Ministério.

5.1.1.2 PRIMEIRO VIÉS ANALÍTICO: METÁFORA LINGUÍSTICA E MODALIDADE LINGUÍSTICA

Iniciarei as análises, apresentando, primeiramente, algumas **metáforas linguísticas** selecionadas em textos midiáticos, as quais se referem, inicialmente, à Dilma Rousseff. Os mecanismos linguísticos relativos às metáforas serão investigados juntamente com os elementos da **modalidade linguística**, nos mesmos enunciados, visto que ambos ocorrem de modo interligado e contribuem, assim, para a apreensão do sentido de um modo mais completo. É necessário salientar, nesse momento, que a mídia impressa, cujo propósito inicial é sua relação com a veiculação dos fatos, do conhecimento, da veracidade dos acontecimentos, faz pouco uso dos elementos modalizantes (verbos modais, advérbios, adjetivos, indeterminações etc) e prefere modalidades categóricas, asserções positivas e negativas, conforme exposto por Faiclough (2001). O processo analítico desenvolvido nos textos abaixo permite investigar essas questões com maior propriedade.

As **trinta e cinco configurações metafóricas** apresentadas a seguir foram selecionadas no período de 2006 a 2009 e foram coletadas nos jornais *O Estado de São Paulo*, *Correio Braziliense*, *Brasília em Dia*, *Correio do Povo*, *O Sul* e nas revistas *Época*, *Veja* e *Carta Capital*. Serão apresentadas no interior de práticas discursivas bastante divulgadas e importantes no mundo globalizado, aquelas oriundas do universo da mídia impressa representada por jornais e revistas de importância conhecida no cenário brasileiro atual. As metáforas aqui investigadas foram agrupadas para a análise

de acordo com o conteúdo semântico veiculado. A seguir, apresento os exemplos selecionados.

5.1.1.2.1 Exemplo 1: Essa garota ‘nota cinco pelo comportamento’ torna-se uma guerrilheira urbana que permanece na arena.

a) *Aproximadamente 15 anos depois, essa garota ‘nota 5 pelo comportamento’ se tornaria uma das principais guerrilheiras urbanas...* (afirmação a respeito de Dilma Rousseff) (*O Estado de S. Paulo*, p. 16, 8 mar. 2006).

b) *Dilma não se entrega. A preferida de Lula não se abala com a doença e permanece na arena* (*Carta Capital*, ano xv, n. 544, p. 23, 6 maio 2009).

As configurações metafóricas destacadas acima, veiculadas nos anos de 2006 e 2009, estabelecem relação estreita entre a personalidade da Ministra e sua força para a luta. Na primeira metáfora destacada, temos a Ministra com coragem de guerrilheira. Esse deslocamento do elemento guerrilha, que geralmente acontece na selva, para o meio urbano, é o componente enfático que caracteriza a identidade da personagem, tem capacidade para lutar na selva urbana, onde literalmente ocorrem as contendas políticas. Além disso, a Ministra é apresentada com força desmedida e permanece na arena, lugar em que, nos antigos circos romanos, combatiam os gladiadores e as feras, e, vale salientar, que os lutadores que ali se apresentavam eram sempre os melhores, os selecionados. Além disso, no início do cristianismo, eram colocados na arena, para serem sacrificados, os cristãos, os escolhidos, aqueles que seguiam a palavra de Cristo e não se amedrontavam por essa escolha, pessoas de muita força e coragem. A palavra arena apresenta ainda outra acepção: é o espaço central do circo, no qual se apresentam os artistas, também conhecido como picadeiro e, no teatro de arena, é o palco, segundo o Dicionário Aurélio (1999). Nessas duas últimas concepções, outro significado surge: Dilma é extremamente corajosa e também se mantém em evidência (no palco) no cenário político.

Ao prosseguirmos as análises, percebemos que temos, nesses dois exemplos, o que Fairclough (1992) chama de *modalidade objetiva*, aquela em que o grau de envolvimento do relator (no caso, quem redigiu a matéria) com o que está sendo apresentado não fica claro, ou seja, não se sabe realmente qual o seu ponto de vista. No primeiro exemplo, temos asserções positivas de tempos verbais do modo indicativo, portanto, representando fatos como coisa certa, real, concreta, verdadeira. No segundo exemplo, temos asserções negativas no presente do modo indicativo, as quais representam, portanto, um fato que ocorre no momento em que se fala e, como estão nesse tempo específico, expressam uma verdade incontestável, como se fosse uma lei ou um fato científico. Embora haja uma economia de elementos que possibilitem um julgamento mais acurado a respeito da opinião do autor do texto em relação aos fatos relatados, no meu entender, essa carência de subjetividade é proposital para estabelecer os fatos relatados como verdadeiros e sem possibilidade de serem questionados. Essa opção pela modalidade categórica revela as questões de poder imbricadas nessa prática discursiva específica da notícia impressa, que nos leva a questionar a prática social de veiculação de notícias pela mídia, ambas como elementos veiculadores de hegemonias pensantes ligadas ao poder político na sociedade brasileira contemporânea.

5.1.1.2.2 Exemplo 2: A chefe da Casa Civil tem carta branca para apertar os parafusos.

c) No início da concorrência das duas usinas do Madeira, o mercado estimava *que o preço-padrão seria em torno de R\$ 130 o megawatt/hora. Agora, já se fala em UEM valor 15% menor. Só que Dilma espera apertar os parafusos ainda mais. Ela obteve do presidente Lula carta branca para fazer tudo o que estiver ao seu alcance para pressionar a construtora Odebrecht a renunciar aos contratos de exclusividade que assinou com os principais fornecedores de equipamentos. Dilma acredita que, sem a exclusividade, os preços oferecidos na concorrência vão cair mais* (Época, p. 37, 22 out. 2007).

As metáforas acima, veiculadas em 2007, representam todo o poder da Ministra em negociação. “Apertar os parafusos ainda mais” representa uma configuração metafórica juntamente com um operador argumentativo (ainda mais), o qual intensifica o poder semântico da figura de linguagem. Temos aí um significado com intensidade aumentada, cujo sentido é o grande poder da Ministra em fechar negociações cada vez mais vantajosas para o Governo. Em relação à segunda metáfora (carta branca), seu significado diz respeito ao poder delegado à Dilma para tomar as providências cabíveis na situação anteriormente apresentada, o que a Ministra fizer terá o apoio do Presidente.

Novamente temos uma modalidade objetiva e categórica sustentada pelos tempos verbais no modo indicativo, inclusive no presente. Desse modo, o fato apresentado inscreve-se com aura de verdade incontestável. Assim, a mídia transforma em fatos o que eventualmente seria uma tentativa de ação em determinada direção visando a resultados objetivados. Explico melhor, “Dilma **espera** apertar os parafusos”, a Ministra está traçando determinada estratégia de conduta e isso não significa que ela conseguirá seu intento, porém a mídia o apresenta como já atingido e, portanto, sua ocorrência é tida como certa. Isso acontece com frequência na mídia de notícias: conjuntos de eventos complexos, difusos, imprecisos, desconhecidos são transformados em fatos reais.

5.1.1.2.3 Exemplo 3: A capitã do time e gerente da máquina ganhará musculatura eleitoral.

d) *A capacidade da ‘capitã do time’ de Lula será testada em 2009. Se passar bem pelo turbilhão da crise financeira, ela ganhará musculatura e se credenciará ao comando do planalto (Correio Braziliense, p. 2, 20 out. 2008).*

e) *O presidente vem trabalhando para conferir musculatura eleitoral a Dilma, que, aos 61 anos, nunca enfrentou as urnas (Veja, Editora Abril, ed. 2.111, ano 42, n. 18, p. 58-59, 6 maio 2009).*

f) *Sob a batuta da ‘gerente da máquina’, o investimento público também deu um salto. Passou de R\$29,8 bilhões em 2006 para R\$ 37,6 bilhões e 43,2 bilhões em 2007 e 2008, respectivamente (Correio Braziliense, p. 2, 20 out. 2008).*

“Capitã do time” – jogadora mais importante que conduz o time em termos de chefia, de mando. Aqui temos o cenário político comparado a um jogo em que é preciso muita garra para ganhar, juntamente com uma capitã capacitada. As dificuldades enfrentadas no jogo comparam-se “ao turbilhão da crise financeira”, e, ao enfrentá-las, a “capitã do time” “ganhará musculatura”, do mesmo modo que ganham músculos os jogadores ao fazerem treinamento pesado para os jogos. A metáfora relativa à musculatura repete-se no exemplo seguinte (e), porém com outra abrangência, agora relativa ao universo político, reiterando, assim, a visão da política como um jogo. Destaco que a primeira ocorrência aparece em um texto de 2008, e a segunda, em um universo textual elaborado em 2009, a figura é recorrente, tornando-se assim bem mais enfática.

“A batuta da gerente da máquina”, no meu entender, é uma metáfora mal elaborada, pois quem usa batuta é o maestro e não o gerente, mas, de qualquer modo, o significado volta à caracterização da personagem como alguém em situação de comando, alguém tão importante quanto um maestro, um gerente ou o treinador de um time. Cabe, neste momento, chamar atenção para a palavra “batuta”, já que ela significa, também, *pessoa muito capaz*, ou seja, a ministra, sob outra perspectiva léxica, recebe também essa caracterização.

A repetição de metáforas que privilegiam o mesmo processo de construção, remetendo aos mesmos referentes (ganhará musculatura/musculatura eleitoral), ou a referentes parecidos (capitã do time/gerente da máquina) é um recurso enfático que potencializa a veiculação de ideologias na prática discursiva aqui investigada no universo da prática social. No caso, como há interesse do Governo de que a Ministra seja candidata à sua sucessão, é preciso mostrá-la, já nesse momento de pré-candidatura, como alguém capaz de conduzir um grupo, no caso, o povo brasileiro.

Quanto à modalidade, temos, no primeiro caso (d), verbos no modo indicativo (será testada, ganhará, se credenciará) os quais enfatizam a ideia de fato verídico, real, incontestável. Temos, nesse primeiro exemplo, apenas um elemento condicional (se

passar bem pelo turbilhão), o qual perde sua força enfática por estar rodeado por tempos verbais anteriormente apontados, o que dá a ideia de que a condição será favoravelmente efetivada. Quanto aos outros dois exemplos, os tempos verbais estão no modo indicativo, enfatizando a modalidade objetiva e categórica.

5.1.1.2.4 Exemplo 4: A ministra vai bater bumbo e aprender a ter jogo de cintura no jogo político.

c) *É por aí que Dilma vai bater bumbo. Quer ficar perto do povo - e dos bons índices nas pesquisas- deixando a luta partidária para que Lula dê jeito (Correio Braziliense, p. 8, 20 dez. 2008).*

q) *Dilma Rousseff, disciplinada, poderosa, dando muitas cartas, fazendo amizades e conhecendo os meandros complicados do poder maior da nação. (Jornal O Sul, ano 6, n. 2.032, 10 mar. 2007).*

g) *Executiva altamente qualificada e séria, no jogo político a ministra Dilma Rousseff, chefe da casa civil, demonstra pouca desenvoltura. Não foi por acaso que, faz alguns meses, o líder da bancada na câmara dos Deputados, Henrique Eduardo Alves, prometeu que iria presentear-la com dois bambolês, para aprender a ter jogo de cintura (Brasília em Dia, ano 12, n. 588, p.14-15, 12 a 18 abr. 2008).*

h) *Com certo atraso, o PSDB descobriu que o jogo não está ganho. Que precisa impedir a ministra de correr sozinha na raia enquanto não decide quem rivalizará com ela: o governador de São Paulo José Serra, ou o de Minas Gerais, Aécio Neves.(Correio Braziliense, n. 16.706, p. 21, 3 fev. 2009).*

Se a Ministra vai bater bumbo (ou bombo ou zabumba) significa que fará muito barulho para chamar atenção e ser ouvida, mas, ao mesmo tempo, a metáfora pode ter o sentido de que, ao bater bumbo, tornar-se-á participante ativa de alguma comemoração popular, tornando parte efetiva na mesma. Desse modo, então, estará perto do povo e

terá, conseqüentemente, mais chances de ser eleita.

Na segunda metáfora, a Ministra dá as cartas no jogo político, é a jogadora principal da mesa, aquela que, na linguagem do carteador, *tem a mão*. Assim sendo, Dilma é quem conduz o jogo da política e conhece seus caminhos complicados.

Na terceira metáfora, surge a política como um *jogo*, no qual é necessário que se tenha *jogo de cintura* para poder vencê-lo, característica essa que, de acordo com o exemplo selecionado, a Ministra não tem. Na certa, a metáfora "jogo de cintura" critica o excesso de sinceridade, rispidez e impetuosidade – características conhecidas da Ministra de acordo com a mídia. A ideologia que subjaz a esse discurso, veiculada nessa prática discursiva da mídia de notícias, prega a flexibilidade e a sutileza como características importantes para se vencer um jogo especial – o da política.

A metáfora da política como jogo é recorrente e aparece novamente no exemplo (h), no qual há a asserção sobre o jogo que ainda não está ganho, isto é, como em qualquer jogo, é preciso se ter cuidado, ir com cautela. A segunda metáfora desse exemplo compara a política com uma corrida de cavalos em que a Ministra não deveria correr sozinha na pista, embora seja poderosa e conhecedora do jogo, é melhor não arriscar e ter *outra carta na manga*, enquanto a partida ainda não está decidida.

Os verbos, novamente no modo indicativo, salientam os fatos como reais e verídicos. A metaforização dessa realidade é apresentada como expressão da verdade e instiga os leitores a observarem a líder política como alguém que realmente conhece o jogo político, dá as cartas, mas deve modificar alguns aspectos de sua personalidade para vencer esse jogo, esse não é um jogo aberto, de cartas na mesa, mas um jogo velado e, portanto, cheio de surpresas.

5.1.1.2.5 Exemplo 5: A galinha cacarejadora do governo percorre um calvário político. Presa fácil do Congresso? Os laços que foram atados começaram a ser rompidos.

g) Nas últimas três semanas, desde que ganhou espaço, na mídia, o vazamento de uma relação com os gastos do ex-presidente Fernando Henrique e de alguns ministros de seu governo, inclusive da então primeira-dama Ruth Cardoso, a ministra vem percorrendo um difícil calvário político, quando procurou fazer prevalecer a versão de que o dossiê, alardeado pela imprensa, não passava de um inofensivo banco

de dados, montado pela Casa Civil com o único propósito de fornecer informações a CPI do cartão Corporativo, caso fosse solicitada (Brasília em Dia, ano 12, n. 588, p. 14-15, 12 a 18 mar. 2008).

h) Durante a semana, a chefe da Casa Civil, habilmente, conseguiu sair do noticiário, evitando exposição política. Fez uma exceção apenas para receber um grupo de senadoras e deputadas, que foram ao seu gabinete, no quarto andar do Palácio do Planalto, para fazer um desagravo a Dilma por ter sido comparada a uma galinha cacarejadora do governo (Brasília em Dia, ano 12, n. 588, p. 17, 12 a 18 abr. 2008).

i) Pode perder quem apostar que a ministra será uma presa fácil no Congresso? De qualquer forma, os laços que foram atados para torná-la uma refém dos políticos começaram a ser rompidos (Brasília em Dia, 12 a 18 de 4/2008, ano 12, nº588, p. 17).

j) Com uma minoria barulhenta e uma maioria que sabe exercitar os votos que tem, silenciosamente, para evitar derrotas para o governo nas CPIs, é improvável que Dilma Rousseff compareça para depor na próxima semana, apesar de alguns dos seus aliados defenderem essa estratégia, para sepultar definitivamente o dossiê (Brasília em Dia, ano 12, n. 588, p. 17, 12 a 18 mar. 2008).

k) A ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, foi escolhida pela oposição como um dos principais personagens a ser chamuscado na CPI dos Cartões Corporativos (Correio Braziliense, n. 16.368, 11 mar. 2008).

Início a análise pelo *difícil calvário político* vivenciado pela *galinha cacarejadora do Governo*. Explico melhor, a Ministra Dilma Rousseff foi chamada pelo senador Mão Santa (PMDB) de *galinha cacarejadora*. A expressão, na época, causou polêmica no Senado e na imprensa. O senador garantiu, em público, que não era uma expressão machista. Essa metáfora compara a Ministra a uma galinha que fica alardeando algo, no caso da galinha, o ovo; em relação à Ministra, o dossiê. Nesse momento, fica claro o trabalho ideológico veiculado nessa prática discursiva. Aparece, na voz do Senador e por meio da metáfora, outra voz política no texto, no caso, uma voz

da oposição que, de um modo muito grosseiro e machista, compara uma representante política com uma *galinha cacarejadora do Governo*. A metáfora aqui se apresenta como uma configuração linguística que permite, de forma velada e oculta, que se façam comparações de cunho ideológico. Há, nessa expressão, certo grau de crítica e desprestígio em relação a membros do Governo.

Cabe ainda considerar, juntamente com Fromkin e Rodman (1993), que a língua em si não pode ser “sexualmente discriminatória” nem obscena, mas pode refletir “atitudes machistas“. Na visão dos autores, estudos investigativos relativos à linguagem usada pelos homens quando falam das mulheres apresentam palavras de conotações frequentemente depreciativas e sexuais. Em muitas línguas, inclusive no português, há palavras referindo-se às mulheres em tom abusivo ou sexual. O vocábulo empregado na metáfora acima pode referir-se à *fêmea do galo* ou a *uma mulher que troca de parceiros com muita frequência*. Assim sendo, ao considerarmos essa expressão em uma perspectiva Bakhtiniana, na qual o signo não é neutro e vem impregnado pela ideologia, podemos dizer que essa escolha feita pelo Senador não foi aleatória, pois ele trouxe para o discurso uma palavra já dita por outros em outras situações discursivas, e provavelmente, em muitas delas, o vocábulo foi empregado na segunda acepção. Esse jogo de dizer por um modo velado, empregando uma configuração linguística que possibilita isso, instaura questões hegemônicas e de poder no discurso do Senador e nos leva a refletir sobre a importância da língua para o estudo do gênero.

O primeiro exemplo selecionado - “a ministra vem percorrendo um difícil calvário político” – revela a situação delicada que a líder política enfrentou quando procurou fazer prevalecer a versão de que o dossiê não passava de um inofensivo banco de dados, montado pela Casa Civil com o propósito de fornecer informações à CPI do Cartão Corporativo. O emprego dessa metáfora salienta o sofrimento da Ministra comparado ao sofrimento de Cristo. Mas é preciso chamar atenção para o fato de que Cristo sofreu injustamente. Desse modo, se tem, na ambigüidade linguística disponibilizada por essa figura, dois sentidos: o primeiro que enfatiza o sofrimento de alguém que cometeu um ato não aceito em determinada prática social; o segundo, de certo modo, procura abrandar o comportamento da chefe da Casa Civil no momento em que estabelece, por meio da metáfora, a relação com um sofrimento injusto, como foi o de Cristo no calvário.

No exemplo seguinte (j), esse abrandamento da culpa da Ministra origina uma

pergunta (será a Ministra presa fácil no Congresso?) para a qual é atribuída uma resposta negativa (os laços que foram atados para torná-la uma refém dos políticos começaram a se romper). Assim, depreende-se que, embora Dilma tenha feito algo condenável em termos políticos, sua atitude não lhe causou danos maiores, já que os laços que a mantinham refém se soltaram. Isso se torna tão óbvio que, no exemplo seguinte (i), a configuração metafórica aí presente sepulta definitivamente o dossiê. Essa colocação volta à caracterização da Ministra como pessoa corajosa, destemida e que dá a volta por cima, uma verdadeira *guerrilheira urbana*, *uma eficiente capitã do time* e *gerente da máquina*, cuja *musculatura política* cada vez mais se fortalece. Retornamos, assim, às primeiras caracterizações metafóricas. E esse poder é tão grande que, depois de todos os acontecimentos, Dilma saiu apenas *chamuscada*, ou seja, queimada levemente na CPI dos cartões corporativos.

Em relação à modalidade, repete-se o que ocorreu nos exemplos anteriores, há um distanciamento em relação ao fato, o qual é buscado na ausência de estruturas verbais e palavras e expressões veiculadoras de subjetividade e de comprometimento com o que está sendo dito. No entanto, esse é um falso distanciamento, relativo apenas ao gênero no qual os elementos exemplificados se inserem (gênero notícia da mídia impressa), já que as configurações metafóricas, por seu alto grau de subjetividade, resgatam o que falta na linearidade linguística, pois a metáfora expõe, de modo velado, um julgamento a respeito do fato veiculado. E esse julgamento, por ser realizado por intermédio de uma configuração metafórica, potencializa o significado.

5.1.1.1.2.6 Exemplo 6: **Dilma é um dos trunfos de Lula no jogo político.**

l) *Dilma é um dos trunfos de Lula para a sucessão* (*Correio Braziliense*, n. 16.254, p. 6, 18 dez. 2007).

m) O governo tenta transformar um assunto grave e delicado, a doença da ministra Dilma Rousseff, em trunfo para a campanha presidencial do próximo ano (*Veja*, Editora Abril, edição 2.111, ano 42, n. 18, p. 58-59, 6 maio 2009).

Trunfo, em certos jogos carteados, é o naipe que vence os outros no jogo. Assim sendo, a Chefe da Casa Civil é a candidata política do governo que será o trunfo para vencer o jogo das próximas eleições e, portanto, um jogo possivelmente já ganho. A ideia de política como jogo é recorrente, já apareceu antes, no exemplo (f): *no jogo político*.

A metáfora do *trunfo* é tão recorrente, que agora ela se estende para a vida pessoal da Ministra. A doença instaura a subjetividade no discurso, pois no momento em que ela é veiculada, os cidadãos comuns se solidarizam em relação à Ministra e expressam seus sentimentos, exemplificam com casos parecidos de amigos e familiares que tiveram o mesmo tipo de câncer e sobreviveram. Outras vozes que aparecem na mídia, como de políticos, também são solidárias, mesmo sendo da oposição. Nesse momento, há a tentativa da mídia de resgatar o encontro entre o público e o privado e, assim, desencadeia um processo de humanização em relação ao perfil identitário da Ministra.

O encontro entre o *público* e o *privado*, que confunde, por meio do discurso midiático, a *personalidade* com a *identidade social* de figuras públicas do universo político brasileiro fica, também, notório em uma matéria da revista Veja de 3 de novembro de 2004. A referida notícia refere-se à *Eulina Rabelo*, que teve sua candidatura à Prefeitura de Viseu (no Pará) impugnada por estabelecer relacionamento afetivo com a Prefeita da época. A matéria veiculada na revista, embora objetive traçar um perfil público, enfatiza mais a identidade pessoal da personagem do que propriamente sua *identidade social*. Tem-se, aí, inclusive, um caso de *espetacularização* por intermédio do deslocamento de um elemento do campo pessoal para o universo público (**ver anexo 1**).

5.1.1.2.7 Exemplo 7: **Dilma é a mãe do PAC.**

n) *Os opositoristas resolveram reagir à escalada da 'mãe do PAC' depois da repercussão do Encontro Nacional com Novos Prefeitos e Prefeitas, realizado na terça*

e quarta-feira passadas. [...] *Cotado para vice na chapa encabeçada pelo PT, Geddel foi além e disse que a colega cuida de cada projeto do PAC ‘da mesma forma que uma mãe deve tratar seu filho: carinhosa e estabelecendo metas.’* (Correio Braziliense, n. 16.706, p. 2, 13 fev. 2009).

o) *Há um ano, ‘a mãe do PAC’ registrava 3% em uma pesquisa de intenção de voto do Datafolha. Hoje está a trinta pontos do primeiro colocado, o governador paulista José Serra, do PSDB, mas já alcança 11% (Veja, Editora Abril, edição 2111, ano 42, n. 18, p. 58-59, 6 maio 2009).*

p) *Dilma precisa rapidamente de um PAC. Um programa de Aceleração do Carisma! O publicitário Lula Vieira dá uma força. Para ele a ministra deveria transformar o jeito durão em estilo mãezona. ‘O tipo físico dela comporta bem isso: aquela mãe que faz macarronada no domingo, mas que dá bronca quando a gente esquece de lavar atrás da orelha’, diz Vieira. (Época, Editora Globo, n. 518, p. 58, 21 mar. 2008).*

O PAC – Programa de Aceleração do Crescimento – foi transformado pela mídia em filho da Ministra Dilma Rousseff. Se Dilma é chamada de *mãe do PAC*, isso significa que ela o gerou e zela por ele como faz a maioria das mães. A maternidade é um estado privilegiado e cultuado em todas as culturas, pois ela origina a vida e depois cuida dessa vida fazendo tudo para preservá-la. Essa é uma metáfora que veicula a ideologia social vigente e se apropria disso para conseguir seu intento: valorizar a personagem e exaltar seus predicados, levando o leitor a se identificar com a Ministra, em termos de mãe e filho. Já que ela cuida bem do plano para a nação, então saberá se haver muito bem com os brasileiros, seus filhos. Empregar a palavra mãe para qualificá-la em relação a esse plano do Governo faz com que a Ministra seja alçada a um status social incontestável, dando-lhe plenos poderes de ação ao mesmo tempo em que qualquer deslize pode ser interpretado como excesso de zelo e cuidado pelo filho. Além disso, o atual exemplo fala em *escalada* da mãe do PAC. A subida em uma elevação íngreme, como especifica o dicionário Aurélio (1999). Desse modo, a ideologia veiculada prepara o campo para a eleição da Ministra para Presidente, veiculando sua imagem como carinhosa e estabelecadora de metas. Como a mãe zelosa que sabe de seus atos.

Essa caracterização metafórica de *mãe do PAC* é tão convincente e apropriada que a ministra, conforme demonstra o exemplo posterior (o), subiu nas pesquisas e, pelo jeito, continuará com vantagens em relação às sondagens de intenção de voto. Assim sendo, a prática discursiva que veicula o fato revela, por intermédio da metáfora, as perspectivas ideológicas e hegemônicas que se constituem na prática social, no gênero notícia, a prática social de divulgação de candidatos governistas para futuros cargos (no caso de Dilma, à presidência) inscreve elementos ideológicos veiculados por intermédio de textos da mídia impressa.

Já o exemplo (p) retoma a metáfora anterior em outra perspectiva, fazendo um tipo de paródia da mesma e estabelece elementos de ironia no texto. Dilma precisa urgentemente de um PAC, porém, nesse momento, o sentido é outro, pois PAC significa Programa de Aceleração do Carisma, na voz do publicitário Lula Vieira, que sugere mudanças no jeito *durão* da Ministra.

Aqui a isenção e a modalidade objetiva dos exemplos (n) e (p) são de certo modo perturbadas pela introdução do discurso relatado, que, certamente, fornece elementos de subjetividade e posicionamento no texto: “Geddel foi além e disse que a colega cuida de cada projeto do PAC ‘da mesma forma que uma mãe deve tratar seu filho: carinhosa e estabelecendo metas.’” “Para ele a ministra deveria transformar o jeito *durão* em estilo *mãezona*.” As formas “carinhosa” e “estabelecendo metas” representam formas adverbiais de modo, as quais disponibilizam um julgamento e um posicionamento a respeito da atitude da Ministra, sendo assim elementos modalizadores.

No exemplo (p) aparece o verbo modal *deveria*, que estabelece uma asserção modalizadora com o intuito de instituir certa obrigatoriedade ao comportamento sugerido (ser menos *durona*). Chamo atenção para o fato de que a modalidade realmente se coloca nos exemplos (n) e (p) por meio do discurso do outro. Assim, quando no exemplo (n) aparece o discurso relatado: *Geddel foi além e disse que a colega cuida de cada projeto do PAC ‘da mesma forma que uma mãe deve tratar seu filho: carinhosa e estabelecendo metas’*, temos aí o verbo modal *deve*, o qual instaura obrigatoriedade em relação à atitude da mãe e, por extensão, ao comportamento da Ministra em direção ao PAC e, logo a seguir, o adjetivo *carinhosa* e a expressão *estabelecendo metas* em função adverbial, que instauram aspectos modalizadores no discurso, na perspectiva de Geddel, Dilma tem obrigação de tratar o PAC como uma mãe trata o filho: carinhosamente e, ao mesmo tempo, com planos em relação ao futuro. E, assim sendo,

no exemplo (p): *Para ele a ministra deveria transformar o jeito durão em estilo mãezona*, temos novamente o discurso relatado indireto e, junto com ele, a expressão verbal (deveria transformar) iniciada por um modal *deveria* que, por ser uma forma do futuro do pretérito do indicativo, age como um conselho dado de uma forma sutil, porém enfática. Nesses exemplos anteriormente investigados, percebe-se que o discurso relatado, por possibilitar a veiculação de assertivas atribuídas a voz do outro, é um recurso usado que mascara o comprometimento do sujeito relator com o discurso veiculado. E, desse modo, a constituição identitária da personagem em questão é feita de modo oblíquo e dissimulado, isentando a mídia de qualquer comprometimento.

5.1.1.2.8 Exemplo 8: Surge uma super-Dilma (ou um super-seja-quem-for) na Casa Civil.

s) O surgimento de uma super-Dilma (ou um super-seja-quem-for) na Casa Civil é um risco para a estrutura do governo, para os programas que venha a coordenar e para ela mesma. Faria muito mais sentido que recebesse o dobro dos poderes que tem e fosse nomeada ministra do Desenvolvimento, mandando como mandaram Delfim Netto e Fernando Henrique Cardoso enquanto estiveram na Fazenda (Correio do Povo, ano 112, n. 120, p. 6, 28 jan. 2007).

A Ministra é alçada ao grau de super-heroína, mais poderosa do que nunca, porém esses poderes são vistos como perigosos para o Governo. Na verdade, esse exemplo critica o perfil poderoso de Dilma Rousseff, mas o interessante é que, mesmo na crítica negativa, a personagem tem status positivo – super-Dilma.

Na modalidade, termos os tempos do modo indicativo, que colaboram para estabelecer um teor de realidade e de verdade ao que está sendo veiculado. O emprego do subjuntivo está ligado às sugestões dadas para possível procedimento da Ministra: *programas que venha a coordenar; faria muito mais sentido que recebesse o dobro dos poderes que tem e fosse nomeada ministra do desenvolvimento[...].* O presente do subjuntivo e o pretérito imperfeito do subjuntivo instauram os fatos com certa dúvida em relação à sua efetivação.

5.1.1.2.9 Exemplo 9: A doença de Dilma deixou as coxias do gabinete presidencial e subiu ao palanque: é preciso manter o nome da ministra na ribalta.

t) *Foi assim que a doença de Dilma deixou as coxias do gabinete presidencial e subiu ao palanque. Na segunda-feira passada, Lula levou a ministra para uma agenda de mais de dez horas de compromissos políticos com jeito de comício em Manaus. Do alto do palanque, reforçou que Dilma é sua candidata e, num gesto humano, pediu para que rezassem por ela (Veja, Editora Abril, edição 2.111, ano 42, n. 18, p. 58-59, 6 maio 2009).*

u) *O tratamento do linfoma, no entanto, pode reduzir a exposição pública de Dilma e congelar as articulações em torno de sua candidatura. Diante dessa ameaça, o governo partiu para uma exploração despudorada do câncer da ministra, a fim de manter o nome de Dilma na ribalta (Veja, Editora Abril, edição 2.111, ano 42, n. 18, p. 58-59, 6 maio 2009).*

A doença da Ministra deixa *as coxias do gabinete*, ou seja, os bastidores do gabinete e sobe ao palco, no momento em que vai ao palanque, por meio da voz do Presidente Lula. Temos claramente um exemplo da mídia do espetáculo, em que os fatos da vida pessoal se tornam, também, fatores políticos extremamente relevantes para a constituição identitária da personagem. A mídia constrói, por meio de sua prática discursiva, a espetacularização da doença da Ministra pelo deslocamento de um elemento do universo pessoal para o campo público e, com isso, consegue determinada complacência e parceria do leitor/eleitor. Desse modo, a identidade pública da líder política fragiliza-se e acontecem mais adesões. O jogo ideológico se beneficia com esse procedimento, já que a fragilização da personagem pode significar a manutenção da força hegemônica no poder.

A enfermidade da Ministra torna-se personagem também e transforma-se em mais *um trunfo no jogo do poder*. É um elemento poderoso que será usado para *manter o nome de Dilma na ribalta*, ou seja, possibilitará que a Ministra continue no palco, em evidência.

A posição do autor do texto e seu comprometimento com o que está sendo dito modificam-se na trajetória do primeiro exemplo para o segundo, já que ambos

pertencem a um texto único de mesma data. No exemplo (t), ele se apropria do discurso do outro (no caso, a voz do Presidente) para estabelecer essa condescendência em relação à Ministra. Para tanto, emprega, inclusive, uma adjetivação bastante enfática (*e num gesto humano*), que mostra seu grau de comprometimento com o que está sendo dito. Já no exemplo (u), o operador argumentativo *no entanto* e o modal *pode* modificam esse posicionamento do autor do texto para outra direção, a de uma chamada de atenção para os perigos de tal procedimento em relação ao câncer de Dilma. Inclusive emprega a expressão *exploração despudorada* como elemento enfático de crítica. Assim procedendo, sua crítica negativa posterior torna-se mais suave, ou seja, em relação ao problema de saúde da Ministra há uma atitude humana de compreensão e apoio, porém em relação ao comportamento do Governo há um desabono.

5.1.1.2.10 Exemplo 10: A ministra guerreira versus o fantasma da candidata em tratamento.

v) Para aferir a reação do eleitorado ao problema de Dilma, o marqueteiro de Lula, João Santana, começou uma pesquisa qualitativa. O objetivo é saber se a imagem da ministra guerreira é mais forte do que o fantasma da candidata em tratamento de câncer (Veja, Editora Abril, edição 2.111, ano 42, n. 18, p. 58-59, 6 maio 2009).

E, finalmente, a mídia chega a um impasse: a guerreira continua ou o fantasma da doença vai vencer e aterrar a opinião pública? Creio que esse é um importante questionamento, nesse momento, para a constituição identitária da Ministra da Casa Civil Dilma Rousseff, porém, como estou trabalhando com um “corpus vivo”, essa será uma das questões que, por hora, não serão respondidas. Tudo vai depender do quanto a guerreira irá lutar e do quanto a opinião pública estará a seu lado e disposta a apostar nela para a presidência. Tentar uma resposta agora seria temerário e irresponsável. Duas construções metafóricas poderosas que se enfrentam medindo forças. A primeira que a acompanha desde o início de sua inserção no terreno da política e que se originou de seu passado de guerrilheira; a segunda, surgida de uma fatalidade, sua doença, e que aparece nesse momento de seu percurso em que a luta já parecia ganha. Creio que, para sabermos o resultado da contenda, já que política é luta, teremos de sair da linguística e entrar na história.

O exemplo colhido, em termos de modalidade também não nos dá a resposta para a constituição identitária final de nossa personagem em estudo, já que os tempos no modo indicativo só nos sinalizam a veracidade dos fatos em termos de pesquisa, não em relação a resultados.

Desse modo, finalizamos nosso percurso em relação ao modo como as configurações metafóricas veiculadas na mídia impressa colaboram para o delineamento da constituição identitária de Dilma Rousseff. Nesse momento, parcial ainda de nossa análise, podemos salientar que, de um modo geral, a mídia impressa apoia a candidata, respeita-a e tem por ela grande admiração que se refere à sua atitude de guerreira contra a ditadura, no passado, e diz respeito, agora, à sua seriedade, competência e garra em relação às questões políticas atuais e, inclusive, à postura relativa à sua doença.

No final das análises, após o exame das metáforas visuais a respeito da candidata, será possível, então, traçar esse perfil com maior aprofundamento. Passemos, agora, às metáforas visuais.

5.1.1.3 SEGUNDO VIÉS ANALÍTICO: METÁFORA VISUAL E MODALIZAÇÃO VISUAL

Investigo, agora, quatro metáforas visuais que, no meu entender, representam semioticamente aspectos importantes da caracterização identitária de Dilma Rousseff empreendida pela mídia impressa. Essas configurações são analisadas em conjunto com a modalização visual, na perspectiva de Kress e van Leeuwen (1996; 2004), já que uma depende da outra para significar. É importante salientar que a comunicação visual se dá por meio de um código que só pode ser lido no interior de uma prática social específica relacionada, também, a uma prática discursiva particular, pois subjacente aos códigos estão as questões ideológicas.

Gostaria de salientar que não é meu propósito esmiuçar os textos visuais em todos os seus possíveis detalhes investigativos, mas, sim, selecionar elementos que, no meu entender, são os mais relevantes para a análise de cada imagem. Esse procedimento permite que as interpretações não se tornem cansativas e repetitivas para o leitor, visto que, assim, é possível investigarem-se novos elementos à medida que as análises acontecem.

As metáforas visuais apresentadas neste item foram selecionadas em jornais e revistas da imprensa brasileira, no período de 2007 a 2009: *O Sul (RS)*; *Correio Braziliense (DF)* e a revista *Brasília em Dia (DF)*. No universo metafórico apresentado pela imprensa, nos últimos anos, creio serem essas **quatro configurações** bastante significativas e ricas em elementos a serem interpretados para a composição da constituição identitária investigada nesta tese.

5.1.1.3.1 Imagem n° 1: Rumo aos grotões



(Rumo aos grotões – *Correio Braziliense*, p. 2, n. 16.354, 26 fev. 2008)

A metáfora *Rumo aos grotões* ilustra a visita programada pelo Presidente Lula a várias cidades brasileiras, principalmente às do Nordeste, acompanhado da Ministra-Chefe da Casa Civil e candidata dele à Presidência da República, Dilma Rousseff. O Presidente anuncia que irá com a Ministra para algumas cidades do Nordeste com o objetivo de lançar regionalmente o programa *Territórios da Cidadania*. Em Fortaleza, lançará as obras do *Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)*. Em Aracaju, inaugurará obras do PAC. A oposição declarou-se contra o programa pelo fato de ele ter sido lançado em ano de eleição municipal (**ver anexo 2 – roteiro de viagens**).

Os personagens da charge, a Ministra e o Presidente, estão vestidos com roupas características da região para onde irão. A cor usada é cinza esverdeado, lembrando o cenário que será visitado: Nordeste e bolsão de pobreza. A roupa é uma tentativa de harmonização e identificação com o ambiente visitado. Os personagens encontram-se

posicionados no meio da página, o que destaca a importância dos mesmos em relação ao que está sendo veiculado. Dilma encontra-se à esquerda da imagem, enquanto Lula está à direita, assim sendo, a Ministra é **o dado**, o conhecido, o que não é questionado, no entanto, o Presidente é **o novo**, o que se dá a conhecer. Desse modo, a parte importante da mensagem e a parte que poderia potencialmente influenciar, que poderia, por exemplo, ser negada ou confirmada, ou questionada é a parte que se encontra à direita. Ainda segundo van Leeuwen (op. cit.), o dado nunca é objetivamente dado, nem o novo é objetivamente novo. As coisas são tratadas como dadas ou novas no contexto de uma situação comunicativa específica.

Explico melhor, já é sabido que a Ministra é possível candidata, mas é novo o fato de que Lula, agora, abertamente (de mãos dadas com Dilma na representação), apoia a candidata. A imagem da Ministra é apresentada em tamanho maior do que a do Presidente, o que demonstra a importância da líder política, no momento, e em relação ao futuro, quando, pelos propósitos do Governo, precederá o Presidente. Outro detalhe importante na representação gráfica é o fato de que ambos estão de mãos dadas, porém quem segura a mão do Presidente é a Ministra, e esse fator indica que ela, na verdade, é o elemento condutor do processo, e ele é apenas um componente de apoio.

Os significados da expressão visual permitem gradações, de acordo com Kress e van Leeuwen (1996), e essas gradações estabelecem o grau de modalização. As diferentes gradações possibilitam o aumento ou a diminuição das dimensões relevantes de articulação. O desenho aqui apresentado pela mídia impressa reduziu a articulação do detalhe, do pano de fundo, da profundidade, da luz e sombra e não apresentou articulação de cor ou gradação tonal (ver 2.3.3.10). Isso corresponde a seu valor de modalidade. Essa charge é vista como uma opinião visual e, de certo modo, menos factual do que fotos de jornal, porém seu grau de modalização, no meu entender, é alto, pelo fato de proceder, por intermédio da representação, a uma simbolização do real com alto grau de comprometimento do autor do desenho, já que os elementos importantes a serem veiculados são, na charge, enfatizados.

O espaço pictórico não se encontra contido por margens, na verdade, invade o texto, confundindo-se com ele e, praticamente, quase excedendo as margens da folha do jornal. Assim, a saliência do desenho põe em evidência a relevância do significado da metáfora em relação ao texto escrito, ela não precisa do texto para significar.

No meu entender, a grande relevância dessa metáfora, especificamente, é sua influência nas questões hegemônicas e de poder. No momento em que ela (de)loca a imagem de dois personagens do mundo real para o universo simbólico e, por meio desse percurso, estabelece a comparação com duas figuras conhecidíssimas no Nordeste: Lampião e Maria Bonita, ela instaura, no campo do significado, questões ideológicas ligadas a esses elementos aí representados. Ao representar a Ministra-Chefe da Casa Civil no papel de Maria Bonita e o Presidente como Lampião, o significado se impõe a respeito dos dois personagens da política atual como os guerreiros do Nordeste brasileiro. Provavelmente a metáfora buscada aqui se vale da comparação entre Lampião e Robin Hood, pois ambos roubavam dos ricos para distribuir aos pobres. Temos, inclusive, aqui, uma questão nítida de intertextualidade: a história de Lampião e Maria Bonita é resgatada e toma novas dimensões no espaço pictórico ora investigado e traz para essa configuração valores e significados ideológicos.

5.1.1.3.2 Imagem nº 2: Dilma está livre do Congresso?



(Revista Brasília em Dia, ano 12, n. 588, 12 a 18 abr. 2008)

A representação pictórica acima diz respeito ao escândalo ocorrido com o vazamento dos gastos com cartões corporativos durante o Governo do ex-Presidente Fernando Henrique, de alguns de seus Ministros e, inclusive, da então primeira-dama Ruth Cardoso. Sendo o vazamento atribuído à Ministra, ela procurou fazer prevalecer a versão de que o dossiê, alardeado pela imprensa, não passava de um inofensivo banco

de dados, montado pela Casa Civil com o único propósito de fornecer informações à CPI do Cartão Corporativo. O fato teve grande repercussão na mídia, levando a Ministra a defender-se publicamente.

A configuração metafórica ocupa a capa da revistas *Brasília em Dia* de 12 a 18 de abril de 2008. A imagem é colorida com várias nuances. O Senado e o Congresso são apresentados na cor cinza claro contra o céu azul claro de Brasília.

À esquerda, temos a figura “marota” do Presidente Lula, cortando as cordas que prendem a Ministra na “panela” do congresso, em um gesto nítido de ajuda e parceria. Esse é o dado conhecido, ou seja, todos sabem do apoio do Presidente à Ministra-Chefe da Casa Civil. À direita, temos a Ministra presa no Congresso e o dossiê dos Cartões Corporativos pegando fogo e queimando Dilma politicamente. E o mais interessante é que a ilustre representante do Governo tenta apagar esse fogo de modo bastante ineficiente, ou seja, apenas assoprando, o que significa que suas tentativas para justificar sua atitude perante o Congresso não são muito eficazes. A expressão desesperada no rosto da Ministra nos leva a questões de poder que implicitamente se instauram, ou seja, a interpretação clara é de que a candidata do Governo à Presidência em 2010 está bastante preocupada com o dossiê e, pela imagem veiculada, diria que ela está realmente desesperada. Isso demonstra o modo como a metáfora, nessa prática discursiva específica da mídia impressa, lê o evento social do vazamento do dossiê, já imputando certa culpabilidade a essa personagem política.

A figura de Dilma aparece em primeiro plano, o que indica que ela é o tema principal da representação. Atrás dela, o Presidente, que, embora em segundo plano, é quem irá resolver a questão do dossiê, salvando-a. Desse modo, é estabelecida uma relação de parceria entre as duas figuras políticas representadas, o que é extremamente significativo na veiculação do fato pela mídia, a qual mostra os dois personagens ligados ideologicamente, pois, na verdade, a Ministra é a candidata do Presidente a sua sucessão.

Assim a pergunta que está sobre a imagem, mas abaixo dela (Dilma está livre do Congresso?), é respondida pelos índices presentes na metáfora visual no momento focalizada. Embora o Presidente salve a Ministra da fogueira do Congresso, ela demonstra, pela preocupação estampada em seu rosto e pela pouca chance de apagar o

fogo, que a sua imagem, com certeza, no mínimo, será chamuscada pelo fato ocorrido. A pergunta escrita em letras brancas indica, por encontrar-se na parte inferior da página, a importância do questionamento como se referindo a fato real, e sua integração ao texto faz com que a representação pictórica também seja vista como factual e não apenas como representatividade do real.

A modalidade, no texto visual ora investigado, se apresenta em índice alto, uma vez que a imagem ocupa completamente a capa da revista, indicando, desse modo, a importância do evento veiculado, além de apresentar a imagem com muitos detalhes e variações tonais, o que a torna parecida com a realidade.

5.1.1.3.3. Imagem nº 3 – Dilma e o PAC



(*O Sul*, p. 2, ano 6, n. 1.989, 26 jan. 2007)

A charge anterior foi inspirada na pintura de Eugène Delacroix *A Liberdade Guiando o Povo* (1930), óleo sobre tela, a qual se encontra no Museu do Louvre em Paris. Na pintura, a Liberdade, de seios nus, traz, numa mão, uma arma e, na outra, a

bandeira da França, na representação de um puro nacionalismo (**ver anexo 3**).

A metáfora investigada estabelece um princípio de transferência do universo da pintura para o território real da política brasileira. Há a (de)locação dos elementos pictóricos que, posteriormente, são (re)locados em outro cenário e, no final do percurso, surge outro quadro que veicula uma prática social diferente da apresentada no primeiro e instaura questões hegemônicas e de poder extremamente relevantes. Visualmente, a transferência é feita pelo acréscimo da cabeça de políticos do contexto brasileiro nos corpos dos personagens da pintura original. A personagem principal da pintura é a Liberdade, que está em posição de luta e avança em marcha batida com a bandeira em uma mão e, na outra, segura uma arma.

Na charge, a personagem principal é Dilma Rousseff, Ministra-Chefe da Casa Civil, a qual segura, em uma mão, a bandeira do Brasil, sobre a qual está escrito PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e, na outra, uma arma. Há, nitidamente, uma veiculação ideológica, que mostra a Ministra no centro da imagem e acima de todos os outros personagens, inclusive aparece bem mais alta do que o Presidente. Desse modo, sua importância é destacada, juntamente com o programa social pelo qual ela é responsável. Programa esse que se encontra gravado em letras azuis na bandeira brasileira em referência a sua importância para o País.

A imagem de guerreira da Ministra fica clara por meio de sua postura corporal e pela arma que segura na mão esquerda. Os outros políticos, inclusive o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, encontram-se caídos e os que estão se levantando, o Presidente Lula e o Vice-Presidente (à sua esquerda) não apresentam a postura ativa e preparada para a luta como a mostrada pela Ministra. Assim, a representação pictórica deixa óbvio que a grande responsável pelo projeto é ela – Dilma.

Há uma predominância do amarelo, cor da nossa bandeira, o qual representa a prosperidade, a riqueza. Elemento também significativo em relação ao programa social encabeçado pela líder política: por meio da aceleração do crescimento, o País aumentará suas chances de enriquecimento e, por conseguinte, o cidadão comum também terá condições de uma vida melhor e mais abastada.

Temos, também, na imagem, objetos simbólicos indutores de ideias: as armas (espingarda, revólver, espada) e a bandeira. Juntos eles nos mostram conotativamente que é preciso ir à luta para salvar a pátria. Embora seja uma luta simbólica, ela tem

íntima relação com a personagem principal aqui retratada, a Ministra, que foi guerrilheira e que continua, no cenário político, sua luta pelo poder.

A charge, por ser feita pelo aproveitamento das imagens originais do quadro, apresenta um teor de modalização bastante alto, já que as imagens aparecem cheias de detalhes, inculcando um teor grande de veracidade às figuras. As diversas tonalidades (amarelo escuro, amarelo claro; verde escuro, verde claro; branco, cinza) também mostram a preocupação com o detalhe que, no caso, torna a representação figurativa bem mais real.

A questão da intertextualidade aqui fica notória: a composição de um texto por intermédio de outro. A pintura original, criada em uma prática social específica re-significa na composição do texto imagético atual preso a outra prática social que acontece no universo da globalização. Cenários sociais distantes que se encontram e instauram outro significado, o qual, por sua vez, deixa à mostra questões ideológicas e de poder atadas aos personagens que hoje são os responsáveis pela hegemonia partidária ligada à Presidência da República.

Desse modo, temos uma leitura conotativa visual oportunizada por essa configuração metafórica, já que ela disponibiliza conceitos abstratos que veiculam significados culturalmente compartilhados que são indutores poderosos de ideias culturalmente partilhadas e aceitas. Acontece, assim, uma re-contextualização que se manifesta no hibridismo textual e discursivo. No qual os elementos (re)locados são articulados juntamente com elementos já existentes e, posteriormente, são veiculados de acordo com o universo das práticas discursivas e das práticas sociais atuais.

Essa configuração pictórica, no meu entender, pode ser comparada com a metáfora visual que representa a ex-Senadora Heloísa Helena em campanha para a Presidência da República em 2006 (**ver anexo 4**). Embora a constituição identitária seja oposta a de Dilma Rousseff, os dois processos metafóricos equivalem-se em relação aos elementos intertextuais empregados para essa constituição nessas duas metáforas visuais. Em relação à Heloísa Helena, a metáfora visual (de)loca a constituição identitária da personagem *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, obra-prima do Renascimento, para um evento político pós-moderno, no qual a personagem principal é a ex-Senadora, que se apresenta montada em seu cavalo, segurando uma bandeira

vermelha (cor do PT), usando trajes velhos e rasgados. Ao seu redor, há um séquito de companheiros políticos também pobremente vestidos. Enquanto Dilma é a mãe do PAC e conquista territórios com seu plano social, o quixotismo da ex-Senadora alagoana é visível e torna-se potencializado na metáfora visual. Dois processos extremamente parecidos de constituição identitária: a (de)locação de um conceito de determinado universo textual e sua (re)locação em outro, deixam à mostra, por meio das identidades que constrem, questões ideológicas tão importantes quanto àquelas relativas às personagens que dispõem de poder político e àquelas que se constituem às margens dele.

5.1.1.3.4 Imagem nº 4 – Dilma na estrada



(*Correio Braziliense*, n. 16.779, p. 2, 27 abr. 2009)

Dois dias depois de anunciar que está se tratando de um câncer, a Ministra-Chefe da Casa Civil recomeça sua agenda de trabalho com duas viagens: uma a Manaus e outra ao Rio de Janeiro. No Amazonas, lançará um programa ambiental, fará

inaugurações e falará aos prefeitos da região sobre o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). No Rio, participará, na Bacia de Campos, da primeira coleta da camada de pré-sal. Em resumo, a agenda da Ministra encontra-se lotada de compromissos, apesar do anúncio a respeito da doença. A matéria, inclusive, vem acompanhada de um mapa resumo que explica todas as obrigações da Ministra.

Depreende-se, claramente, dessa matéria da mídia impressa que o propósito veiculado é o de mostrar os compromissos da “mãe do PAC”, sua versatilidade, energia, seu estilo “guerreira” que, mesmo ao lutar contra um linfoma, faz isso com coragem e sem se abater. Ao seguirmos o itinerário de Dilma, no mapa estampado junto ao texto, ficamos impressionados com a quantidade de tarefas assumidas em tão pouco tempo.

Dilma é estampada na matéria, na parte superior da página, sendo que sua foto tem, como pano de fundo, a imagem de Juscelino Kubitschek, o famoso Presidente que foi empossado em 31 de janeiro de 1956 e governou por 5 anos, até 31 de janeiro de 1961. Em seu mandato presidencial, Juscelino lançou o Plano Nacional de Desenvolvimento, também chamado de Plano de Metas, que tinha o célebre lema "Cinquenta anos em cinco". O plano tinha 31 metas distribuídas em seis grandes grupos: energia, transportes, alimentação, indústria de base, educação e — a meta principal — Brasília. Visava a estimular a diversificação e o crescimento da economia, baseado na expansão industrial e na integração dos povos de todas as regiões com a nova capital localizada no centro do território brasileiro. Assim, por um processo de associação, percebe-se que os dois personagens estampados na foto têm, inicialmente, algo em comum: os projetos. Juscelino, o *Plano Nacional de Desenvolvimento (PND)*, e Dilma, o *Programa de Aceleração do Desenvolvimento (PAC)*.

JK encontra-se estampado na parede atrás da Ministra. Ele está de pé, com os braços abertos e levantados à altura da cabeça. Assim, ao aparecer atrás da Ministra, que está discursando sentada, dá a impressão de que a protege e imita seus gestos: Dilma também está com os braços abertos e erguidos à altura da cabeça, o que estabelece uma sincronia entre as duas imagens. A metáfora configura-se, então, nesse momento em que a sintonia entre a foto da Ministra e a imagem na parede se estabelece. Desse modo, as características do caráter e da forma de agir de JK ficam estampadas nas atitudes da Ministra, que passa a ser caracterizada como empreendedora, ativa, capaz de desenvolver programas importantes para o País em pouco tempo, tal qual o ex-Presidente, cujo lema era “Cinquenta anos em cinco”.

Ao investigar-se o espaço semiótico, vê-se que a verticalidade, muitas vezes, é marcada com traços morais. As metáforas da verticalidade desempenham, de acordo com van Leeuwen (2005), um papel relevante na representação de questões sociais: pessoas com poder se tornam altas e poderosas. Além disso, a verticalidade é marcada com traços morais, de tal maneira que *alto* se torna *bom* e tem significado positivo. Em contrapartida, na concepção de Kress e van Leeuwen (1996), as seções mais baixas dizem respeito ao real, ou seja, elementos colocados em partes mais altas são apresentados como ideais e os colocados em lugares mais baixos são lidos como reais. Para algo ser apresentado como ideal, significa que ele é mostrado como essência idealizada da informação e isso se torna sua parte ideológica mais saliente. O real é então oposto a isso, pois traz informações mais específicas, mais “pés-no-chão”.

Este é um exemplo de metáfora no qual a modalidade é extremamente alta porque está estampada por meio de uma foto. Na concepção de van Leeuwen (2005), a fotografia representa a realidade, fato esse que a torna um elemento veiculador da verdade. Assim, a caracterização empreendida a respeito de Dilma é tida como verdadeira e, portanto, inquestionável, pois quanto mais for, na figura, o grau de representação da realidade, maior será o grau da modalidade.

Ao finalizar as análises relativas às metáforas visuais e às modalizações visuais percebe-se que as características identitárias continuam as mesmas identificadas nas metáforas linguísticas e nas modalidades linguísticas. Na verdade, há forte redundância entre as caracterizações oportunizadas pelas duas modalidades de metáfora. A ministra-chefe da Casa Civil é representada na mídia impressa como guerrilheira, corajosa, empreendedora, responsável por um grande projeto social (PAC), dona de grande força de vontade e capacitada, apesar de sua doença, para o desenvolvimento de planos importantes do governo em curto período de tempo.

A seguir, passo ao estudo da caracterização identitária de Marta Suplicy.

5.1.2 MARTA SUPLYCY E SUA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA

5.1.2.1 UM POUCO DE BIOGRAFIA



Marta Teresa Smith de Vasconcellos Suplicy nasceu em 18 de março de 1945, no Jardim Paulistano, em São Paulo. Ela é filha do industrial Luís Affonso Smith de Vasconcellos e da dona-de-casa Noêmia Fraccalanza Smith de Vasconcellos.

Estudou no Colégio des Oiseaux até o fim do curso ginásial. Coursou o Colegial no Colégio Nossa Senhora de Sion, também em São Paulo, no qual fundou o Grêmio na década de 1960, atuando na política estudantil, manifestando-se contra o regime militar.

Em 1963, ingressou na Faculdade de Psicologia da PUC-SP. No ano seguinte, casou-se com Eduardo Suplicy, recém-formado em Administração de Empresas, com quem teve três filhos: Eduardo, conhecido como Supla, André e João.

Depois de formada em Psicologia, Marta foi com a família para os Estados Unidos, onde fez mestrado na Universidade Estadual de Michigan e pós-graduação na Universidade Stanford.

Ao voltar ao Brasil, especializou-se em Psicanálise. Na década de 1980, apresentava um quadro sobre sexualidade no programa TV Mulher, da Rede Globo. Em 1983, iniciou seu percurso na vida político-partidária, filiando-se ao Partido dos

Trabalhadores. Onze anos depois, elegeu-se Deputada Federal. Em 1998, disputou o Governo do Estado e em 2000 foi eleita Prefeita de São Paulo pelo PT. Em 2004, disputa a reeleição à prefeitura de São Paulo, mas é derrotada por José Serra. Em 2006, perde para o colega de partido Aloizio Mercadante as prévias internas do PT e não vê seu nome viabilizado como candidata ao governo do estado de São Paulo.

Marta separou-se do Senador Eduardo Suplicy em 2001 e, logo depois, casou-se com o jornalista e publicitário Luis Favre, separando-se, pela segunda vez, em 13 de fevereiro de 2009. Em 2007, assumiu o Ministério do Turismo, no segundo mandato do presidente Lula. Em 2008, deixou o Ministério do Turismo para concorrer à Prefeitura de São Paulo, quando foi derrotada nas eleições por Gilberto Kassab.

É membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise e da *International Psychoanalytical Association*, além de ser fundadora e ex-Presidente do Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes (1999-2000), organização que objetiva elaborar propostas e políticas alternativas para a cidade de São Paulo.

Foi, ainda, fundadora e presidente do Grupo TVer (1997), ONG que valoriza a visão crítica sobre os excessos e inadequações nos programas de TV. Fundou, inclusive, o GTPOS (*Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual*), ONG que desenvolve trabalhos de capacitação e oficinas para profissionais de saúde e educação na área de orientação sexual e prevenção da AIDS.

5.1.2.2 PRIMEIRO VIÉS ANALÍTICO: METÁFORAS LINGUÍSTICAS E MODALIDADE LINGUÍSTICA

Esta é a mesma perspectiva analítica desenvolvida para a caracterização identitária de Dilma Rousseff, conforme explicitado no item (5.1.1.2). As configurações linguísticas a seguir investigadas representam metáforas colhidas no período de 2005 a 2009, nos seguintes veículos da mídia impressa nacional: Revista Época, Revista Veja, Revista Isto É, Revista Caros Amigos, Correio Braziliense. Foram colhidas **trinta e cinco metáforas linguísticas**, cujas análises foram agrupadas em **dez exemplos**, a seguir apresentados.

5.1.2.2.1 Exemplo 1: A dama do momento das eleições municipais de São Paulo dribla o assédio.

a)Um grupo de 30 vereadores e deputados estaduais paulistas chega nesta semana a Brasília com uma missão: cortejar a dama do momento das eleições municipais de São Paulo. Loira, ativa e sempre elegante, a ministra do Turismo, Marta Suplicy (PT), dribla o assédio com a desenvoltura que só as mulheres habituadas a chamar atenção desde a juventude têm.

(Revista Época, p. 44, 21 abr. 2008)

O exemplo refere-se à candidatura de Marta Suplicy à Prefeitura de São Paulo em 2008. Os trinta vereadores e deputados estaduais irão “cortejar a dama do momento”. Marta é alçada à posição de uma dama que deve ser cortejada, ou seja, que deve ser tratada com cortezia, com educação, mas, em contrapartida, se “cortejar” significar “fazer a corte”, o sentido buscado será o de “galantear”. Existe, inclusive, uma terceira opção, de acordo com Houaiss(2005), já em um sentido pejorativo, que significa “bajular”, “adular”. Com certeza a metáfora instaura, nesse exemplo, a ambiguidade proposital carregada de significados ideológicos que, por serem apenas sugeridos, não trazem com eles comprometimentos de autoria e deixam a cargo do leitor a interpretação pessoal.

Logo a seguir, há uma série de adjetivos atribuídos à Ministra – loira, ativa e sempre elegante, os quais introduzem, posteriormente, a segunda configuração metafórica do exemplo 1 – “Marta Suplicy dribla o assédio”e, logo após, a explicação, também carregada de elementos ideológicos – “com a desenvoltura que só as mulheres habituadas a chamar atenção desde a juventude têm”. Driblar significa, na instância esportiva, ainda segundo Houaiss (2005), “gingar o corpo, controlando a bola, para escapar da investidas de adversário”. Em outra acepção, denota “tentar enganar, iludir”e, ainda em uma terceira, “esquivar-se, evitar”. No caso do exemplo aqui investigado, tanto o segundo significado quanto o terceiro são, no meu entender, adequados.

Tanto na primeira metáfora quanto na segunda, há, nessa prática discursiva específica da mídia impressa, elementos ideológicos ligados às práticas sociais vigentes atualmente, as quais valorizam, sobremaneira, a mulher bonita, elegante, loira, altiva etc. As práticas sociais que incentivam a corte a essa tipologia feminina específica estão impregnadas da ideologia machista para a qual a mulher deve transitar e destacar-se no meio social por intermédio de atributos físicos específicos ligados ao gênero. Os elementos salientados por ambas as metáforas corporificam a imagem da Ministra como essencialmente a da mulher bonita cujo único predicado é a beleza e a feminilidade, as quais incitam, no cenário político, os colegas homens, a cortejá-la. No momento em que os dotes físicos femininos recebem uma determinada saliência, os outros atributos da candidata, relacionados à sua inteligência e à capacidade para a gestão, ficam ocultos e, desse modo, por meio dessa configuração metafórica, fragiliza-se a capacitação da ex-Ministra para o cargo em relação a seus colegas candidatos, já que os predicados dela são apenas atributos físicos.

Sua constituição identitária, nesse exemplo, dá-se pela identificação com a mulher que, sendo bonita e sabendo de sua beleza, usa esse artifício para diblar candidatos indesejáveis e, inclusive, para conseguir atingir seus objetivos, sejam eles quais forem. Os tempos verbais no presente do indicativo atribuem ao texto investigado um status extremamente alto de atualidade e de veracidade.

5.1.2.2.2 Exemplo 2: A indecisão da candidata é puro jogo de cena.

b) Dentro do PT, todo mundo sabe que a suposta indecisão de Marta não passa de jogo de cena. Liderando a pesquisa mais recente do Ibope com 31% das intenções de voto, a candidatura de Marta Suplicy à Prefeitura de São Paulo, cargo que ocupou entre 2000 e 2004, é dada como certa no partido.

(*Época*, p. 44, 21 abr. 2008)

O exemplo 2 foi retirado da mesma matéria do exemplo 1 e, de modo claro, enfatiza o que foi anteriormente expresso, ou seja, que Marta sabe bem o que pretende,

porém “faz jogo de cena” e assim procura mostrar algo que, na verdade, não é realmente o pretendido. No caso específico dessa matéria, refere-se ao fato de que ela concordou em ser candidata à Prefeitura de São Paulo em 2008, porém pretende esperar até 5 de junho para se licenciar de cargo público. Desse modo, a candidata se preserva, enquanto seus dois adversários se desgastam: o ex-Governador Geraldo Alckmin(PSDB) e o Prefeito Gilberto Kassab (DEM).

Novamente a prevalência de tempo verbais do indicativo enfatizam a veracidade das colocações e a relação delas com fatos reais. Assim sua representação na mídia veicula seu modo ardiloso de comportamento, o mesmo afirmado no exemplo 1 em que Marta driblava o assédio dos vereadores e deputados, agora ela faz o mesmo em relação aos eleitores ao veicular um propósito que não é verdadeiro. Em relação à modalidade, é preciso, ainda, considerar que, na passagem “a candidatura de Marta Suplicy [...] é dada como certa”, o uso da passiva provoca um certo distanciamento e falta de comprometimento do sujeito-autor com aquilo que é veiculado, estabelecendo um baixo nível de modalidade.

5.1.2.2.2 Exemplo 3: **Marta submergiu após a derrota de 2004.**

c) Após a derrota de 2004, Marta submergiu. Perdeu prévias para a escolha do candidato ao governo do Estado para o senador Aloízio Mercadante e ficou meses esperando que Lula a indicasse para um cargo no governo. Pleiteou pastas mais poderosas, como o Ministério das Cidades e da Educação, mas acabou no recém-criado Ministério do Turismo.

(*Época*, p. 44, 21 abr. 2008)

Marta afundou completamente nas águas da política quando perdeu a reeleição para a Prefeitura de São Paulo, em 2004, para José Serra. Metáfora poderosa que coloca a líder política nas profundezas do mar político nacional e, ao mesmo tempo, traz à tona suas dificuldades, desde então, para conseguir posto político significativo.

O exemplo atual também faz parte da mesma matéria jornalística dos dois exemplos anteriores, porém, no exemplo 3, a candidata já não apresenta sua face de quem sabe o que faz e faz premeditadamente. Aqui a ela se mostra fragilizada desde que perdeu a reeleição. Desse modo, comprovamos o poder do texto midiático em relação à constituição identitária das mulheres que exercem função política no cenário brasileiro: a dama cortejada do momento, que dribla o assédio e faz jogo de cena para obter seus propósitos, acaba submergindo, em 2004, nas águas profundas e traiçoeiras da política.

A modalidade, nesse exemplo, é marcada pelo uso dos verbos no pretérito perfeito do indicativo, o que demonstra o fato como acontecido veridicamente no tempo passado e com ação já finalizada. Além disso, fica clara a perspectiva da modalidade marcada pela partícula *mais* que modifica o adjetivo *poderosas* e também pelo operador argumentativo *mas* ligado ao verbo *acabou*: Pleiteou pastas mais poderosas [...] mas acabou no recém-criado Ministério do Turismo. Fica compreensível, nessa passagem, que há um comprometimento do sujeito-autor em relação ao que está sendo veiculado, no momento em que ele faz uma crítica, de certo modo velada, à candidata pelo fato de ter submergido e não ter mais conseguido alguma pasta poderosa no Governo.

5.1.2.2.3 Exemplo 4: Odeia ser chamada de Perua.

d) Se tem uma coisa que a ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy odeia é de ser chamada de perua. Não é para menos. A futura ministra do Turismo tem um estilo elegante e requintado. A crítica de alguns, no entanto, incomodou pelo simbolismo.

(*Correio Braziliense*, n. 16.009, p. 5, 18 mar. 2007)

“Perua” é um vocábulo atual muito empregado na linguagem informal, que carrega em seu cerne significativo questões importantes atadas à ideologia, à hegemonia, enfim, ao poder de determinadas visões sociais. Nenhuma mulher, por mais “dondoca” que seja, gosta de ser chamada de “perua”, palavra impregnada de preconceito que, ao ser usada para nomear alguém, desenha um perfil socialmente

desprestigiado. Na perspectiva do *Dicionário Aurélio* (1999), inclusive, em uma classificação em termos de *vocábulo chulo*, significa “mulher de vida irregular, meretriz”. A acepção, porém, mais utilizada é a da “mulher que se veste de modo afetado.” É compreensível que a Ministra não tenha gostado do simbolismo transmitido pela palavra. A prática social de veiculação de notícias via mídia impressa é poderosa por atingir um grande número de pessoas, inclusive aquelas que, devido à faixa etária ou a questões financeiras, ou ainda por limitações relativas ao local em que residem, não têm acesso à Internet. Desse modo, empregar tal vocábulo é valer-se de um meio poderoso para constituir identidades. O termo “perua” acrescenta à constituição identitária da personagem questões de gênero constituídas por intermédio da linguagem, de certo modo particular, empregada para falar da mulher. No caso da personagem aqui investigada, o desabono vem por conta do modo característico de a Ministra vestir-se: sempre com roupas de grife e, muitas vezes, bastante coloridas e com cortes ousados. Há fotos da Ministra estampadas na mídia impressa que, inclusive, registram esse comportamento. Exemplifico com uma imagem a seguir:



(Veja, Editora Abril, ed. 2.018, ano 40, n. 29, p. 86, 25 jul. 2007)

O fato de haver um comentário do autor do texto “ Não é para menos. A futura ministra do Turismo tem um estilo elegante e requintado”, no qual há uma outra perspectiva a respeito do que está apresentado, não minimiza o emprego ideológico da palavra “perua” e seus efeitos na constituição identitária da Ministra. Ao se colocar contrariamente ao que foi exposto anteriormente, o autor do texto apenas se compromete com outra versão, instaurando um alto grau de modalidade no texto ora investigado. Funciona mais ou menos como o processo psicanalítico da *denegação*, em que, aparentemente, nego algo, porém, em um olhar mais atento e mais profundo, estou mesmo é afirmando. No meu entender, o signo “perua” é, nesse contexto, um signo essencialmente ideológico e, portanto, traz consigo olhares hegemônicos a respeito de determinadas práticas, no caso, às relativas ao modo como determinadas mulheres se vestem.

Interessante enfatizar, nesse momento, os comentários contidos nos textos midiáticos a respeito do modo de vestir da ex-Senadora Heloísa Helena Lima de Moraes Carvalho, candidata à Presidência da República em 2006. Na época de sua campanha política, a mídia chamava atenção para seu jeito despojado de vestir-se: sempre com calça jeans e blusa branca (**ver anexo 5**). Assim como Marta recebe esse rótulo de “perua”, Heloísa Helena era caracterizada inversamente, como alguém que usava roupas muito simples para o lugar social que ocupava. É quase um *processo metonímico* que acontece nessas caracterizações relativas a essas duas personalidades políticas: *seleciona-se a parte para representar o todo*. O modelo de vestuário usado por elas constitui sua imagem na mídia e, portanto, sua identidade social.

5.1.2.2.4 Exemplo 5: Estrela em ascensão do PT de São Paulo

e) *Quando Marta assumiu a prefeitura, em janeiro de 2000, tudo era festa para o partido. ex-deputada federal, ela era uma estrela em ascensão fulminante e sua*

gestão já era cantada em verso e prosa como a grande vitrine do chamado ‘modo petista de governar’.

(*Isto É*, São Paulo, Editora Três, n. 1851, p. 27, 6 abr. 2005)

f) No senso-comum, parece um disparate a filha de uma família aristocrática de São Paulo, que não dispensa um terninho de grife, mesmo nas incursões na periferia, transformar-se numa estrela em ascensão do PT de São Paulo, cotada até para a sucessão do maior nome do partido, o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, como representante máxima da classe trabalhadora. Amanhã, no entanto, Marta deverá dizer sim ao convite do presidente da república para assumir, por indicação e insistência do PT, uma função no primeiro escalão do governo.

(*Correio Braziliense*, n. 16.009, p. 5, 18 mar. 2007)

O evento social lembrado no *exemplo (e)* refere-se à época em que Marta assumiu a Prefeitura de São Paulo. Trazia os louros do cargo anterior de Deputada Federal. Metaforicamente é identificada como “estrela em ascensão fulminante”. Tal processo nos leva a crer que temos aí uma metáfora bastante redundante, já que “estrela” é um elemento que brilha nas alturas, então a expressão “ascensão fulminante” acrescenta ao elemento estrela uma característica já dele. Evidentemente, essa redundância é proposital, pois seu objetivo é enfatizar o percurso ascendente da personagem e identificá-la como capaz para o cargo assumido. O pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo, amplamente empregados, expressam toda a veracidade, realidade e certeza desses fatos anteriormente informados.

Sua gestão foi tão importante que já estava sendo “cantada em prosa e verso”, por todos e de todas as maneiras. Além disso, a metáfora “a grande vitrine do modo petista de governar” traduz a competência de Marta para as funções de governante.

No *exemplo f*, a metáfora “estrela em ascensão” retorna a caracterização da personagem como candidata importante no universo político brasileiro, com significativa visibilidade midiática, porém com o intuito de evidenciar a crítica negativa desencadeada no início do exemplo. É de difícil entendimento para a maioria das pessoas o fato de Marta, filha de família aristocrática de São Paulo, tornar-se tão

importante no cenário político a ponto de ser uma das possíveis candidatas à sucessão de Lula. Há, nos significados veiculados, nesse exemplo, um jogo entre adjetivações contrárias que a metáfora potencializa. Explico melhor, Marta, de um lado, é caracterizada como filha de família aristocrática que não dispensa terninhos de grife, mesmo quando visita a periferia de São Paulo; de outro, aparece como estrela ascendente do PT e candidata à sucessão presidencial como “representante máxima da classe trabalhadora”. Desse modo, a mídia, voz mais importante da globalização, constrói essa caracterização identitária ao jogar com elementos que, de certo ponto de vista hegemônico, desqualificam a candidata para a função a ela atribuída.

Em termos de modalidade, o sujeito-autor procura, de certo modo, desvencilhar-se de um comprometimento maior com o que está sendo dito, ao empregar o verbo “parece”, no primeiro período, o qual, embora esteja conjugado no presente do indicativo, torna camuflado o comprometimento em relação ao que está sendo dito, já que não há uma afirmação concreta. No entanto, no momento em que é empregada a expressão nominal “o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva”, o sujeito-autor, no meu entendimento, compromete-se sobremaneira com o que está sendo expresso. Assim, ele contrapõe de maneira radical o “metalúrgico” com a “filha de tradicional família paulistana” (a qual, possivelmente, poderá ser a representante máxima da classe trabalhadora), mostrando o quanto essas duas caracterizações não combinam e, de certo modo, excluem-se. Assim, a constituição identitária da representante política, de certo modo e de maneira subentendida, alça a candidata à “estrela em ascensão” para, na verdade, desqualificá-la para o posto a ela futuramente designado: sucessão presidencial. No entanto, logo após, há a informação de que Marta aceitará o convite para assumir uma função no alto escalão do Governo. Dessa maneira, o que fica implicitamente assentado é que, apesar da qualificação inadequada da ex-Prefeita, ela aceitará um posto importante no Governo.

5.1.2.2.5 Exemplo 6: **Relaxa e goza! aconselha a Ministra do Turismo sexual.**

g) *‘Relaxa e goza porque você esquece todos os transtornos depois (ao chegar ao destino).’ Conselho da sexóloga e ministra do Turismo ‘sexual’ Marta Suplicy aos*

vijantaaes irritados com o caos nos aeroportos brasileiros(mais tarde ela pediu desculpas pela ‘frase infeliz’).

(Veja, p. 5.220, jun. 2007)

h) Muito se gozou e relaxou sobre a frase da senhora ministra do Turismo que, dizem, entende do assunto.

(Veja, Editora Abril, ed. 2.016, ano 40, n. 27, p. 24, 11 jul. 2007)

i) 9 de junho de 2007, a neblina fechou os aeroportos de São Paulo e causou atrasos no resto do país. ‘Relaxa e goza’, aconselhou Marta Suplicy, ministra do Turismo.

(Veja, Editora Abril, ed. 2.018, ano 40, n. 29, p. 86, 25 jul. 2007)

j) Marta relaxou no vôo 455 para Paris. Ao embarcar, o casal Marta e Luis Favre relaxou e decidiu não passar pela revista de bagagem de mão. Os Favre furaram a fila da Polícia Federal. Vários passageiros se revoltaram. Marta respondeu que, no Brasil, para as autoridades não valem as exigências que recaem sobre os brasileiros comuns. Os passageiros não relaxaram com a explicação.[...]O comandante do boeing 777saiu do avião, chamou a segurança e disse que não decolaria até que todos os passageiros passassem suas bagagens de mão pelo raio X. Marta Suplicy deixou seu assento na primeira classe (Favre estava ne executiva) e dignou-se fazer o que o comandante pediu. Nesse instante, os passageiros ‘relaxaram e gozaram’.

(Veja, Editora Abril, ed. 2.053, 26 mar. 2008)

“Relaxa e goza” transformou-se, no cenário brasileiro do caos dos aeroportos, em uma das declarações da Ministra do Turismo mais enfatizadas pela mídia impressa brasileira. Ela está relacionada ao evento social em que se instalou o caos nos aeroportos brasileiros devido aos constantes atrasos dos vôos nacionais e internacionais. A frase refere-se ao conselho dado por Marta Suplicy na ocasião em que a neblina fechou os aeroportos de São Paulo e causou atrasos nos vôos do resto o País.

Nos exemplos *g*, *h* e *i*, a metáfora ‘relaxa e goza’ (e suas variações) é atribuída à “Ministra do Turismo sexual”, em um comentário que desqualifica a líder política e, ao mesmo tempo, relaciona sua declaração à sua antiga profissão de sexóloga desempenhada em um programa de TV, em 1980, na rede Globo. Há, evidentemente, uma colocação bastante irônica a respeito da frase proferida por Marta. Essa ironia transfere as competências da sexóloga para a capacitação da Ministra, o que, de algum modo, a desqualifica para a função relacionada ao turismo. O exemplo *h* repete as colocações irônicas do exemplo *j*, ao fazer o comentário “que dizem, entende do assunto” relacionado novamente ao perfil antigo da Ministra como sexóloga.

O exemplo *j* apropria-se da metáfora “relaxa e goza” e materializa um exemplo de intertextualidade ao comentar um fato ocorrido com a Ministra em um voo para Paris. Instaura, também, um clima de ironia e, por meio dele, critica a atitude da ministra e de seu companheiro em um voo internacional. A brincadeira leva à desqualificação da Ministra e retoma o perfil atribuído a ela pela mídia impressa globalizada no momento em que proferiu a frase tão conhecida.

Os verbos empregados nos exemplos anteriormente comentados estão geralmente flexionados no pretérito perfeito do indicativo, pois se referem a fatos passados e já concluídos e sinalizam, inclusive, por se apresentarem no modo indicativo, a veracidade e a realidade dos acontecimentos. O emprego do verbo dizer, no exemplo *h*, “dizem, entende do assunto”, ao instaurar um caso de sujeito indeterminado, isenta o sujeito autor do comprometimento com o que está sendo dito, apresentando, portanto, uma questão de baixa modalidade.

5.1.2.2.6 Exemplo 7: **Martaxa**

k) *Como prefeita, ganhou o apelido de ‘Martaxa’ por ter abusado do aumento de tributos.*

(Veja, ano 38, ed. 1.897, n. 12 , p. 50, 23 mar. 2005)

l) *Na sua gestão, a prefeita de São Paulo ganhou o apelido de ‘Martaxa’, pela quantidade de boletos que os contribuintes passaram a pagar.*

(*Correio Braziliense*, n. 16.009, p. 5, 18 mar. 2007)

Os dois segmentos anteriores recortados para a análise referem-se ao evento social relativo à administração de Marta Suplicy na Prefeitura de São Paulo. A crítica diz respeito aos tributos sociais que foram aumentados em sua gestão. A palavra “Martaxa” foi construída pelo processo de composição por aglutinação, no qual combinaram-se o vocábulo “Marta” com a palavra “taxa”. A metáfora brinca com essa junção e elabora uma crítica ferina ao estilo administrativo da Prefeita.

A construção frasal **sujeito agente + predicado** (Como prefeita, ganhou o apelido de martaxa/ a prefeita de São Paulo ganhou o apelido de martaxa) apresenta Marta como o sujeito agente do processo verbal e, por meio desse artifício, faz com que o apelido seja de responsabilidade da própria candidata, isto é, ela se torna responsável por essa nomeação. Essa estrutura sintática que apresenta o sujeito como agente da ação se transporta para além da sintaxe e alça vôo para questões mais amplas como aquelas ligadas à hegemonia de certos olhares no campo da política e nos territórios midiáticos. Explico melhor, a Prefeita ganhou o apelido porque agiu de modo adequado para conquistá-lo: elevou significativamente as taxas e o número dos boletos para os contribuintes pagarem.

Os tempos verbais no pretérito perfeito (ganhou) exprimem um fato concluído em relação ao momento em que se fala e o modo indicativo revela a veracidade dos acontecimentos expostos.

5.1.2.2.7 Exemplo 8: Marta no paredão da Lei de Responsabilidade Fiscal e naberlinda numérica

m) *Na quarta maior metrópole do mundo, há estilhaços para todos os lados. É a vidraça da ex-prefeita Marta Suplicy, espatifada por uma saravada de números*

preocupantes disparados pela bateria aérea tucana, que empurram a petista para o paredão da Lei de Responsabilidade Fiscal.

(*Isto É*, São Paulo, Editora Três, n. 1851, p. 27, 6 abr. 2005)

n) *O tiroteio continuou às escuras, quando a empresa AES Eletropaulocortou a energia elétrica de 85 prédios públicos municipais na quarta-feira 30, alegando que a gestão tucana atrasou o pagamento das contas de luz. O apagão tirou Serra do sério: ‘Quem deu o calote na Eletropaulo foi a administração do PT.’* (*Isto É*, São Paulo, n. 1851, p. 29, Editora Três, 6 abr. 2005)

o) *Não são apenas os tucanos que se divertem em ver Marta na berlinda numérica. Muitos petistas assistem de camarote ao tiroteio e o transformam em uma espécie de vingança.*

(*Isto É*, São Paulo, Editora Três, n. 1851, p. 29, 6 abr. 2005)

p) *Marta sob bombardeio. Na guerra pelas eleições de 2006, a ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy tornou-se o alvo dos petardos disparados pelos tucanos, apoiados pela mídia paulista. Em campanha para obter a indicação de seu partido para disputar as eleições para o governo estadual, Marta tem sido acusada pelo prefeito José Serra de ter deixado uma dívida de 8 bilhões de dólares e de ferir a Lei de Responsabilidade Fiscal.*

(*Revista Caros Amigos*, edição 97, 16 abr. 2005)

Nos segmentos recordados para análise, as metáforas retratam e criticam a dívida deixada pela ex-Prefeita de São Paulo para seu sucessor José Serra. Marta Suplicy é vista pelos tucanos como símbolo de irresponsabilidade financeira e, na visão deles, deve ser enquadrada na Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF).

As metáforas dos exemplos selecionados acima retratam claramente um campo de batalha: “estilhaços para todos os lados”, “vidaraça espatifada por uma saraivada de números”, “bateria aérea tucana”, “empurram a petista para o paredão da Lei de Responsabilidade Fiscal”, “O tiroteio continuou às escuras”, “Marta na berlinda

numérica”, “petistas assistem de camarote ao tiroteio”, “Marta sob bombardeio”. “Na guerra pelas eleições de 2006”, “o alvo dos petardos disparados pelos tucanos”. Na guerra da política, Marta está sob tiroteio cerrado dos tucanos, que, violentamente, a empurram para o paredão da LRF para possível fuzilamento. Os números dos gastos excessivos colocaram-na como alvo dos comentários (berlinda) e, o mais incrível, seus colegas de partido assistiram de camarote, ou seja, confortavelmente e com certa privacidade, ao tiroteio acusativo. As eleições de 2006 traduzem-se em uma guerra, na qual Marta está sob o bombardeio e na mira das bombas disparadas pelos tucanos.

A representação do universo político como um campo de batalha é recorrente, aparece sempre na mídia na representação de eventos sociais no campo da política. Em relação à Marta Suplicy, ela se torna bastante enfática justamente para demonstrar o quanto a ex-Prefeita está sendo perseguida e acusada e, no caso, vivendo uma situação legítima bastante belicosa, a qual fica estampada por meio dessas metáforas anteriormente examinadas.

Desse modo, a prática discursiva aqui investigada, relativa à mídia impressa, mostra a personagem fragilizada por atitudes administrativas do passado, as quais são criticadas e tornam-se alvo de punição. Assim, Marta aparece como governante criticável, portanto não é merecedora de confiança para uma próxima candidatura.

Em termos de modalidade, a maioria dos verbos, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, relata fatos presentes e passados em um universo de realidade e de veracidade. Se investigarmos a modalidade por meio dos elementos modalizadores mais recorrentes como os adjetivos, verbos modais, advérbios veremos que ela é baixa nesses exemplos ora selecionados para a análise. No entanto, se olharmos mais aprofundadamente para as metáforas utilizadas, veremos que há um alto grau de modalidade nesses segmentos anteriores selecionados para a investigação. As metáforas sobre guerra, neles presentes, potencializam o comportamento inadequado da candidata na Prefeitura de São Paulo, ao mesmo tempo em que instauram dúvida sobre sua capacidade de administrar politicamente qualquer outra metrópole e, estabelecem, assim, o comprometimento do sujeito autor com a matéria veiculada na mídia.

5.1.2.2.8 Exemplo 9: **Marta corre por fora e se vê às voltas com velhos fantasmas.**

q) *O ano não tem sido dos mais felizes para a ex-prefeita de São Paul Marta Suplicy. Além de correr por fora na disputa com o senador Aloizio Mercadante pela indicação da candidatura do PT ao governo de São Paulo, agora ela se vê às voltas com velhos fantasmas. Na última semana, a Justiça atendeu à solicitação do Ministério Público e autorizou a quebra de sigilo bancário e fiscal de entidades e empresas que prestaram serviços à sua gestão.*

(*Isto É*, ed.1907, p. 40, Editora Três, 10 maio 2006)

r) *Em busca do dinheiro perdido... MP de São Paulo se prepara para desenterrar um processo que pode revelar triangulação de recursos entre a Prefeitura de São Paulo e o Instituto ligado ao PT na gestão de Marta Suplicy.*

(*Correio Braziliense*, p. 6, n. 16.834, 21 jun. 2009)

O exemplo selecionado para a análise refere-se à disputa política desencadeada pelas prévias internas do PT para a escolha de representante do partido na eleição do Governo do Estado de São Paulo. Marta é um dos nomes e Aloizio Mercadante é outro. A metáfora “correr por fora” deixa transparecer as condições de Marta para o *páreo político*, as quais, na verdade, são muito pequenas. “Correr por fora” significa não estar cadastrado para a corrida, não fazer parte do páreo oficial e, portanto, não ter chances de ganhar. A metáfora deixa transparecer que as oportunidades de Marta são ínfimas, que a candidata foi deixada de lado, na verdade, fora do páreo.

O processo desencadeado pela primeira metáfora destacada no exemplo (q) (“correr por fora”) se estabelece por meio da (de)locação de um evento social (uma corrida) para outro (a escolha de candidato do PT para representar o partido em determinada eleição), e, nesse processo de transferência, acontece uma re-significação potencializada. Desse modo, a constituição identitária da candidata recebe elementos que a fragilizam em relação às suas chances de ganhar a representatividade do partido na próxima eleição para o Governo do Estado de São Paulo.

A candidata, como se não bastasse, tem mais um problema, “está às voltas com velhos fantasmas”. Esses “fantasmas” referem-se à quantia de R\$ 12.815.461,87, valor referente a 11 contratos firmados entre prefeitura, ONGs e prestadoras de serviço na época em que foi prefeita de São Paulo. A Justiça atendeu à solicitação do Ministério Público e autorizou a quebra de sigilo bancário e fiscal de entidades e empresas que

prestaram serviços à sua gestão. A intenção do Ministério Público é descobrir qual o destino dado a esse dinheiro. Então, além de praticamente não ter chances para se tornar o nome do partido na eleição para o Governo de São Paulo, Marta se vê perseguida por fantasmas dos gastos públicos da sua gestão.

A metáfora “perseguida por fantasmas” cria uma atmosfera bastante sinistra, pois a palavra perseguição já possui um significado forte, e perseguição por fantasmas é ainda pior e mais aterrorizante. As duas metáforas fragilizam a constituição identitária da personagem e apresentam sua imagem na mídia bastante desgastada.

No exemplo (r), temos duas metáforas interessantes. A primeira “em busca do dinheiro perdido”, no meu entender, apresenta-se como uma *configuração linguística disfarçada*, no sentido de que não se mostra como se fosse uma metáfora, no entanto, no momento em que buscamos elementos intertextuais, a metáfora aflora. Explico melhor, a configuração linguística investigada faz um jogo de sentidos com títulos de filmes e de histórias de aventura, cujo objetivo é buscar *tesouros perdidos*: “A Lenda do Tesouro Perdido”, “Em Busca do Tesouro Perdido” etc. A segunda “desenterrar um processo” retoma a questão anteriormente enfatizada a respeito dos gastos duvidosos ocorridos na Prefeitura de São Paulo na época em que Marta era Prefeita, os quais devem ser investigados para que se obtenha a verdade a respeito do emprego do dinheiro público. Desse modo, *desenterrar o processo* é o mesmo que *encontrar o dinheiro perdido*, ou seja, *achar o tesouro da verdade*.

Esses exemplos foram colhidos em uma matéria do Correio Braziliense de 21 de junho de 2009, portanto, bastante atual e, assim sendo, *desenterra velhos fantasmas*, que já perseguiam a ex-Prefeita em 2006, os quais novamente voltam a assombrar porque dizem respeito aos gastos de sua gestão na Prefeitura de São Paulo no período de 2000 a 2004. No caso ora veiculado, o *dinheiro perdido* relaciona-se aos 1,2 milhões relativos a um dos contratos da prefeitura de São Paulo com a FUNDEP cujo objetivo era aperfeiçoar o atendimento prestado aos cidadãos pela Secretaria de Finanças do Município de São Paulo. Ao ser *desenterrado*, deixará à mostra o que realmente aconteceu, ou seja, *desvendará o segredo do dinheiro perdido*.

Sobressai, na matéria, o emprego dos verbos no modo indicativo, o que resulta em declarações que procuram se apresentar como verdadeiras e representativas da realidade. Sua utilização salienta como verídica e incontestável a imagem de Marta

Suplicy, na mídia impressa, ligada a questões de má administração pública e de gastos suspeitos.

5.1.2.2.9 Exemplo 10: **Marta é impermeável às evidências.**

s) Marta tem a audácia dos intuitivos desprovidos de autocensura. Esse tipo tende a fazer sucesso nas urnas de tempos em tempos. Seus predecessores nesse estilo são Paulo Maluf e Jânio Quadros, que também foram prefeitos de São Paulo. Como os dois, Marta é impermeável às evidências que lhe são contrárias.

(Veja, Editora Abril, ed.1987, ano 38, n. 12, 23 mar. 2005)

As evidências contrárias à ex-Prefeita relacionam-se aos problemas financeiros e administrativos ocorridos na sua gestão na prefeitura de São Paulo, de acordo com a matéria da Revista Veja selecionada para a coleta da metáfora aqui investigada. A reportagem informa que Marta Suplicy tinha voltado a São Paulo, depois de sua derrota nas últimas eleições municipais, e observa que “qualquer outra pessoa estaria preocupada com a péssima imagem que deixou como prefeita” e, então, enumera os seguintes fatos: o desastre financeiro na prefeitura, uma lista “espalhafatosa” de obras “eleitoreiras, buracos nas avenidas da cidade, túneis que não resistiram às chuvas de verão, escolas-modelo usadas como tentativa demagógica de encantar o eleitor pobre e incauto.

A metáfora escolhida para a análise – “Marta é impermeável às evidências que lhe são contrárias” – apresenta a líder política como alguém que não se preocupa com aquilo que faz de inadequado, de errado. Constrói a imagem de uma pessoa irresponsável que não se incomoda muito com seus atos. O emprego do vocábulo “impermeável” potencializa essa caracterização, já que enfatiza o quanto a ex-Prefeita se protege de seus próprios atos sensuráveis, usando a impermeabilidade de sua autocensura em relação a eles.

Além disso, a metáfora já vem precedida, nesse exemplo, de adjetivações que anunciam seu sentido: “audácia dos intuitivos desprovidos de autocensura”, portanto, o que a metáfora faz é retornar a esses conceitos de modo a conferir-lhes maior

veracidade, justamente por sua característica de transportar elementos de um contexto para outro, no caso aqui examinado, ao transferir a característica de um objeto a uma pessoa. Geralmente, o que é impermeável é uma capa de chuva ou o tecido de uma lona para cobertura, ou uma mochila, ou uma mala etc. Ao se transportar essa qualificação para um ser humano, de certo modo, torna-se esse ser um tanto inanimado. E, assim, veicula-se a imagem de alguém de pouca sensibilidade que se comporta de um modo frio, sem medo das consequências de seus atos.

A modalidade apresenta-se principalmente na adjetivação usada pelo sujeito autor da matéria, pois, por intermédio desses adjetivos, percebe-se o quanto esse sujeito autor se compromete com o que expressa e se coloca naquilo que veicula. Quando o autor afirma que “Marta tem a audácia dos intuitivos desprovidos de autocensura”, ele está qualificando a personagem como intuitiva, desprovida de raciocínio e, ao mesmo tempo, inconsequente, visto que não possui autocensura. Outro elemento modalizador está na expressão “esse tipo”, empregada na abertura da segunda oração. Essa expressão, geralmente, já vem vinculada a uma carga semântica depreciativa, a qual o autor transfere à ex-Prefeita ao chamá-la assim. Ao exemplificar sua adjetivação relativa à Marta Suplicy, comparando-a a dois outros políticos, também deixa claro o seu posicionamento direto e indubitável em direção à constituição identitária da personagem aqui investigada.

No término da investigação das metáforas linguísticas colhidas na mídia impressa brasileira, as quais nos delineiam um perfil identitário de Marta Suplicy, pode-se afirmar, embora parcialmente, que a líder política é apresentada com um perfil questionável a respeito de sua função política no cenário brasileiro, pois, embora não esteja em nenhum cargo político representativo atualmente, a mídia impressa levanta questões relativas ao seu desempenho anterior na Prefeitura de São Paulo, ao questionar sua administração em termos de competência administrativa e em relação aos recursos públicos aplicados, dando a entender, inclusive, que a verba destinada à metrópole foi usada ilicitamente.

5.1.2.3 SEGUNDO VIÉS ANALÍTICO: METÁFORA VISUAL E MODALIZAÇÃO VISUAL

As imagens seguintes foram coletadas na mídia impressa brasileira, especificamente, nos jornais *Correio Braziliense*, *O Sul* e *Zero Hora* e são relativas aos anos de 2005 e de 2007. Essas imagens representam metáforas visuais, as quais serão investigadas juntamente com a modalização visual pelo motivo de assim possibilitarem uma análise mais completa da constituição identitária aqui buscada.

As metáforas visuais apresentadas a seguir são aquelas que evidenciam os temas recorrentes em relação à imagem pública de Marta e, assim sendo, expõem elementos significativos para o estudo ora proposto.

5.1.2.3.1 Imagem nº 1: Marta levou no bico 187 milhões e muito botox também



(*Correio Braziliense*, p. 28, 17 mar. 2005)

A metáfora anteriormente retratada refere-se às contas municipais deixadas pela ex-Prefeita de São Paulo Marta Suplicy para seu sucessor José Serra. A expressão “levar no bico” significa enganar, ludibriar, passar a conversa em alguém. Desse modo, de acordo com a metáfora, a ex-Prefeita teria deixado essa dívida enorme e, assim, teria enganado a todos a respeito de sua competência como Prefeita. A ex-Prefeita responde que “no bico”, na verdade, ela levou foi muito botox. Bico, nessa segunda acepção, significa lábios.

Temos aí uma imagem em forma de charge, com algumas mudanças tonais, mas sem outros recursos mais específicos que a aproximem da fotografia. O que interessa para a charge em questão, na verdade, são os dois personagens retratados: José Serra e Marta Suplicy. Não há a preocupação sequer com o cenário de fundo ou com objetos indutores de ideias.

Um único detalhe sobressai em toda a imagem: os lábios de Marta, os quais chamam atenção para a aplicação excessiva de botox da qual foram alvo. Assim, a expressão “levar no bico” significa, inicialmente, que os gastos feitos pela ex-prefeita passaram despercebidos para a população da grande metrópole paulista, já que Marta conseguiu enganar a todos a respeito deles. Em um segundo momento, refere-se literalmente ao “bico da candidata”, o qual está exageradamente preenchido com botox, parecendo um bico de pato, comprido e protuberante.

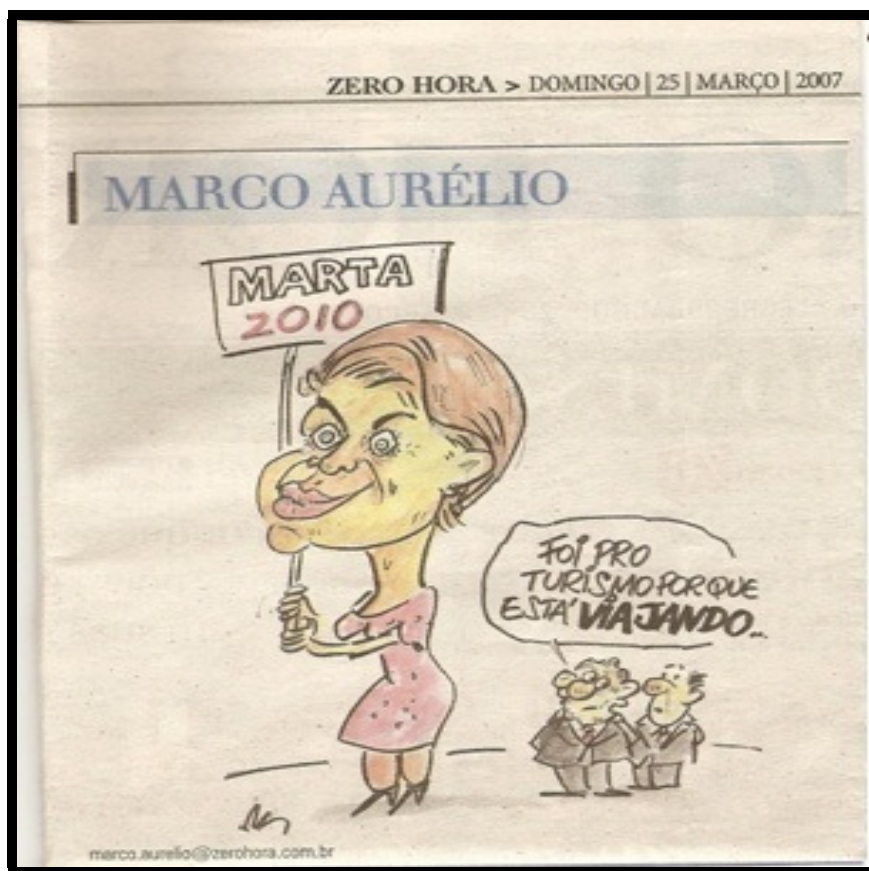
Na imagem, o político José Serra dirige seu olhar inquisidor para a ex-prefeita, enquanto ela lança um olhar maroto para o leitor, significando que é esperta, inteligente e sabe responder à pergunta com evasivas. Além disso, Serra encontra-se atrás de Marta, em termos de perspectiva, o que sinaliza a importância da ex-prefeita como personagem em primeiro plano, sobre a qual incide a matéria veiculada.

A charge, evidentemente, distancia-se da fotografia em termos de representatividade do real, fato esse que, segundo Kress e van Leeuwen (1996), desencadeia, nos seus processos de representação, um baixo grau de modalização visual. No entanto, penso que a charge, ao selecionar os elementos da realidade que pretende enfatizar (no caso aqui exemplificado, os lábios de Marta) representa, de outra perspectiva de abordagem, um alto grau de modalização visual, já que destaca determinado elemento e faz com que o leitor se fixe nele e interprete a imagem

justamente do foco pretendido pelo autor. Cabe lembrar que a modalização, nos textos imagéticos, relaciona-se ao grau de verdade por eles veiculado.

Na verdade, a charge, ao chamar atenção para os lábios da ex-Prefeita, constrói significados ideológicos ligados à sua constituição identitária. Dessa maneira, mostra a personagem em foco como alguém pouco responsável, que passa a população no bico em relação a sua administração e que, na verdade, está mais preocupada com questões de estética do que com a sua gestão administrativa na prefeitura de São Paulo.

5.1.2.3.2 Imagem nº 2: Marta foi pro turismo porque está viajando



(Zero Hora, p. 2, ano 43, n. 15.184, 25 mar. 2007)

A charge da *Zero Hora* de Porto Alegre retrata Marta Suplicy carregando uma placa onde está escrito “Marta 2010”, ou seja, uma alusão clara as suas pretensões em relação à substituição de Lula na Presidência do País. Logo atrás, em segundo plano, em uma perspectiva de fundo, aparecem dois engravatados, e um deles comenta que Marta “foi para o turismo porque está viajando”. Esse segundo comentário emprega a palavra “viajando” em um sentido metafórico que significa *não se dar conta da realidade, não saber o que realmente está acontecendo*.

A metáfora visual anteriormente apresentada refere-se a dois eventos sociais: o primeiro diz respeito à possível indicação do nome de Marta Suplicy para figurar como candidata à sucessão do Presidente Lula, e o segundo faz referência à indicação da ex-Prefeita de São Paulo para o Ministério do Turismo. A metáfora retrata os dois eventos porque joga humorística e sarcasticamente com o fato de a Marta não se dar conta de

suas ínfimas chances de ser indicada como candidata do Governo à sucessão presidencial e, desse modo, o mais acertado para ela seria, realmente, assumir o Ministério do Turismo, já que “está viajando”.

A representação visual metafórica posiciona a figura de Marta, segurando o cartaz, em primeiro plano e em tamanho bem maior do que a estatura dos personagens que fazem o comentário “foi pro turismo porque está viajando”. A perspectiva, portanto, é empregada para sinalizar que a personagem em destaque é Marta Suplicy e, logo, é sobre ela que recai o significado do texto visual. Desse modo, a representação pictórica coloca em destaque o objetivo cobiçado pela líder política: a Presidência da República. Inclusive, se prestamos bastante atenção aos olhos da personagem em destaque, nos certificaremos de que a expressão dos mesmos enfatiza também o objetivo buscado pela futura candidata: são olhos grandes e bem abertos, olhando o futuro com convicção.

Na verdade, a charge brinca ironicamente com as ínfimas possibilidades de Marta tornar-se a candidata do Governo à sucessão de Lula, já que enfatiza que ela não se dá conta dessa escassa possibilidade, pois “está viajando”, ou seja, é apresentada ideologicamente como alguém que não tem noção da realidade dos fatos.

5.1.2.3.3 Exemplo nº 3: Marta só está gozando



(*Correio Braziliense*, 15 de junho de 2007, p. 18, nº 16.098,)

A configuração pictórica representa Lula, do lado esquerdo da imagem, correspondendo ao **dado**, àquilo que já é conhecido por todos, o fato de ser o Presidente. À direita, Marta Suplicy com a faixa presidencial, que representa o novo, aquilo que pode ser revisto, criticado, que ainda não está instituído e que, no caso, está sendo apresentado.

Em termos de cores, apenas o preto e o branco com algumas nuances. Não há pano de fundo e o objeto indutor de ideias aqui é, com certeza, a faixa presidencial que se encontra na candidata. A faixa, por sua vez, leva ao relacionamento com o fato da possível candidatura de Marta à presidência, fato esse que não é visto com bons olhos pelo Presidente que, espantado, pergunta: "O que é isso companheira?". Sua indagação demonstra sua surpresa e seu desagrado em relação à atitude de Marta ao vestir a faixa.

Frente à indagação surpresa do Presidente, a futura candidata à Presidência desconversa e responde: "Só estou gozando." Marta, com essa resposta faz vir à tona novamente o caso escandaloso dos congestionamentos nos aeroportos, momento em que proferiu a frase "Relaxa e goza", aconselhando os passageiros a respeito do caos aéreo.

No momento em que esse evento social retorna à cena comunicativa (o caos nos aeroportos brasileiros), questões ideológicas se instauram e estabelecem a constituição identitária da personagem como inconsequente, visto não perceber suas chances reais de candidatar-se à Presidência e também pelo fato de ser alguém que, na maioria das vezes, apresenta soluções verbais estapafúrdias para questões sociais prementes, como as relativas à sucessão presidencial e àquelas relacionadas ao caos dos aeroportos brasileiros.

5.1.2.3.4 Imagem 4: **Marta é do turismo e viaja na maionese.**



(O Sul, 18 de março de 2007, p. 2, ano 6, nº 2040)

A charge acima é idêntica à anterior, porém é colorida e os balões de fala apresentam outros textos. A anterior foi veiculada no jornal *Correio Braziliense* de 15/6/2007, enquanto a atual foi apresentada no jornal *O Sul* em 18/3/2007. Ambas apresentam como personagens o Presidente da república Luiz Inácio da Silva e a líder política Marta Suplicy.

O uso de cores torna a representação pictórica mais próxima à realidade, pois se aproxima da fotografia, bem como possibilita a identificação de algumas cores que são veiculadoras de sentido no universo de nossa prática social, como o vermelho, cor do PT, e o verde e o amarelo, cores relacionadas ao Brasil. O Presidente, colocado à esquerda da imagem e, portanto, representando o **dado**, ou seja, o conhecido, está com uma gravata vermelha, a qual, nitidamente, representa a cor de seu partido – o PT. A Ministra do Turismo está à direita, representando o **novo**, também usa gravata, porém a sua não é vermelha, é azul. Embora Marta também seja membro do Partido dos Trabalhadores, sua gravata não está relacionada à sua filiação partidária. A ministra apresenta-se vestindo a faixa presidencial, a qual, como não poderia deixar de ser, é verde e amarela, representando as cores do Brasil. Desse modo, se consideramos as cores como indutoras de significados, em uma visão ideologicamente construída, pode-se dizer que fica evidente a relação do Presidente com seu partido por meio da gravata vermelha por ele usada, e fica claro, também, que a ex-Ministra, por usar uma gravata azul, não é a candidata do PT para a sucessão presidencial.

A expressão assustada do Presidente, bem como o olhar dissimulado de Marta para o leitor são idênticos aos apresentados na primeira charge, embora construam sentidos diferentes. Na primeira charge, a líder política dá uma resposta brincalhona para o presidente, na segunda, sua resposta, embora não pareça, é bem mais séria, pois a coloca na posição de quem já perdeu a oportunidade esperada ao assumir o Ministério do Turismo. Explico melhor, na representação pictórica atual, o presidente assusta-se com o fato de Marta apresentar pretensões relativas à sua sucessão, já que seu lugar é mesmo no Ministério do Turismo, e a Ministra responde dizendo que “já está viajando na maionese.” Essa metáfora, tão conhecida popularmente, apresenta o sentido de que Marta não será candidata, pois, na verdade, seu nome não será cotado para o cargo. Ela, na verdade, está “viajando na maionese”, ou seja, imaginando uma coisa quando acontece outra. Marta Suplicy pensava em ser a candidata do partido para a presidência, no entanto essa possibilidade se esvaiu no momento em que assumiu o Ministério do Turismo. Essa metáfora, inclusive, brinca com a palavra “viajar” ao relacioná-la ao vocábulo “turismo”.

5.1.2.3.5 Exemplo n° 5: **A cruzada ministerial de Marta!**



(*Correio Braziliense*, 29 de março de 2007, p. 1, n° 16020)

A matéria anterior foi veiculada na capa do jornal Correio Brasiliense de 29 de março de 2007. Mostra uma foto da Ministra do Turismo, a qual foi flagrada ao cruzar as pernas, durante um encontro no Senado. A metáfora linguística "A cruzada ministerial de Marta" é ilustrada pela foto da líder política, e a representação pictórica é metaforizada no momento em que se lê o título colocado abaixo da imagem, caso contrário, não teríamos uma metáfora visual, teríamos apenas uma foto da Ministra.

Esse é um exemplo em que texto e imagem significam por meio de uma ligação simbioticamente estabelecida entre eles. Há uma relação tão íntima entre a representação pictórica e o texto em palavras, que o significado somente se coloca por intermédio de uma leitura concomitante dos dois.

A palavra "cruzada" tem muitos sentidos, de acordo com Aurélio (2002): na Idade Média, significava "expedição militar dos cristãos para recuperar a Terra Santa"; dependendo do contexto, assume o sentido de "empreendimento por causa nobre"; e pode, também, ter o sentido de "disposto em cruz" etc. Interessa, inicialmente, para a presente consideração, o sentido "disposto em cruz", pois assim encontram-se, na foto, as pernas da Ministra. No primeiro momento, a metáfora chama atenção para o fato de que Marta cruzou as pernas de modo tão provocativo que chamou a atenção de todos. Inclusive, há uma observação maldosa, na matéria, a respeito do "figurino econômico da Ministra". Nesse momento, temos que considerar a perspectiva do gênero como categoria relevante para as considerações aqui feitas. Emerge, nesse evento social retratado na mídia, a imagem da mulher, não mais como representante política de um Ministério, mas como fêmea, como portadora de sensualidade, e, portanto, interessa mais, nesse momento, para a mídia, a personalidade da personagem do que a identidade social. A mulher sobressai em relação à Ministra e, na confluência desses dois elementos, a configuração identitária constrói-se nos campos da heterogeneidade, apresentando a mulher pública atada às suas características primárias de gênero socialmente constituído: feminilidade, sensualidade, beleza.

Em um segundo momento, temos o sentido de "cruzadas" relativo ao "empreendimento por causa nobre", ou mesmo em referência à "expedição militar dos cristãos para recuperar a Terra Santa". Os empreendimentos da líder política em relação a uma causa nobre, ou sua cruzada para recuperar a Terra Santa, metaforicamente, referem-se ao seu percurso político em busca de um cargo ministerial mais significativo

do que o Ministério do Turismo e, inclusive, diz respeito às esperanças de Marta relativas à sua candidatura à presidência.

A modalidade atuante nessa metáfora hibridamente construída com elementos linguísticos e visuais é extremamente alta, de acordo com Kress e van Leeuwen (1996), pois se coloca por meio de uma imagem real fotograficamente capturada. Não há insinuações nem interpretações para se chegar aos elementos pictóricos apresentados, o que temos é a realidade que se coloca literalmente aos nossos olhos. É importante salientar, ainda, que esse olhar, ao capturar a imagem, procedeu a captura de um ângulo essencialmente masculino, tornando salientes elementos físicos valorizados culturalmente em nossa sociedade atual.

Ao término das análises relativas às configurações visuais representativas do universo identitário de Marta Suplicy na mídia impressa, alguns resultados, embora parciais, já se colocam. A imagem de Marta está muito ligada a elementos relativos à estética feminina: **botox, cruzada de pernas, figurino econômico**. Ao mesmo tempo, há toda uma construção imagética em torno de sua frase a respeito do caos aéreo brasileiro: “Relaxa e goza!”. Esse proferimento aparece, inclusive, variadas e incansáveis vezes nas metáforas linguísticas e caracteriza, de modo inequívoco, a tranquilidade e a irresponsabilidade da ex-Ministra a respeito de questões políticas delicadas e sérias como essa. Outro índice recorrente que aflora, também, nas metáforas linguísticas, é a atitude inconsequente da personagem pelo fato de não se dar conta de suas chances reais em candidatar-se à presidência e, inclusive, por mostrar-se, muitas vezes, no universo midiático, como alguém que apresenta comentários verbais estapafúrdios a respeito de questões sociais extremamente relevantes.

Apresento, a seguir, um quadro, no qual aparecem as metáforas linguísticas e as metáforas visuais até aqui investigadas a respeito de Dilma Rousseff e de Marta Suplicy. Esse quadro demonstrativo possibilitará uma visão do percurso desenvolvido a respeito dos processos engendrados pela mídia impressa pós-moderna para a constituição identitária dessas personagens. Possibilitará, também, que se apresentem algumas considerações finais a respeito dessas identidades midiaticamente construídas.

METÁFORAS LINGUÍSTICAS	
Dilma Rousseff	Marta Suplicy
<p>garota nota cinco pelo comportamento</p> <p>guerrilheira urbana</p> <p>permanece na arena</p> <p>espera apertar os parafusos</p> <p>obteve do Presidente Lula carta branca</p> <p>capitã do time</p> <p>ganhará musculatura</p> <p>a batuta da gerente da máquina</p> <p>vai bater bumbo</p> <p>dando muitas cartas</p> <p>conhecendo os meandros complicados do poder</p> <p>qualificada e séria no jogo político</p> <p>o jogo não está ganho</p> <p>correr sozinha na raia</p> <p>percorrendo um difícil calvário político</p> <p>galinha cacarejadora do governo</p> <p>os laços que foram atados começaram a ser rompidos</p> <p>sepultar definitivamente o dossiê</p> <p>um dos personagens principais chamuscados pela CPI dos Cartões Corporativos</p>	<p>a dama do momento das eleições de SP</p> <p>dribla o assédio</p> <p>a indecisão de Marta não passa de jogo de cena</p> <p>após a derrota de 2004, Marta submergiu</p> <p>estrela em ascensão fulminante</p> <p>estrela em ascensão do PT de São Paulo</p> <p>sua gestão já era cantada em verso e prosa</p> <p>a grande vitrine do chamado ‘modo petista de governar’</p> <p>relaxa e goza</p> <p>Ministra do Turismo ‘sexual’</p> <p>Muito se gozou e relaxou</p> <p>Marta relaxou (não passou pela revista de bagagem)</p> <p>Os passageiros não relaxaram</p> <p>Martaxa</p> <p>há estilhaços para todos os lados – é a vidraça da ex-Prefeita</p> <p>espatifada por uma saraivada de</p>

<p>um dos trunfos de Lula para a sucessão</p> <p>a doença da Ministra – trunfo para a campanha presidencial</p> <p>a mãe do PAC</p> <p>a escalada da mãe do PAC</p> <p>Dilma precisa rapidamente de um PAC (Programa de Aceleração do Carisma)</p> <p>o surgimento de uma Super-Dilma (ou uma super-seja-lá-quem-for)</p> <p>a doença de Dilma deixou as coxias do Gabinete Presidencial e subiu ao palanque</p> <p>manter o nome de Dilma na ribalta</p> <p>Ministra guerreira</p> <p>fantasma da candidata em tratamento de câncer</p>	<p>números</p> <p>empurraram a petista para o paredão da Lei de Responsabilidade Fiscal</p> <p>o tiroteio continuou às escuras</p> <p>Marta na berlinda numérica</p> <p>petistas assistem de camarote ao tiroteio</p> <p>Marta sob bombardeio</p> <p>o alvo dos petardos disparados pelos tucanos</p> <p>além de correr por fora na disputa</p> <p>ela se vê às voltas com velhos fantasmas</p> <p>em busca do dinheiro perdido</p> <p>impermeável às evidências que lhe são contrárias</p>
--	---

METÁFORAS VISUAIS	
Dilma Rousseff	Marta Suplicy
<p>rumo aos grotões</p> <p>Dilma está livre do Congresso?</p> <p>Dilma e o PAC</p> <p>Dilma na estrada</p>	<p>Marta levou no bico 189 milhões e muito botox também.</p> <p>Marta foi pro turismo porque está viajando.</p> <p>Marta só está gozando.</p> <p>Marta é do turismo e viaja na maionese.</p> <p>A cruzada ministerial de Marta (foto da ex-Ministra cruzando as pernas).</p>

A caracterização identitária de Dilma Rousseff e de Marta Suplicy, elaborada pela mídia impressa brasileira globalizada, realiza-se por meio de elementos e processos distintos. Dilma é constituída identitariamente por intermédio de aspectos positivos ligados à sua preparação e competência para a tarefa política. Marta, por sua vez, apresenta outros predicados ressaltados pela mídia. A ex-Ministra do Turismo foi considerada, no passado, *uma estrela em ascensão* e foi nomeada de *vitrine do modo petista de governar*, porém os aspectos relativos à sua beleza e à sua feminilidade continuam a imperar na mídia.

A visibilidade midiática de Dilma é construída, na maioria das vezes, por meio dos aspectos relativos à sua competência, à sua habilidade para tomar decisões e desencadear processos, à confiança depositada em sua pessoa pelo Presidente Lula, à sua qualificação e seriedade para o jogo político. Além disso, a Ministra é vista pela mídia como uma *guerreira urbana* e uma *Super-Dilma, uma super-seja-lá-quem-for*.

Nomeada de *mãe do PAC*, é chamada de *Ministra guerreira* e, pela sua competência, *corre na raia sozinha*, não tem candidatos à sua altura na disputa política. Seu nome, de acordo com a mídia, *permanece na arena* porque Dilma Rousseff não foge da luta e *dá muitas cartas* no cenário político brasileiro pós-moderno porque *conhece os meandros complicados do poder*. Os aspectos negativos ligados à sua imagem na mídia impressa restringem-se ao fato de ter sido nomeada *galinha cacarejadora do governo* em relação ao dossiê da CPI dos Cartões Corporativos, porém em relação a essa situação, ela percorreu um difícil calvário político, mas afinal foi apenas chamuscada pelo referido dossiê. E embora ela necessite de um PAC – Programa de Aceleração do Carisma – seu nome continuará na ribalta, já que ela vai bater bumbo para resolver essa questão de deficiência carismática. No cenário político atual, temos, de um lado, a *ministra guerreira*, e de outro, *o fantasma da candidata em tratamento de câncer*. Uma constituição identitária final só poderá realmente ser construída pela história.

A ex-Ministra do Turismo Marta Suplicy foi vista pela mídia impressa, na época em que estava na Prefeitura de São Paulo, em 2000, como *uma estrela em ascensão do PT*. Teve sua administração, naquele período, *cantada em verso e prosa* e foi chamada de *a grande vitrine do modo petista de governar*. Após a derrota de 2004, nas prévias para o Governo do Estado de São Paulo, *Marta submergiu*. Em 2007, a Ministra aconselhou que o povo brasileiro *relaxasse e gozasse*, passando, então, a ser constituída midiaticamente com ironia devido a essas considerações feitas em relação ao caos aéreo brasileiro. Houve críticas, também, à sua gestão na Prefeitura de São Paulo, e a mídia caracterizou-a como *Martaxa*. Seus gastos na Prefeitura da metrópole foram questionados, e a mídia difundiu os *estilhaços que acertaram a vidraça da ex-Prefeita espatifada por uma saraivada de números que a colocaram na berlinda numérica*. Marta, apesar de todas as dificuldades políticas que enfrenta, *é impermeável às evidências que lhe são contrárias*, de acordo com o discurso da mídia impressa brasileira. Portanto, a personagem é apresentada como líder política que teve, no passado, um momento de ascensão no cenário político brasileiro, no entanto, atualmente, encontra-se ausente nesse universo. Uma de suas características que sobreviveram, nas matérias da mídia impressa, foi aquela relativa à sua beleza, feminilidade e sensualidade, que é reforçada na metáfora visual “A Cruzada Ministerial de Marta”.

Em relação às metáforas visuais, é necessário registrar que, embora se constituam por meio de elementos multimodais, diferentes dos componentes linguísticos, elas apresentam os mesmos temas e constroem a mesma caracterização identitária das metáforas linguísticas a respeito das personagens investigadas por esta tese. Percebe-se que as metáforas visuais demonstram com mais força e rapidez os aspectos identitários apresentados pelas metáforas linguísticas, tendo em vista que os traços identitários construídos pelo visual são mais facilmente lidos e compreendidos do que os construídos pelo linguístico.

5.2 A voz das líderes políticas: identidades construídas às margens da língua por elementos supra-segmentais

A constituição identitária de Dilma Rousseff e de Marta Suplicy será retomada, neste momento, pelo viés dos traços prosódicos, especificamente, pelo **tom**, pela **entoação**, pela **duração**, pelo **acento** e pela **tessitura** que, relacionados ao estilo de fala das personagens aqui investigadas, estabelecem a maneira pela qual essas líderes políticas se constituem identitariamente na mídia falada. Esses traços, por pertencerem ao universo dos elementos supra-segmentais, permitem que se investiguem componentes que ultrapassam os domínios da linguística fechada nela mesma, e chegue-se aos limites daquilo que excede a língua, ou seja, a subjetividade, as características peculiares de determinadas falas, a exceção, as lutas de poder e pelo poder, que se apresentam no discurso das personagens investigadas por esta tese.

A identidade dessas mulheres políticas surge no processo social, no qual, ao se tornarem publicamente reconhecidas, constroem, por intermédio de relatos pessoais, suas vozes na mídia. Essas representantes políticas, ao fazerem parte do partido do Governo, o PT, representam o poder político e constituem-se na “voz das instituições governamentais”, a qual, na perspectiva de Fairclough (2006), é uma das vozes da globalização. O reconhecimento de suas histórias se dá, retomando Avelar (2001), pela ação política, por meio da qual entram em redes de relações de conhecimento cujas experiências não se comparam às vivências solitárias anteriores, pois agora compartilham um projeto de conquista social e política.

O objetivo maior desta tese é investigar o modo pelo qual a voz da mídia constitui essas indentidades femininas no âmbito da política, no entanto, para efeito de triangulação de dados, farei um curto percurso relativo aos traços prosódicos e à sua importância para a constituição identitária dessas mulheres. Saliento, novamente, que esse é um caminho investigativo sugerido por Fairclough (2003), mas não efetivado pelo autor. Assim sendo, as análises a seguir buscam outro viés investigativo e, desse modo, acrescentarão elementos importantes para a complementação dos resultados.

Examino os elementos supra-segmentais na fala das personagens aqui investigadas de tal modo que elas estejam integradas na unicidade do meio social e do contexto social imediato, pois só assim, como afirma Bakhtin (1999, p. 70), o complexo físico-psíquico-fisiológico vincula-se à língua, à fala e torna-se um fato de linguagem.

5.2.1 O ESTILO “ROUSSEFF” DE FALA E SUA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA

O evento social selecionado para a investigação refere-se à audiência no Senado em que a Ministra de Estado da Casa Civil Dilma Rousseff é aplaudida depois de dizer que mentiu na ditadura. O Senador José Agripino (DEM-RN) fez comentários a respeito das declarações de Dilma, a qual admitiu, em entrevista a um jornal, “ter mentido bastante na década de 70”, período em que o Brasil era governado por uma ditadura militar. O Senador perguntou à Ministra se estávamos “novamente em um estado de exceção”, como aconteceu no tempo da ditadura, no qual se faria necessário mentir. Desse modo, as investigações ora propostas levam em consideração a fala da Ministra em resposta ao Senador José Agripino Maia a respeito do dossiê FHC em audiência no Senado na Comissão de Infra-Estrutura sobre o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

5.2.1.1 QUALIDADE DE VOZ

Em relação à **qualidade de voz** da Ministra, temos de considerar características biológicas que fazem com que sua voz seja identificada, por exemplo, ao telefone, por pessoas que a conheçam. No evento selecionado para a análise, por representar um momento inquisitivo extremo, em que as atitudes da Ministra são questionadas, constata-se que a voz se encontra *nitidamente embargada* e deixa transparecer o

quanto a personagem está *irritada e incrédula* a respeito da questão colocada pelo Senador Agripino. Além disso, o tom empregado no proferimento é excessivamente alto. Portanto, mesmo que a Ministra esteja em uma situação de formalidade e em um ambiente social, o fato de estar sendo julgada acaba com a serenidade e a segurança sempre demonstradas por meio de seus pronunciamentos orais. Nesse caso, o componente subjetivo aflora, fragilizando a mulher em relação à personalidade pública, e, desse modo, *a personalidade suplanta a identidade social*. Em contrapartida, o questionamento do Senador é colocado friamente, sem embargo de voz, com firmeza e rispidez. A Ministra, porém, com voz embargada, utiliza-se de outros componentes supra-segmentais para enfatizar sua expressividade e tentar ludibriar essa fragilidade feminina em vista do inquiridor masculino. Esses elementos são colocados a seguir.

5.2.1.2 FALA ENTRECORTADA, TONICIDADE ENFÁTICA COM ACENTO DE INSISTÊNCIA, PROFERIMENTO SILABADO

Ao observar o corpus, noto que a fala da Ministra apresenta-se *entrecortada*, em muitos momentos, pela ênfase colocada em algumas sílabas tônicas. Exemplifico:

- a) *Qualquer comparação entre a ditadura militar e a democracia brasileira só pode partir de quem não dá valor à democracia brasileira.*

Representação prosódica

a) Qual-quer com-pa-ra-ção com a...

↑ ↑

(tônica enfática com tom ascendente) (deslocamento da tônica)

entre a di-ta-du-ra mi-li-tar e a democracia brasileira [...]

↑ ↑

(tônica enfática, acento de insistência)

b) *E qualquer pessoa que ousar dizer a verdade para interrogadores compromete a vida de seus iguais.*

Representação prosódica

a) Ih... qual-quer pessoa qui ou-sar [...]

↑ ↑ ↑

(tônicas enfáticas, acento de insistência)

a) *E... a sedução e a tentação de falar a verdade é muito grande.*

Representação prosódica

b) **Ih.... a se-du-ção ... ih... a ten-ta-ção di falá a verdade...**



(tônicas enfáticas, acento de insistência)

A ênfase dada, geralmente, à sílaba tônica, de certo modo, exagerando sua tonicidade, demonstra a atenção dispensada ao assunto em foco e a preocupação da personagem em destacar determinadas palavras e, desse modo, enfatizar significados específicos de sua fala. Nota-se, também, que, no momento em que ocorre essa tonicidade enfática, há um prolongamento no tempo de proferimento dessas sílabas. Além disso, em algumas delas, como no caso de “qual-quer”, exemplo (a), a sílaba final recebe a tonicidade enfática ao mesmo tempo em que seu padrão melódico é ascendente, ou seja, recebe a mesma entoação da frase interrogativa.

Quando a tonicidade padrão é modificada, ou, em certas situações, enfatizada, instalam-se questões estilísticas nesse discurso ligadas aos falares específicos de determinados sujeitos e inscrevem nessas elocuições certos propósitos ligados a questões hegemônicas e de poder. Essas nuances de variação de tonicidade são elementos relevantes para as constituições identitárias aqui buscadas.

Outro aspecto saliente na fala aqui investigada é a velocidade da elocução, no caso específico dos exemplos anteriores, a velocidade em que certos vocábulos são proferidos. A fonética acústica confirma que os enunciados falados, considerados como sinais físicos transmitidos pelo ar, não são sequências de sons separados, retomando Lyons (1987). A fala se caracteriza por *explosões sonoras contínuas*: não há intervalos entre os sons constituintes das palavras, e os próprios vocábulos geralmente não são separados por pausas, a não ser quando o falante hesita momentaneamente ou adota um estilo especial de produção para ditados ou para outras finalidades quaisquer. Nos exemplos acima considerados, em determinadas palavras,

como “qual-quer, com-pa-ra-ção, di-ta-du-ra, mi-li-tar, ou-sar, se-du-ção e ten-ta-ção, os proferimentos foram realizados praticamente no mesmo estilo em que acontecem os famosos ditados em sala de aula, porém, evidentemente, com outras saliências de tom e tonicidade, características que, na minha perspectiva de visão, instauram novos significados ao discurso da Ministra e enfatizam perspectivas ideológicas particulares em sua fala. Evidentemente, esse procedimento também agrega componentes estilísticos da personagem aqui estudada.

5.2.1.3 ÊNFASE PROSÓDICA EM ITENS LEXICAIS

A ênfase prosódica acontece quando o elocutor marca prosodicamente um ou mais itens lexicais em seus proferimentos. Esse processo paradigmático coloca em evidência determinadas palavras, fazendo sobressair seu sentido. A seguir, alguns exemplos colhidos na fala da Ministra Dilma Rousseff:

- a) *Eu tinha dezenove anos.*
- b) *Eu fiquei três anos na cadeia e eu fui barbaramente torturada, Senador.*
- c) *Eu me orgulho muito de ter mentido, Senador.*
- d) *Porque mentir na tortura não é fácil.*
- e) *Eu me orgulho imensamente de ter mentido.*

Representação prosódica

- a) **Eu** tinha **dezenove** anos.
- b) Eu fiquei **treis** anos na cadeia **ih-eu-fui-bar-ba-ra-men-te** torturada, senador.
- c) Eu **mi’orgulho muito** de ter mintido, senador.
- d) Porque minti na tortura **não é fácil**.
- e) **Eu mi’orgulho imensamente** de ter mintido [...]

A ênfase prosódica em alguns proferimentos da Ministra procura destacar palavras e pequenos grupos de palavras com o intuito de colocar em saliência suas considerações a respeito do tema de sua fala: *mentir na tortura*. Na verdade, a Ministra argumenta a respeito de seu procedimento de *mentir enquanto estava sob tortura* e, ao destacar prosodicamente palavras e expressões que contêm carga semântica significativa para seus argumentos, procura dar ao seu depoimento um cunho de veracidade e de sustentação argumentativa.

5.2.1.4 PAUSAS RETÓRICAS DISCURSIVAS

A fala da Ministra é bastante enfática pelo emprego de elementos supra-segmentais. As pausas discursivas, em sua maioria, são retóricas, no sentido de que são utilizadas para dar ênfase a determinadas afirmações. A seguir, algumas delas:

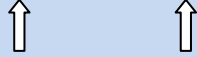
a) Não há verdade.

b) Não há espaço para a verdade.

d) Eu asseguro pro senhor, eu tinha entre dezenove e vinte e um anos.

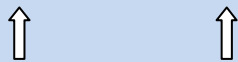
Representação prosódica

a) Não **há**/.....verdade.



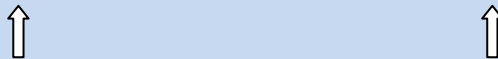
(tônica enfática, (pausa longa e enfática)
acento de insistência)

b) Não **há**/..... espaço pra verdade.



(tônica enfática, (pausa longa e enfática)
acento de insistência)

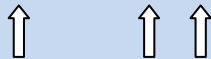
c) Eu/...asseguro pro senhor,/ eu tinha... entre dezenove e



(pausa enfática) (pausa de hesitação/planejamento)

vinte e um anos.

d) Porque todos nós...somos...é...muito frágeis.



(pausas de hesitação/planejamento)

Os fenômenos pausais são relevantes para a constituição do estilo do sujeito falante aqui investigado, já que elas são elementos que instauram, de maneira bastante singular, questões estilísticas, as quais introduzem a subjetividade no discurso.

As duas modalidades de pausa investigadas na fala da Ministra Dilma Rousseff dividem-se em *pausas retóricas* e *pausas de hesitação/planejamento*. As pausas retóricas, expressivas, enfáticas revelam a preocupação da personagem em chamar atenção para o seu proferimento e, ao mesmo tempo, apresentá-lo como verdadeiro e indubitável. Cabe salientar que essas pausas são caracterizadas pelo fato de haver uma relação entre a extensão da pausa e o grau de informação do vocábulo subsequente. Assim, na elocução da Ministra percebe-se que as pausas do exemplo (a) e (b) são bem longas devido à importância semântica das expressões que a sucedem: “verdade” e “espaço para a verdade”. Essas expressões são o tema principal da fala da Ministra que procura, enfaticamente, mostrar que dizer a verdade é fácil na democracia, porém, na tortura, é necessário mentir para salvar os companheiros. A força semântica dessas expressões recai no fato de terem sido usadas como argumento para responder à pergunta do Senador José Agripino. As pausas de hesitação/planejamento apresentadas nos exemplos (c) e (d) foram empregadas para que o sujeito conseguisse um espaço de tempo maior para encontrar um termo, uma expressão ou até as ideias que se perderam durante a elocução.

Ao final das análises da fala da ministra Dilma Rousseff, caracterizo o estilo de expressão oral da personagem como extremamente enfático, seguro, expressivo, embora com voz embargada. A Ministra apropria-se dos elementos prosódicos com maestria, situando-se, assim, de modo firme e convincente no interior do evento social no qual seu proferimento acontece.

A prática discursiva, característica da prática social de inquirição a respeito de determinados comportamentos sociais de pessoas públicas, é essencialmente retórica, expressiva e enfática, pois os agentes públicos estão, por meio de seus discursos, defendendo-se de colocações maldosas ou inquiridoras a respeito de seus comportamentos. A fala da Ministra ilustra claramente e com muita propriedade essa prática discursiva.

5.2.2 O ESTILO “MARTA” DE FALA E SUA CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA

Os eventos sociais selecionados para a coleta dos dados da investigação relacionam-se ao debate político entre Marta Suplicy e Gilberto Kassab para a Prefeitura de São Paulo em 2008, mais especificamente, o *3º Debate Marta x Kassab, bloco 1, parte 1*; o *3º Debate Marta x Kassab, bloco 4, parte 1*; o *3º Debate Marta x Kassab, bloco 4, parte 3*. Assim sendo, a presente análise busca elementos constituidores da caracterização identitária de Marta Suplicy por intermédio de sua fala.

5.2.2.1 QUALIDADE DE VOZ

A ex-Prefeita de São Paulo, embora esteja em uma situação de exposição extrema na mídia e, inclusive, em alguns momentos, tenha que dar satisfação de seus atos, quando Prefeita de São Paulo, no período 2000-2004, conserva seu padrão natural de voz praticamente inalterado. Marta tem uma voz bastante delicada e costuma, quase sempre, falar em tom baixo. No momento em que procura colocar elementos enfáticos em seu discurso, ela o faz por emprego de modulações melódicas e por alongamento expressivo da sílaba tônica. Seu interlocutor, o político Gilberto Kassab é incisivo em suas cobranças a respeito da gestão de Marta, porém mantém sua fala nos padrões médios de altura sonora.

5.2.2.2 ÊNFASE PROSÓDICA EM ITENS LEXICAIS

A ênfase prosódica diz respeito ao proferimento tônico relativo a algumas palavras do discurso. Na fala observada de Marta Suplicy, percebe-se que essa ênfase geralmente diz respeito a vocábulos específicos. A seguir, exemplifico:

a)Eu acho que nós poderíamos ampliar, e muito, nos ônibus [...]

b)E que eles poderiam ficar durante o dia.

c)E com mais dinheiro certamente!

d)É uma questão de com quanto eu trabalhava [...]

Representação prosódica

- a) Eu acho qui nós poderíamos ampliá e **muito** nos ônibus pros cadeirantes [...].
- b) Ih qui eles poderiam ficá durante **o dia**.
- c) Ih com mais dinheiro **certamente**.
- d) É uma questão de com **quanto** eu trabalhava [...].

A ênfase prosódica em alguns proferimentos da ex-Prefeita procura salientar palavras o objetivo de colocar em relevo suas considerações a respeito da justificativa de suas ações na Prefeitura de São Paulo, e, também, para dar relevo à verba com a qual ela contava no momento para desencadear suas ações. Ao destacar prosodicamente essas palavras, que contêm carga semântica significativa para seus argumentos, procura dar ao seu depoimento um cunho verídico e de sustentação argumentativa viável.

Em seu discurso como um todo, observado nesses três eventos aqui relatados, a líder política, praticamente, não emprega a *tonicidade enfática com acento de insistência*, aquela relativa à ênfase dada à sílaba tônica com o intuito de tonificá-la ainda mais, como é o comportamento de Dilma Rousseff.

5.2.2.3 PAUSAS DE HESITAÇÃO/PLANEJAMENTO

Esses elementos prosódicos são empregados no momento em que a personagem interrompe rapidamente o fluxo do proferimento para, ao refazê-lo, encontrar palavras, expressões ou pensamentos que buscava. Esse tempo físico e mental permite uma retomada rápida ao que está sendo dito e possibilita o encontro do *fio do discurso*, que, às vezes, se perde. Disponibilizo alguns exemplos abaixo:

- a) *Esta é uma pergunta que tem-me sido colocada reiteradas vezes.*
- b) *E eu tenho uma proposta que é a partir de uma coisa pessoal de percepção.*
- c) *Mas colocada a decisão, eu avaliei que quase que abria a página de novo.*

Representação prosódica

a) Esta é uma pergunta qui.... tem-me sido colocada reiteradas[...]



(pausa de hesitação/planejamento)

b) Ih eu tenho uma proposta qui é... a partir de uma coisa pessoal



(pausa de hesitação/planejamento)

de percepção.

c) Mas... colocada a decisão... eu avaliei qui ... quase que abria a



(pausas de hesitação / planejamento)

página de novo.

Na expressão oral, muitas vezes, quando intervalos instauram-se entre palavras e entre vocábulos, esse acontecimento sinaliza a introdução de palavras ou expressões enfáticas que se colocam logo após esses espaços. No acaso da fala de Marta Suplicy, dificilmente isso acontece. Na verdade, *o estilo Marta de fala*, nesse quesito, diz respeito a pausas para busca de palavras, expressões, pensamentos. Esse é outro aspecto relativo ao emprego dos elementos supra-segmentais que distancia os estilos orais de Marta Suplicy e Dilma Rousseff. A segunda costuma, inclusive, empregar pausas muito longas por questões enfáticas (conf. 5.2.1.4).

5.2.2.4 Alongamento expressivo da sílaba tônica

Os alongamentos prosódicos necessariamente não são prolongamentos de expressividade. Muitas vezes, eles acontecem para que o falante encontre um termo, uma expressão ou até as ideias que se perderam durante a elocução. Nos proferimentos de Marta Suplicy, na maioria das vezes, eles são prolongamentos expressivos. Exemplifico:

a) *Eu enfrentei todos os problemas juntos.*

b) *E pensar grande!*

c) *e era muito problema nessa cidade.*

Representação prosódica

a) Eu enfrentei [**toooooooooodos-os-pro-ble-mas**] juntos.

b) Ih pensá / **graaaaaaaaaande!**

c) Ih era **muiiiiiito** problema nessa cidade.

A fala de Marta Suplicy trabalha a questão relativa à ênfase prosódica de modo bastante particularizado. Seu discurso não é marcado por padrões tônicos como o de Dilma Rousseff, a qual emprega a tonicidade enfática com acento de insistência e ênfase prosódica em itens lexicais. Marta prefere, ao invés de marcar com tonicidade enfática as sílabas tônicas, prolongar essas sílabas e, assim, conseguir o efeito expressivo buscado. Penso que esse procedimento é adequado ao seu tom de voz e à altura melódica de seus proferimentos, muito diferentes dos empregados por Dilma

5.2.2.5 Padrão melódico ascendente no final dos enunciados

Marta Suplicy apresenta um modo específico de proferir determinados enunciados, enfatizando o final dos mesmos pelo emprego de um padrão melódico ascendente. A seguir apresento alguns exemplos:

- a) *Inclusive os dos hospitais que você fala.*
- b) *E isso deixa realmente alguém que cuida das pessoas indignada!*
- c) *Então me desminta isso.*

Representação prosódica

a) Inclusive os dois hospitais que você fala.

b) Ih isso deixa realmente alguém que cuida das pessoas, indignada.

c) Então mi disminta isso.

O emprego desse padrão melódico de tom ascendente acontece em todo o momento em que a personagem pretende enfatizar o que está sendo dito. Marta, ao invés de destacar a sílaba tônica, ou atribuir ênfase prosódica aos itens lexicais, costuma empregar esse recurso prosódico de *padrão melódico ascendente* para tornar suas considerações mais enfáticas e verídicas.

Ao finalizar as análises a respeito da fala de Marta Suplicy, como um todo, por intermédio das considerações feitas até agora, depreendo que a personagem possui um estilo bastante diferente daquele característico de Dilma Rousseff. A ex-Ministra do Turismo coloca-se na mídia de modo bastante comedido, não costuma enfatizar as sílabas tônicas, prefere a ênfase em itens lexicais. As pausas, geralmente, são de hesitação/planejamento. Marta prefere trabalhar mais com a entoação dos enunciados e com o prolongamento de vogais tônicas como elementos enfáticos.

A seguir, apresento um quadro com o estilo de fala de cada uma das personagens aqui investigadas. Esse quadro possibilitará a interpretação mais clara dos elementos prosódicos relativos às falas ora examinadas.

Componentes Prosódicos	
Dilma Rousseff	Marta Suplicy
<p>1 Qualidade de voz</p> <p>Voz nitidamente embargada, proferimento excessivamente alto</p> <p>2 Fala entrecortada, tonicidade enfática com acento de insistência, proferimento silabado</p> <p>3 Ênfase prosódica em itens lexicais</p> <p>4 Pausas retóricas discursivas</p> <p>5 Tessitura</p> <p>Voz mais grave</p>	<p>1 Qualidade de voz</p> <p>Voz delicada, tom baixo, fala nos padrões médios de altura sonora</p> <p>2 Ênfase prosódica em itens lexicais</p> <p>3 Pausas de hesitação/planejamento</p> <p>4 Alongamento expressivo da sílaba tônica</p> <p>5 Padrão melódico ascendente no final dos enunciados</p> <p>6 Tessitura</p> <p>Voz mais aguda</p>

Dilma Rousseff e Marta Suplicy manifestam um estilo de expressão oral com características peculiares. A Ministra-Chefe da Casa Civil apresenta a voz nitidamente embargada, grave e em tom bastante alto, evidentemente, em consequência da situação inquisitiva vivenciada por ela no momento de sua fala. A ex-Ministra do Turismo, embora, no momento de fala, esteja em uma situação de exposição extrema na mídia, conserva seu padrão natural de voz praticamente inalterado. Sua voz é bastante delicada e aguda, e a ex-Ministra costuma, quase sempre, falar em tom baixo. Enquanto Dilma demonstra uma fala entrecortada, em muitos momentos, pela ênfase colocada em algumas sílabas tônicas, ocasionando um padrão melódico ascendente; Marta prefere prolongar expressivamente as sílabas tônicas e, assim, consegue o efeito expressivo desejado. Em determinadas palavras, os proferimentos de Dilma Rousseff são realizados praticamente no mesmo estilo em que acontecem os ditados em sala de aula, isso não ocorre em relação à fala de Marta Suplicy. Tanto Dilma quanto Marta destacam prosodicamente palavras e expressões que contêm carga semântica significativa para seus argumentos. As duas modalidades de pausa empregadas por Dilma dividem-se em pausas retóricas e pausas de hesitação/planejamento, enquanto Marta prefere, apenas, as pausas de hesitação/planejamento.

Ao término das investigações analíticas relativas ao Capítulo V, chego à triangulação dos dados por meio da abordagem dos elementos linguísticos (metáfora e modalidade), dos aspectos multimodais (metáfora e modalização visual) e das configurações fonológicas (prosódia). Além disso, torna-se possível, finalmente, atingir a constituição identitária de Dilma Rousseff e Marta Suplicy pelo discurso da mídia impressa globalizada, ao mesmo tempo em que é viável caracterizar-se o modo pelo qual essas líderes políticas se constituem, na mídia televisiva, por intermédio de suas falas.

Duas caracterizações identitárias afloram por meio do discurso midiático globalizado e distanciam constitutivamente as personagens aqui investigadas. De um ângulo de abordagem, constitui-se Dilma Rousseff, cuja visibilidade midiática é construída, na maioria das vezes, por meio dos aspectos relativos à sua competência, à sua habilidade para tomar decisões e desencadear processos, à confiança depositada em sua pessoa pelo Presidente Lula, à sua qualificação e seriedade para o desempenho político. Além disso, a Ministra é vista pela mídia como uma *guerreira* urbana, fato que se refere ao seu passado de luta contra o regime militar e também em relação à sua

doença no presente. Em outra perspectiva surge Marta Suplicy. A líder política, ex-Prefeita de São Paulo, ex-Ministra do Turismo, é apresentada com perfil questionável a respeito de sua função política no cenário brasileiro, sendo criticada sua administração na Prefeitura de São Paulo em termos de obras realizadas e em relação às verbas empregadas. A imagem de Marta liga-se muito a elementos relativos à estética feminina: botox, cruzada de pernas, figurino econômico. Ao mesmo tempo, há toda uma construção irônica da mídia em torno de sua frase a respeito do caos aéreo brasileiro: “Relaxa e goza!”.

Em relação ao estilo de fala, novamente, duas identidades se colocam. O estilo de expressão oral de Dilma Rousseff é extremamente enfático, seguro, expressivo, embora com voz embargada. A Ministra apropria-se dos elementos prosódicos com maestria, situando-se, dessa maneira, de modo firme e convincente no interior do evento social no qual sua fala acontece. Em contrapartida, Marta Suplicy apresenta-se na mídia falada de modo bastante comedido, não costuma enfatizar as sílabas tônicas, prefere a ênfase em itens lexicais, emprega, geralmente, pausas de hesitação/planejamento. Marta prefere trabalhar mais com a entoação dos enunciados e com o prolongamento de vogais tônicas como elementos enfáticos.

Em relação às metáforas visuais, embora se constituam por meio de outros elementos, diferentes dos elementos linguísticos, apresentam os mesmos temas das metáforas linguísticas e mostram as identidades das líderes políticas com a mesma caracterização das configurações linguísticas selecionadas.

A triangulação dos dados possibilita que se apresente a constituição identitária dessas mulheres políticas de duas perspectivas completamente distintas em relação aos aspectos linguísticos, visuais e sonoros.

CONCLUSÃO

Desvendar os elementos lingüísticos, semióticos e discursivos engendrados pela mídia – impressa e falada – para a constituição identitária da mulher que exerce função política no cenário brasileiro pós-moderno foi o desafio principal desta tese. Trazer à tona elementos dos eventos sociais que se constituem no universo político e se representam no discurso midiático tornou-se o procedimento investigativo necessário para chegar-se à constituição dessas identidades sociais.

É preciso, inicialmente, se ter bem claro que uma coisa é *a globalização*, o processo real dos acontecimentos, o universo social de fato existente. Outra coisa são os discursos que transitam nesse cenário e, que, ao simbolizarem o real, tornam-se porosos e inundam-se de *elementos lingüísticos e multimodais* para representarem constituições identitárias, visões hegemônicas de leitura da realidade, ideologias vigentes ligadas ao poder.

A pós-modernidade, com seus processos intrínsecos de viabilização influencia radicalmente as questões ligadas à constituição das personalidades e das identidades sociais. O processo complexo da globalização configura a desestruturação dos saberes estabelecidos, produz laços sociais instáveis, leva à individuação desmedida, origina o desenvolvimento de uma nova ordem social baseada no conhecimento e na informação, disponibiliza o desenvolvimento econômico, a fragmentação e a multiplicidade. Instaura o *fim da história* (FUKUYAMA, 1992), pois nossas vidas não caminham mais para um destino previsível, e o fim da geografia (VIRÍLIO, 1995), já que a concepção de fronteira geográfica é cada vez mais frágil. Estabelece *a cultura da convergência*, *a sociedade transmidiática* (JENKINS, 2009), na qual as histórias relatadas por alguém passam por inúmeros veículos. Traz consigo riscos e perigos como um estado de coisas mais ou menos permanentes. Possibilita o enriquecimento do campo político com o surgimento dos movimentos segmentares (feministas, homossexuais, ecologistas, negros, índios etc). Acarreta as ameaças ao ambiente (a poluição, o esgotamento de reservas naturais). Esse tipo de crise que vivemos, neste momento histórico da pós-modernidade, afeta, ao mesmo tempo, os comportamentos políticos, econômicos e culturais, bem como as relações sociais e as subjetividades e origina uma constituição

identitária da mulher política extremamente fragmentada.

Os discursos da mídia, caleidoscopicamente engendrados, apresentam *o sentido* em suas múltiplas facetas, muitas delas escondidas, esperando sua revelação no e pelo discurso para que mudanças sociais, realmente, possam acontecer. Esse campo midiático, e qualquer que seja o campo, segundo Bourdieu (2004), torna-se objeto de luta, tanto em sua representação do real quanto em sua realidade. Essas lutas, reais ou simbolicamente construídas no campo discursivo, estabelecem determinados princípios de visão e divisão do mundo social.

Assim a adoção da perspectiva de abordagem de gênero como categoria social possibilitou que se analisasse, com maior propriedade, sua relação estreita com a linguagem. As mulheres políticas que, no mundo globalizado, enfrentam a dupla saga de se construírem como personalidades individuais e, por meio dos discursos da mídia impressa e de seus relatos, se colocarem historicamente, são pela mídia constituídas identitariamente e na mídia constroem suas narrativas em busca da historicidade de seus papéis sociais. Ao renegarem a clandestinidade de seus destinos particulares, expõem-se aos processos globalizantes de constituição identitária elaborados no cerne do discurso midiático.

Para alcançar os *objetivos*, a pesquisa efetivou-se em *três perspectivas* apresentadas a seguir, com três perguntas às quais a presente tese procura responder. A primeira delas refere-se ao modo e aos processos específicos desenvolvidos pela *mídia impressa* para constituir identitariamente as mulheres que exercem função política no cenário brasileiro pós-moderno. No caso desta tese, a investigação diz respeito, especificamente, a duas personalidades do universo político brasileiro: a Ministra-Chefe da Casa Civil Dilma Rousseff e a ex-Ministra do Turismo Marta Suplicy. A segunda perspectiva investigada relaciona-se ao papel dos *elementos multimodais* na constituição dessas identidades. A terceira investiga de que maneira e por meio de quais elementos as líderes políticas constituem-se identitariamente na *mídia falada*.

Ao investigar a primeira perspectiva, ou seja, *o modo e os processos específicos desenvolvidos pela mídia impressa para constituir identitariamente mulheres que exercem função política no cenário brasileiro atual*, empreguei, para tanto, elementos linguísticos e semióticos, por meio dos quais foi possível desvendarem-se os processos *linguísticos e multimodais* utilizados pela mídia impressa globalizada para a

constituição identitária dessas mulheres. Os elementos linguísticos utilizados referiram-se à *metáfora* e à *modalidade*, visto que ambos ocorreram de modo interligado e contribuíram, assim, para a apreensão do sentido de um modo mais completo. Os componentes semióticos empregados referiram-se à *metáfora visual* e à *modalização visual* (VAN LEEUWEN, 2005).

Concluo que Dilma Rousseff foi constituída pela mídia impressa por determinados atributos que foram enfatizados e potencializados pelas figuras linguísticas e multimodais empregadas para essa constituição. O mesmo aconteceu com Marta Suplicy, porém com adjetivações diferentes da primeira personagem. Em uma perspectiva, apresenta-se Dilma Rousseff, caracterizada por meio de aspectos relativos à sua competência, à sua habilidade de tomar decisões e desencadear processos, à sua qualificação para o cargo, à confiança depositada em sua pessoa pelo Presidente Lula, além de ser chamada de *guerreira urbana* e *mãe do PAC*. Em outra perspectiva, tem-se Marta Suplicy, apresentada pela mídia impressa, na época de sua gestão na Prefeitura de São Paulo, em 2000, como *uma estrela em ascensão do PT* e como *a grande vitrine do modo petista de governar*. Após a derrota de 2004, nas prévias para o Governo do Estado de São Paulo, passou a ser constituída midiaticamente por meio de comentários irônicos a respeito de suas declarações feitas em relação ao caos aéreo brasileiro (*Relaxa e Goza*), enfrentando, inclusive, críticas relativas à sua gestão na Prefeitura de São Paulo. Já foi chamada de *Martaxa* e de *Perua*.

Relativamente às metáforas visuais, concluo que, embora elas se constituam por meio de elementos multimodais, diferentes dos elementos linguísticos, essas representações pictóricas apresentam os mesmos temas e constroem a mesma caracterização identitária das metáforas linguísticas a respeito das identidades aqui investigadas.

Percebi, também, que, tanto as metáforas linguísticas quanto as visuais, devido ao processo de seleção que desencadeiam para a constituição do sentido, acabam potencializando os elementos selecionados para essa constituição. Desse modo, as metáforas tornam-se instrumentos ideológicos potentíssimos e veiculadores de olhares hegemônicos sobre eventos e práticas sociais. Saliento, também, que essa *potencialização do sentido*, que se realiza pela seleção de alguns elementos identitários específicos atribuídos a cada uma das personagens enfocadas nesta tese, torna-se mais enfática na metáfora visual, pelo fato de que, na imagem, esses traços adquirem

saliência ainda maior e, ao mesmo tempo, são mais facilmente compreendidos.

Observo que houve um *processo constitutivo metafórico* no momento em que atributos relativos às personagens foram selecionados, enfatizados e representados por figuras linguísticas e multimodais. No entanto, quando apenas *alguns* atributos dessas líderes políticas foram escolhidos pelo discurso midiático para representá-las, e não outros, desenvolveu-se um *processo metonímico de constituição identitária*, já que, desse modo, empregou-se a parte para representar o todo. No caso de Dilma Rousseff, *a seriedade, a competência e a habilitação para o cargo* foram qualificações recorrentes que, de tanto serem enfatizadas, tornaram-se responsáveis pela constituição final da personagem. O mesmo processo realizou-se com a constituição identitária de Marta, porém com adjetivação diferente.

Esse processo de constituição identitária aqui revelado relaciona-se ao momento histórico da pós-modernidade, no qual o sujeito se apresenta dividido, sem referência e sem valores pessoais. Transita por uma civilização marcada pelo discurso da globalização e assujeitada às leis do mercado. Essa *fragmentação* reflete-se nos processos de constituição identitária engendrados pela mídia impressa.

A segunda perspectiva investigada relaciona-se aos elementos multimodais e à sua participação na construção das identidades analisadas nesta tese. Os elementos investigados dizem respeito às *metáforas visuais* que foram estudadas juntamente com a *modalização visual*. A importância desses elementos recai no fato de que as escolhas realizadas para a composição de imagens divulgadas na mídia impressa influenciam na constituição das identidades apresentadas. Assim, a relação existente entre texto e imagem, a significância dos elementos tipográficos, os objetos como indutores de ideias, a articulação espacial, o dado e o novo e o seu potencial significativo, a disposição centro/margem etc, bem como os elementos da modalização visual significam, muitas vezes, mais do que as próprias imagens divulgadas, no sentido de que eles são indutores ideológicos. Relativamente às metáforas visuais, concluo que, embora elas se constituam por meio de elementos multimodais, diferentes dos elementos linguísticos, elas apresentam os mesmos temas e constroem a mesma caracterização identitária das metáforas linguísticas a respeito das identidades aqui investigadas.

A terceira perspectiva investigou os processos desencadeados na mídia

televisiva relacionados ao estilo de fala das personagens aqui investigadas, os quais revelaram o modo pelo qual essas mulheres políticas se constituíram identitariamente por meio de elementos prosódicos: tom, entoação, duração, acento e tessitura. Conclui que, em relação ao estilo de fala, duas identidades se colocam. Dilma Rousseff e Marta Suplicy apresentam estilos de expressão oral bastante particularizados. A Ministra da Casa Civil manifestou-se por meio de voz embargada, grave e em tom bastante alto, evidentemente em consequência da situação inquisitiva vivenciada no momento da fala. Seus proferimentos caracterizam-se pelo emprego de ênfase nas sílabas tônicas, estilo silabado em alguns momentos, destaque prosódico de palavras e expressões, pausas retóricas e de hesitação/planejamento. A ex-Ministra do Turismo falou, quase sempre, em tom baixo, embora estivesse, no momento, em situação de exposição extrema na mídia e conservou seu padrão de voz praticamente inalterado. Sua voz mostrou-se suave e aguda. Marta prefere o prolongamento expressivo das sílabas tônicas para efeitos de expressividade e destaca prosodicamente palavras e expressões cuja carga semântica demonstre ser significativa para seus argumentos, emprega apenas pausas de hesitação/planejamento. De um modo geral, é possível afirmar que Dilma Rousseff se constituiu na mídia impressa por meio de um estilo bastante enfático, seguro, expressivo, adequando-se ao evento social no qual sua fala aconteceu. Marta Suplicy, em contrapartida, mostrou-se de modo bastante comedido, revelando controle emocional e maestria em preferir trabalhar mais com a entoação dos enunciados e com o prolongamento das vogais tônicas como elementos enfáticos.

Ao fecharmos as considerações finais a respeito do modo como a mídia impressa globalizada constitui as identidades focadas nesta tese, e, ao mesmo tempo, ao investigarmos o estilo dessas personalidades políticas ao se constituírem publicamente, concluímos que as três perspectivas de análise confluem para os mesmos resultados: o modo pelo qual as *metáforas linguísticas* e as *metáforas visuais*, auxiliadas pela modalidade linguística e pela modalização visual, constituem essas mulheres no campo midiático é idêntico à maneira pela qual elas, por meio de estilos particulares de fala, se constituem na mídia televisiva, revelando, assim, uma relação intrínseca entre os elementos linguísticos, visuais e sonoros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, n. 26, p. 91-151, 1982.
- AVELAR, Lúcia. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer; Editora da Unesp, 2001.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- _____. *Problemas da poética em Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forence-Universitária, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. *Modernidade líquida*. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BARTHES, R. *Image, music, text*. London: Fontana, 1977.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2002.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1989.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- BOLINGER, Dwight. Around the edge of language: intonation. *Harvard Educational Review*, v. 34, n. 2, p.282-293, Spring 1964.
- BORDIEU, Pierre. *Lê sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- _____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad. Denise Bárbara Catani. São Paulo: Editora Unesp, 2004. Trad. de Les usages sociaux de la science: por une sociologie clinique du champ scientifique. Paris: INRA, 1997.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. *Una invitación a la sociología reflexiva*.

Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. II: Níveis de análise linguística. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

_____. *O Poder da Identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol 2. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006. Traduzido de: *The power of identity*. Maryland: Johns Hopkins University Press, 1996.

CHOULIARAKI, L. e Fairclough, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburg: Edinburg University Press, 1999.

COATES, Jennifer. *Language and Gender: A Reader*. USA: Blackwell Publishing, 2005.

COUTO, Hildo Honório do. *Fonologia e Fonologia do Português*. Brasília:Thesaurus, 1997.

DUBAR, Claude. *A Crise das Identidades: A interpretação de uma Mutação*. Trad. de Catarina Matos. Porto: Edições Afrontamento. Traduzido de: *La crise des identités. L'interprétation d'une mutation*. Presses. France: Presses Universitaires, 2006.

FAIRCLOUH, N. *Language and power*. Londres: Longman, 1989.

_____. *Media Discourse*. London: Edward Arnold, 1995.

_____. *Discurso e mudança social*. Izabel Magalhães, coord. da trad., rev. técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. "Critical Discourse Analysis and the Marketization of Public Discourse: the Universities" In: *Discourse & Society*, Vol. 4(2), 1993, p. 133-168.).

_____. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. London: Routledges, 2003a.

_____. Critical discourse analysis in transdisciplinary research. In: *A New Agenda in (Critical)*

Discourse Analysis: Theory, methodology and interdisciplinarity. WODAK, Ruth; CHILTON, Paul. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical Discourse Analysis in Researching Language in the New Capitalism: Overdetermination, Transdisciplinarity and Textual Analysis*. Lancaster, 2003b. <http://www.cddc.vt.edu/host/lnc/lncarchive.html>.

_____. *Language and Globalization*. Great Britain: Routledge, 2006.

FLICK, Uwe. *Uma introdução`a Pesquisa Qualitativa*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert. *Introdução à linguagem*. Coimbra: Livraria Medina, 1993. Trad. Isabel Casanova.

FUKUYAMA, F. *The end of history and the last man*. Londres: Hamish Hamilton, 1992.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Trad. de Raul Fiker. São Paulo: Ed. Unesp, 2000a

_____. A. *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2000b.

_____. A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GRADDOL, David; SWANN, Joan. Speaking fundamental frequency: some social and physical correlates. *Language and Speech*, 1983, 26:351-66.

http://blog7fm.blogspot.com/2006_08_13_archive.html, acessado em 15 de agosto de 2006.

GREGORIPAVAN. 3º Debate Band Marta x Kassab. Disponível em : <http://www.youtube.com/watch?v=eFHk7zeQ-k8>. Acesso em 10 jan. 2009.

HEBERLE, Viviane M. ; OSTERMANN, Ana C. ; FIGUEIREDO, Débora de C. (Orgs.). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

JENKINS, Henry. É com você, leitor. In *Revista Superinteressante*. São Paulo: Ed. Abril, edição 263, março de 2009, pp17-19.

KRESS, G. Multimodal texts and critical discourse analysis. In: *Proceedings of the First International Conference on Discourse Analysis*. Compilado por Emília Ribeiro Pedro. University of Lisbon, Portugal: Colibri, 1996.

KRESS, Gunther e van LEEUWEN, T. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

_____. *Reading images: the grammar of visual design*. Londres e Nova York: Routledge, 1996.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LETCU-FAIRCLOUGH, Isabela. "Populism and the Romanian 'Orange Revolution': a discourse-analytical perspective on the presidential election of December 2004", disponível em <http://www.Languageandcapitalism.info/archives/category/journal/>> Language and capitalism, acessado em 20 de maio de 2007.

LEITE, Márcio Peter de Souza. A Psicose como Paradigma: Psicanálise e Modernidade. In: PINTO, Manuel da Costa (org.). *O livro de ouro da psicanálise: o pensamento de Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007

LEMOES, A.; PRYSTON, A.; SILVA, J. M. da; SÁ, S. P. de (Org.). *Mídia*. BR. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LIMA, R. da S. *O dado e o óbvio: o sentido do romance na pós-modernidade*. Brasília: EDU/Universa, 1998.

LIMA, Venício A. de. *Mídia: Crise política e poder no Brasil*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2006.

LYONS, John. *Linguagem e Linguística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1987.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Trad. de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MAGALHÃES, Isabel. A critical discourse analysis of gender relations in Brazil. *Journal of Pragmatics*, 23, p. 183-197, 1995.

MAGALHÃES, Isabel; LEAL, M. C. D. Interdiscursividade e identidade de gênero. In: MAGALHÃES, I. e LEAL, Maria Cristina D. *Discurso, gênero e educação*. Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003.

MONTECINO, Sonia; OBACH, Alexandra. *Gênero y Epistemología: mulheres y Disciplinas*. Chile: LOM Ediciones, 1999.

- MORAES, João A. Sobre as marcas prosódicas do acento em português. In: Pereira, C. & P. Pereira (orgs.) *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*. Nova Fronteira, 1995, PP. 323-335.
- MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Cristina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- PASSOS, C. e PASSOS, M. O auto-segmento tonal em português, *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, BA, 1, 1984, PP.67-80.
- PEDRO, Emília Ribeiro. “Discurso, Subjetividade e Identidade”, *First International Conference on Sociolinguistics, Internacional Sociological Association*. Évora: Universidade de Évora, 1996 a.
- _____. “The Unbearable Lightness of Subject”, *First International Meeting on Social Discourse Analysis*. Lisboa: Portuguese Linguistics Association – Colibri, 1996b.
- _____. (org.). *Análise Crítica do Discurso: Uma perspectiva sócio-política e Funcional* Lisboa: Caminho, 1997.
- PIKE, Kenneth L. *The Intonation of American English*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1945.
- LEITE, Márcio Peter de Souza. A Psicose como Paradigma: Psicanálise e Modernidade. In: PINTO, Manuel da Costa (org.). *O livro de ouro da psicanálise: o pensamento de Freud, Jung, Melanie Klein, Lacan, Winnicott e outros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- RÉCANATI, François. *La transparence et l'énonciation: pour introduire à la Pragmatique*. Paris: Seuil, 1979.
- ROUANET, S. P. *Mal-estar na modernidade: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1975.
- SGARBIERI, Astrid. Mídia, gênero e poder. In: MAGALHÃES, I. e LEAL, Maria Cristina D. *Discurso, gênero e educação*. Brasília: Plano Editora; Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003.

SILVA, Thaís Cristóvão. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2003.

TALBOT, Mary M. *Language and gender: an introduction*. Cambridge: Polity Press, 1998.

TANNEN, Deborah. *Talking from 9 to 5 Women and Men in the Workplace: Language, Sex and Power*. New York: Avon Books, 1995.

THOMPSON, J.B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VIEIRA, Josênia Antunes e SILVA, Denize E. G. da (org.). *Práticas de Análise do Discurso*. Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial do Instituto de Letras, UnB, 2003.

VIEIRA, Josênia Antunes. “A identidade da mulher na modernidade”. In: MAGALHÃES, Isabel; RAJAGOPALAN, Kanavillil. (orgs.) *D.E.L.T.A* São Paulo, v.21, Especial, 2005.

VIEIRA, Josênia Antunes. “Metáforas visuais”. In: VII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS DEL DISCURSO – HORIZONTES DE SENTIDO, Bogotá, Colômbia, 2007. Anais. Bogotá, Colômbia: ALED, 2007.

VAN LEEUWEN, Theo. *Introducing Social Semiotics*. London; New York: Routledge, 2005.

VIRÍLIO, Paul. *The art of the motor*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

WILKIN, P. *The Political Economy of Global Communication: An Introduction*. London: Pluto Press, 2001.

WISS, Helga Elizabeth. *Fonética Articulatória: Guia de Exercícios*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1988.

ANEXO 1

A Deputada Estadual Eulina Rabelo

Auto-retrato

EULINA RABÊLO



COMO A SENHORA REAGIU À IMPUGNAÇÃO DE SUA CANDIDATURA? Eu me senti abandonada pelas leis do meu país. A Constituição não reconhece união estável entre homossexuais quando o assunto são seus direitos, mas de repente reconhece para os deveres.

SUA CONSCIÊNCIA NÃO LHE DIZIA QUE HAVIA CONFLITO ENTRE A SITUAÇÃO CONJUGAL DE FATO E A LEGISLAÇÃO ELEITORAL? Nunca aconteceu isso. Quando se vive num país que nega direitos, a gente até se esquece de enquadrar a própria vida nos padrões normais.

A IMPUGNAÇÃO NÃO RESULTOU EM GANHO PARA OS HOMOSSEXUAIS, COM O RECONHECIMENTO IMPLÍCITO DA UNIÃO CONJUGAL? Verdade. Mas só vou saber se valeu a pena o fim da minha candidatura quando forem aprovadas leis como a da união civil entre pessoas do mesmo sexo.

OS DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS ESTAVAM ENTRE AS SUAS BANDEIRAS? Não. Sempre trabalhei em outras áreas. De repente, surgiu essa bandeira, de graça, para que eu levante. Já que fui a mártir do processo, acho que também posso colher os louros. Estou estudando uma maneira de criar uma entidade de defesa dos direitos dos homossexuais diferente das que existem, sem nada de caricato.

A SENHORA FOI VÍTIMA DE DISCRIMINAÇÃO? Durante a campanha para a prefeitura de Viseu, passavam na frente de casa gritando coisas baixas, do tipo "Xô, sapatão!". Teve muita briga entre gente assim e simpatizantes

querendo me defender. Só não houve coisa pior porque, como Viseu é considerado o segundo município paraense mais violento no período eleitoral, o Exército mandou reforços para lá. No último mês da campanha, andei com proteção policial.

COMO A SENHORA E ASTRID SE CONHECERAM? Ela é médica e trabalhava no hospital na cidade onde eu morava com a minha família. Como já tínhamos atuação política, nos encontrávamos em reuniões partidárias. Uns três anos depois de nos conhecermos, Astrid se mudou

para Viseu, e resolvi ir para lá também, cuidar da campanha dela para a prefeitura. Meus filhos ficaram primeiro com meu marido, depois eu trouxe um para minha casa, e depois os dois foram para Belém, com uma empregada de confiança, para estudar. Como deputada estadual, passo a semana lá com eles.

SEUS FILHOS (NOJE COM 19 E 18 ANOS) NUNCA QUESTIONARAM SEU RELACIONAMENTO COM A PREFEITA? As coisas foram acontecendo naturalmente. Eles eram pequenos e se dão bem com a Tide. Durante a campanha, meu caso estava nos jornais e terminou sendo tema de redação na escola do mais novo. Avisado por alunos, o professor, sem jeito, foi até o Cássio para perguntar qual o sentimento dele. A resposta foi: "Nenhum. É a vida dela e ninguém tem o direito de se meter".

COMO FOI O JULGAMENTO DE SUA CANDIDATURA, QUANDO TESTEMUNHAS COMENTARAM DETALHES DE SUA INTIMIDADE COM A PREFEITA? Sofri all uma inquisição moderna. A maioria delas era gente que lambia o meu prato e que comia comigo. Não estou negando que exista um relacionamento. Mas a pergunta que não quer calar é: sou lésbica ou não?

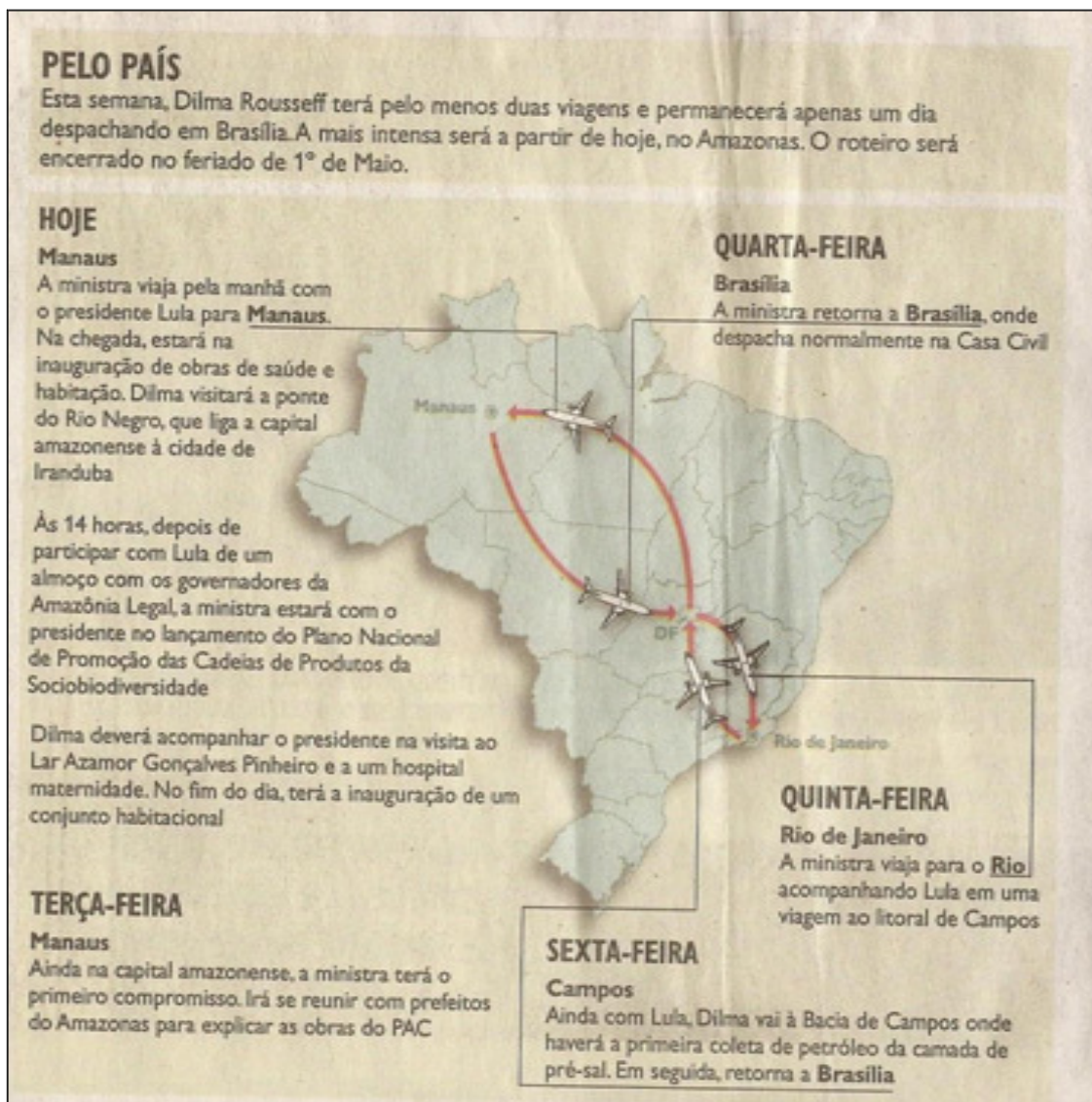
A SENHORA É LÉSBICA? O termo é meio pejorativo. Para pessoas muito íntimas, eu sempre digo que gosto da Astrid, o que é diferente. Ela foi a primeira mulher com quem me envolvi e representou uma grande transformação na minha vida. Acho que sou bissexual.

"GRITAVAM: 'XÔ, SAPATÃO!'. ANDEI COM PROTEÇÃO POLICIAL"

70 3 de novembro, 2004 veja

ANEXO 2

Dilma Rousseff – roteiro de viagens



ANEXO 3

A Liberdade guiando o povo (*La liberté guidant le peuple*)- Eugène Delacroix



ANEXO 4

A incrível armada de Heloísa Helena



● César Beneditina
 Candidato a vice-presidente, coordena o programa do governo e orienta o programa eleitoral.

● Heloísa Helena
 Enfermeira e professora universitária, transformou a tribuna do Senado em trincheira do novo partido.

● Ivan Valente
 Deputado federal, é o principal articulador do PSol junto ao movimento sindical paulista.

● Chico Alencar
 Historiador e professor universitário, atraiu os setores católicos do Rio de Janeiro.

● Plínio de Arruda Sampaio
 Candidato a governador de São Paulo, o veterano líder católico atrai simpatias de intelectuais paulistas.

● Chico de Oliveira
 Um dos mais importantes sociólogos do país, deixou o PT pouco tempo depois da posse de Lula.

● Babá
 Deputado paranaense, liderou a dissidência da bancada do PT e montou o seu novo movimento no Rio de Janeiro.

A INCRÍVEL ARMADA DE HELOÍSA HELENA

A arte foi desenvolvida pelo coletivo de artistas "O Inimigo da Democracia", liderado por Heloísa Helena. O trabalho foi desenvolvido em conjunto com o coletivo de artistas "O Inimigo da Democracia".

ANEXO 5

A Senadora Heloísa Helena em caminhada pelo campus Pampulha (2006)

